



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

**CINEMA E SOCIABILIDADE:
UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS PROMOVIDAS PELO
CINEMA EM CAJAZEIRAS-PB (1950-1980)**

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA NETO

**CAJAZEIRAS - PB
2021**

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA NETO

**CINEMA E SOCIABILIDADE:
UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS PROMOVIDAS PELO
CINEMA EM CAJAZEIRAS-PB (1950-1980)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Viviane Gomes de Ceballos

CAJAZEIRAS - PB
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S586c Silva Neto, José Antônio da.
Cinema e sociabilidade: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980) / José Antônio da Silva Neto. - Cajazeiras, 2021.
271f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2021.

1. Cinema - Cajazeiras-PB. 2. Cinema - Paraíba. 3. Sociabilidade. 4. Memória. I. Ceballos, Viviane Gomes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 791(813.3)

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA NETO

**CINEMA E SOCIABILIDADE: UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES
SOCIAIS PROMOVIDAS PELO CINEMA EM CAJAZEIRAS-PB
(1950-1980)**

APROVADO EM: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Viviane Gomes de Ceballos
(Orientadora – UFCG/CFP)

Prof.^a Dr.^a Mariana Moreira Neto
(Membro interno – UFCG/CFP)

Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho
(Membro interno – UFCG/CFP)

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
(Suplente – UFCG/CFP)

AGRADECIMENTOS

Ao longo de meu breve percurso acadêmico, que culmina com a defesa da seguinte monografia, tive a imensa oportunidade de conhecer pessoas que me permitiram crescer, me repensar e observar a vida por ângulos nos quais não imaginava. Portanto, dedico este espaço para uma rápida menção a estas pessoas, as quais desejo que saibam o quanto para mim foram e são fundamentais.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Maria Solange Lacerda da Silva e Odair José dos Santos, que em meio aos inúmeros acasos da vida, para minha sorte, se encontraram e decidiram unir-se. Agradeço a esta união, que me permitiu experienciar a vida com toda sua amargura e alegria. Agradeço o cuidado que tiveram comigo, dando todo tipo de apoio durante todos os dias de minha vida. Agradeço também a minha irmã, Lorena Lacerda de Sousa, aos meus avós, meus tios, primos e a toda minha inumerável família, que fazem parte desse acaso e desse encontro.

Agradeço aos amigos e colegas que conheci durante o curso. Vocês fizeram desse percurso uma experiência leve e agradável, com todas as risadas e lágrimas que vertemos juntos. Ao pisar os pés a primeira vez na universidade, me encontrei solitário, um tanto aturdido, sem saber direito o que fazia ali, sem saber se queria seguir adiante, sem saber o que fazer com os dezoito anos da minha vida, na verdade. Aos poucos, trocando ideias, rindo e conversando muita bobagem, descobri em meio ao formigueiro humano que para mim era a universidade pessoas com as quais me identificava muito, com as quais tinha vivências, medos e anseios semelhantes. Acho que por isso nos identificamos tanto. Estávamos todos perdidos, mas aos poucos fomos encontrando um caminho. Agradeço especialmente a Darlysson Bezerra, o grande pândego tocador de violão que vaga por entre bares, ruas carnavalescas e, às vezes, até mesmo toca na banda da Igreja; Lourival Lima, o rei dos memes, da internet, do mundo indie e da cultura muito popular brasileira, um cinéfilo com personalidade de gato; Vitória Sousa, uma grande guerreira das causas sociais, professora e amiga, que, seja através de debates acalorados ou conversas corriqueiras, foi fundamental para que eu me repensasse enquanto eu, além de ter me apresentado o mundo da culinária nipônica, muito obrigado; Aline Moura, essa garota extremamente sábia e inteligente, com quem troquei conselhos e desilusões em muitos momentos; Dalua Oliveira, um grande homem que me ensinou muito sobre a dor e a alegria de ser quem somos, você é o ramo delicado capaz de romper o asfalto e resistir ao tráfego; Lucas Japhet, que prestou valiosa ajuda para construção dessa pesquisa ao me

emprestar alguns de seus livros e, principalmente, por meio de nossas conversas e trocas de pontos de vista sobre cinema, essa arte que nos é tão cara; Didier Albuquerque, um grande amigo, a primeira pessoa na qual me aproximei de verdade na universidade, presente nos momentos bons e nos péssimos, um grande companheiro de filmes, livros, discos e diários de motocicleta pelas ruas de Cajazeiras. Gostaria de agradecer também à Camila Penaforte, Janicleide Machado, Jakeline Oliveira, Jaqueline Magalhães, Cicinho, Maria Fernandes, Herike, Raenna e, com muita saudade no coração, ao nosso amigo Mário Pedoni (*in memoriam*), que nos fez sorrir com sua passagem e chorar com sua repentina ausência.

Agradeço a Larissa Daniele Monteiro Lacerda, a mulher com quem aprendo a amar todos os dias e a qual amo mais a cada dia. Você foi fundamental não apenas por todos os conselhos acadêmicos ao longo do nosso tempo juntos e pela preciosa ajuda técnica em relação às normas da ABNT, nas quais sou quase totalmente leigo, mas também por me fazer evoluir em todos os sentidos, seja através de nossas discussões cotidianas sobre tudo e sobre nada, seja simplesmente pelo seu doce sorriso. Você me faz bem. Graças a ela, agradeço também aos seus pais, Gilvania e Sebastião, bem como aos seus irmãos, Layanderson e Lhayanne, pessoas responsáveis pelo feito inédito de me fazer sentir em casa estando tão distante da minha casa.

Agradeço aos professores com quem tive o privilégio de aprender tanto durante o curso que aqui se encerra, os muito queridos professores Isamar Lobo, Francisco Firmino Neto, Rodrigo Ceballos, Ana Rita Uhle, Osmar Filho, Rosemere Santana, Silvana Vieira, Francinaldo Bandeira, Maria Lucinete Fortunato, Rubismar Galvão, Uelba do Nascimento, Hélio Àzara, Laércio Teodoro e, aos membros da banca, o já citado professor Osmar Filho e a professora Mariana Moreira Neto. Agradeço especialmente a minha professora de muitas disciplinas e orientadora da pesquisa, Viviane Gomes de Ceballos. Suas aulas eram como um modelo de como um professor pode transformar uma aula em uma experiência instigante e inesquecível, sem falar em como você acreditou desde o início na pesquisa e nas ideias desse aluno tão quieto e cabisbaixo que sou eu. Mesmo nos momentos de dúvidas e incertezas sobre o rumo desse trabalho, cinco minutos de conversa entre nós era o bastante para que eu voltasse a acreditar em mim. Muito obrigado.

Quero agradecer também a todos os professores com quem convivi e aprendi ao longo de minha vida escolar. Essa classe tão importante, ao qual anseio a honra de pertencer, é constantemente atacada e desvalorizada a cada dia por aqueles que preferem

uma sociedade fundamentada nos princípios da ignorância e do esquecimento. Obrigado a todos vocês que lutaram e lutam ainda em nome da causa da educação, que jamais será uma causa perdida. Agradeço especialmente a Dona Rosa, minha primeira professora, que me ensinou a aperfeiçoar o rudimento das primeiras letras, e a Eliana Rolim, professora de História que sempre me apoiou e acreditou que eu seria capaz de fazer o que eu quisesse. Bom, quis seguir os seus passos.

Agradeço aos colaboradores dessa pesquisa, pessoas que foram fundamentais para que essa fosse possível. Foi um privilégio ouvir, registrar e me debruçar sobre suas vozes, das quais algumas já me eram familiares, como a de minha tia e madrinha, que é citada no texto como Josefa Lacerda da Silva, mas a qual sempre chamei de tia Jucileide; Lídia Pedro de Santana, a querida amiga da família a quem chamamos simplesmente Dona Lídia; Francisco Didier Guedes de Albuquerque, pai de meu amigo Didier; Aldemir Oliveira Barbosa, mãe de meu amigo Dalua. Foi um prazer trabalhar ao lado de pessoas tão próximas e queridas. No entanto, a pesquisa também me colocou no caminho de pessoas que tive o enorme prazer de conhecer e conversar, pessoas que foram de importância ímpar, como José Antônio de Albuquerque, Reudesman Ferreira Lopes e Aguinaldo Batista Rolim. Muito obrigado a todos por compartilhar comigo e me deixar compartilhar parte de suas vivências e seu passado.

Por último, agradeço a todos os artistas que colaboram para que a vida que vivemos seja mais que uma simples vida. Obrigado por suas mentiras tão verdadeiras. Agradeço especialmente ao cineasta italiano Giuseppe Tornatore. Graças ao seu filme *Nuovo Cinema Paradiso*, de 1988, pude renovar o amor que sinto pela arte do cinema, pela vida e, inclusive, encontrar o tema para esta pesquisa.

RESUMO

Durante as primeiras décadas do século XX, a cidade de Cajazeiras-PB, assim como outras cidades do interior paraibano, vivenciou um processo de modernização que dotou seu espaço urbano de elementos novos, que atestavam o crescimento econômico e o progresso material que a cidade alcançava graças ao desenvolvimento do comércio e das lavouras de algodão. Um desses novos elementos era o cinema, veículo de comunicação e entretenimento que logo se transformou em um lazer popular entre os habitantes de Cajazeiras durante cerca de sete décadas, dos anos de 1920 até o encerramento das atividades do último cinema de Cajazeiras, o Cine Éden, em 1990. Além da diversão proporcionada pela película exibida, os cinemas locais atuavam como promotores de interações e relações de sociabilidade, sendo que um dos estímulos para se frequentar uma sessão de cinema é a oportunidade de se relacionar, de manter contato com as pessoas que circulavam naquele ambiente. Estas interações ocorriam antes, durante e após as sessões, correspondendo a momentos marcantes para as pessoas que tiveram a oportunidade de as frequentar. Através de relatos orais colhidos por meio de entrevistas realizadas com pessoas que estiveram presentes nas antigas sessões de cinema em Cajazeiras, pretendemos analisar o conjunto das relações de sociabilidade estimuladas por essa frequência e o modo como esse conjunto de interações se expandia, partindo do cinema para outros espaços da cidade.

Palavras-chave: Cinema; Sociabilidade; Memória; Cajazeiras.

ABSTRACT

During the first decades of the twentieth century, the city of Cajazeiras-PB, as other cities in the interior of Paraíba, experienced a modernization process that endowed its urban space with new elements, which attested to the economic growth and material progress that the city was achieving due to the development of trade and cotton crops. One of these new elements was the cinema, a vehicle of communication and entertainment that soon became a popular leisure among the inhabitants of Cajazeiras for about seven decades, from the 1920s until the end of the activities of the last cinema in Cajazeiras, Cine Édén, in 1990. In addition to the fun provided by the movie exhibitions, local cinemas acted as promoters of interactions and sociability, and one of the incentives to attend a cinema session was the opportunity to relate, to keep in touch with people that circulated in that space. These interactions occurred before, during and after the sessions, corresponding to remarkable moments for the people who had the opportunity to attend them. Through oral reports collected in interviews with people who were present in the old cinema sessions in Cajazeiras, we intend to analyze the set of sociability relations stimulated by this frequency and the way this set of interactions expanded, starting from the cinema to other spaces in the city.

Keywords: Cinema; Sociability; Memory; Cajazeiras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Anúncio de loja de roupas feitas sob medida em Cajazeiras.....	26
Figura 2	Anúncio de reformas urbanas em Cajazeiras.....	27
Figura 3	Anúncio de filme em cartaz no <i>Cine Moderno</i>	27
Figura 4	Divulgação do filme <i>Uma Garota de Sorte</i> a ser exibido no <i>Cine Éden</i> (1937).....	32
Figura 5	Divulgação do filme <i>Superman</i> a ser exibido no <i>Cine Éden</i> (1979).....	33
Figura 6	Edifício OK.....	50
Figura 7	Edifício onde funcionou o Cine Pax.....	51
Figura 8	Edifício onde funcionou o Cine Apolo XI.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A MODERNIDADE É CINEMATOGRAFICA: CAJAZEIRAS ADQUIRE UM NOVO VEÍCULO DE LAZER E SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA MODERNIZAÇÃO	22
1.1. Algodão e progresso material: a aquisição dos signos de modernidade.....	22
1.2. A trajetória do cinema em Cajazeiras, uma cronologia.....	28
1.3. Ser ou não ser moderno: a modernidade nas periferias no mundo.....	35
1.4. O cinema como uma questão urbana: cidade da memória, cidade da sensibilidade.....	45
CAPÍTULO 2 – A MEMÓRIA E SUA ARTE DE REFAZER O PASSADO	49
2.1. História e memória, uma relação destrutiva/constructiva.....	49
2.2. Sociabilidades e disputas em torno da memória coletiva.....	57
2.3. História oral, o passado reconstruído através de palavras.....	61
CAPÍTULO 3 – PARA MUITO ALÉM DA PELÍCULA: OS CINEMAS E SUAS REDES DE SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO	66
3.1. Da matinê do bispo para as sessões proibidas: a sociabilidade infanto-juvenil nos cinemas de Cajazeiras.....	66
3.2. A sociabilidade em meio à penumbra da sala e o labor do público para a construção da experiência cinematográfica.....	78
3.3. Do cinema para a rua, da rua para o cinema: as trajetórias do público por entre os portos de lazer da cidade.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
FONTES	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICES	112

INTRODUÇÃO

Dentro daquela sala de aula os olhares se desviavam da lousa, marcada ora com números e equações abstratas, ora com lições de anatomia ou História do Brasil. O olhar pesava de sono, o corpo fatigado pelo dia de trabalho não resistia aos tédios da aula noturna, descansava e às vezes se deixava adormecer por cima da carteira mesmo, tomando o caderno de travesseiro, enquanto era embalado pelos vestígios distantes da voz do professor, pelos sussurros que ensaiavam outros diálogos dentro da sala, que antecipavam outros assuntos, conversas mais interessantes do que o Teorema de Pitágoras. O retinir estridente do sino interrompia as lições, despertava os adormecidos e injetava ânimo nos sonolentos, nos desatentos, naqueles que desejavam estar em outro lugar. Afinal, a noite estava fresca, calma, convidativa.

Como em um navio amotinado, os estudantes decidem não esperar a próxima aula. Não se permitirão desperdiçar a noite lá fora. Os interruptores da sala são desligados pelos conspiradores, na dúvida, agora não há mais alunos, nem aula e ninguém está pensando no professor. Agora eles têm a cidade aos seus pés, e podem decidir entre seguir para casa descansar, entre permanecer na pracinha, conversando, namorando ou simplesmente passando o tempo. Josefa Lacerda da Silva, uma das alunas rebeldas, decide partir com algumas amigas para o cinema, para o Cine Éden, mais precisamente, o cinema mais popular e frequentado da cidade. As amigas não sabiam com certeza qual filme seria exibido naquela noite, a sessão das nove horas não era a mais popular, os filmes mais esperados, os grandes lançamentos eram exibidos mais cedo da noite e principalmente durante os finais de semana. Aquela era uma noite ordinária na programação do cinema, mas o importante é que havia uma fita qualquer que combinaria com aquele breve momento de liberdade. Elas entravam na fila da bilheteria, depois seguiam rumo ao interior da sala, em direção às poltronas do fundo, onde a luz da tela chegava com menos intensidade, onde os cochichos, as conversas, talvez atrapalhassem menos os expectadores mais vidrados. Mesmo quando o filme era dos bons, tinha que dividir parte da atenção com aquelas conversas livres, agradáveis, que consistiam em um dos principais prazeres de se estar junto de amigos em um cinema. Após a película percorrer por inteira a luz do projetor, ou até mesmo antes disso, ainda distante dos créditos finais, as amigas deixavam o cinema, já estava tarde. O dia seguinte prometia mais cansaços. Os pés seguiam pelas ruas em procura de suas casas, dos seus leitos, mas

a noite ainda envolvia as conversas, risadas, brincadeiras e fofocas que as bocas despejavam durante o trajeto.

Esses acontecimentos tiveram lugar na cidade de Cajazeiras¹, no estado da Paraíba, em meados da década de 1980. Josefa Lacerda, mulher cajazeirense, recorda com afetividade e ares de nostalgia as lembranças descritas, seu rosto não deixava de esboçar um sorriso durante a nossa conversa:

O pior era que eu apagava a luz, sabia? Quando o professor chegava a luz já estava apagada e nós já estava lá fora, que era pra ir pro cinema pra assistir os filmes que tava passando no momento, juntava eu e uma turma, era bom demais [sic].²

De forma semelhante, pudemos reconhecer que outros moradores da cidade possuem no cabedal infinito da memória (BOSI, 1987, p. 3), lembranças de momentos que tiveram lugar diante de uma tela de cinema. Tivemos o privilégio de ouvir o som dessas lembranças por meio da voz de alguns homens e mulheres que compartilharam conosco sua experiência. Durante nossas conversas, os cinemas e tudo aquilo que se relacionava com eles, consistia em um passado agradável de recordar e muitas vezes até mesmo em uma saudade presente, pois desde 1990, com o encerramento das atividades do Cine Éden, Cajazeiras não mais conta com esse tipo de entretenimento (CALISTO, 2014, p. 54).

É preciso reconhecer que no brilho da tela iluminada pelo projetor, havia algo de especial, algo que cativava o público de modo muito mais profundo do que o televisor doméstico, por exemplo. Frequentar os antigos cinemas da cidade era considerado um verdadeiro evento, era uma experiência de valor social reconhecida, que garantia um sentimento de liberdade, ao se desfrutar, longe das horas marcadas pelo relógio do trabalho, um lazer despreocupado com a família, com os amigos, entre namorados. Os cinemas permitiam desfrutar do outro, da companhia do outro, pois frequentá-los era geralmente uma atividade coletiva, mesmo que o indivíduo fosse até lá sozinho, havia a expectativa de encontros (TURNER, 1993, p. 110). Nesse sentido, ir ao cinema

¹ Cidade localizada no sertão paraibano. Possui uma população atualmente estimada em cerca de 61776 mil habitantes. O município ocupa uma área de aproximadamente 565,90 km² e situa-se a cerca de 468 km da capital do estado, João Pessoa. Foi politicamente emancipada em 20/06/1864. Cf.: PREFEITURA DE CAJAZEIRAS. **Dados do município**. Disponível em: <https://cajazeiras.pb.gov.br/omunicipio.php>. Acessado em: 06/03/2021, as 20h22min.

² Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

significava estar disposto a se relacionar, a interagir com outras pessoas, sejam elas conhecidas ou não, pois naqueles ambientes as trocas sociais eram privilegiadas. Portanto, um dos prazeres e o que tornava uma ida ao cinema algo especial, era a possibilidade de se estabelecer relações de sociabilidade.

Desde as primeiras décadas do século XX, a população de Cajazeiras contava com a presença dessa opção de lazer e entretenimento, mas os cinemas pioneiros na cidade logo encerraram suas atividades, prejudicados em algumas circunstâncias pelos prejuízos econômicos causados pelas secas, fenômeno que afetava negativamente toda a população local.³ Nesta monografia, quatro cinemas serão citados com maior frequência, são eles *Cine Éden*, *Cine Pax*, *Cine Apolo XI* e *Cine Cruzeiro*. Essa escolha não é arbitrária, pois esses cinemas permaneceram ativos por mais tempo que os pioneiros da década de 1920, sendo assim frequentados por mais de uma geração, incluindo as pessoas que colaboraram com nossa pesquisa.

As idas e vindas entre bilheterias, calçadas e poltronas, além de outras trajetórias que tinham início a partir da frequência aos cinemas da cidade, ficaram marcadas na lembrança dos que antes formavam as fileiras do público. Nossa análise pretende se aprofundar nas relações e interações mantidas entre aqueles que saíam de casa com a pretensão de ver um bom filme, de viver um momento de lazer que o distraísse dos cansaços do trabalho, de encontrar aquele grupo de amigos, aquela pessoa especial, e conversar, rir, curtir. Pretendemos entender como as relações de sociabilidade estavam presentes nas salas, nos entornos e nas ruas adjacentes aos cinemas, ou seja, analisar o caráter social da frequência àqueles ambientes de lazer e entretenimento.

De acordo com Heitor Frúgoli Júnior (2007) o conceito de sociabilidade foi proposto pela primeira vez na sociologia por Georg Simmel (1858 – 1918), autor que propunha a questão de como a sociedade é possível. Através desse conceito, Simmel entendia que a sociedade não consiste em um elemento pronto, acabado, mas que se constrói, se desfaz e se reconstrói em um processo sempre dinâmico, permanente e que depende do conjunto das relações e interações mantidas entre os indivíduos que constituem o que se denomina como sociedade (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 8).

De acordo com o pensamento de Simmel (2006), se as sociedades são possíveis graças às inúmeras interações e contatos mantidos entre si pelos indivíduos, são necessários estímulos para que essas interações aconteçam. Estes, de acordo com o autor,

³ Os prejuízos que as secas e as crises econômicas provocaram na manutenção dos primeiros cinemas da cidade serão abordados com maior profundidade no primeiro capítulo.

são múltiplos, variados e de naturezas distintas. O indivíduo é levado a manter contato com o outro quando é movido por uma necessidade específica, quando o outro indivíduo pode suprir-lhe determinada carência, quando esse pode ser determinante para a realização de um certo interesse. As interações movidas por interesses específicos foram fundamentais para o desenvolvimento da espécie humana. Desde os primórdios, os indivíduos colaboram entre si para caçar presas maiores que o próprio tamanho, para fabricar ferramentas, para realizar obras, construir cidades e erguer impérios. Desse modo, de acordo com Simmel (2006, p. 60), as interações estimuladas por impulsos que correspondem às necessidades e interesses particulares, permitiram que os indivíduos atuassem “com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros”. Esse conjunto de interações compõem uma unidade, ou seja, a sociedade. De acordo com o sociólogo, os estímulos que permitem a interação são o “conteúdo e a matéria da sociação” (SIMMEL, 2006, p. 60).

Sociação é a forma, que se dá de muitas maneiras diversas, pela qual os indivíduos, movidos por seus interesses, interagem entre si e compõem a unidade que permitirá a realização desses interesses, ou seja, a própria sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60). Se o objetivo primordial da sociação é garantir a sobrevivência, facilitar e tornar mais prática a vida cotidiana, com o passar do tempo, esse conjunto de interações perde o seu sentido original e passam a existir por si mesmos no seio da sociedade. De acordo com Georg Simmel (2006), esta é a gênese da sociabilidade (*Geselligkeit*), ou seja, uma interação desinteressada, apenas pelo prazer de estar e ser para o outro (SIMMEL, 2006, p. 64).

Desse modo, de acordo com Frúgoli Júnior (2007), a sociabilidade significa uma forma de interação pura, ou seja, um modo de interagir que não visa outros objetivos além do prazer da própria interação, que se torna um bem por si mesma (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007, p. 9). Nos antigos cinemas de Cajazeiras o prazer de estar com o outro consistia em um atrativo tão importante quanto a película exibida. O filme tinha sua duração limitada, provocava fascínio, deleite, durante o tempo de duração da película, mas o conjunto de interações que o público mantinha entre si prolongava-se ao fim da sessão, tomavam lugar em outros espaços, próximos ou distantes dos cinemas. O conteúdo visto na tela estimulava brincadeiras e conversas que permaneciam ativas muito tempo após a sessão, o contato humano mantido em seus arredores fortalecia laços de amizade, fomentava paixões, garantia a diversão do grupo de amigos, o lazer do trabalhador, a fantasia das crianças e adolescentes.

Para realização desta pesquisa, lançamos mão de dois tipos de fonte. A primeira que destaco são os jornais e periódicos que, segundo a historiadora Tânia Regina de Luca (2008, p. 111), até a década de 1970 eram pouco trabalhados como fontes de pesquisa no Brasil. Esta resistência estava diretamente relacionada aos limites da História tradicional, quando havia sobre a documentação histórica a pretensão de legitimidade e imparcialidade, limitação que fará parte do cotidiano da historiografia até mesmo depois das contribuições da Escola dos *Annales* (LUCA, 2008, p. 112).

No entanto, temas de investigação histórica como o movimento operário no Brasil ou mesmo as relações de trabalho, acabam por se tornar relevantes para a nossa historiografia entre os anos 1970 e 1990. Tais pesquisas utilizavam como suas principais fontes os jornais operários da época, demonstrando a crescente aceitação acadêmica dos periódicos como fonte histórica (LUCA, 2008, p. 119). Portanto, percebemos que em um contexto de crescimento das cidades e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, processo característico de espaços em modernização, os artigos jornalísticos, por meio de sua cobertura dos acontecimentos tidos como importantes ou de eventos cotidianos, acabam adquirindo uma maior relevância historiográfica.

Durante a década de 1920, Cajazeiras também passava por um processo de crescimento urbano e desenvolvimento dos meios de comunicação. Os primeiros materiais que tivemos acesso para a construção dessa pesquisa foram fotocópias presentes no acervo jornalístico arquivado por José Antônio de Albuquerque, proprietário do jornal e rádio *Gazeta do Alto Piranhas*. Seu acervo, localizado no sótão do prédio que funciona como sede de seu jornal, conta com reproduções de periódicos que circularam em Cajazeiras nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1920 e 1940.

Os artigos analisados foram publicados nos periódicos “Estado Novo”, “O Sport” e “Rio do Peixe”, todos produzidos localmente e tratando de assuntos relativos a Cajazeiras e região, abordando temas como moda, reformas urbanas, lazer etc. demonstrando assim o avanço do processo de modernização presente nessa cidade do sertão paraibano.

Entre os materiais disponíveis, encontramos exemplares de grande importância para nossa pesquisa, como anúncios de filmes mudos, notas publicadas sobre normas e modelos de comportamento dentro das salas de exibição e reclamações referentes à higiene nesses espaços, considerados pelo autor de uma nota de repúdio publicada sobre esse tema, um ambiente sujo e desagradável para se permanecer.

O acervo mantido por José Antônio de Albuquerque mostra-se importante na medida em que preserva parcela significativa daquilo que foi produzido e publicado nos jornais da cidade, consistindo, inclusive, em um acervo rico, que pode ser útil para a realização de trabalhos futuros sobre a História de Cajazeiras e da Paraíba. O objetivo da análise desse material é perceber quais os discursos e visões apresentadas sobre os cinemas, como foram recepcionados na cidade e de que forma corresponderam a um signo de modernidade e inovação para a sociedade da época.

Contudo, a principal fonte que utilizamos para esta pesquisa foram os relatos orais. Nenhum outro material seria tão rico para um trabalho que pretende entender as transformações sociais e relações pessoais promovidas pela frequência aos cinemas em Cajazeiras, do que os relatos e testemunhos de pessoas que tomaram parte nessa ação. Realizamos, ao todo, entrevistas com sete pessoas, quatro delas do gênero masculino e três do gênero feminino. Pessoas com idades distintas, que frequentaram os cinemas locais em momentos distintos, entre as décadas de 1950 e 1980. Algumas nasceram e cresceram em Cajazeiras, outras vieram de outras cidades ou da zona rural do município. Nestas conversas, visamos tomar conhecimento sobre a relação pessoal que cada um estabeleceu com os cinemas da cidade; quais deles foram frequentados ou não frequentados; das companhias; o que cada um fazia ao fim da sessão, se permaneciam presentes no recinto ou se seguiam direto para casa; sobre os filmes que os marcaram; sobre o comportamento do público durante as sessões e outras questões que nos permitem entender o que os cinemas representaram e representam para estas pessoas. Algumas delas possuíam uma verdadeira paixão por filmes, outras frequentavam quando não havia nada melhor para se fazer, apenas raramente se deixavam estar em uma sessão, seja por falta de dinheiro ou por falta de interesse. Mas o que percebemos por meio dessa série de diálogos forjados a duas vozes, foi o quanto os cinemas desempenharam um papel importante no cotidiano dos moradores da cidade, se inserindo como uma referência marcante na cultura local.

Entre os textos que abordam a relação entre cinema e sociabilidade e que guiaram nossa análise com seu exemplo, podemos citar a dissertação *Cinema: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia-1980 a 2000*, escrita por Kellen Cristina Marçal de Castro (2008). O texto reflete sobre as transformações ocorridas na cidade de Uberlândia entre 1980 e 2000 que permitiram uma remodelação nas relações de sociabilidade presentes no espaço urbano ligadas à frequência aos cinemas nessa cidade. Em seu trabalho, Kellen de Castro (2008) entende o cinema como

uma prática social de grande destaque naquele ambiente, tendo sua prática alterada devido ao desenvolvimento dos cinemas situados no interior dos Shopping Center, estimulando o declínio dos antigos cinemas de rua em Uberlândia. Essa dissertação permite perceber as influências que a modernidade possui ao criar e modificar hábitos e ambientes de sociabilidade.

O artigo *Expectações cinematográficas e ocupação urbana: a prática de sociabilidade no caso dos cinemas da Tijuca*, escrito por Thalita Gomes Ferraz (2008), aborda a ação de ir ao cinema como um aspecto fundamental para a constituição das relações de sociabilidade e ocupação do espaço urbano. A autora realiza uma série de entrevistas com os frequentadores antigos e atuais dos cinemas da Barra da Tijuca, bairro que já foi o segundo maior polo exibidor de filmes do Rio de Janeiro. Ela aborda também o processo de fechamento dos cinemas de rua e abertura de novos cinemas que seguem outros modelos e parâmetros de modernidade, apresentando a expectativa cinematográfica como sendo uma cultura genuinamente urbana.

Outro exemplo de trabalho acadêmico que aborda a relação do cinema com a modernidade e com as relações de sociabilidade é o artigo de Ana Carolina Passos Aun (2012), *Sensibilidade e sociabilidade nas salas de cinema da Cidade de Goiás (1909-1937)*. O texto aborda o surgimento dos primeiros cinemas em Goiânia no início do século XX, primeiramente sendo os filmes exibidos no teatro, para depois serem construídas as primeiras salas de exibição. O cinema correspondeu a uma novidade para a população da cidade, apresentando ao público novas formas de sociabilidade e sensações. O artigo também aborda o impacto da modernização da cidade na vida dos habitantes.

Podemos mencionar ainda a dissertação de Fabiolla Stella Maris de Lemos Furtado Leite (2012), intitulada *Pessoas que lembram: lazeres e história nas memórias dos moradores de Serra Branca-PB (1940-1970)*, em que apresenta problemáticas em torno de uma história local do município de Serra Branca, sob uma perspectiva cultural, com base nos depoimentos de moradores que vivenciaram entre as décadas de 1940 e 1970, festas e atividades culturais que permitiam o lazer da população e novos espaços de convivência e de sociabilidade. A autora analisa esses espaços e veículos de lazer, que correspondiam à emissora de rádio local, ao carnaval, à festa da padroeira e ao cinema da cidade, o *Cine Educativo*. Nessa dissertação, a memória dos moradores mais velhos da cidade ganha espaço e fornece o principal material de análise.

Além dos trabalhos que exploram a relação entre cinema e sociabilidade, e que abordam recortes espaciais diversos do recorte proposto nessa pesquisa, também nos

valemos de textos produzidos sobre a história do cinema em Cajazeiras. A primeira monografia sobre essa temática é o trabalho escrito por Fernanda Pereira Calisto (2014), intitulado *Cine Éden: cinema e história em Cajazeiras (1970-1980)*. Seu trabalho apresenta o modo como a programação do último e mais frequentado cinema da cidade, o *Cine Éden*, correspondia ao panorama de exibição do cinema brasileiro da época, sendo frequentes exibições de filmes que ficaram conhecidos como *pornochanchadas*, devido ao conteúdo erótico e satírico dessas produções. A autora problematiza as dificuldades que o *Cine Éden* enfrentou para se manter ativo diante o declínio dos cinemas de rua na maior parte do país, sofrendo com a concorrência dos demais meios de comunicação e entretenimento, como a televisão.

A monografia intitulada *As perdas ao longo do caminho: história e memória do cinema na cidade de Cajazeiras – PB (1905 a 1992)*, escrita por José Herilberto de Sousa (2019), é o texto acadêmico mais recente sobre a presença do cinema em Cajazeiras. O trabalho aborda a trajetória histórica dos cinemas na cidade desde a presença das primeiras casas de exibição até a derrocada final desta atração, marcada pelo encerramento das atividades do *Cine Éden*. José Herilberto de Sousa (2019) explora as diferentes fases da produção nacional brasileira e utiliza relatos orais e textos jornalísticos para explicar como os cinemas deixaram de ser a principal atração da cidade e se transformaram em um empreendimento que não mais produziam lucro, o que motivou o fechamento de todas as casas de exibição da cidade.

A presente monografia pretende mais uma vez lançar o olhar sobre os famigerados cinemas de Cajazeiras, abordando, nesse caso, as relações de sociabilidade estimuladas pela frequência a estes espaços. Acreditamos que dessa forma estamos contribuindo com uma problemática nova sobre o tema, ao concentrar nossa análise não nas razões que explicam o declínio da exibição e frequência cinematográfica na cidade, mas, ao contrário, abordando a dinâmica social viva que ocorria no interior das salas, e nos entornos dos cinemas, antes durante e após as sessões.

No primeiro capítulo deste trabalho, intitulado *A modernidade é cinematográfica: Cajazeiras adquire um novo veículo de lazer e sociabilidade através da modernização*, pretendemos explorar as condições históricas que possibilitaram a presença do cinema na cidade de Cajazeiras. Essa cidade, localizada no sertão paraibano, vivenciou durante as primeiras décadas do século XX um processo de modernização que dotou seu espaço urbano de elementos novos, incomuns ao cotidiano da população até então. O desenvolvimento econômico estimulado pelo comércio do algodão operou

transformações visíveis na infraestrutura da cidade, em suas ruas e praças, mas também inseriu elementos que promoveram transformações que afetaram o ritmo e estilo de vida da população, como a implantação da linha férrea, do gerador elétrico e novos meios de comunicação, circulação de informações, lazeres e entretenimento, a exemplo do telégrafo, dos jornais impressos e do cinema. Neste sentido, exploraremos a relação intrínseca entre cinema e modernidade, além de traçar uma cronologia dos diversos cinemas que estiveram presentes na cidade.

No segundo capítulo, intitulado *A memória e sua arte de refazer o passado*, nos dedicamos a uma breve análise ao conceito e aos mecanismos da memória. As fontes que nos permitiram a construção dessa pesquisa, como mencionamos anteriormente, são artigos jornalísticos publicados em Cajazeiras durante a primeira metade do século XX, além de relatos orais, palavras proferidas por sujeitos históricos que presenciaram a ocorrência de cinemas na cidade. Ambas as fontes colaboram para a construção de uma memória sobre a cidade, uma memória que tenta constituir, forjar, uma identidade para esse espaço. Argumentamos que as lembranças, assim como as memórias escritas e impressas, não são retratos perfeitos ou precisos do passado, mas sim releituras, reinterpretações que sempre tem como ponto de partida o momento presente, sempre sujeitas às condições atuais do sujeito que recorda. Desse modo, se a memória não é uma fonte objetiva, mas um elemento repleto de ambiguidades, lacunas, e incertezas, não quer dizer que seja um empecilho ao historiador. Utilizar a memória como fonte permite um mergulho na subjetividade alheia, de modo que será possível olhar para o passado vislumbrando não como ele foi, estático, mas como uma eterna reelaboração repleta de novos significados. Esse passado, ressignificado pelas vozes que o recordam, é o passado que nos interessa.

No último capítulo, intitulado *Para muito além da película: os cinemas e suas redes de sociabilidade e interação*, nos dedicaremos à análise das entrevistas realizadas para a construção dessa pesquisa. Por meio das palavras dos nossos colaboradores sobre seu passado, abordaremos de que modo os cinemas em Cajazeiras se inseriram em suas vidas, servindo como um agregador de relações, de contatos e interações que tinham por razão de ser o próprio prazer de estar com o outro. Demonstraremos como a frequência aos cinemas possuía significados mais amplos que simplesmente se divertir com a película em exibição. As idas aos cinemas locais promoviam sociabilidades que se estendiam para além da sala de projeção, eram convites para desfrutar da cidade em volta,

das companhias e encontros que se davam entre trajetórias que se cruzavam nos cinemas, mas que se alongavam por outras partes do tecido urbano.

CAPÍTULO 1
A MODERNIDADE É CINEMATOGRAFICA:
CAJAZEIRAS ADQUIRE UM NOVO VEÍCULO DE LAZER E
SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA MODERNIZAÇÃO

1.1. Algodão e progresso material: a aquisição dos signos de modernidade

Os campos eram tomados pelo branco de uma flor que em breve seria colhida por mãos ásperas e vigorosas. Essas flores não brotavam simplesmente do chão, sua existência fazia parte de um processo que tinha início com a limpeza do terreno, onde primeiro eram depositadas suas sementes. Essas brotavam, a rama crescia e exibia a bela flor branca ao brilho intenso do sol, quando então o novelo era arrancado do caule que lhe nutria pelas mesmas mãos que um dia depositaram as sementes na terra quente, mãos acostumadas ao trabalho rude nas plantações, assim como a outros afazeres comuns ao trabalhador do campo.

A flor a qual nos referimos se trata do algodão, cultura que nas primeiras décadas do século XX desempenhou vital importância para a economia paraibana, desde a costa até o interior do estado. As mãos que mencionamos são aquelas conduzidas pela força de trabalhadores braçais, empregados nas fazendas algodoeiras, indivíduos que dedicaram parcela significativa de suas existências à labuta no campo. Depois de colhido, o algodão necessitava ser descaroçado, precisava estar limpo para ser comercializado. Sendo assim, era passado através da bolandeira⁴, artefato útil no processo de descaroçamento. O algodão era comercializado com entusiasmo, como se fosse ouro. De fato, aquela flor branca era vista pelos grandes latifundiários da terra como o ouro do sertão, o ouro branco que os enriquecia a cada colheita. Para as mãos que a colhia, aquela brancura era a esperança de subsistência entre terras e vidas áridas.

Nas terras de Cajazeiras, o cotidiano do trabalho nas lavouras se apresentava nesses termos. A região apresentava desde o século XIX a presença importante de atividades comerciais em seu território. A cidade originou-se de uma data de Sesmaria de 1765 que foi concedida a Luís Gomes de Albuquerque, pai de Ana Francisca de



⁴ Máquina utilizada no descaroçamento do algodão. Lisboa: Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3364>. Acesso em 12/04/2020.

Albuquerque, que se casaria com um homem chamado Vital Rolim. Do matrimônio entre os dois, nasceu Inácio de Sousa Rolim, que se ordenou padre em Olinda e retornou à fazenda materna para fundar um colégio, em 1843. A fundação desse colégio, responsável por atrair discípulos advindos de outras localidades da região, somada à criação de uma capela e de um açude dentro das terras da fazenda dos Rolim, estimulou o povoamento da localidade e o surgimento de uma área urbana.⁵ Em 1863, este embrião urbano se transformou em município, cuja sede se torna Vila e é desmembrada de Sousa. Depois de quatorze anos, em 1876, a vila foi elevada à condição de cidade e batizada com o nome de Cajazeiras (SILVA FILHO, 1999, p. 301).

Antes mesmo da emancipação política, aquele núcleo de povoamento se desenvolvia a partir da realização das primeiras feiras, estabelecendo importantes vínculos comerciais dentro da Paraíba com municipalidades vizinhas, entre elas Sousa e Pombal, e fora dela, com cidades do Ceará e do Rio grande do Norte, estimulando assim o crescimento urbano. Em 1904 a cidade vem ser beneficiada com a Lei n. 216 de 10 de novembro que, com o intuito de combater os efeitos da seca na região, determinava que 20% das receitas municipais deveriam ser destinadas à execução de obras públicas, como a criação de açudes, aquisição de melhores sementes para a agricultura, arborização da cidade, construção de prédios públicos, calçamento, iluminação urbana, entre outras melhorias (SILVA FILHO, 1999, p. 284-5).

Estes recursos eram administrados pelo prefeito de cada município e o órgão responsável era a Caixa Municipal. Antes da realização destes investimentos e da aplicação das obras, as cidades do interior sofriam com dificuldades em contornar o problema das secas. De acordo com o historiador Osmar Luíz da Silva Filho (1999), durante este período Cajazeiras era um município que não contava com grandes dívidas passivas nem ativas, a agricultura se desenvolvia junto com o comércio, os serviços públicos estavam em ordem, eram construídos prédios públicos e realizadas outras obras de melhoramento do espaço urbano, fazendo com que a cidade adquirisse novas formas e feições. Os investimentos realizados permitiram um melhoramento nas técnicas

⁵ De acordo com Silva Filho (1999), “O crescimento físico da cidade se deu segundo ruas ortogonais (que formam ângulos retos, de 90), a partir do Açude Grande. A primeira casa contruída ficava próxima ao Açude. Era a casa da Fazenda. Os lotes da área urbanizada (lotes de cerca de 4 a 5 metros) foram definidos segundo o retângulo de cada quadra, e, as casas, alinhadas ao nível da rua [...] A forma pela qual as ruas eram dispostas se davam por casas contíguas, conjugadas, com lotes pequenos em sua largura e bem compridas, estreitas. Os sobrados ocupavam a mesma largura dos demais lotes”. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. p. .301-302.

agrícolas, possibilitando a ampliação da cultura algodoeira no município. A exportação de algodão e a pecuária correspondiam às principais atividades econômicas das cidades paraibanas, incluindo Cajazeiras (SILVA FILHO, 1999, p. 285-9).

Podemos concluir, portanto, a partir dos dados apresentados por Silva Filho (1999), que o principal motor do desenvolvimento econômico da cidade de Cajazeiras durante a primeira metade do século XX consistia no cultivo e comércio do algodão. Essa cultura produziu importantes riquezas, gerando recursos que eram investidos em melhoramentos e inovações no aspecto material da cidade (SILVA FILHO, 1999, p. 288). Esse processo estimulava a circulação de dinheiro, o que possibilitava a abertura de novas casas comerciais, proporcionando ares de progresso e desenvolvimento (SILVA FILHO, 1999, p. 192).

O algodão que crescia nas fazendas de homens como os coronéis Joaquim Peba, Sabino Rolim e o major Galdino Pires⁶, possuía raízes fortes o bastante para metamorfosear as estruturas da cidade, seu aspecto visual e seu ritmo. A riqueza produzida pela cultura algodoeira vertia prodigamente em direção à cidade, proporcionava novidades capazes de orientar as trajetórias dos cidadãos por entre veredas ainda não sonhadas. Os compradores se deslocavam entre bancas e bodegas, ficavam absortos em meio ao movimento que se tornava maior a cada dia, entre os passos que se guiavam em busca de utensílios de primeira necessidade e alimentos, assim como daqueles que deixavam-se encantar pelas vitrines, roupas e utensílios da moda.

De acordo com Silva Filho (1999), o desenvolvimento econômico promovido pelo algodão durante as décadas de 1920 e 1930 marcou um processo de transição inédito na cidade de Cajazeiras. O progresso material e econômico trazia a estas terras os primeiros ares de modernidade, a inquietação da mudança, das novidades cada vez mais interessantes que transtornavam a curiosidade popular. Naquele momento, inovação e tradição coexistiriam no mesmo espaço. Portanto, podemos afirmar que a Cajazeiras que se redesenhava no início do século XX, incorporava em si uma série de elementos e características que atestavam o processo de modernização e urbanização pelo qual passava, ou seja, a cidade adquiria signos de modernidade (CEBALLOS, 2018, p. 151).

Além da importância primordial que as feiras e os estabelecimentos comerciais desempenharam para o desenvolvimento de um núcleo urbano em Cajazeiras, durante

⁶ Os homens citados foram importantes produtores de algodão presentes em Cajazeiras, cujas atividades comerciais colaboraram para o desenvolvimento econômico e material da cidade. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno... *Op. cit.*

meados do século XIX, a circulação comercial se manteve, no início do novo século, como um importante motor para o crescimento da cidade. Foram erguidas novas casas comerciais, responsáveis por alterar a estrutura física das ruas antes monótonas, por diversificar o panorama urbano e apresentar novos elementos ao olhar dos transeuntes, que agora poderiam ter contato com mercadorias vindas de capitais como João Pessoa, Recife e Fortaleza. Essas mercadorias vinham embaladas com o signo do progresso (SILVA FILHO, 1999, p. 293).

Um dos fatores que mais colaboraram para o crescimento e diversificação das atividades comerciais em Cajazeiras, foi a presença de ferrovias no interior da Paraíba. Graças a este novo transporte as trocas comerciais e culturais entre as cidades do interior e as capitais se fizeram de modo mais rápido e dinâmico. O sentimento de modernidade parecia acompanhar os trilhos das locomotivas. Transportados de capitais como João Pessoa, Recife e Fortaleza, as revistas, jornais e novas mercadorias que aportavam em Cajazeiras se incorporavam à rotina da cidade, exercendo fascínio entre os cidadãos durante os anos de 1920 (SILVA FILHO, 1999, p. 294-295).

Em Cajazeiras, no início do século XX, a chegada do trem na estação da cidade foi considerada um grande evento. Parte da população se aglomerou na estação, que se transformou em um ambiente de lazer e sociabilidade, onde era possível ver e ser visto, falar e ser ouvido, enquanto o apito, o rangido sobre os trilhos e o cordão de fumaça que se estendia pelos ares, não interrompessem os olhares e a conversação, tomando de assalto a atenção de quem por lá estivesse (ROLIM, 2010, p. 60).

A linha férrea permitiu uma maior circulação comercial entre os municípios, assim como proporcionou a circulação de informações através de jornais e revistas vindas de outras partes. No entanto, entre as décadas de 1920 e 1930, Cajazeiras já possuía uma importante produção local de periódicos. Entre eles podemos citar *O Pátria Jornal*, *O Rebate*, *O Sport*, *O Rio do Peixe* e o *Estado Novo* (SOUZA, 1981, p. 187 – 189 *apud* ROLIM, 2010, p. 59-60). Esses jornais, que circulavam entre leitores cada vez mais informados, traziam à tona temas que interessavam a população, como por exemplo a saúde pública e a insalubridade que acometia determinadas áreas da cidade. Em 1923, *O Pátria Jornal* publicava uma matéria em que abordava os perigos que um pântano localizado próximo ao açude grande, localizado no centro da cidade, trazia para o bem-estar da comunidade.

A jogatina e os vícios da classe trabalhadora também consistiam em questões fomentadoras de debates nos veículos de imprensa local (SILVA FILHO, 1999, p. 299-

300). A *Flor de Liz*, publicação muito importante em Cajazeiras durante a década de 1920, consistia em uma revista de orientação católica que se dedicava a debater, além dos domínios da fé, as modas, curiosidades e outros aspectos modernos que tomavam forma no cotidiano da cidade (SILVA FILHO, 1999, p. 309). Nas páginas publicadas pelos jornais Estado Novo e O Sport, podemos ler uma série de textos e anúncios que, intencionalmente ou não, alertavam para novos tempos e novos ritmos de existir que se instalavam no cotidiano da cidade. Com o crescimento das atividades comerciais na cidade, tornava-se cada vez mais frequente a divulgação de determinados produtos e lojas nas páginas dos jornais, a exemplo do anúncio publicado no jornal *Estado Novo*, anunciando uma loja de roupas sob medida, localizada na rua Padre José Tomaz (figura 1).

Figura 1: Anúncio de loja de roupas feitas sob medida em Cajazeiras



Fonte: Jornal Estado Novo, Cajazeiras-PB, 12 de julho de 1939. p. 3.

Estes periódicos e publicações, muitas vezes revelavam aspectos do cotidiano, notas sociais, eventos políticos e publicidades diversas que nos permitem vislumbrar alterações sensíveis vivenciadas pela população cajazeirense no início do século XX, quando o tema da modernização começou a ser discutido e exaltar o ânimo e as opiniões de muitos. A partir desses impressos, podemos entender que a população da cidade, ou parte dela, uma parte seleta, fluente no linguajar da modernidade e no manejo das letras, formada por jornalistas, comerciantes, entre outros, reivindicavam para Cajazeiras um *status* de ambiente moderno ou em processo de modernização. É possível ler na imagem abaixo, como o jornalismo contribuiu para moldar essa identidade moderna para a cidade, anunciando, por exemplo, o êxito das mudanças e melhorias urbanas empreendidas

durante a gestão do prefeito Celso Matos, por meio da reportagem intitulada “E’cos da importante e moderna cidade de Cajazeiras, publicada no Estado Novo (figura 2).

Figura 2: Anúncio de reformas urbanas em Cajazeiras



Fonte: Jornal Estado Novo, Cajazeiras-PB, 6 de outubro de 1940. p. 3.

Por último vemos outro anúncio, dessa vez de um filme de faroeste exibido em 1928 no *Cine Moderno* (figura 3). O cinema se tornava então uma atração que conquistava popularidade entre os habitantes da cidade, e os filmes se destacaram como um novo produto a ser ofertado aos consumidores, uma nova modalidade de comércio, e a publicidade era muito importante para a divulgação da atração entre o público.

Figura 3: Anúncio de filme em cartaz no *Cine Moderno*



Fonte: Jornal O Sport, Cajazeiras-PB, 22 de setembro de 1928. s.p.

Lemos impressos nas páginas desses jornais os vultos de uma cidade que se descortinava aos poucos, como um ser vivo que vai trocando seu exterior gasto por uma pele nova e brilhante. Ao olhar atento, um olhar onde a retina trabalha em conjunto com

o intelecto, podemos ler o cotidiano da nova cidade impresso com cores, sons, movimentos. Um anúncio de moda não revela apenas roupas nas vitrines esperando ser vendidas, mas também transeuntes que as admiravam de longe ou de perto, desejosos de as poder vestir. Um mero anúncio de um filme, impresso no jornal, nos permite vislumbar uma sala repleta de pessoas curiosas, que ainda tentavam entender direito o que era esse negócio de cinema, satisfeitas em desfrutar, bem vestidas e acompanhadas, essa nova atração que tanto chamava atenção na cidade. Essas publicações nos permitem tomar contato com o cotidiano da cidade que se modificava, influenciado por novos elementos. Os discursos expressos e impressos, fomentavam, junto com todos os elementos e signos de modernidade que discutimos, uma cidade que se repensava, que demandava um novo status, que se fazia moderna, também, ao se publicar enquanto moderna.

1.2. A trajetória do cinema em Cajazeiras, uma cronologia⁷

As menções mais antigas indicando a presença do cinema na cidade de Cajazeiras datam do início do século XX, por volta de 1905. Ou seja, apenas dez anos após a criação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière⁸, em Paris, e poucos anos após a primeira exibição pública de cinema na Paraíba, ocorrida durante a Festa das Neves de 1897 (LEAL, 2007).⁹ A tecnologia revolucionária se apresentou a primeira vez nestas paragens trazida por mascates e comerciantes vindos do Ceará, que exibiam filmes nos dias de feira (LEAL, 2007, p. 100). Apesar dos registros de tal prática, conhecemos poucos detalhes sobre essas feiras animadas. O jornalista Wills Leal (2007) faz referência a uma casa de exibição que teria funcionado numa casa adaptada no centro da cidade, no

⁷ Este tópico foi escrito utilizando-se, principalmente, das informações contidas em quatro artigos jornalísticos: MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição. **Jornal A União**, 21 de outubro de 1984; MOREIRA, Mariana. Seu Otrape: um herói ameaçado pelo tempo. **Jornal A União**. João Pessoa, 8 de dezembro de 1984; ESTRELA, Rozenval. O cinema de Bechara. **Jornal Cajá hoje**, Cajazeiras, 22 de agosto de 2006. VILAR, Lúcio. O fim dos cinemas no interior. **Jornal Correio da Paraíba**, Cajazeiras, 25 de maio de 1997.

⁸ Os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière foram os responsáveis, em 28 de dezembro de 1895, por realizar a primeira exibição pública de filmes, ocorrida no *Grand Café*, em Paris. O material exibido nessa ocasião consistia em filmes de curta duração, mudos e em preto e branco. A gravação da chegada de um trem na estação é a mais conhecida dentre essas produções. Cf.: BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 11-12; TURNER, Graemer. **Cinema como prática social**. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 1993. p. 11.

⁹ A Festa das Neves era considerada o maior evento religioso, social, político e cultural do estado da Paraíba. Na edição de 1897 deste evento, o dentista italiano Nicola Maria Parente foi o pioneiro a realizar exibições públicas com o cinematógrafo no estado. A nova atração se incorporou ao festival das Neves nas edições seguintes. Cf.: LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v. 1, 2007. p. 28.

ano de 1907, mas não menciona o seu nome, nem quem seriam seus proprietários e administradores.

Na verdade, os primeiros passos do cinema na cidade de Cajazeiras ainda são incertos, é difícil identificar os pioneiros - quem eram, de onde vinham, de quando a quando trabalharam exibindo filmes, em quais ruas da cidade, entre outras questões, dificilmente receberão respostas unânimes.¹⁰ No entanto, sabemos que durante as décadas de 1920 e 1930 surgiram casas de exibição cinematográfica na cidade que funcionaram em endereço fixo, se manifestando como atração estável para aqueles que queriam e podiam apreciar este novo e interessante fruto da modernidade.. Um dos primeiros experimentos desse tipo consistiu na abertura do *Cine Alvorada*, em 1922, organizado pelos esforços de um homem chamado Vanderico.

Anos depois, em 1925, Cajazeiras é dotada de um cinema considerado mais sofisticado, com melhores instalações e também com preços mais restritivos, frequentado por um público seletivo. O cinema em questão tratava-se do *Cine Moderno*, empreendimento administrado pelo imigrante libanês João Bechara, junto com Epifânio sobreira. O próprio nome do estabelecimento nos revela muito sobre a pretensão de seus idealizadores e também do público frequentador, formado principalmente por pessoas com poder aquisitivo mais elevado. Este cinema pretendia se colocar na cidade como um espaço de convivência e sociabilidade elegante, onde o público teria contato com as luzes da modernidade e seus estímulos.

Considerado um ambiente de elite, este cinema possuía uma série de normas de conduta a serem cumpridas pelos seus frequentadores, que desejavam gozar do novo divertimento em um ambiente aconchegante. Em um artigo publicado no jornal *Rio do Peixe*, em 1926, são listadas as exigências que os frequentadores deveriam cumprir:

1º) É proibido fumar nas filas de banco do centro, não só porque este hábito incomoda as exmas. Famílias que sempre preferem esses bancos, como porque prejudica a projeção. 2º) O cinema não funcionará com

¹⁰ Sobre a origem dos cinemas em Cajazeiras, as fontes nas quais esta pesquisa está pautada entram em contradição. Enquanto o escritor Wills Leal afirma que os primeiros a exibirem filmes na cidade foram os mascates cearenses, em 1905, o sociólogo Rozenvál Estrela defende que a chegada do cinema em Cajazeiras se deu no ano de 1905 com a inauguração do *Cine Moderno*, cujo proprietário era o imigrante libanês João Bechara. Já a jornalista e socióloga Mariana Moreira contrapõe essas afirmações, defendendo que o primeiro cinema foi o *Cine Alvorada*, aberto em 1922, e que o *Cine Moderno*, de João Bechara, só foi inaugurado em 1925. Cf.: LEAL, Wills. *Idem*; MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição... *Op. cit.*; ESTRELA, Rozenvál. *Ibidem*.

uma casa inferior a 20 pessoas. 3º) Não haverá orquestra quando a casa for inferior a 50 pessoas.¹¹

Na mesma publicação havia ainda um pedido do proprietário apelando para que os presentes respeitassem as famílias de boa moral que frequentavam seu cinema e, claro, que fizessem a bondade de ninguém cuspir no chão.

Em contraposição ao *Cine Moderno*, o professor Hildebrando Leal, também em 1925, instalou o *Cine São José*, que estava vinculado ao Círculo Operário, uma instituição católica da cidade. Nesta casa de exibição os preços eram considerados mais acessíveis à população de baixa renda.

Inseridos em um contexto histórico que oferecia uma série de empecilhos para o estabelecimento de novas tecnologias em cidades de menor porte, os primeiros cinemas criados em Cajazeiras, como experimentos que eram, não demoraram muito para conhecer o ocaso. O *Cine Alvorada* deixa de funcionar cerca de quatro anos após a exibição de sua primeira fita. O *Cine Moderno* e o *Cine São José* encerraram as atividades no ano de 1932, devido, principalmente, às condições climáticas. Nessa época, um difícil período de estiagem assolava a cidade, provocando a migração de muitas pessoas para outros lugares, principalmente rumo à capital do estado. Em um ambiente onde a economia e o cotidiano estão ligados intimamente à vida agrária, podemos imaginar o quanto ir ao cinema seria uma atividade vulgar e desnecessária, perto da necessidade de subsistir.

No entanto, apesar da passagem fugaz, os referidos cinemas foram capazes de inculcar no cotidiano de parte dos cidadãos o gosto por assistir filmes, criando assim um público de cinema em Cajazeiras. O cinema, então, se tornava um empreendimento lucrativo e interessante para aqueles que arriscavam abrir suas próprias casas de exibição. Em 1935, José Lira decidiu retomar com as exibições de filmes na cidade e construiu o *Edifício OK*, localizado na avenida João Pessoa, mesmo espaço onde estavam situados os antigos cinemas, um importante centro comercial e recreativo da cidade.

Considerada uma construção de grande beleza e destaque arquitetônico para a época, o *Edifício Ok* era constituído de dois andares. O *Cine Teatro Éden* estava situado no térreo, enquanto o andar superior dava lugar a um clube dançante, o *Excelsior Clube*. Esse ambiente logo se destacou como um espaço de diversão e sociabilidade, frequentado principalmente pela juventude e considerado até mesmo pelo bispo diocesano, D. João da

¹¹ O proprietário do cinema moderno. **Jornal Rio do Peixe**, Cajazeiras-PB, 20 de maio de 1926.

Mata, um lugar de diversões “sadias” que desviariam os jovens do caminho de recreações libertinas (ROLIM, 2010, p. 74).

As condições de higiene e comportamento nas dependências do *Éden* também provocavam preocupação nos frequentadores, que denunciavam aos meios de comunicação as condições adversas, como podemos perceber em um artigo do *Estado Novo*, de 1941:

Numerosas tem sido, ultimamente, as queixas que nos fazem os habituês do *Cine Teatro Éden*. Solicitam-nos a defesa de seus interesses. Reclamam asseio e higiene no salão da plateia, cujas cadeiras são tão imundas que as pessoas que se sentam com roupa branca, saem com a mesma inutilizada, tal a sujidade que encontra ali.¹²

O autor da reportagem, a pedido dos frequentadores, apelou para o então proprietário resolver o problema, dada a importância do cinema como espaço de sociabilidade.

Apesar do sucesso, o *Cine Éden* tem suas atividades interrompidas em 1942, pois a população cajazeirense se viu mais uma vez flagelada pela seca. Entre os migrantes estava o proprietário José Lira, que foi embora da cidade e encerrou, assim, as exibições cinematográficas locais. Em 1945, Higino Pires Ferreira criou uma espécie de sociedade anônima na cidade, com um número de aproximadamente 100 (cem) sócios, e se tornou o responsável por restaurar as atividades do *Cine Éden*. O cinema agora contava com melhor estrutura técnica e seu novo equipamento permitiu, pela primeira vez, a exibição de filmes sonoros em Cajazeiras. Esta sociedade anônima se manteve ativa até o ano de 1964.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a prática de ir ao cinema alcançou o auge de sua popularidade em Cajazeiras. Após a dissolução da sociedade anônima, provocada por contrariedades entre seus membros constituintes, o *Cine Éden* é transferido para o nome de Carlos Paulino, que se mostrou um grande empreendedor e fez com que o seu cinema se transformasse em um sucesso de público. A gestão de Carlos Paulino se encerrou em 1977, quando a administração do *Cine Éden* é transferida para as mãos de Eduardo Jorge César Guedes. Este, ao adquirir o novo empreendimento, trata de melhorá-lo, realizando modificações no espaço interno e externo do edifício que abrigava o cinema. Além disso, contratou um técnico vindo de João pessoa para reinstalar as máquinas e melhorar o sistema de som. (CALISTO, 2014, p. 57).

¹² Com o empresário do Cine-Teatro Eden. **Jornal Estado Novo**, Cajazeiras-PB, 1 de janeiro de 1941.

Outra melhoria realizada por Eduardo Guedes foi a instalação de ventiladores de teto, algo considerado bastante sofisticado para a época. Essas pequenas mudanças feitas no cinema, assim também como o investimento na propaganda e divulgação dos filmes por meio de cartazes colocados na calçada e informações precisas sobre os horários de exibição (figuras 4 e 5), foram medidas fundamentais para o aumento da frequência do público ao *Cine Éden* (CALISTO, 2014, p. 58).

Figura 4: Divulgação do filme *Uma Garota de Sorte* a ser exibido no *Cine Éden* (1937)



Cartaz de divulgação localizado na Praça João Pessoa, próximo ao Cine Éden. **Fonte:** PEREIRA FILHO. Fotografia publicada em 14 de junho de 2018. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2018/06/a-praca-joao-pessoa-e-sua-historia-html>. Acessado em 23/03/2021, as 13h45.

Figura 5: Divulgação do filme *Superman* a ser exibido no *Cine Éden* (1979)



Informe publicitário publicado no Jornal Tribuna da Paraíba, do dia 2 de junho de 1979. **Fonte:** LIRA, Francisco Cleudismar F. Fotografia publicada em 13 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/search?q=Cine+éden>. Acessado em 23/03/2021, as 13h45.

Uma peculiaridade interessante sobre este cinema era a quantidade expressiva de filmes do gênero cinematográfico conhecido como pornochanchada exibidos em suas sessões durante a década de 1980. Os filmes eróticos eram exibidos muito mais frequentemente do que qualquer outro gênero, o que consistia em uma estratégia para atrair o público movido pela curiosidade diante dessas produções (CALISTO, 2014, p. 50).

Durante a década de 1960, a diocese de Cajazeiras fundou dois cinemas, tendo como estímulo o concílio de Vaticano II¹³, que afirmava a importância de utilizar os meios de comunicação para a evangelização. Foram inaugurados o *Cine Pax* (1962) e o *Cine Apolo XI* (1969).

¹³ Trata-se do 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, que foi convocado do dia 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII e aberto no dia 11 de outubro de 1962. É considerado um dos mais importantes eventos da Igreja realizado no século XX.

Ambos os cinemas tinham como fundamento educar o público, por isso não era permitido neles a exibição de filmes que degradassem a audiência ou os princípios da Igreja, transformando o ato de ir ao cinema em uma prática de evangelização e educação moral (LEAL, 2007, p. 101).

Ao se referir sobre a conduta moral promovida pelos cinemas da diocese, Wills Leal (2007) cita quatro pontos básicos que deveriam ser seguidos pelo público:

a) informar-se primeiramente do valor moral de cada filme, antes de assisti-lo. É claro, ninguém pode expor-se livremente ao perigo de pecar; b) abster-se de assistir filmes desaconselhados ou reprovados pela censura da Igreja. O contrário, além de pecado seria motivo de escândalo para o próximo; c) Educar os jovens, para que eles assumam uma atitude “clara e consciente das suas responsabilidades”. Que eles compreendam que podem existir filmes moralmente bons, porém psicologicamente impróprios para adolescentes e jovens; d) aderir à Liga do filme. A exemplo dos católicos americanos que lutam na ‘Legion of decency’, o episcopado tedesco congrega seus súditos, mediante compromisso escrito, na ‘Liga que visa agrupar todos os católicos, além dos 16 anos conscientes das suas responsabilidades, dispostos a repelir os filmes imorais e a propagar os positivos’ (LEAL, 2007, p. 101).

Diante de tais regras, que prescreviam o comportamento e a conduta do público em relação aos filmes exibidos, vemos que o *Cine Pax* e o *Cine Apolo XI*, além do mero entretenimento, assumiu um compromisso moral com a audiência e a comunidade local. Esses cinemas eram regidos pelo bispo D. Zacarias Rolim de Moura.

A trajetória do cinema na cidade de Cajazeiras é marcada ainda pelo percurso de Otrope Sobreira Cartaxo, um dos nomes mais conhecidos e citados entre aqueles que se dedicaram a exibição de fitas de cinema na cidade. A relação com o cinema marcou toda sua vida profissional desde quando vendia doces e bebidas aos expectadores do Cine Moderno, ainda durante o pioneirismo da década de 1920. Posteriormente, Cartaxo exerceria outras funções dentro dos cinemas, confeccionando cartazes para o Cine Moderno e trabalhando como operador de projetor no Cine Éden, durante a década de 1930. Em 1954, Otrope Cartaxo se dedica ao projeto de administrar o seu próprio cinema, O Cine Cruzeiro, que funcionava na Rua Dr. Coelho. Seu empreendimento se destaca pelo preço acessível e bons filmes exibidos, chamando assim a atenção e garantindo a admiração do público local. A prática cinematográfica de Otrope Sobreira também se destacava por seu caráter itinerante. Ele costumava levar seu projetor a outras cidades

sertanejas, como Antenor Navarro, Uiraúna, São Gonçalo e Marizópolis, levando encanto e divertimento a estas localidades. Em meados dos anos 1980, sua atividade profissional vai entrando em declínio, o público minguava a cada sessão, de modo que se tornava impossível prosseguir. O trope atribuía a falta de interesse do público à crise econômica e à popularização do televisor doméstico. Razões apontadas também por outros exibidores locais, como Eduardo Guedes, o então dono do Cine Éden.

1.3. Ser ou não ser moderno: a modernidade nas periferias no mundo

De acordo com Leo Charney e Vanessa R. Schwartz (2004), nenhum outro emblema da modernidade personificou tão bem quanto o cinema o período entre o final do século XIX e o início do XX, durante o qual o fenômeno social que conhecemos como modernidade foi gestado. Os autores afirmam que “o cinema tornou-se a expressão e a combinação mais completa dos atributos da modernidade” (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 17-18). Portanto, mediante estas considerações, somos levados a admitir que cinema e modernidade são entidades indissociáveis, onde uma atesta a presença da outra.

Até agora, estamos nos referindo à cidade de Cajazeiras como um espaço moderno, ou que assim se tornou após o significativo crescimento econômico apresentado no início do século XX. Podemos citar uma série de elementos presentes na cidade capazes de atestar o surgimento de “novos tempos”, como as melhorias nos serviços públicos, as modificações no ambiente urbano, o aumento das atividades comerciais, maior circulação de mercadorias e informações e, claro, novas formas de entretenimento que estimulavam o lazer e a sociabilidade urbana, das quais o cinema fez parte. É interessante questionar se estes elementos são suficientes para definir Cajazeiras como uma cidade, de fato, moderna. Estamos tratando, aqui, de uma cidade cuja atividade econômica mais importante na época estava ligada diretamente ao setor agrário, onde as inovações e gostos adquiridos e tidos como modernos eram elementos que vinham de fora, exóticos à realidade local. Entretanto, nesta cidade encontramos o cinema, considerado como arauto da modernidade. Para entender melhor a simbiose cinema-modernidade, analisaremos de modo mais aprofundado como estes conceitos se relacionam e, dessa forma, tentaremos entender o significado de ser moderno nas periferias do mundo.

O conceito de modernidade é amplo e discutido sob diversas perspectivas teórico-metodológicas, que em alguns momentos partem de visões comuns sobre o

fenômeno e, em outros, manifestam divergências importantes e inconciliáveis. Nossa proposta não pretende analisar todas as vertentes e interpretações acadêmicas, nem lançar uma definição precisa sobre ele. Desejamos apenas introduzir alguns aspectos marcantes discutidos sobre o fenômeno moderno que nos permita entender a natureza das transformações econômicas, sociais e culturais que, entre os séculos XIX e XX, acometeram quase todo o mundo habitado. A partir dessa discussão, situaremos com maior clareza o significado da presença e frequência ao cinema na cidade de Cajazeiras e o modo como essa tecnologia transformou a vida cotidiana dos cidadãos.

O primeiro a cunhar o termo *modernidade* foi o poeta francês Charles Baudelaire, em um artigo intitulado *Le peintre de la vie moderne*, publicado em 1863. Baudelaire atribuía valor ao presente apenas em virtude de sua própria novidade, pelo fato de ser presente, e esta era até então uma postura inédita. O termo utilizado pelo poeta fez sucesso entre os meios literários e artísticos de sua época, ressurgindo com mais força após a segunda guerra mundial. De acordo com sua visão, a beleza não se assentava apenas na eternidade, mas também no transitório, naquilo que é fugaz, ou seja, estava ligada à sua própria época, à moda. Segundo essa concepção, modernidade “é o que há de ‘poético’ no ‘histórico’, de ‘eterno’ no ‘transitório’” (LE GOFF, 2003, p. 194).

A definição que Baudelaire nos legou sobre a modernidade se apresenta carregada de fascínio, de aprovação e desejo pelo transitório e sua beleza. No entanto, a vida moderna carrega consigo sentimentos e sensações ambíguas, capazes de, além do maravilhamento, provocar medo, desequilíbrio e perturbações das mais variadas naturezas. Sobre a modernidade, Marshall Berman (1986) afirma que

existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1986, p. 15).

Percebemos, assim, o caráter duvidoso da modernidade. Berman (1986) nos demonstra o quanto as mudanças constantes, trazidas pela modernização do mundo, são capazes de afetar as pessoas em seu aspecto mais íntimo, alterando seus sentimentos, crenças e deslocando seu lugar no mundo. Para este autor, ser moderno é ao mesmo tempo

ser revolucionário e conservador, portanto, um aspecto fundamental da modernidade é a negação do próprio caráter moderno (BERMAN, 1986, p. 13-14).

Berman (1986) acredita que a história da modernidade está dividida em três fases distintas. A primeira tem início ainda no século XVI se alargando até o século XVIII, período em que, segundo este autor, os indivíduos ainda não possuíam noção do processo que os acometia, nem conheciam o que era viver e compartilhar em comunidade o que seriam “sentimentos modernos”. A segunda etapa teve início com a Revolução Francesa, quando um determinado grupo começa a compartilhar fortes sentimentos e ideias de mudanças e transformações coletivas. Durante o século XIX, ainda pertencente à segunda fase, as pessoas se encontravam em um mundo que não era moderno por inteiro, provocando intensas dicotomias e sentimentos de modernismos e modernizações. Na terceira e última fase, iniciada no século XX, junto com a própria modernidade, os movimentos artísticos tidos como modernistas se espalharam pelo mundo e atingiram um público notável, mesmo que de forma desigual (BERMAN, 1982, p.17).

Nelson Mello e Souza (1994) critica esta visão histórica sobre a modernidade. Para este autor, os conceitos de modernidade, modernismo e modernização são utilizados indiscriminadamente por diversos autores e de modo indistinto, como se correspondessem a sinônimos, possuindo todos o mesmo significado. Partindo desse ponto de vista, a modernidade se torna um termo muito ambíguo, indefinido, que permite diversas atribuições de sentido consideradas incorretas. O conceito de modernidade, segundo Mello e Souza (1994), surge a partir da pena de Baudelaire antes mesmo do processo histórico definido como modernidade ter início. A confusão entre estes conceitos atrapalha a definição de um momento de gênese para a modernidade (MELLO E SOUZA, 1994, p. 15-16).

De acordo com o autor, o conceito de modernidade foi utilizado a primeira vez como sinônimo de modernização, ou de vida moderna. Baudelaire (1821-1867) e outros autores que escreveram sobre o mundo moderno, como Karl Marx (1818-1883), viveram em uma época de mudanças repentinas, em uma sociedade marcada pela crescente industrialização, pelas novas configurações nas relações de trabalho e pelo movimento incessante de transeuntes nas ruas. No entanto, de acordo com Mello e Souza (1994), o que o poeta francês e Marx descreveram e problematizaram ainda não correspondia à vida moderna, uma realidade que só posteriormente teria sustentação sociológica. Estes autores faziam referência, sem perceber, a uma época de transição histórica. Baudelaire e Marx sentiram o rompimento dos paradigmas sociais e culturais, a turbulenta passagem

do século, mas ainda não viviam a modernidade. Não poderia ser assim, pois a economia mundial como um todo, as principais relações de trabalho e o estilo de vida dessa época estavam mais relacionados ao mundo agrário (MELLO E SOUZA, 1994, p. 15-16).

Dessa forma, o autor define a modernidade como sendo uma nova cultura baseada no industrialismo de massas que se consolidou entre o final do século XIX e o início do século seguinte. O que se tem como certo em relação aos estudos que problematizaram o fenômeno da vida moderna, é que este corresponde a algo inédito, a uma nova cultura que estabelece um rompimento com a anterior. Apesar da modernidade ser um fruto do processo de industrialização, a revolução industrial não é um marco seguro para apontar sua gênese, já que o mundo moderno se consolidou tempos depois, quando o modo de produção industrial se tornou predominante e forneceu, direta ou indiretamente, a maior quantidade de empregos. Dessa forma, o mundo se moderniza de fato apenas quando a indústria é a protagonista da vida humana (MELLO E SOUZA, 1994, p. 31-35).

A modernidade não foi uma transformação marcante apenas no mundo do trabalho e da produção, mas também uma transformação na cultura, interferindo no modo como as pessoas vivem e se relacionam. Uma das maiores consequências desse processo foi a transferência de características típicas do trabalho industrial para as relações cotidianas, como o individualismo, a competitividade e a coisificação do mundo, onde tudo, incluindo as pessoas, possui valor de troca. Desse modo, as relações pessoais são prejudicadas, pois os sentimentos também passam a ser cifrados, quantificados, ganhando valor de mercado (MELLO E SOUZA, 1994, p. 45-46).

Para ampliar nossa compreensão sobre a modernidade e seus impactos culturais, estabeleceremos a relação entre modernidade e cultura de massas, especificando o caso do cinema. Durante o século XX os filmes se consolidaram como arte e como objeto de consumo para um público crescente, mas não podemos nos esquecer que a tecnologia que permitiu ao público se maravilhar com as imagens em movimento nasceu no século XIX, período onde ocorreram as grandes transformações sociais provocadas pela modernidade e pela crescente industrialização das sociedades ocidentais. Mencionamos anteriormente que o cinema possui uma relação intrínseca com a modernidade, assim como a modernidade também foi apontada como sendo “cinematográfica” (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 17-18). Essa relação vai muito além de uma simples associação. Não basta classificar o cinema como um mero signo de modernidade, a relação entre os dois conceitos é mais complexa que isso.

Enquanto técnica, o cinema é resultado de uma série de experimentos científicos que objetivavam transformar uma imagem estática em algo que se move. Nesse sentido, a ciência da época desempenhou um trabalho notável. No século XIX essa busca se intensificou a partir do desenvolvimento de técnicas no processo fotográfico. Ismael Xavier (1978) afirma que “durante quase todo um século, química, mecânica, fisiologia, óptica e eletricidade, criaram condições para que tivéssemos a emergência da técnica de registro e projeção cinematográfica” (XAVIER, 1978, p. 19-20).

Mas para além do campo científico, é importante entender qual a demanda social do cinema, por qual razão este experimento óptico, com finalidades a princípio mais científicas do que artísticas (TURNER, 1993, p. 11), se tornou um objeto de desejo e consumo frequente de um público de massa. Vamos tentar entender esses fatores.

Primeiramente, precisamos pensar em um ambiente onde o moderno possa acontecer, um local estratégico onde a modernidade se apresente. Esse ambiente, por excelência, corresponde às cidades, que permitiram um espaço para a circulação de corpos e mercadorias, a troca de olhares e o exercício do consumismo (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 19-21). No contexto histórico do século XIX, não falamos sobre qualquer cidade, mas sobre os grandes centros urbanos, aqueles tecidos urbanos onde presenciamos a vida se mover em turbilhão por entre ruas e avenidas, onde a realidade material dos espaços conhecidos se alterava constantemente, um ambiente, por excelência, de consumo. No século XIX, vemos surgir cidades verdadeiramente grandes, as metrópoles. Nas metrópoles, surgiram atrações que se destinavam a um público cada vez mais numeroso e dinâmico, um público de massa. O cinema corresponde, nesse contexto, a uma atração popular para estas massas humanas. Portanto, as metrópoles permitiram a existência de uma massa populacional urbana, que se torna parte constituinte do público frequentador dos primeiros cinemas (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 19-21).

Outra característica em comum entre as grandes cidades modernas é a quantidade de estímulos visuais e corporais que elas provocam em seus cidadãos, nos milhares de transeuntes que cruzam diariamente suas ruas. A quantidade de informações visuais e sonoras disponíveis em uma cidade como Nova York, produzia um constante estímulo nos indivíduos. Uma figura que se tornou símbolo da modernidade e que pode explicar o fascínio provocado pelos estímulos sensoriais intensos presentes nos grandes centros urbanos corresponde ao *flâneur*, um andarilho urbano que caminha aparentemente sem uma trajetória definida, seguindo o traçado das ruas, imerso na multidão de outros

caminhantes. A atividade do *flâneur*, que é ao mesmo tempo corporal e visual, estabeleceu os termos para o público de cinema, pois o corpo desse indivíduo se situa como um polo de constantes estímulos advindos da cidade. Estando ele em constante movimento, sua visão também passeava por entre várias paisagens, monumentos e pessoas. Um indivíduo que caminha em busca da excitação provocada pelo meio externo e o encontra na paisagem mutável da cidade, antecipa a experiência do espectador de cinema, quando este se encontra concentrado nas imagens que também desfilam à sua frente (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 21-22).

Para auxiliar nosso entendimento de como cinema e a modernidade estão relacionados, podemos indicar um fenômeno fascinante da nova percepção moderna da realidade, quando esta é somente percebida através de suas representações. Depois do advento da fotografia, a realidade dos acontecimentos cotidianos era captada com maior nitidez, uma série de eventos foi documentada dessa forma, fazendo com que o público da cidade moderna começasse a associar determinados acontecimentos às suas representações pictóricas, os reconhecendo como legítimos somente por meio de uma comprovação midiática. A relação entre realidade e representação era notável na Paris do século XIX, quando grande parte das atrações (museus de cera, panoramas, imprensa de massa e exibição pública de cadáveres no necrotério de Paris) que cativavam as massas eram entretenimentos que tentavam reproduzir a sensação de realismo. Com o cinema não foi diferente, o público buscava ao assistir as exibições, sentir aquela sensação de realidade simulada que estava tão em voga (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 24-25).

Em todas as atrações citadas, podemos perceber uma colaboração entre narrativa e visualidade, com a intenção de canalizar a atenção instável e fugidia do público moderno, transformando os sujeitos não somente em meros espectadores, mas também em consumidores. O cinema, assim como os demais espetáculos eram empreitadas comerciais que visavam o lucro, tendo em vista a receptividade do público de massas presente nas metrópoles. É o consumismo assumindo o protagonismo da vida moderna (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 25).

Portanto, percebemos a razão pela qual Charney e Schwartz (2004) classificam a modernidade como sendo “cinematográfica antes do cinema”. Antes da invenção do cinema, todos os elementos sociais que permitiram que esta nova tecnologia fosse uma atração bem-sucedida, já estavam presentes no contexto social do século XIX. A população das metrópoles crescia, gestando assim um público em potencial para a nova atração. Antes do cinema, este público urbano frequentava espetáculos que além de

provocar o estímulo constante das sensações corporais e visuais propunham apresentar uma narrativa realista. Vemos a importância cada vez maior da imagem, da representação para atestar a realidade. Portanto, o que o cinema fez foi concentrar, em si mesmo, todo um conjunto de realidades sociais existentes nas cidades modernas do século XIX, se configurando assim como o ícone mais representativo e simbólico do mundo moderno (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 27-28).

Após o exposto, podemos finalmente questionar a presença real da modernidade em uma cidade de porte reduzido como Cajazeiras, assim também como nas demais cidades do interior paraibano, que vivenciaram no início do século XX um processo de modernização semelhante. Gervásio Aranha (2005) considera que não é possível caracterizar as cidades localizadas no Norte do Brasil como modernas, se compararmos o ritmo social presente nelas com a celeridade e crescimento econômico que caracteriza a dinâmica social presente em grandes cidades como Londres e Paris, que representaram verdadeiros modelos de modernização para outras cidades no mundo (ARANHA, 2005, p. 81). Nestas cidades do Norte brasileiro, por exemplo, há um limite em relação ao tamanho físico que precisa ser considerado. Portanto, a proposta do autor consiste em que não podemos admitir a presença de um estilo de vida moderno nas cidades do Norte levando em conta o ritmo social, que não pode e não deve ser comparado à dinâmica frenética das grandes metrópoles. Mas, podemos pensar em uma vida moderna ao analisar os impactos causados pelas conquistas materiais presentes nestas cidades, o que apresentamos anteriormente como sendo os signos de modernidade que transformaram o cotidiano e instigaram a imaginação dos moradores das pequenas cidades (ARANHA, 2005, p. 79).

A modernidade, como vimos, impõe à vida uma dinâmica diferenciada, um ritmo mais célere, representando uma ruptura em relação ao que era conhecido e praticado anteriormente. No entanto, o processo de modernização não implica simplesmente em fascínio ou em melhoria na vida dos habitantes da cidade. Retomando as ideias de Berman (1986), um de efeitos característicos costuma ser a negação da própria condição moderna, ou seja, as mudanças provocadas pelo progresso econômico produziram efeitos contrários, reações da parte de quem percebia o potencial do processo de modernização em ameaçar o que estava em volta, do rompimento de certezas e tradições que mantinham a coesão social. Como citamos anteriormente, os signos de modernidade tiveram que coexistir com signos que representavam a tradição, a ordem local. Essa coexistência nem sempre foi amistosa, provocando tensões rotineiras. A modernização da cidade de

Cajazeiras está relacionada diretamente com um processo mais amplo de modernização mundial.

Sendo a modernidade descrita como uma crise na cultura, Mello e Souza (1994) define modernização como um processo relacionado ao desenvolvimento econômico e progresso material das sociedades. Dessa forma, podemos classificar como modernização, para o caso da cidade de Cajazeiras, todo o conjunto de novas tecnologias (ferrovia, luz elétrica, imprensa e cinema) que simbolizavam o progresso econômico pelo qual passava a cidade. No entanto, essas mudanças também foram responsáveis pela mudança de crenças e valores, de comportamentos e hábitos, pela difusão de novos gostos e modas e pelo sentimento de deslocamento, de alteração do mundo em volta, provocando a vertigem moderna, um fenômeno cultural que acomete mais o modo de ser e viver das pessoas do que as estruturas da cidade.

Sobre o conceito de modernização, Jacques Le Goff (2003) o coloca como uma questão de destaque quando ocorre o contato e a troca de influências entre Ocidente, representado pelas nações imperialistas, e Oriente, sendo o território a ser colonizado. Tais trocas muitas vezes estimularam o embate entre a influência estrangeira e a cultura tradicional local. Para estas culturas resistentes, modernização é sinônimo de ocidentalização, ou seja, de perda da identidade. Segundo o autor, esta relação entre moderno e tradicional se complica ainda mais quando a modernização, que é um processo recente, entra em contato com uma cultura que, durante séculos ou até mesmo milênios, viveu sob os mesmos hábitos e tradições. A influência estrangeira corresponde a uma grave perturbação modo de viver de muitas culturas, não correspondendo completamente aos anseios das comunidades em processo de modernização (LE GOFF, 2003, p. 190-194).

Podemos citar alguns exemplos das tensões provocadas pela emergência do “novo” em uma sociedade pautada pelo “velho”. Silva Filho (1999) discorre sobre como a Cidade da Parahyba, capital do estado paraibano, projetava em seus habitantes uma profusão de sentidos, isso porque os habitantes da cidade possuíam acesso a meios culturais que permitiam vivenciar a cidade a partir de uma nova sensibilidade, uma sensibilidade dita moderna. Os cinemas exibiam filmes nacionais e estrangeiros, concertos musicais eram realizados no *Teatro Santa Roza*, a prática do futebol e da educação física eram valorizadas e se tornavam cada vez mais populares, entre outros aspectos da vida moderna que começavam a fazer parte do cotidiano da capital paraibana. Integrando o conjunto das novidades mencionadas estava o periódico quinzenal *Era*

Nova, publicado a primeira em primeira vez 27 de março de 1921 (SILVA FILHO, 1999, p. 221).

Nas páginas da revista *Era Nova*, que tratava de temas tidos como modernos, a cidade era debatida e seus principais personagens se mostravam presentes, como esportistas, políticos, religiosos e outras pessoas consideradas importantes para aquela sociedade. A *Era Nova* também propunha realizar uma “educação sentimental” da população, incutindo-lhes novas modas, gostos e debates sobre temas de interesse comum. Inclusive, desde o primeiro número da revista que esta promete gerar polêmicas e debates. Em sua primeira edição a revista publicou o artigo *A nossa urbs e o modernismo* chamando atenção para a necessidade de preservar a memória da cidade, seriamente ameaçada pelo avanço do progresso material e da modernização, processos que, no início da década de 1920, transformavam a capital paraibana e ameaçavam os valores e símbolos do passado. O autor acreditava que a cidade perdia a beleza estética quando os antigos edifícios coloniais eram tombados para dar lugar a novos prédios modernos (SILVA FILHO, 1999, p. 231). Podemos concluir que, para o autor, o que se operava em sua querida Cidade da Parahyba era uma verdadeira afronta da modernidade à sagrada tradição. Tal desrespeito afetava o sentido de pertencimento de parte da população que desejava conservar seus símbolos de legitimidade intactos.

O apego aos valores tradicionais demonstrado no texto em questão pode ser explicado pela conjuntura social, política e econômica do início do século XX. A economia da Paraíba, como discutimos anteriormente, estava centrada na agricultura e na pecuária, sendo o algodão a principal fonte de riquezas para a região. As elites da terra, ascendendo economicamente graças ao cultivo da planta, detinham também o poder político, ocupando os cargos administrativos do Estado e garantindo para si grande prestígio social. Portanto, culturalmente, os valores ligados à elite agrária paraibana eram considerados “tradicionais”, entre eles a hereditariedade dos bens e das bases de poder, o domínio sobre a propriedade rural, o valor do líder patriarca, entre outros que legitimavam o poder dos grandes produtores rurais sobre a sociedade (SILVA FILHO, 1999, p. 238-240). Podemos concluir que estes valores eram tão importantes para a manutenção da ordem social em vigor que ameaçavam desaparecer com a modernização.

Em Cajazeiras, por exemplo, podemos perceber ambiguidade semelhante presente nas publicações da *Flor de Liz*. Para estabelecer a questão, podemos apresentar aqui dois artigos publicados que apresentam entre si posicionamentos ambíguos sobre os efeitos da modernidade e da modernização. O primeiro, de autoria de Maria Lustosa,

publicado em 1927 sob o título de *Enquete” feminina*, questionava as vantagens da educação e instrução femininas, e se posicionava favoravelmente a esta questão:

A instrução não é privilégio do sexo forte. Por meio dela vemos grandes conquistas, verdadeiros rasgos de felicidade, e em que a mulher cria em torno de si pelas suas faculdades e pelo seu trabalho, uma atmosfera calma e sadia. Por isto tem em qualquer parte um lugar que bem lhe cabe (**Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, abril de 1927).

O segundo artigo, escrito por Maria das Dores em janeiro de 1931, advogava contra o que a autora denominava de “modernismo”. De acordo com Maria das Dores,

o modernismo tratado, hoje, em todos os recantos do universo, está em verdadeira oposição com a moral cristã e com a nobre e sublime virtude angelical – a pureza – tão descuidada por aqueles que se dizem modernos e progressistas. Os livrinhos cristãos incluindo os dos grandes santos e doutores da Igreja Católica sempre enaltecem a pureza, dizendo que ela torna as almas humanas semelhantes aos anjos.[...] Infelizmente, a encantadora virtude angelical está passando por grande decadência nestes dias em que os homens na mór parte, cuidam no modernismo. Ela caminha em decadência, devido às más escolas do cinema e das modas imorais, que hoje escravizam o mundo inteiro e que reinam até nas famílias cristãs e nas jovens de reconhecida piedade (**Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, janeiro de 1931).

Diante dos dois textos percebemos vozes dissonantes em relação aos efeitos da modernização. De um lado temos uma autora que tece críticas à sociedade patriarcal ao reclamar participação ativa da mulher na vida pública e defender mais espaço feminino na educação e em outros meios. Do outro, a autora teme os efeitos da modernização, aponta os males que as suas modas e vícios provocavam na juventude cristã e de boa família. O próprio cinema é apontado como um dos veículos corruptores da sociedade, pois exibiam situações escandalosas à sua audiência, como beijos ou outros gestos íntimos.

Para finalmente apresentar uma proposição sobre a validade de atribuir a Cajazeiras o título de cidade moderna, podemos afirmar que esta cidade desenvolveu contato com a modernidade sendo moderna perante seus próprios moldes, distante dos padrões de desenvolvimento e crescimento presentes nos grandes centros urbanos nacionais e estrangeiros, mas que utilizou desses padrões como referência de civilidade e assumiu influências externas, modelos de comportamento e inovações que aos poucos se

estabeleceram no cotidiano dos cidadãos, provocando modificações sensíveis que já discutimos anteriormente, como maior oferta de mercadorias, maior velocidade nos transportes, maior circulação de informações e conhecimento, além de novas práticas culturais e de lazer.

Nesse sentido, Aranha (2005) defende que o contato com tais conquistas materiais, que correspondem a ícones de valor universal, já é o suficiente para afirmar que a cidade é moderna ou que se encontra em sintonia com o processo de modernização. O cinema se insere nesse contexto de desenvolvimento material, representando ao mesmo tempo o fascínio e o espanto causado pelas inovações que tomavam a sociedade local de assalto. Cajazeiras não possuía as mesmas características que permitiram a gestação do cinema, como aqueles elementos (cultura de massas, estímulos constantes, atrações realistas que reproduziam narrativas, consumismo) que estavam presentes na sociedade europeia e nos Estados Unidos, mas, através desse contato, o cinema se configurou como um novo elemento presente na cidade e que se mostrou capaz de estimular, além de entretenimento, relações de sociabilidade que permitiram vivenciar o espaço urbano de formas diferentes, não possíveis anteriormente.

1.4. O cinema como uma questão urbana: cidade da memória, cidade da sensibilidade

Ao falar das relações de sociabilidade possibilitadas pela frequência aos cinemas, devemos ter em mente o ambiente no qual estas relações estão inseridas, ou seja, no espaço urbano. Portanto, para possibilitar um olhar mais profundo ao nosso problema, é preciso direcionar esse olhar aos problemas referentes às cidades e ao conjunto de relações próprias ao meio urbano. De acordo com Pesavento (2007), há milhares de anos as cidades são elementos marcantes da vida humana, sendo palco de sociabilidades diversas, de poderes controladores e ordenadores. A cidade representa desde o princípio uma nova sensibilidade, constituindo um *ethos* urbano muito característico ao cidadão, que o representa de muitas formas, desde a arte pictórica, à arte narrativa e musical, e até mesmo na vivência cotidiana, através das práticas, resistências e códigos de civilidade.

Essas representações do urbano que os cidadãos realizam, reconstróem as cidades, criam outras cidades, as ampliam no campo subjetivo e na imaginação. Atribuímos sentidos, sentimentos e representações às cidades como forma de caracterizá-las. Essas representações criadas pela imaginação e pela percepção sensorial são tão reais

quanto a própria materialidade urbana, pois a realidade é aquilo que podemos captar por meio dos sentidos (PESAVENTO, 2007, p. 11).

De acordo com Maria Stella Bresciani (1991), a chamada questão urbana, ou seja, a problematização em torno das cidades, surge durante o século XIX, período no qual estes espaços, estimulados pela industrialização, cresciam de modo intenso e desordenado em termos de tamanho e população. Portanto, esta é a época onde se desenvolvem as ciências sociais, onde o saber médico-sanitarista se funde com a arquitetura, criando o urbanismo, cuja intenção é solucionar os problemas advindos de tal crescimento, entre eles a epidemias, a pobreza crescente, o movimento constante e cada vez mais desordenado, etc. Era preciso moldar, conter, controlar o espaço, fazendo assim da cidade um laboratório, um novo objeto conceitual de análise (BRESCIANI, 1991, p. 10-11).

Posteriormente, as possibilidades de análise do espaço urbano surgidas durante o século XIX não são mais suficientes para compreender completamente as novas questões relacionadas à vida urbana que surgem cotidianamente nas pesquisas. Uma das novas possibilidades é observar a cidade de acordo com a óptica da subjetividade, das relações de sociabilidade, das sensibilidades e da memória. Para estes estudos, dados técnicos como população e crescimento econômico deixam de ser questões centrais, o importante é compreender que as cidades não são feitas somente de concreto, pedras, madeira, cimento, vidro etc. Elas são compostas também por memórias, por significados atribuídos que muitas vezes divergem do sentido oficial, por trajetórias e por relações. O que se escreve, o que se pensa, o que é lembrado ou esquecido sobre a cidade é substancial para sua constituição (BRESCIANI, 1991, p. 13-15).

Desse modo, o urbano é território da sensibilidade, um fenômeno cultural por excelência. Nas cidades são formados grupos sociais que atribuem valores a tudo aquilo que diz respeito à vida urbana e humana. A cidade sensível é aquela construída coletivamente pela imaginação, pela atribuição de sentidos ao mundo em sua volta (PESAVENTO, 2007, p.14). É por meio desse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, se torna portador de significados e de memórias. O ambiente urbano é também unidade de tempo e espaço, pois todas as construções de sentido que o representam são históricas e datadas, sempre à mercê de novas mudanças (PESAVENTO, 2007, p.15).

No tecido das ruas e dos prédios, é possível ler os vestígios do passado, contido no presente por meio de marcas, como as ruínas dos edifícios de cinema que já não são

mais cinemas, ou dos bancos que perderam sua praça, onde as conversas embaladas pelas imagens dos filmes transcorriam. Desse modo, cada cidade forma um conjunto, um emaranhado de histórias e enredos criados sobre si mesma por meio das sensibilidades, da produção de sentido, o que implica considerar a presença, na verdade, de inúmeras cidades, guardadas quase em segredo entre ruas, paredes e memórias, presentes na cidade que vemos e percorremos. Todas estas histórias são datadas, tem um início e um fim, sendo substituídas por outras narrativas e por outras formas de contar (PESAVENTO, 2007, p. 16-17).

Essas imagens do passado muitas vezes não podem ser vistas, tendo sido a muito ocultadas pela tinta das mudanças constantes trazidas pela modernização, cobertas pela cidade nova que brota no seio da cidade velha, mas cujas imagens se acumulam em cadeia no pensamento, sendo vistas ou imaginadas a partir da bagagem cultural e da experiência de vida daqueles que presenciaram o passado. Portanto, por meio da memória e das representações, é possível criar, a partir da cidade visível, cidades sensíveis e imaginárias, que sempre são alvo de críticas em relação a sua confiabilidade. No entanto, em qualquer outro tipo de fonte, a imaginação e elaboração estão sujeitas a aparecer. Todo texto produzido sobre um objeto não corresponde à sua realidade total, mas a uma de suas representações (PESAVENTO, 2007, p.21).

De modo geral, cada expectador dos antigos filmes rodados nos cinemas de Cajazeiras, eram caminhantes urbanos a desenhar trajetórias no calçamento. Eram movidos pelo desejo de encontrar alguém, de ver e conversar com pessoas, de vivenciar a cidade de modo especial, a transformando num território de lazer, não apenas num território de trabalho. Sobre essas trajetórias urbanas, podemos caminhar ao lado de Michel de Certeau (1990, p. 171), que nos escreve sobre os “praticantes ordinários da cidade”, ou seja, os pedestres, os caminhantes que descrevem um texto urbano que não podem ler. Para deixar mais clara essa ideia, o autor compara o ato de caminhar ao de falar, pois quem caminha produz com seus passos um traçado semelhante ao de quem enuncia verbalmente uma sentença. Se existe uma ordem de organização espacial no ambiente urbano, sempre é possível burlar essa ordem desobedecendo as barreiras e limitações impostas, além de criar novos caminhos e possibilidades dentro do tecido urbano. Desse modo, quem caminha escreve um texto único e variado, compondo uma “retórica da caminhada” (CERTEAU, 1990, p. 178).

Diante dessa discussão, percebemos que até agora lançamos um olhar panorâmico sobre a cidade de Cajazeiras, acompanhando o crescimento de seus

algodoais, o sucesso de suas lavouras e das colheitas. Vimos superficialmente o movimento do comércio, dos transeuntes em meio às feiras, dos vendedores em contínua agitação, vociferando as novas mercadorias vindas de fora. Nosso olhar captou de longe a fumaça negra acompanhando a linha férrea, trazendo velocidade para a vida sertaneja no início do século. Acompanhamos um pouco mais de perto a abertura e o fechamento de cinemas na cidade, mas miramos tudo de cima. Nos falta, como indica Certeau (1990, p. 169-171), caminhar e tecer nossos próprios passos sobre o calçamento da cidade, a exemplo do *flâneur*. A cidade é composta por elementos que não se apresentam estáticos, como os trajetos e comportamentos dos seus habitantes, além das relações de sociabilidade e das memórias criadas tendo o urbano como palco. Uma vez que o espaço das relações de sociabilidade que pretendemos estudar corresponde à cidade de Cajazeiras, uma vez que o público frequentador de cinema necessitava se deslocar pela cidade em busca de seu lazer e divertimento, que após o fim da sessão o ambiente urbano se expandia em inúmeras outras atrações para o público e que essa dinâmica de deslocamento faz parte da própria dinâmica da cidade, faz-se necessário considerar a frequência aos cinemas uma problemática urbana e adentrar na cidade ao nível do chão, entre as trajetórias daqueles que fizeram do cinema parte de seu lazer. Nessa busca, devemos mergulhar na cidade invisível da memória e da subjetividade.

CAPÍTULO 2

A MEMÓRIA E SUA ARTE DE REFAZER O PASSADO

2.1. História e memória, uma relação destrutiva/constitutiva

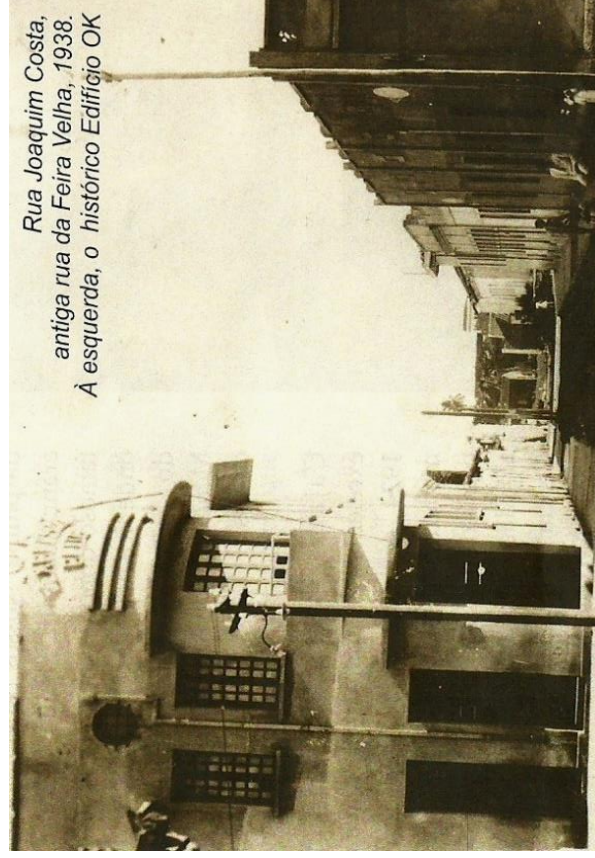
“[...] era tão bom quando a gente participava do... cinema, que descia lá pra praça João Pessoa, pra passear, se divertir com os amigos e depois ir a uma sessão de cinema, depois vir pra casa, e hoje não tem mais isso, né?”¹⁴

Os cinemas antes presentes em Cajazeiras foram metamorfoseados em vestígios, fazem agora parte do passado. Um passado, no entanto, capaz de ser rememorado, que fez parte da vivência de pessoas que podem hoje evocar esse passado por meio das linhas tortuosas da memória. As relações de sociabilidade estabelecidas em torno daquelas salas, das ruas adjacentes aos prédios onde as exhibições aconteciam, são muitas vezes recordadas com afeto, o que fica nítido no tom e nas expressões muitas vezes empregadas nas vozes que recordam. As marcas físicas dos cinemas na cidade ainda se encontram visíveis em seus antigos prédios, mesmo que dedicados a outras funções, completamente diversas da exibição cinematográfica (figuras 6, 7 e 8).¹⁵

¹⁴ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

¹⁵ Atualmente, o prédio que dava lugar ao *Cine Apolo XI* abriga pastorais relacionadas à Igreja Catedral Nossa Senhora da Piedade. O prédio onde se situava o *Cine Pax*, o outro cinema da diocese, foi reformado para dar espaço às pastorais diocesanas. Em seu espaço também funciona um salão para eventos da Igreja Católica. Já o prédio que deu lugar ao Cine Éden, atualmente abriga as instalações de um supermercado (CALISTO, 2014, p. 30 e 69).

Figura 6: Edifício OK



Edifício OK na década de sua fundação – 1938. **Fonte:** LIRA, Francisco Cleudimar F. de. Fotografia publicada em 19 de novembro de 2011. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2011/11/>. Acessado em 23/03/2021, as 13h.

Atual fachada do Edifício Ok, prédio que abrigava o Cine Éden (2021). **Fonte:** Acervo pessoal.

Figura 7: Edifício onde funcionou o Cine Pax



Edifício onde funcionou o Colégio Carmelita e foi adaptado para o funcionamento do Cine Pax. **Fonte:** FERREIRA, Cleudimar. Fotografia publicada em 03/12/2011. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2011/12/salas-alternativas-de-cinema-em.html>. Acessado em 23/03/2021, as 13h30.



Atual fachada do antigo Cine Pax (2021). **Fonte:** Acervo pessoal.

Figura 8: Edifício onde funcionou o Cine Apolo XI



Fachada do prédio onde funcionava o Cine Apolo XI e estúdios da rádio Alto Piranhas. **Fonte:** FERREIRA, Cleudimar. Fotografia publicada em 03/12/2011. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2011/12/salas-alternativas-de-cinema-em.html>. Acessado em 23/03/2021, as 13h30.

Atual fachada do edifício que abrigou o Cine Apolo XI (2021). **Fonte:** Acervo pessoal.

Percebemos através das imagens acima, que as paredes antes ilustradas com os cartazes coloridos que apresentavam os filmes ao olhar furtivo do público, se encontram hoje saturadas de anúncios diversos, papéis rasgados que caducam solitários longe da retina dos transeuntes; prédios que hoje são pontos de referência muito mais pelo que um dia foram, do que pelo papel que hoje exercem. Estes edifícios compõem parte de uma cidade invisível ao mero olhar, são apenas vestígios de um passado. Contudo, esses vestígios se encontram marcados de forma mais profunda nas memórias de cada uma daquelas pessoas que viveram a experiência de frequentar aqueles espaços.

Jacques Le Goff (2003, p. 419) afirma que “como propriedade de conservar certas informações”, a memória “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Mas por que recordamos? A capacidade humana de atualizar impressões e experiências passadas exerce que tipo de função na sociedade? Recordações podem ser fontes de prazer quando vêm à tona em uma reunião familiar ou entre amigos, ou até mesmo em um breve momento de repouso silencioso. Lembranças queridas nos despertam uma nostalgia alegre em relação ao passado, mas por outro lado, há memórias que representam momentos difíceis, partículas do passado que determinado grupo ou indivíduo talvez preferisse guardar no esquecimento. Para entender essas questões é preciso considerar que a memória possui sua própria história.

Para Le Goff (2003), é importante em relação ao estudo histórico da memória, diferenciar de modo especial as sociedades onde a memória é essencialmente oral, daquelas onde a memória é essencialmente escrita. É necessário considerar também o período de transição entre um tipo e outro de memória quando ocorre dentro de determinada sociedade. Mesmo onde e quando estes dois sistemas de registro da memória coexistiram, a escrita exercia funções específicas e não descartava a importância da transmissão oral do conhecimento. No medievo, existe um equilíbrio entre as duas formas e com o transcurso dos séculos, nossa cultura ocidental se torna eminentemente escrita e atualmente vemos a “memória em expansão”, devido ao desenvolvimento da informática e de sistemas eletrônicos de registro de informações (LE GOFF, 2003, p. 423).

O tipo de memória presente em sociedades que não desenvolveram a escrita é descrita pelo autor como memória étnica. O primeiro domínio onde se cristaliza esta memória, é na fundamentação histórica do grupo, na genealogia das famílias e etnias, questões que são explicadas a partir dos mitos de origem. Nestes casos, a memória coletiva se interessa mais pela memorização das atividades e trabalhos práticos, o que

permite a criação de rígidas funções sociais para os membros do grupo, baseadas no trabalho. Nos grupos onde a memória oral prevalece, é comum a presença de um *homem-memória*, responsável por preservar a tradição e os costumes comunitários, exercendo assim a importante função de estabelecer a coesão social do grupo. Sem o suporte da escrita, a memorização “palavra por palavra” é muito rara, pois esta prática não é vista como necessária, o que importa é manter o essencial da mensagem. Isso permite um alto grau de reelaboração das histórias e mitos da comunidade, dando à memória maior liberdade criativa (LE GOFF, 2003, p. 423-426).

A passagem da memória oral para a memória escrita está em grande parte relacionada ao desenvolvimento da vida urbana, que representou um novo modo de viver e organizar a sociedade. A transformação da memória permitiu importantes mudanças. Foi a partir disso que se desenvolveram processos de memorização palavra por palavra, tal qual estava posto no texto escrito. Mas ela também alterou o psiquismo humano, não sendo apenas uma nova habilidade técnica, mas uma nova aptidão intelectual. Apesar destes modelos gerais, é importante reconhecer que a passagem da cultura oral para a escrita não ocorreu da mesma forma em todas as sociedades (LE GOFF, 2003, p. 429-431).

A imprensa vai revolucionar, embora lentamente, a memória no ocidente. Com a multiplicação dos textos impressos surgiu uma quantidade muito maior de conteúdo a ser lido, portanto, a memória humana torna-se incapaz de apreender tudo. Antes desse fenômeno, escrita e oralidade não se anulavam, pois muitas vezes aquilo que era escrito também deveria ser memorizado. A imprensa provoca a exteriorização da memória individual (LE GOFF, 2003, p. 451-452). O século XX amplia ainda mais a produção de textos escritos, uma quantidade tão vasta de documentos, arquivos e memórias, que estimula o desenvolvimento da memória por fichamento, ou seja, a capacidade humana de organizar suas informações em arquivo se torna fundamental para a administração de todo o conhecimento disponível (LE GOFF, 2003, p. 461).

A memória possui sua própria historicidade e está sujeita a transformações localizadas no tempo e no espaço, portanto, se a memória tem uma história, o fazer e pensar histórico também se encontra intimamente relacionado à memória. O historiador francês Pierre Nora (1993) considera História e memória um par problemático, onde ambas se anulam, ou mais precisamente, a História mata a memória.

Nora (1993) justifica o “assassinato” da memória cometido pela História ao considerar que o apelo que as gerações atuais expressam em relação à memória, como

uma forma de preservá-la e mantê-la “viva”, ocorre justamente porque a própria memória já inexistente. O interesse em torno dos lugares de memória, espaços onde o passado se cristaliza e permanece, é particular nos tempos presentes, devido ao sentimento de esfacelamento da recordação. Como afirma Pierre Nora (1993), “existem lugares de memória porque não mais existem meios de memória”. O historiador aponta o fim das sociedades de memória, nas quais os valores, ideologias e conhecimentos do passado vão sendo transmitidos geração após geração. Nora mostra que a “aceleração da História”, colaborou para a substituição da verdadeira memória social, onde não há distinção clara entre passado e presente, pela sociedade histórica, onde o passado está morto e só restam seus vestígios. Essa distância entre memória e história se aprofundou com o desenvolvimento do processo de modernização e sua constante necessidade de mudança. Este processo representa a ruptura de um elo de identidade. Segundo Nora (1993, p. 7-8), “se habitássemos ainda nossa memória, não haveria a necessidade de lhe consagrar lugares”. Desse modo, cada gesto seria uma repetição do passado.

Memória e história são, de acordo com Nora (1993), conceitos opostos e rivais. Enquanto uma é viva e permanece cotidianamente presente, a outra é apenas a representação de um passado que se encontra morto. A criticidade da História acaba por repelir e questionar as certezas da memória espontânea. Em uma sociedade histórica há apenas locais onde depositar a memória, mas ela não é mais vivida. O abismo entre esses dois conceitos fica mais evidente durante o desenvolvimento da crítica historiográfica, ou o surgimento da *História da História*. Quando a História se ocupava com o surgimento do sentimento nacionalista, ainda possuía consonância com a memória, pois buscava uma identidade coletiva para a nação, ou seja, uma origem quase mítica. Tudo muda quando a História se torna crítica e os historiadores questionam as mitologias nacionais (NORA, 1993, p. 9-10).

Atualmente, tudo o que chamamos de memória é na verdade História. A memória, no mundo contemporâneo, está cada vez mais concentrada em arquivos, sendo documentada a partir de diversas mídias, desde a escrita até a gravação, e a reprodução desses conteúdos se torna mais fidedigna com o desenvolvimento da tecnologia. Portanto, quanto menos vívida, mais a memória necessitaria de suportes externos de registro. O desaparecimento rápido da memória estimula a realização de registros com mais afinco e em maior quantidade. Cabe ao arquivo, a função de lembrar (NORA, 1993, p. 14).

Para que ocorra a diferença entre passado e presente, é necessário que haja uma ruptura, uma separação entre estas duas entidades temporais, em que seja possível a

existência dos conceitos de antes e depois. A história coloca o passado como um outro mundo, do qual estamos desligados para sempre e cuja distância e afastamento é evidenciado. O sentimento de saudade e nostalgia em relação ao tempo passado só é permitida devido a descontinuidade com que o homem compreende o tempo (NORA, 1993, p. 19).

Mas apesar dessas considerações estabelecidas por Pierre Nora, há historiadores que propõem um diálogo mais construtivo entre história e memória, onde ambas as categorias se relacionam diretamente, exercendo entre si uma influência mútua. Michael Frish (2006) afirma que a memória coletiva passou a fazer parte dos estudos históricos por muitos meios e formas, das quais o autor distingue duas dimensões gerais. Em uma delas, a memória é invocada para subverter as afirmações e concepções da história tradicional; enquanto na outra, os estudos históricos ganharam impulso por sua capacidade de subverter as categorias, as suposições e as ideologias presentes nas memórias culturais aceitas e dominantes (FRISH, 2006, p. 75). No primeiro sentido, uma dimensão definitiva do estudo histórico acadêmico estava baseada na crítica à história convencional, por esta se fundamentar em noções restritas de como e por quem é escrita a história, assim como quem realiza a mudança histórica. Nesse sentido, a história oral ocupa uma posição importante no conjunto mais amplo dos estudos inovadores sobre história social e cultural que tiveram impacto revisionista sobre os conceitos históricos (FRISH, 2006, p. 75).

Frish (2006) considera que a história oral se provou crucial para o processo de superação de noções convencionais acerca do que vale como história. É nesse sentido que se pode falar da memória subvertendo a história. O autor aponta um certo desconforto causado pelos estudos acadêmicos modernos que se valem da memória, pois eles estão sob ataque feroz precisamente por ter feito tanta diferença no discurso público. Ao situarem a memória simultaneamente como fonte de alternativas e resistências ao poder estabelecido e como objeto de manipulação ideológica hegemônica por parte das estruturas do poder cultural e político, os historiadores fizeram muito mais do que simplesmente incorporar a memória à sua coleção de ferramentas, fontes, métodos e abordagens. A própria memória coletiva vem se convertendo cada vez mais em objeto de estudo. Ela tem sido entendida, em todas as suas formas e dimensões, como uma dimensão da história com uma história própria que pode ser estudada e explorada (FRISH, 2006, p. 76-77).

Mas essa exploração já está indo bem além dessa incorporação da memória à história. A tensão entre os conceitos de História e memória vem gerando novas abordagens à concepção tanto de uma quanto da outra. Sabe-se que a história formal se envolveu nos processos de construção da memória coletiva, ou seja, de uma versão oficial do passado aceita pelas comunidades históricas. Nesse sentido, Frish (2006) acredita na capacidade democratizante da história e da memória quando inseridas num diálogo construtivo (FRISH, 2006, p. 80-81).

2.2. Sociabilidades e disputas em torno da memória coletiva

Além de um processo psíquico e químico do cérebro, a memória consiste em um fenômeno pertencente à esfera social. Desse modo, a memória se tornou objeto de estudo das ciências humanas, que a consideram um comportamento narrativo responsável por transmitir conhecimentos para o outro, para quem não estava presente no momento do acontecido. Está aí a grande importância do *homem-memória* nas sociedades, a memória cumpre uma função social (LE GOFF, 2003, p. 419-421).

Uma das principais teorias que caracterizam a memória como um fenômeno social, consiste nos apontamentos realizados pelo sociólogo Maurice Halbwachs em relação à memória coletiva. Halbwachs era um pensador adepto à escola sociológica de Émile Durkheim, que se preocupa com os efeitos da vida social na psicologia dos indivíduos. De acordo com Ecléa Bosi (1987), Halbwachs considera que a memória do indivíduo depende da relação que este estabelece com os grupos sociais aos quais pertence, seja sua família, seja sua classe social, colegas de trabalho e outros grupos de convívio e referência para este indivíduo. De acordo com o sociólogo, lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar o passado a partir de condições e percepções do presente. Memória não é sonho, é trabalho. Portanto, a memória não consiste no passado tal como este aconteceu e que sobreviveu intacto no inconsciente. Nossas lembranças nunca são imagens fiéis ao passado, pois quando recordamos não somos os mesmos que vivemos a experiência, nossa percepção é outra, somos outros. Para a constituição da lembrança, é importante levar em conta os sistemas de representações, hábitos e relações sociais (BOSI, 1987, p. 16-17).

Em nossa pesquisa, pudemos perceber como esse passado recordado é distorcido, pintado com cores mais vivas, mais alegres, por aquelas pessoas que em seu cotidiano, vivendo em Cajazeiras, não podem mais contar com o prazer de uma visita

despretensiosa ao cinema. O que torna os cinemas ainda mais especiais para as pessoas que entrevistamos, é sua ausência, sua falta. Desse modo, aquelas sessões do passado ganham uma dimensão ainda mais profunda, mais emocional, pois o que antes era um prazer tão alegre e corriqueiro, torna-se uma impossibilidade, por isso aqueles momentos são zelados com cuidado, sempre reelaborados com todo o esmero e carinho pela memória. Enquanto mais distante as lembranças dos antigos cinemas estão do presente, mais a memória os reveste com uma áurea de preciosidade, sempre que a recordação é estimulada.

Este cuidado é perceptível, por exemplo, na recordação de José Antônio de Albuquerque, um de nossos colaboradores. Ele sente saudade da presença dos cinemas na cidade, de como esta atração especial fazia parte de sua juventude, fala da saudade presente. “Então essa é uma lembrança que eu tenho, muito forte na minha vida, como estudante, né? E lamentei profundamente que a cidade tenha perdido esses três cinemas, que é uma referência de Cajazeiras”.¹⁶ Josefa Lacerda da Silva, lamenta a solidão da praça João Pessoa, que durante sua juventude, era um espaço de lazer intensamente ocupado por outros jovens que saíam de dentro do Cine Éden direto para o entorno da praça, que hoje, em sua visão, se encontra quase esquecida:

você desce na praça João Pessoa, é duas, três pessoas sentadas assim naqueles banquinhos que tem, no mais tardar, dez, onze horas da noite não tem mais ninguém, foi todo mundo embora... e antigamente, não, era lotado e a gente descia a pé e voltava a pé, não tinha preguiça de andar a pé e não tinha moto, que hoje é todo mundo só de moto, era todo mundo a pé [sic].¹⁷

Reudesman Ferreira Lopes, numa tentativa de lutar contra o esquecimento, mantém em si a paixão por filmes, colecionando DVDs e revisitando sempre os seus filmes favoritos. “Essas super produções assim eu... tenho tudo... eu tenho tudo... marcaram época, né?... marcaram época... marcaram época e assim que eu posso, eu coloco lá... eu não deixo morrer isso, não... eu não deixo morrer isso aí não”.¹⁸ Estes relatos nos contam mais sobre o presente que sobre o passado, mas são com as lentes do

¹⁶ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

¹⁷ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

¹⁸ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

presente que o passado é mirado através do tempo. Nossos entrevistados, ao falar de cinema, falam de uma sequência de perdas, não somente do prazer de acompanhar uma sessão, mas daquilo que em suas memórias se relacionam a elas, ou seja, da juventude, dos passeios, paqueras, amizades e conversas que tornavam a experiência de ir ao cinema ainda mais especial. Portanto, tendem a valorizar aquilo que perderam e desse modo o passado é moldado por quem somos no momento em que o recordamos.

As recordações que tivemos acesso para essa pesquisa correspondem a uma parcela do acontecido, a uma interpretação do passado. Essa interpretação pode tornar-se mais rica, mais nítida, quando é estimulada por elementos exteriores, como uma fotografia, uma breve passagem diante de determinado espaço, um sabor, um aroma, uma conversa e outros inúmeros elementos. Isso demonstra que o indivíduo dificilmente recorda sozinho, sua rede de relações, seja com a própria família ou com amigos, permitem que muitas lembranças sejam compartilhadas, sejam vividas em conjunto. Para cada relato que ouvimos, teremos outros relatos, não ouvidos por nós, que corroboram, discordam, revisam detalhes e acrescentam camadas ao relato inicial. Desse modo, a trilha do pensamento expressa por Maurice Halbwachs conduz à elaboração da ideia de uma memória coletiva. De acordo com Henry Rousso (2006),

a memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, 'coletiva', como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade - um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 2006, p. 94-95).

Rousso (2006) argumenta que apesar de ser evidente o caráter coletivo na memória individual, isso não quer dizer que determinada coletividade compartilha, de fato, exatamente as mesmas memórias e representações do passado, sem alterações. Ela não é um quadro fixo, há tantas versões do passado quanto pessoas recordando no presente (ROUSSO, 2006, p. 95).

Para entender melhor a memória coletiva e o modo como o ser humano é capaz de recordar, vamos abordar alguns aspectos que demonstram o caráter social da memória. Para a autora Ecléa Bosi (1987), inspirada nas ideias de Halbwachs sobre a memória

coletiva, o indivíduo, quando criança, recebe do passado não apenas a memória escrita, mas também as memórias, histórias e acontecimentos que lhes são transmitidos através dos mais velhos e das pessoas que tomaram parte de sua socialização. A criança, dessa forma, estabelece contato com muitas informações por meio de pessoas diferentes. As “pessoas-memória” da família, como avós ou tios, são os principais informantes. Esta forma de socialização com os mais velhos é o que faz com que o passado seja familiar para a criança, não uma entidade estranha (BOSI, 1987, p. 31-32).

Nesse sentido, podemos remeter parte expressiva de nossas recordações às relações que estabelecemos com outras pessoas, pois muitos dos acontecimentos narrados por elas compõem nossa memória, mesmo que isso não seja perceptível. Sobre as remotas lembranças da infância, por vezes é possível recordar situações vividas, mas muito do que contamos sobre esse período da vida consiste no que nos contaram. Sem tal suporte social, as lembranças mais antigas podem ser confundidas com ilusão. Desse modo, é possível argumentar que memórias são construídas em conjunto, a partir de redes de sociabilidade (BOSI, 1987, p. 329-330).

Portanto, segundo esse pensamento, somos de nossas recordações uma testemunha. Numa ocasião de reencontro familiar, a memória se expande muito mais do que faria seguindo a evocação solitária. Parte considerável das nossas memórias e ideias não são originais, foram incorporadas a partir do convívio social. Com os devidos embates e reelaborações particulares, moldamos e assimilamos em nós o que é alheio. Este processo se mostra inconsciente e involuntário (BOSI, 1987, p. 331).

Determinar uma origem para nossas ideias é problemático, pois elas podem surgir da convergência entre várias linhas de pensamento coletivo. Alguns fatos acontecidos, podem repercutir individualmente de modo mais intenso em determinada pessoa de um grupo, do que no grupo inteiro, dando a impressão que só esta pessoa viveu ou participou do evento. Mas apesar da memória coletiva, é o indivíduo quem recorda. E em suas lembranças podem haver fragmentos que só para ele foram importantes e continuam a fazer sentido no presente. Desse modo é comum haver discrepâncias entre a narração de memórias de pessoas que viveram na mesma época e passaram por situações semelhantes (BOSI, 1987, p. 332-333).

Desse modo, o grupo é suporte da memória quando nos identificamos com os membros que fazem parte dele e tornamos nosso o seu passado. Quando o grupo não se mostra sólido, as lembranças tampouco assim permanecerão (BOSI, 1987, p. 345). É importante perceber que as relações sociais que desempenhamos e que são tão caras à

memória, estão sempre situadas em determinado espaço físico. Tal como o grupo, estes espaços dão suporte às nossas memórias. O espaço urbano, como mencionamos no capítulo anterior, é um ambiente onde múltiplas relações estão situadas, onde muitas trilhas e olhares se encontram, ou seja, a cidade é o ambiente da sociabilidade, de modo que muitas memórias repousam no tecido urbano, prestes a ser trabalhadas, refeitas, terem suas lacunas preenchidas pelo labor daqueles que cruzaram ruas, praças e cinemas (BOSI, 1987, p. 362).

2.3. História oral, o passado reconstruído através de palavras

Quando a história oral se apresentou como um novo método de pesquisa histórica, entre as décadas de 1960 e 1970, os historiadores considerados tradicionais, ou seja, aqueles que ainda viam nas fontes escritas e nas fontes materiais os instrumentos mais seguros para seu trabalho, teceram duras críticas à nova metodologia. Argumentaram que a memória não era confiável como fonte histórica, pois era distorcida pela deterioração física e deformada através da nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões do passado consagradas na memória coletiva. Por trás das críticas estava também o receio pela democratização do ofício do historiador, promovida pelos grupos de história oral e de uma possível preferência do historiador oral em favor de categorias como as mulheres, os trabalhadores e comunidades minoritárias (THOMSON, 2006, p.65-66).

Influenciados por essas críticas, os historiadores adeptos da história oral desenvolveram métodos para avaliar a confiabilidade dos depoimentos orais, apoiados por estudos sociológicos, antropológicos e psicológicos. De acordo com o historiador Alistar Thomson (2006)

alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. Esqueceram os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado (THOMSON, 2006, p. 67).

Desse modo, o autor chama atenção para o equívoco que os historiadores praticam ao tentar encontrar uma versão única e cristalizada do passado na memória das pessoas, quando a memória possui muitas camadas diferentes, e o passado uma pluralidade de versões, muitas vezes confrontantes. Portanto, as distorções da memória, podem ser um recurso a ser explorado, ao invés de um problema que impeça a aproximação entre memória e história (THOMSON, 2006, p. 67).

Um exemplo desse tratamento excludente em relação à história oral é testemunhado pelo historiador italiano Alessandro Porteli (1997), quando ele afirma que

La Repubblica, o jornal diário mais intelectual e internacionalmente orientado, precipitou-se a destituir ‘descrições populares e os pacotes artificiais da história oral em que as coisas parecem mover e falar por elas mesmas’, sem se deter em explicar que não são *coisas*, mas sim *o povo* (não obstante o povo sempre ter sido considerado como ‘coisa’) que a história oral espera que ‘se movimente e fale por si mesmo’ (PORTELI, 1997, p. 26).

Porteli chama atenção para o receio, ou mesmo o medo, que parte do setor acadêmico tinha das fontes escritas serem substituídas pelas palavras faladas, palavras vivas e por isso consideradas amorfas, rebeldes ao tratamento dos historiadores. No entanto, para Porteli (1997), fontes orais e escritas não são excludentes, cada uma possuiu sua especificidade, sendo úteis de acordo com os problemas propostos pela pesquisa. É importante entender que as fontes orais não são meramente um complemento ao escrito, servindo apenas como tapume para as lacunas deixadas pelas metodologias tradicionais (PORTELLI, 1997, p. 26).

Para melhor entender as especificidades da história oral, vamos adentrar ao pensamento de Etienne François (2006), quando esse autor observa que a história oral dentro da pesquisa histórica, é muitas vezes é apontada como uma outra história, diferente em seus objetos e práticas, que de certa forma rompem com a história acadêmica institucional. Para justificar essa visão, segundo François (2006), os críticos usam dois argumentos. A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos “silenciados” e aos “excluídos” da história. Depois, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas, prefere as visões subjetivas e os percursos individuais. Entretanto, nenhuma dessas razões, de acordo com o autor, resiste a um exame

aprofundado, pois longe de ser própria da história oral, a atenção dada aos novos objetos e a adoção de novas abordagens são observadas muito além do seu domínio (FRANÇOIS, 2006, p. 4-5).

Portanto, nem em seus objetos nem em suas abordagens a história oral merece a qualificação de “história diferente”. Muitos consideram, inclusive, que a razão do sucesso da história oral, é que esta soube adaptar para a história do tempo presente, as problemáticas criadas pela Nova história. Etienne François (2006) combate a visão que afirma ser a história oral apenas uma nova técnica de investigação, uma ciência auxiliar, que está para a história do tempo presente o que a arqueologia está para a história antiga, o que segundo o autor, consiste em uma definição modesta e desencantada. (FRANÇOIS, 2006, p. 6-7).

A pesquisa com história oral pode revelar elementos novos até mesmo sobre períodos intensamente estudados a partir de outras fontes, demonstrando que seu potencial documental vai além de um mero auxiliar, permitindo avanços qualitativos na pesquisa. Outra razão apontada pelo autor para justificar a afirmação de que a história oral não consiste apenas em uma técnica auxiliar, é que essa não só cria uma nova documentação (arquivos orais), mas também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da História. Essa relação é mais complexa do que aquela mantida entre o pesquisador e uma documentação inanimada. Essas fontes não se deixam manipular docilmente pelo historiador, pois a entrevista propicia interações em que esse profissional exerce um domínio muito parcial da situação (FRANÇOIS, 2006, p. 9).

Essa relação única entre historiador e fonte, que a história oral possibilita, por se revelar também uma relação muito direta entre duas pessoas, o entrevistador/historiador de um lado e o entrevistado/sujeito histórico do outro, demonstra ser uma questão onde a ética é solicitada. Para Janaína Amado, toda pesquisa em História requer ética. No entanto, a oralidade demanda uma responsabilidade ainda maior, pois os colaboradores estão vivos e a repercussão da pesquisa e do processo de entrevista acarreta em consequências diretas sobre suas vidas e na vida de seus familiares (AMADO, 1997, p.146).

O historiador que trabalha com o depoimento oral geralmente se sente no compromisso ético com seus colaboradores de retribuir algo em troca do seu tempo e boa vontade dedicados à pesquisa. O problema desse pensamento, segundo a autora, é que muitos historiadores acabam por simplificar esse compromisso ao devolver o resultado da pesquisa aos depoentes, acreditando que estes podem usar esse conhecimento em

auxílio de suas causas próprias. Janáina Amado (1997) defende que esse sentimento de troca é estabelecido entre as partes não somente ao final da pesquisa, mas desde seu início. Muitos grupos ou indivíduos concordam com as entrevistas pois querem ter suas vozes ouvidas, registradas, quer sejam conhecidas por outros grupos, outros indivíduos. A troca está na satisfação do depoente em contar e na expectativa da repercussão de sua fala (AMADO, 1997, p.150-152).

Isso quer dizer que o indivíduo ao conceder uma entrevista muitas vezes não o faz para simplesmente beneficiar o historiador, mas sim com algum interesse próprio, com algum objetivo que escapa muitas vezes à consciência do pesquisador. A autora sugere que a postura mantida por alguns pesquisadores em devolver algo para seus colaboradores, é na verdade paternalista e desrespeitosa para com eles, pois deixa implícito que estes não são capazes de articular projetos e manifestar interesses por conta própria (AMADO, 1997, p. 153-154).

Como afirma Alessandro Portelli (1997), os depoimentos produzidos na história oral são frutos de uma relação, de um projeto comum, mesmo que não harmonioso, entre entrevistador e entrevistado. O documento escrito, por exemplo, não é modificado estruturalmente pelo historiador, no entanto, o documento oral é diferente. Ele é dependente da relação direta que o pesquisador estabelece com sua testemunha. Desse modo, não pode haver entrevistador neutro, pois ele colabora e faz parte da construção do discurso ao formular questões, provocar interrupções e interpretar durante a conversa a própria fala do entrevistado. A fonte oral é um construto elaborado, fruto da relação entre duas ou mais pessoas, por isso um testemunho oral não pode se repetir. Fontes orais são inesgotáveis, nunca é possível exaurir a memória de uma pessoa, portanto sempre se apresentam como um trabalho inconcluso, em andamento. Portelli (1997) considera que o historiador deixa de ser um mero intermediário entre os sujeitos históricos e o leitor, tornando-se também protagonista da História contada, pois sua fonte histórica é construída por ele em conjunto com o colaborador (PORTELLI, 1997, p. 35-38).

De acordo com Portelli (1997), esse caráter subjetivo e pessoal presente na construção do depoimento oral é o que torna a história oral diferente, ou seja, é sua capacidade de revelar ao historiador mais sobre significados do que sobre eventos, que torna esse tipo de fonte um elemento rico para a produção histórica. Um dos elementos mais valiosos da história oral é o contato com a subjetividade do colaborador, ou seja, através da entrevista, o historiador toma contato com a realidade a partir da percepção e experiências dos sujeitos históricos. Desse modo, o mais importante na história oral não

estabelecer de modo factual como as coisas aconteceram exatamente, mas em analisar como os sujeitos vivenciaram suas experiências e o que elas significam para sua vida passada e presente. Nenhuma outra fonte, segundo Portelli (1997), é capaz de transparecer tanta subjetividade. A oralidade pode revelar a visão que uma comunidade, um grupo ou até mesmo um indivíduo possui sobre si mesmo. O fato ou acontecimento histórico, tal como foi percebido e sentido pelas pessoas, é tão importante quanto o que nos ficou visível através de outras fontes e de outras narrativas (PORTELLI, 1997, p. 31).

Esse tipo de fonte, para o autor, não pode ser percebida como uma aderência ao fato, mas como um distanciamento dele, baseado na imaginação e no simbolismo. O que o indivíduo conta, do modo como conta ou como omite seu passado, é que torna seu depoimento relevante para o historiador. É importante reconhecer também que a credibilidade não é monopólio das fontes escritas. Estas muitas vezes são apenas testemunhos orais colhidos e transcritos sem nenhuma confirmação de veracidade, que nem sempre correspondem fielmente ao discurso narrado (PORTELLI, 1997, p. 32).

Outros acusadores afirmam que a fonte oral representa um grande afastamento temporal do evento, estando vulnerável às brechas da memória. No entanto, muitas fontes escritas também são criadas muito tempo após o evento e por não participantes. A oralidade compensa a distância por meio de um olhar mais íntimo e pessoal do depoente. O mais importante para o historiador é perceber que a memória não consiste em um depósito passivo de informações e reconhecer sua força criadora de sentidos, com os quais os sujeitos que recordam buscam atribuir para suas vidas e moldar sua história (PORTELLI, 1997, p. 33).

Ao questionar, ao estabelecer o diálogo com os colaboradores desta pesquisa, mas principalmente ao ouvir o passado ser feito por meio do labor de suas mentes e vozes, construímos em conjunto uma série de relatos, os quais apresentaremos alguns trechos para recontar parte do que nossos colaboradores nos contaram, omitindo muito, mas também acrescentando outros elementos referentes à análise histórica, tarefa que fica resguardada somente ao pesquisador. Portanto, não veremos nas páginas a seguir salas de cinema lotadas, amigos comentando impressionados os filmes que acabaram de ver, ou casais apaixonados replicando os beijos que viram na fita ressurgir por trás da neblina do passado. Veremos, na verdade, tudo isso ser reelaborado e reconstruído através do trabalho, do tratado firmado entre História e memória.

CAPÍTULO 3

PARA MUITO ALÉM DA PELÍCULA: OS CINEMAS E SUAS REDES DE SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO

3.1. Da matinê do bispo para as sessões proibidas: a sociabilidade infanto-juvenil nos cinemas de Cajazeiras

A algazarra era comum naquelas manhãs de domingo. Após a missa matinal, era chegada a hora da diversão tão esperada pela garotada, e as salas do Cine Apolo XI, do Cine Éden, assim como de outros cinemas da cidade, eram tomadas de assalto pela turma barulhenta e ávida de cinema. Os gritos, risos, gargalhadas, apelidos e outras brincadeiras preenchiam o espaço, até serem interrompidas pela projeção que iniciava. Mas não vamos pensar que a atenção era mantida por muito tempo, pois logo em seguida a película ganhava vida para além da tela. As crianças participavam ativamente da projeção, tomavam partido nas histórias contadas, ansiavam pela derrocada do bandido, pela vitória do mocinho nos filmes que viam. Era como em uma partida de futebol, a gritaria fazia parte do espetáculo. Assim nos conta José Antônio de Albuquerque, um dos garotos presente nas agitadas manhãs de domingo nos cinemas de Cajazeiras:

Era casa cheia, principalmente as matinês lá do Cine Éden, do Cine... Cruzeiro e do Cine Éden... a gurizada ia mesmo, a meninada era uma gritaria infeliz, não tinha quem aguentasse. Era uns bate, bate nas cadeiras com a mão, o assovio comia no miolo no centro, né? Era um negócio bem... era a diversão e a vaia comia no miolo do centro quando acontecia qualquer coisa diferente [...] havia a torcida do bandido, a torcida do mocinho, né? Um bate papo, vai pegar, vai pegar!... batia palmas (bate palmas), era um negócio interessante, né? A gente vivenciava a própria... hoje não, você fica naquela expectativa, naquele murmúrio... Mas na nossa época aqui, não, a gurizada, né? tomava (imita o barulho das crianças) gritava no cinema, era... pro mocinho matar o bandido, pegar o bandido, essas coisas todas [sic].¹⁹

A descrição que lemos versa sobre as famosas sessões matinês ou matinais, sendo que as mais conhecidas e frequentadas eram aquelas promovidas pela diocese da cidade. Essas sessões especiais eram realizadas nas manhãs de domingo, geralmente gratuitas. Os bilhetes que permitiam o ingresso às matinês eram distribuídos às crianças

¹⁹ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

que frequentavam a missa dominical que antecedia a sessão ou até mesmo sorteados nas escolas. A prática de realizar a exibição de filmes especialmente para crianças não era um fenômeno restrito a Cajazeiras. O jornalista e escritor Wills Leal (2007) afirma que,

todos os cinemas de João Pessoa, como do mundo inteiro, tinham sessões pela manhã (e às vezes à tarde), destinadas à meninada. O bom desse espetáculo não ocorria só dentro da sala de exibição – a maior festa ocorria nas calçadas – e até mesmo na rua do cinema, onde havia um movimentadíssimo comércio de ‘produto’ ligado aos filmes, seus heróis e suas histórias fantásticas. Este comércio, rico em fotos históricas, tinha suas normas próprias, sua linguagem, ‘seu dinheiro’ (LEAL, 2007, p. 74).

Entre as décadas de 1950 e 1960, em Cajazeiras, quando José Antônio de Albuquerque frequentava as agitadas matinês, ele tomava parte de práticas semelhantes às descritas por Leal (2007). Um dos objetos de maior valor para as crianças que frequentavam as projeções e incorporavam o cinema em seu cotidiano de brincadeiras, eram os pedaços cortados de filme. Essas pequenas tiras de celuloide, que mantinham guardadas em si fragmentos de sonhos, mexiam com a imaginação de alguns garotos que se tornaram colecionadores entusiasmados dessas pequenas preciosidades. A atitude de colecionar o próprio filme projetado nas salas de cinema, permitia que aquele universo imaginário fosse transposto para as ruas, para dentro dos lares, e desse modo, grande parcela das brincadeiras e dos momentos lúdicos de lazer destas crianças, eram afetados diretamente pelas histórias e personagens saídos dos filmes. Tal prática estimulava até mesmo as relações interpessoais entre os colecionadores, que barganhavam, discutiam entre si e usavam da persuasão com o objetivo de trocar seus pedaços de filme em busca do melhor momento registrado na película. De acordo com Albuquerque,

aqui havia, você sabe que quebra muito o filme, quebrava muito, tinha uma máquina, tanto a de Eutrópio que era uma máquina mais velha, como a de... a de, é... Carlos Paulino, eles quebravam, então pra emendar de novo eles toravam aquelas fitazinhas de cinema...E isso aqui era uma coqueluche em Cajazeiras, muita... a garotada disputava, né? Aquelas tirinhas de cinema, pra ver qual era o artista, qual foi a cena... era muito interessante isso aqui em Cajazeiras, tinha um grupo aqui, eu pelo menos colecionei muitas tiras de... pedaços de filme. Era muito comum isso aqui em Cajazeiras, ter isso aqui. Inclusive o pessoal arranjava uns projetorezinhos, projetava na parede, pra brincar, pra se divertir. Eu participei muito, fiz parte desse grupo que colecionava tiras de cinema. Tinha uma que eram mais valorizadas, porque tinha pego um pedaço de um artista famoso, né? De um filme interessante, de um

filme famoso. Aí guardava isso, depois trocava, né? Vinha uma fitazinha com dez, quinze, né? Sequencias, né? [sic].²⁰

As sessões matinais e até mesmo as brincadeiras ligadas ao ato de frequentar o cinema, como exemplificado pelo relato anterior, possibilitaram uma ampla interação social entre os envolvidos em tais divertimentos. Para além da agitação dentro das salas de cinema, das negociações diante dos instantes congelados de filme presentes nas fitas, o cinema e seu conjunto de fábulas acompanhavam seus frequentadores infantes para muito além da sala de projeção. De acordo, novamente, com as recordações de José Antônio de Albuquerque,

Isso era muito comum naquela época, né? Principalmente os filmes de faroeste americano, né? De brincar no grupo...no grupo escolar onde a gente estudava, do bandido e do mocinho, aquelas coisas, eu sempre... aquelas fitas cinematográficas nos levavam a essa imaginação, né? A essas brincadeiras, a esses outros tipos de divertimentos, então o cinema, assim, era uma espécie de extensão daquilo que a gente, na infância fazia por aqui, pelas peraltices das ruas de Cajazeiras [sic].²¹

Portando, por meio dessas reminiscências, percebemos que o prazer de frequentar uma sessão de cinema não se esgotava quando o letreiro escrito “Fim” aparecia na tela, muito menos ficava restrito à experiência de assistir ao filme. Muito ao contrário disso, vemos que a frequência estimulava um conjunto de interações sociais que tinham lugar antes e durante a exibição da película, e após o fim da sessão o conteúdo visto seguia influenciando parte das interações mantidas em outros contextos, em outros momentos de lazer. Muito do prazer relacionado à frequência estava relacionado às diversas oportunidades de interação social que esta prática possibilitava. Essas interações, que possuem sua razão de ser apenas pelo próprio prazer de se relacionar, de conversar, rir e compartilhar em conjunto determinada experiência, são o tipo de relação que Georg Simmel (2006) descreveu como relações de sociabilidade. Essa sociabilidade não apenas estava presente nas salas de cinema de Cajazeiras, mas consistia em um dos elementos mais importantes da experiência cinematográfica.

Para que a interação motivada pelo cinema fosse possível, não era sequer necessário que todos os que interagiam tivessem visto ao filme. Reudesman Lopes

²⁰ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

²¹ *Idem*.

Ferreira nos relata que durante sua infância era comum sua atuação como narrador dos filmes que assistia para os seus amigos que não tiveram a mesma oportunidade:

A gente conversava sobre o filme, o que você achou e tal e tal... então, é... a gente fazia, assim, um comentário do filme... eu gostava muito de comentar o filme... e de contar os filmes... também... às vezes a gente sentava, tinha muitas pessoas... na minha época, que não tinha condições de ir pro cinema... e aí o que é que a gente fazia... a gente sentava lá na Praça do Espinho²² e... e eu era o contador dessas histórias, eu ia contar o filme e tal... era legal que só [...] e eu gostava muito de contar... eu gostava muito de narrar o filme, eu gostava muito de contar o filme... e a gente ficava lá a noite, rapaz, era... todo mundo sentado, eu sentado no banco e o pessoal sentado em meu redor, no chão, na calçada lá da Praça do Espinho e eu contando filme e tal, e todo mundo assim vidrado, ninguém batia nem... a pestana [sic].²³

O que não é perceptível por meio dessas palavras transcritas, é o tom de fascinação e até de orgulho que transparece da voz de Reudesman Ferreira, como se ele próprio, ao contar sua experiência, a estivesse reconstruindo através do tempo por meio de suas palavras. Apesar disso, é fácil imaginar a empolgação com qual o garoto que ele um dia foi, narrava as cenas e acontecimentos memoráveis dos filmes que assistia, cenas que muitas vezes desafiavam até mesmo o vigor de sua imaginação juvenil. Também não precisamos de muito esforço para vislumbrar através de nossa própria imaginação o grupo boquiaberto de outros garotos que se reuniam em torno do contador de histórias, transformando a palavra falada em imagens através do labor da fantasia. Em reuniões assim podemos perceber o quanto a experiência cinematográfica derivava diversas outras experiências de sociabilidade, as quais não seriam possíveis, ou não seriam do modo como foram, não fosse a presença do cinema na cidade.

O cinema, em alguns casos, estava inserido em um processo de descobrimento do ambiente urbano, consistia em um elemento importante para cristalizar amizades que surgiam entre as pedras da cidade, entre os muros da escola. Josefa Lacerda da Silva, que na década de 1980 era uma adolescente vinda do sítio, recém chegada na cidade, atraída

²² Praça localizada no centro da cidade, em frente à Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho. Foi construída em 1953, durante a gestão do prefeito Otacílio Jurema (1951-1955). Ficou popularmente conhecida como “praça do espinho” por causa da vegetação que ornamentava esta praça. Foram escolhidas pela prefeitura cactáceas bem adaptadas ao clima local, entre elas o xique-xique, a palma e o mandacaru. Cf.: LIRA, Francisco Cleudimar F. de. **Antiga Praça do Espinho**. Disponível em: <http://cajazeirasdeamor.blogspot.com/2010/06/antiga-praca-do-espinho.html>. Acessado em: 12/02/2021, as 09h06min.

²³ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

por melhores condições de estudo que esta oferecia, logo descobre o quanto as relações travadas com outras adolescentes de sua idade, mas que haviam crescido em Cajazeiras, seria fundamental para que as ruas antes desconhecidas, labirínticas, se transformassem aos poucos em um ambiente conhecido, familiar. As idas ao cinema, fizeram parte dessa descoberta:

Eu morava no sítio, né? Aí eu vim estudar aqui em Cajazeiras, aí na época eu vim morar com a minha madrinha... que era prima do meu pai, era lá nas Capoeiras²⁴, mas como, quando eu cheguei em Cajazeiras, que eu era beradeira²⁵, que nem diz o ditado mesmo, né? Eu tinha medo de sair de casa, ficava só nas calçadas, aí depois eu fui conhecendo umas amigas... aí de lá, a gente descia pra praça à noite, aí... com essas amizades, eu descobri o cinema, aí, dia de domingo eu ia pra missa mais as meninas... lá na Catedral, porque era, o padre de lá, ele dava umas senhas, uns bilhetinhos...Pra os jovens que participava da missa, pra depois... eu não sei exatamente a idade, não, mas eu tinha... eu acho que era uns quinze à dezesseis anos quando eu vim morar na rua [...] foi bom, porque eu nunca tinha conhecido o cinema, nunca tinha ido no cinema e... só não sei qual era o filme, mas não, faz tempo já, faz mais de trinta anos, a cabeça não decorou essas coisas, não, mas foi bom, foi uma descoberta pra mim [sic].²⁶

No ambiente escolar, o cinema não se fazia ausente. Era comum a recomendação por parte dos professores de determinados filmes que estavam sendo exibidos na cidade, desde que possuíssem um caráter reconhecidamente instrutivo ou de boa moral. Segundo José Antônio de Albuquerque,

Muitas vezes os professores também indicavam, os professores falavam, é... tava passando um filme interessante, né? A vida de Cristo, né? Sobre Roma, né? Então isso despertava, despertava interesse [sic].²⁷

O cinema em Cajazeiras era visto como uma ferramenta pedagógica de educação moral e espiritual, por essa razão as matinês eram valorizadas e promovidas pela diocese

²⁴ Um dos bairros periféricos da cidade de Cajazeiras.

²⁵ Termo que designa o morador rústico das vilas sertanejas. Foi usado pela entrevistada, nesse contexto, para indicar sua origem camponesa e seu sentimento de acanhamento diante da cidade e seus costumes, por ela desconhecidos. Cf.: **Beradeiro**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/beradeiro/#:~:text=Significado%20de%20Beradeiro.as%20turmas%20em%20seu%20avan%C3%A7amento>. Acessado em: 12/02/2021, as 09h33min.

²⁶ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

²⁷ José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

local. De acordo com Leal (2007), a partir do fim da Segunda Guerra (1939-1945), o cinema mundial, principalmente o europeu, começava a abordar temáticas mais fortes, como por exemplo a sexualidade, que era então abordada pelos cineastas com maior liberdade. Diante disso, a Igreja paraibana assume o compromisso de proteger a moral dos católicos. Os bispos deste estado promoveram, então, a criação de clubes e cinemas em que tivessem responsabilidade direta sobre o conteúdo exibido (LEAL, 2007, p.123).

Desse modo, a Igreja paraibana manteve no decorrer de sua história uma relação complexa com o cinema, passando pelo repúdio característico ao início das primeiras exibições no estado, até transformar sua postura crítica em uma ferramenta de educação e evangelização. Wills Leal (2007) afirma que,

a partir de 1954, a Igreja paraibana, de forma coesa e com a maior divulgação, tentou influenciar a ida dos espectadores ao cinema. Num documento intitulado ‘Qual é o meu filme da semana’, que teve divulgação nos rádios e jornais e foi lido nas missas, diz ‘Com este título, a Juventude Católica, divulgará, todos os domingos, a cotação moral dos filmes da semana, de acordo com a censura oficial do Serviço de Cinema da Ação Católica – Orientação para as famílias cristãs da Capital (LEAL, 2007, p. 123).

Apesar do documento “*qual é o meu filme da semana*” fazer referência direta a capital do estado, a postura reguladora da Igreja Católica sobre a exibição de filmes estava fortemente presente em Cajazeiras, por intermédio do bispo Dom Zacarias Rolim. Podemos atestar o papel importante que a Igreja católica desempenhou para a exibição cinematográfica na cidade, assim como seu caráter moralizador, através dos seguintes depoimentos:

Educativo! É, educativo, tinha que ser educativo, não tinha como não ser, né? Já os outros que não eram educativos tinha a diversão, a brincadeira, a gozação, não é isso, né? Ele ia jamais passar pra nós um filme dos trapalhões, ele não passava nem, de forma alguma, né? No Cine Éden você tinha filmes como os Trapalhões, da Xuxa, passava tudo (riso) [sic].²⁸

Dos dois cinemas da diocese, Dom Zacarias era ele, era o próprio bispo que fazia a seleção, né? Do que deveria ser rodado aqui, e ele não trazia muito filme de violência, né? Não trazia filmes que demonstrassem muito, né? Muito sexo... enquanto no cinema de Carlos Paulino e no de

²⁸ Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

Eutrópio tinha até uma sessão de adultos...É, de dez horas da noite pra onze horas da noite, pros marmanjos, só era permitida a entrada de homens, né? Pra assistir esses filmes, essas, esses filmes eróticos. Dom Zacarias incentivava a garotada a gostar de cinema. Tinha uma missa das dez na catedral de nossa senhora da piedade... aí depois da... depois da missa ele distribuía ingressos com a gurizada pra assistir a uma matinal que tinha no Cine Apolo XI [...] Sempre religiosos... sempre ele trazia pra aqui, contando a vida de um santo. Na semana santa ele trazia um filme que tratasse da paixão de Cristo [sic].²⁹

Era depois da missa, é... que a gente, era pra incentivar ir pra igreja, né? Aí quem participasse da missa do domingo, se quisesse ir pra o cinema, o padre dava o bilhete pra você ir pra o cinema... Eu acho que era mais pra incentivar os jovens a participar... Pra incentivar a missa, a igreja era lotada, o cinema ficava lotado, também, só de jovem, só da molecada dessa minha idade, na época. Era depois da missa, nove horas da manhã. No domingo... era no domingo, no final de semana [sic].³⁰

Como eram ambos da diocese, é... o Cine Apolo XI e o Pax, eles... na semana santa tinha uma sessão, tinha uma... uma programação alusiva a... aos filmes cristãos e tal, e eu adorava esses filmes, porque são filmes épicos... sempre que eu sou apaixonado por filme épico, eu sou um dos apaixonados [sic].³¹

A ligação entre Igreja e cinema se manifestava até mesmo na imaginação da audiência mais jovem, pois as narrativas bíblicas tão familiares eram lhes apresentadas sob uma nova perspectiva por meio dos grandes épicos bíblicos exibidos nos Cine Pax e Apolo XI. Desse modo a audiência poderia ver materializada em proporções colossais aquilo que liam e ouviam sobre a vida de Cristo e dos santos. Reudesman Ferreira recorda que esse era um dos aspetos que mais o interessavam ao assistir a um filme:

A gente tem a história da Bíblia, a contada pelos padres... nas missas, nas homilias... mas você vendo aquilo ali... você começa a... caracterizar... a fazer uma comparação entre o que a Igreja fala e o que acontece no cinema... no filme, eu era muito disso... eu era muito de pegar a história que me contaram... que me contavam, para a história que eu via lá no cinema, eu era muito disso... tá certo?... então... é... isso... trazia pra nós um marco, assim, de... é... de conhecimento

²⁹ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da Rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

³⁰ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

³¹ Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

espetacular, fantástico, porque você fazia uma... um confronto... um confronto entre o que foi falado e o que você viu [sic].³²

O ambiente escolar consistia em um espaço onde os filmes acabavam sendo divulgados, onde a expectativa e a curiosidade sobre certas produções eram compartilhadas. Afinal, quando determinado filme causava impacto na audiência, quando era visto por muitas pessoas, era natural que fosse comentado durante os encontros sociais da juventude, e a escola, local onde naturalmente muitos jovens estavam reunidos, era o ambiente perfeito para essas conversações de cinema. José Antônio de Albuquerque recorda que,

quando chegava alguma novidade e geralmente o cinema era o seguinte, vinha uma fita e passava três, quatro dias seguidos aquela mesma fita... aquele mesmo filme, então era isso que atraía... a própria escola, no ambiente da escola, havia aquele filme [...] Então isso, ia, a propaganda de boca à boca do filme, ia fazendo com que as outras pessoas que não tinham ido ao cinema, também se envolvesse com isso, né? Então era essa a atração, foi isso que...me motivou, que me fez com o que eu fosse sempre levado a gostar de cinema [sic].³³

Era na escola que alguns filmes acabavam vestidos com uma aura de encantamento diferente, o mesmo encantamento que cultivamos por aquilo que é proibido. Muito se falava sobre filmes censurados para menores de idade, filmes que na linguagem de alguns professores e dos pais da garotada, eram tidos como “imorais”. Nada daquilo que pudesse ser tido sobre tais filmes teria maior poder de atizar a curiosidade, o fascínio e o latente desejo de estar presente no cinema quando a sessão proibida tivesse seu início, do que essas palavras: “proibido”, “censurado”, “imoral”.

Quando questionado sobre o que despertava nos garotos o interesse por esse tipo de filme, Reudesman Ferreira responde que

noventa por cento era da curiosidade por ser proibido... a gente queria ver o que tinha no filme, o que é que produzia que a gente não podia ver... então a gente sempre se perguntava, o que é que tem, não... naquele tempo se usava muito, é... o filme é imoral... pronto... é imoral, isso daqui é imoral... quer dizer, ele vai contra a moral das pessoas, né?... aí a gente até uma vez eu falei... o que é que tem, se o filme é

³² Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

³³ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Autônomo. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

imoral por que é que faz?... não, mas faz pra outras pessoas [...] às vezes eu perguntava até aos meus professores... olha... o filme tá proibido até os dezoito anos e aí? O que que tem esse filme?... não, tem algumas cenas, algumas coisas que não... que não é pra você ver... eles falavam assim, é... sempre falava isso, olha... tem algumas coisas que... não é pra... as crianças, os jovens, adolescentes verem, então vocês vão ver isso no futuro... bem, vamos ver... então isso é que levava a gente a perguntar e às vezes a querer entrar no filme, querer ir assistir o filme [sic].³⁴

Naturalmente, o projeto pedagógico e moralizador defendido e arquitetado pela diocese não era seguido por outros exibidores presentes na cidade. Se a pureza e a castidade repousavam imperturbáveis nas telas do Cine Pax e do Cine Apolo XI, as exhibições no Cine Éden e na lona improvisada do “Seu Otrope”, consistiam em um ambiente de maior diversidade e liberdade.

No entanto, a frequência a esse tipo de filme era completamente restrita ao público maior de idade. Claro que o Cine Éden e o Cine Cruzeiro exibiam uma programação diversa, não ficando restrita a pornochanchadas ou demais filmes censurados para menores, por isso, também eram muito frequentados por crianças e adolescentes. Tudo mudava quando o cinema se revestia de sua aura proibida, quando até mesmo sua proximidade era limitada aos jovens. Aguinaldo Rolim conta que

o Cine Cruzeiro, que funcionou nessa rua e logo nessa casa aqui, daqui a cem metros³⁵, era o Seu, a gente chamava Eutrópio, Eutrópio Sobreira, mas o nome dele é Otrope... Ô Seu Otrope, tem um filmezinho aí?... a gente pelejava pra entrar no cinema, mas como ele era meu vizinho e minha mãe, não vá, que tem filmes aí que não é pra você assistir não... são filmes de sexo, filmes que não dava pra assistir, né? [sic].³⁶

A partir desse relato, percebemos o quanto a programação adulta dos cinemas de Cajazeiras representava um verdadeiro tabu para os adolescentes. Aguinaldo morava próximo ao cinema do Seu Otrope, o que para ele representava a proximidade constante com uma zona restrita. José Antônio de Albuquerque conta que

³⁴ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

³⁵ A entrevista foi realizada na casa do entrevistado, situada na Rua Dr. Coelho. Mesma rua em que, outrora, Otrope Sobreira Cartaxo manteve ativa a sua casa de exibição cinematográfica, o Cine Cruzeiro. Cf.: MOREIRA, Mariana. Seu Otrope: um herói ameaçado pelo tempo. **A União**, João Pessoa, 08 de dezembro de 1984.

³⁶ Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

tinha muita vontade de assistir uns filmes que eram pra maiores de dezoito anos, mas eu nunca conseguia, que eram feitos depois das dez horas da noite no Cine Cruzeiro... era onde eu morava próximo dali, mas nunca consegui [sic].³⁷

Apesar de toda a restrição, ou talvez justamente por causa dela, esses filmes eram objeto de desejo por parte de adolescentes do gênero masculino, como se suas imagens guardassem algum segredo precioso. Nesta fase da vida, onde as mudanças são ao mesmo tempo constantes e atordoantes, o jovem sente constantemente o desejo de se afirmar, de demonstrar sua masculinidade em ebulição, e para esses garotos, os cinemas consistiam em um espaço onde eles poderiam tomar contato com a materialização, por meio de imagens, daquilo que eles desejavam em seu íntimo, mas que não sabiam direito do que se tratava (SOUSA, 2001, p. 207). De acordo com Albuquerque,

a galera participava mesmo, a gente só via o comentário e o burburinho no outro dia, que tinha cenas de sexo explícito, naquela época era... uma verdadeira... dava um verdadeiro burburinho na cidade, né? [...] passava esses filmes, mas era pra dezoito anos, terminantemente proibido, até a polícia ficava na porta para proibir... tinha uns furões, mas era muito difícil, muito difícil.

Pelos comentários, pelo burburinho que causava, rolava aquela curiosidade?

Sim! Aí é que havia mais curiosidade, porque o camarada ia contar como era, ei, conta aí pra gente, os colegas que já tinham dezoito anos, que assistiam o filme, né? [sic].³⁸

Não podemos deixar de mencionar o grande empecilho, a barreira intransponível que resguardava o segredo dos filmes. Em três palavras, podemos a denominar de fiscais de menores. A censura aos filmes de temática adulta não era somente uma questão moral, as películas não eram apenas vetadas pela recomendação da Igreja, havia uma proibição legal. Os fiscais de menores, como eram chamados, controlavam a entrada do público para assistir aos filmes censurados e não podiam permitir a entrada daqueles abaixo dos dezoito anos de idade.

³⁷ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

³⁸ *Idem.*

Esses homens eram de fato terrivelmente rígidos, o terror dos aventureiros que tentavam burlar as regras. Sua severidade e afínco na profissão ainda são recordados com vivacidade:

O filme, quando o filme era proibido até dezoito anos... então, por exemplo, a gente tinha dez... doze anos, a gente nem ia lá na porta porque sabia que não entrava. Era muito forte essa questão dos... é... daquelas pessoas que faziam a fiscalização dos menores, os fiscais de menores como a gente chamava na época... me lembro de um, Seu Zezé, Seu Zezé era forte nisso [sic].³⁹

É interessante perceber o quanto aquela figura carrasca, personificação da frustração infantil diante de um prazer desconhecido, ficou fortemente marcada na memória de Reudesman Ferreira. Quando questionado se nunca conseguiu, mesmo que por um momento, romper essa barreira viva que era o Seu Zezé, ele responde:

Não, nunca... não entrava de jeito nenhum... nós não entrávamos, eu tô dizendo pra você... e você pode fazer isso pras pessoas... (fazer esta pergunta) é... eu tenho quase absoluta certeza, eu tenho quase certeza... que não passava ninguém, não... não passava ninguém, não... passava ninguém, principalmente Zezé tando na porta... Zezé na portaria... não entrava ninguém lá pra... pra ver, é... pra assistir filme, não... com ele, não [sic].⁴⁰

Apesar da vigilância contínua e autoritária, seria improvável que nenhum adolescente, em nenhum momento, tivesse conseguido burlar as regras. Havia aqueles infratores que finalmente conseguiam adentrar na sala de projeção. Na mente deles a ansiedade, o medo e o nervosismo de serem pegos, dividiam espaço com a excitação de estar prestes a consumir seu desejo. No entanto, estar lá dentro não era garantia de que o filme seria visto, pois o temido fiscal não restringia sua vigilância apenas à portaria, sua ronda acontecia dentro da sala de cinema e seu olhar atento passeava entre todas as cadeiras. Quando descoberto, o jovem não escapava de ser retirado da sala, muitas vezes sob a humilhação das vaias, gritos e apupos daqueles que permaneciam e que assistiriam ao filme:

³⁹ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁴⁰ *Idem*.

Outra coisa, a gente queria assistir um filme que era proibido... para nossa faixa de idade, não é?... e aí quem entrasse... Zezé ia buscar lá dentro... chegava lá e tirava, bora... você não pode assistir o filme não... eu vi essa cena várias vezes, depois que eu completei minha maioridade, aí eu vi várias vezes... indo lá e pegando o pessoal e tal e tal... e às vezes uma vaia, um negócio assim [sic].⁴¹

Eram poucos os menores que conseguiam permanecer até o fim da projeção, mas tivemos a sorte de ouvir o relato de um desses jovens corajosos. Francisco Didier Guedes conta como, aos 17 anos, não pode aguardar por mais tempo a chegada da maioridade e assistiu a uma das películas censuradas, não sem vivenciar uma verdadeira sensação de pavor:

Aí tinha um guarda, o nome dele era batata, o porteiro, lá... bem antigo [...] eu com um medo danado, só entrava quem tinha dezoito anos... A primeira vez, acho que foi com dezessete e pouco... Foi pouco antes de eu completar os dezoito. Ficava olhando assim, se... aí pedia e ficava olhando a carteira, a carteira de estudante, aí se não tivesse dezoito anos ele botava pra fora... Ele era danado, né? De botar pra fora [sic].⁴²

Questiono se ele chegou a ser expulso da sessão: “Não, só com medo, na primeira vez [...] ficava com um medo danado, ficava com o coração...” [sic]⁴³

Se a experiência masculina em relação a esses filmes era marcada pelo fascínio diante do proibido e pela determinação em burlar essa proibição, a frequência a projeções desse tipo eram menos cogitadas por adolescentes do sexo feminino. Aldemir Barbosa recorda sobre uma das poucas ocasiões em que teve a oportunidade de adentrar em uma sala de cinema, quando havia atingido a maioridade há pouco tempo, mas ainda se sentia uma garota tímida. Ela recorda o dia em que acompanhou seus primos, vindos de São Paulo e ansiosos por algum divertimento em Cajazeiras, a uma sessão de cinema onde uma fita erótica estava sendo exibida:

Eu fui com eles, porque eles não moravam aqui, sabe? Aqui em Cajazeiras, eles moravam em São Paulo, aí eles vieram, né? Aí eles vieram e eles frequentavam a casa do meu pai... Aí foi, falaram com meus pais pra, pra... eu ir com eles, né? Aí... não, mas pro cinema não dá certo, não... não sei o que... não, não, tio, não tem problema não, a

⁴¹ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁴² Narrativa de Francisco Didier Guedes de Albuquerque. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2020, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁴³ *Idem*.

gente vem deixar ela em casa, não vai acontecer nada... aí deixaram nós ir... mas aí é aquela coisa, como eu te falei, né? Que... eu ainda com dezoito anos era inocente de muita coisa, aí ali quando eu tava assistindo, o filme, eu me senti envergonhada. Assim, por tá ali com aqueles... por mais que fosse família, mas eu me senti envergonhada... ficava com vergonha de ver aquele filme ali que tava passando, não é? Ah, aí ficava, quando passava uma cena, né? Aí gritava no cinema, né? (ela se refere aos gritos e manifestações do público presente na sala) Fazia aquela gritaria no cinema, sabe? Era assim [sic].⁴⁴

Apesar de afirmar haver gostado do filme, é possível notar o sentimento de constrangimento vivenciado dentro da sala de cinema. Para uma moça, em suas próprias palavras, “inocente de muita coisa”, presenciar cenas de sexo ao lado de parentes do gênero masculino e em meio a um público também majoritariamente masculino, que reagia com entusiasmo ao filme, era de fato uma experiência que poderia provocar desconforto.

Percebemos que, em grande medida, a aura de fascínio que envolvia os filmes “censurados”, deixou de existir a partir do momento em que não eram mais proibidos, ou seja, quando o indivíduo atinge a maioridade e não havia qualquer obstáculo que o impedisse de ter acesso a qualquer sessão. Reudesman Ferreira conta sobre sua experiência nesse sentido:

Aí a gente já tava com a mente formada... já tinha uma concepção das coisas... não nos abalava... por exemplo, eu assisti vários, mas... é... às vezes não tinha nada demais no filme, mas linguajar... às vezes até mesmo uma própria cena, que não tinha muitas cenas assim que... no meu entender pudesse propiciar pra que um filme daquele fosse proibido [sic].⁴⁵

Desse modo, mais amadurecidos e sem aquele fervor imaginativo do início da adolescência, alguns espectadores notaram que na verdade “não havia nada demais” nos filmes que anteriormente desejavam tanto assistir. Parte do sabor do filme havia sido perdido. O sabor que o desconhecido despeja sobre aquilo que não podemos tocar.

3.2. A sociabilidade em meio à penumbra da sala e o labor do público para a construção da experiência cinematográfica

⁴⁴ Narrativa de Aldemir Oliveira Barbosa. Dona de casa. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁴⁵ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

Em 1958, aos quinze anos de idade, após uma semana cheia de trabalho servindo como copeira em uma unidade hospitalar, Lídia de Santana, na companhia de uma amiga com quem trabalhava, decide desfrutar da folga no final de semana acomodada em uma das cadeiras do Cine Éden. Esse divertimento, para ela, não era particularmente especial, “era... era como se fosse um circo (ri) era uma coisa assim... aí a gente não tinha muito interesse, assim, queria ver os personagens lá, quando saía dali tanto fazia”⁴⁶. Afinal, durante sua juventude, mesmo que não fosse uma paixão, o cinema era uma das poucas formas de lazer que Cajazeiras poderia oferecer a uma moça de sua idade: “a gente não tinha pra onde ir, não, o divertimento era o cinema mesmo. Era o lazer que a gente tinha na semana, um dia na semana”⁴⁷. Certamente, o cinema também era o divertimento mais popular, pois poderia ser frequentado por pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais, desde que o dinheiro do ingresso não fizesse falta na mesa ou no vestuário.

Antes da sessão começar, Lídia de Santana, sua amiga e o namorado que acompanhava esta última, aguardavam o início do filme do lado de fora do cinema, enquanto o olhar passeava pela rua, interessado no movimento vivo, e as palavras passeavam entre os mais variados assuntos. A conversa da praça, a conversa travada na rua, antes de uma sessão de cinema, é diversa da conversa rotineira, trocada de modo displicente entre os rápidos minutos de ócio no trabalho. É mais livre, alegre, embalada pelo frescor da noite, pelo movimento das pessoas e, após a sessão, também pela novidade das imagens vistas na tela, apesar de efêmeras.

O espetáculo começaria em breve, o público já se encontrava acomodado, e a sessão agora poderia transcorrer livremente. O filme, seja comédia, romance, ou aventura, era exibido para um grupo de pessoas ávidas por imagens e sons em movimento. Muitas vezes, não era de grande importância saber de que se tratava a película que seria exibida, “não tinha essa exigência de dizer, ah, o filme é bom... ia porque ia mesmo, tava disponível o tempo... podia ser qualquer um”⁴⁸. O importante era estar presente na sala de cinema e tentar se pôr o mais confortável possível, para que a experiência fosse agradável:

⁴⁶ Narrativa de Lídia Pedro de Santana. Aposentada. Entrevista realizada em novembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁴⁷ *Idem.*

⁴⁸ *Idem.*

O espaço lá não era tão grande, não... Era assim... a gente entrava aqui... Entrava aqui, aí tinha aquele monte de cadeiras, né? Pra gente sentar... e eu sempre ficava mais próximo à porta, né? Porque naquele tempo era difícil ventilador, né? Aí ficava mais quente [sic].⁴⁹

Mas a sessão nem sempre era tranquila, os cinemas da cidade frequentemente surpreendiam o público com uma série de defeitos técnicos que dificultavam ou até mesmo impediam a apreciação dos filmes. Lídia de Santana conheceu bem esse aspecto problemático dos cinemas em Cajazeiras. Ela conta que em todas as poucas vezes em que esteve presente no Cine Éden, a força do gerador de energia era interrompida no meio da projeção. Apesar disso, ela recorda esses momentos com bom humor.

Aí minha amiga disse, vamos pra o cinema, amiga, hoje, comigo... ela namorava com um rapaz que controlava a energia do cinema [...] era energia de um motor que tinha lá na Praça João Pessoa, pertinho do Cine... então a gente, eu ia com ela... quando era, assim, de vez em quando a luz apagava, acendia, e ficava com aquele filme embaçado... Sem querer sair direito (ri) e a gente ficava ali, às vezes, muitas vezes apagava e a gente ficava no escuro... aí de repente eles ia lá e controlavam e a gente começava de novo a assistir... aí quando eram dez horas, pronto, a gente tava liberado pra ir embora porque não tinha energia, a energia apagava de dez horas. [...] Aí aconteceu com as três vezes que eu fui, acontecia desse jeito... tava tudo bem, a gente entrava no Cine Éden, aí quando começava a assistir a luz apagava (ri) a luz era tão fraca que não aguentava muito tempo (ri) [sic].⁵⁰

Diante desse relato, é possível imaginar a frustração presente no semblante daqueles que se arrumaram, pagaram ingressos para assistir ao filme, convidaram amigos, familiares e parceiros para acompanhar a sessão, mas ao final de tudo, voltaram para casa sem saber o final da história, apenas imaginando vagamente o destino dos personagens que lhes foram apresentados. Mas além disso, através das palavras e até mesmo do riso presente na fala de nossa entrevistada, percebemos que aquela lembrança é recordada com ares de nostalgia, com sentimento de saudade e certamente com descontração. Ouvindo ou lendo seu relato, entendemos que apesar da fita não ter sido vista por inteiro, nem por isso a experiência deixou de ser marcante.

Ir ao cinema, como foi relatado por Santana, nem sempre significava estar completamente interessado em determinado filme. Das vezes em que frequentou o Cine

⁴⁹ Narrativa de Lídia Pedro de Santana. Aposentada. Entrevista realizada em novembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁵⁰ *Idem*.

Éden, ela conta que estava acompanhada por sua amiga e pelo namorado desta, um técnico habilitado a lidar com o sistema que fornecia a eletricidade necessária para a cidade e para o cinema. Já percebemos que para Lídia, o filme que rodava no projetor não era importante por si mesmo. Compreendemos que em seu caso, o principal interesse em frequentar cinema estava justamente em poder desfrutar da companhia daquelas pessoas, suas conhecidas, em um ambiente diverso do trabalho, em um espaço associado ao lazer, onde a sociabilidade pudesse se desenvolver de modo mais livre.

É importante destacar que nem todas as pessoas que estiveram presentes lotando as salas dos cinemas em Cajazeiras, eram pessoas especialmente apaixonadas ou interessadas por filmes. É comum ouvir a opinião, seja entre entusiastas ou entre frequentadores ocasionais, de que os cinemas eram a única diversão disponível na época, em Cajazeiras.

Ah, o cinema pra mim, é... eu me emociono, inclusive, em falar, quando eu falo no cinema, porque... nós não tínhamos lazer... na cidade, assim, de... grandes festas e tal... então nós não podíamos ir [sic].⁵¹

O pessoal gostava muito de filme romântico. Lotava, tinha, no domingo mesmo havia três sessões, né? Uma matinal que, uma matinê, uma matinal que era pra galera nova, a gurizada, e à noite duas sessões no domingo, ambas eram lotadas, o povo não tinha outra diversão, não tinha televisão. Era a diversão que tinha, o cinema, era a única [sic].⁵²

Sabemos que os cinemas, apesar da popularidade, não eram, efetivamente, as únicas formas de diversão presentes em Cajazeiras, uma cidade com bares, lanchonetes, sorveterias, praças, igrejas e clubes. No entanto, o cinema fica marcado de forma mais perene na memória das pessoas que ouvimos, porque está mais diretamente relacionado às suas experiências pessoais, aos seus gostos, além disso, eram conhecidos e tidos como uma referência de lazer até mesmo para quem não os frequentava. Os cinemas consistiam em um espaço democrático, pois oferecia diversão, ao mesmo tempo, para uma criança, um adolescente que não poderia estar presente em festas e bares, assim como ao adulto, que poderia optar por um lazer mais leve. Eram espaços que cativavam o público masculino e feminino. Portanto, se o cinema não era a única diversão da cidade, era aquela

⁵¹ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁵² Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

que possuía maior capacidade de agradar a todos os públicos, e que estava disponível quase todos os dias da semana, constituindo uma presença constante no cotidiano e na memória.

A tela, mesmo que em alguns momentos não fosse a atração principal, não deixava de despertar fascínio. Ao adentrar na sala onde o filme estava sendo projetado, a atenção se voltava de modo automático para aquele retângulo luminoso, por isso, para algumas pessoas, a narrativa dos filmes parecia pouco importar. Olhar, e apenas olhar aquela tela e as imagens que nela desfilavam, era o objeto do desejo de muitos. Esse namoro entre o olhar e a tela de cinema foi vivido por Aguinaldo Rolim em sua infância. Mesmo sem gozar de condições financeiras para apreciar o filme por inteiro, ele conta das escapadas, dos golpes de sorte que o permitiram experienciar a tela, momentos que duravam apenas um breve instante, mas que permaneceram presentes na memória ao longo de toda sua vida.

Ah, é bom, porque você entra, você vê aquela tela grande, é diferente, uma tela grande sempre me apaixonou... é porque a gente já entrava, quando a gente entrava, muitas vezes (riso) o filme já tinha começado, né? Então não dava nem pra observar, mas é um vapt vupt, era vapt vupt, entrava e olhava, mas pelo menos a satisfação de tá ali [sic].⁵³

A experiência de assistir um filme não se esgotava no ato de assisti-lo, havia a presença da expectativa como um componente fundamental da experiência. Antes mesmo do expectador se deslocar em direção a um cinema de sua escolha, da compra dos bilhetes que permitiriam sua entrada, antes de se acomodar em uma das cadeiras, no lugar onde ele acreditava que estaria melhor acomodado, onde talvez as imagens chegassem mais nítidas, mais próximas, ou até mesmo em um local discreto dentro da sala, onde pudesse gozar de uma companhia romântica, antes disso tudo, a experiência do cinema já está agindo sobre o expectador em potencial por meio da expectativa de assistir ao filme e de estar presente na sala, expectativa que era muitas vezes inflamada por um cartaz dividido pelo olhar na rua ou por um trailer visto na sessão anterior, como afirma Aguinaldo Rolim:

quando a gente ia a um filme, geralmente passava o trailer do filme seguinte, do filme que ia passar na próxima semana, aí fazia aquele

⁵³ Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

alarde, era a propaganda, eita, era comentário da semana, vai passar tal filme... aí havia sempre os comentários, né? [sic].⁵⁴

Para aqueles que fizeram do cinema uma presença constante em seu cotidiano, as lembranças relacionadas aos filmes, as pessoas que frequentaram ou trabalharam nos cinemas, as situações vivenciadas, todo um conjunto de elementos relacionados as suas constantes idas aos cinemas compõem uma memória afetiva que os acalenta sempre que são estimulados a recordar. Percebemos essa afetividade transparecer através das palavras de Reudesman Ferreira.

Algumas pessoas que marcaram a época do cinema, é... o mudinho que ficava lá na bilheteria recebendo os ingressos... é... não me recordo quem vendia os ingressos, né? Não me recordo... mas tinha é... Carlos Paulino, Manoel Paulo, né?... essas pessoas que a gente tem... na memória, é... quando a gente lembra do Cine Éden, né? [...] então, é muito marcante pra mim [sic].⁵⁵

Ao adentrar em uma sala de cinema em Cajazeiras, o expectador sabia que estava se voluntariando, e talvez esse seja um dos grandes atrativos que o movia, em um ambiente imprevisível, onde poderia acontecer de tudo. Além do apagar súbito das luzes, o que conforme nos contou Lídia de Santana, muitas vezes implicava na interrupção definitiva do filme, era comum a quebra da fita, um dos acontecimentos mais frustrantes e que provocavam maior irritação no público.

Acontecia demais... quando o filme era mais novo, não acontecia nada, quando o equipamento era velho, aí era que quebrava mesmo, aí a vaia comia no centro... (riso). Ah era uma zorra total [sic].⁵⁶

Porque cortava muito... o que mais cortava era o Cine Pax... O Pax era...Era direto, no começo, logo. Aí acendia a luz, o pessoal atirava sandália...Sandália, sei lá como era...Era que era direto, o Cine Pax era meio bagunçado [sic].⁵⁷

⁵⁴ Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁵⁵ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁵⁶ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁵⁷ Narrativa de Francisco Didier Guedes de Albuquerque. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2020, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

Nesses momentos, quando a fita se rompia e a projeção era interrompida em pleno desenrolar da história, o público se manifestava de forma vívida, em protesto. “Quebrava... quebrava... aí à luz acendia... quando quebrava era logo uma vaia... aqueles assoviozinhos e tal e tal... e era uma vaia, aí a luz acendia... aí voltava e todo mundo batia palma... era um negócio interessante”⁵⁸.

Podemos afirmar que o público de cinema em Cajazeiras mantinha uma relação especial com o filme exibido, não permanecendo passivo desde o início da projeção até o fim desta, mas que participava e colaborava para a construção da experiência cinematográfica através de vaias, de gritos e manifestações das mais diversas, que indicavam desde indignação diante do rompimento da película, até a reprovação ou aprovação do conteúdo exibido (TURNER, 1993, p. 99 - 100). Reudesman Ferreira conta que,

Quando o filme, às vezes... não prestava, as pessoas não gostavam, as pessoas quando levantavam... terminou o filme... quando dizia, fim, ainda tava escuro, as pessoas levantavam e batiam as cadeiras... é... a parte da cadeira... batia na costa da cadeira... é... porque o cinema tinha, a cadeira era móvel, você abria e fechava... e aí o pessoal pegava e batia, aí todo mundo batia, era uma bateadeira danada lá dentro do cinema quando não gostava do filme e às vezes quando gostava todo mundo aplaudia no final e tal e tal... é um detalhe importante.

E o senhor lá dentro, tomava parte disso... gritava... enfim, como era?

Ah, gritava, gritava... gritei, muito gritei muito, é... quando o filme era bom eu aplaudia demais, mas nunca fui de bagunçar, eu sempre achei que... eu... sempre fui muito quietinho nesse quesito de bagunçar, agora... pra aplaudir eu aplaudi demais, aplaudi muitos filmes [sic].⁵⁹

Os cinemas da cidade eram como um teatro onde essas performances elaboradas pelo público ganhavam corpo. O público se comportava como se fossem atores, diretores e roteiristas, não se conformando com a passividade com a qual a arquitetura do cinema os deixava numa zona escura, enquanto eram invadidos pela luz e pelo som que emanavam de uma das paredes da sala. Exigiam fazer parte do espetáculo, fazer o espetáculo. Inclusive, esse público mantinha interações entre si que muitas vezes

⁵⁸ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁵⁹ *Idem*.

denotavam uma hostilidade amistosa, animosidades que na verdade eram apenas brincadeiras, como nos conta José Antônio de Albuquerque:

Aqui e acolá ainda comia uma vaia no centro... senta, rapaz, chega atrasado aí, prejudica, senta logo aí bicho do mato (imita os gritos e vaias) [...] A garotada fumava, era proibido fumar porque prejudicava a sessão, a fumaça...É, era aquela confusão (ri), então essas coisinhas assim me trás recordações [sic].⁶⁰

Dos teatros de luz e som da cidade, o mais célebre era o Cine Éden. Afirmamos isso não apenas por este cinema ter sido o mais bem sucedido financeiramente, de modo que foi capaz de resistir e existir por mais tempo que os demais (CALISTO, 2014, p. 13). Mas também por ter sido o cinema que ficou de modo mais persistente nas lembranças daqueles que frequentavam cinemas, ou ao menos, daqueles cuja voz ouvimos. Reudesman Ferreira conta que,

naquela época nós temos aqui é... o Cine Éden aqui na Praça João Pessoa, é... marca muito essa história do Cine Éden, por quê?... porque era o cinema mais central...e acho até que foi o primeiro cinema de Cajazeiras se a memória não me falha do ponto de vista de... de organização, de estrutura, o cinema era muito bonito... muito grande assim pra Cajazeiras [...] eu gostava muito do... Cine Éden porque foi lá que eu comecei a ver o que era um filme, a entender o que era um filme... a entender a função do cinema pra nós, pessoas, pra nós, comunidade... então pra mim o Éden é inesquecível... é inesquecível o Éden [sic].⁶¹

De acordo com a opinião de Aguinaldo Rolim, uma das razões para o sucesso do Cine Éden era que este estava livre do olhar vigilante do bispo, que selecionava com cuidado o material a ser exibido nos Cine Pax e Apolo XI. O Cine Éden, desse modo, era um cinema com maior diversidade, onde os gestores estavam preocupados não com a formação moral e espiritual da audiência, mas acima de tudo, com os lucros de bilheteria que poderiam ser gerados com a exibição de filmes de grande apelo popular. De acordo com Aguinaldo,

⁶⁰ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁶¹ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

O Cine Édén era o que chamava atenção no período antes de acabar, que passava bons filmes e sequencias muito boas...embora os outros também, o Apolo tinha boa qualidade, mas o Cine Apolo passava pela... censura do bispo, o bispo só pegava os filmes que ele queria, tanto no Apolo como no Pax, já no Cine Édén, não, Eduardo Jorge dava uma nova visão, né? Não tinha preocupação de ética ou coisa parecida. Eduardo Jorge tinha uma visão nova, era mais jovem, tinha uma visão diferente, ele queria saber o que tava fazendo sucesso, né? E aquela preocupação em ser um filme especial [sic].⁶²

Desse modo, o Cine Édén ficou marcado na memória de parte da população da cidade por seus grandes lançamentos, era o cinema onde os filmes mais esperados chegavam primeiro, onde a fila da bilheteria se estendia ao longo da rua, como afirma Francisco Didier Guedes:

Todo lançamento começava no Cine Édén, no Cine Pax, lá era filme... Paixão de Cristo, era...O Cine Édén... filme dos trapalhões, às vezes, vinha até aqui perto da lotérica da praça João pessoa, a fila... pra assistir Os Trapalhões, que era gente demais... lançamento dos Trapalhões, todo filme dos Trapalhões [sic].⁶³

Ao ler esses relatos, percebemos diferenças marcantes entre a frequência do público em relação aos principais cinemas da cidade. Enquanto Cine Apolo XI e Cine Pax, cinemas criados pela diocese local, possuíam uma proposta educacional explícita, o Cine Édén almejava o lucro, e com este propósito, seus administradores escolhiam e negociavam os filmes com maior potencial de bilheteria para ser exibidos no cinema. Além do conteúdo exibido, estes cinemas apresentavam, geralmente, públicos diversos. Não que um indivíduo se limitasse voluntariamente a frequentar apenas um cinema, furtando sua presença dos demais, era comum circular livremente, ao sabor das novidades em cartaz em cada uma das salas de exibição. Mas o que podemos concluir é que o público mais frequente a ocupar as cadeiras dos cinemas do bispo, era o público infanto-juvenil.

Os cinemas administrados pela diocese ofereciam ingressos para as crianças e adolescentes que assistiam à missa realizada na Catedral de Nossa Senhora da Piedade. Após a benção final, os jovens seguiam direto rumo ao Apolo XI, cinema que estava localizado por trás da catedral, onde a matinê seria exibida logo mais. Era nesses cinemas

⁶² Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁶³ Narrativa de Francisco Didier Guedes Albuquerque. Autônomo. Entrevista realizada em janeiro de 2020, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

onde os pais confiavam em deixar suas crianças frequentar livremente. José Antônio de Albuquerque conta que, “Dois cinemas que tinha aqui eram da diocese e quem escolhia os filmes era o próprio Dom Zacarias Rolim de Moura, não é? [...] e não havia essa preocupação com a censura, com filmes pornográficos”⁶⁴. Para os pais e mães das crianças apaixonadas por cinema, era como se eles as deixassem sob os cuidados atenciosos do próprio Dom Zacarias, o bispo do cinema.

O Cine Éden se caracterizava, ao contrário, pela frequência de um público constituído principalmente por jovens e adultos. Esse público estava em busca de um entretenimento mais condizente com sua idade, que atendessem aos seus interesses. Ali a censura não desaparecia por completo, ela se fazia presente na portaria, na seleção do público, ao barrar a entrada de menores, mas não da seleção do conteúdo da fita, que era exibida sem restrições para aqueles que pagavam e tinha a idade compatível com as cenas apresentadas. Dessa forma, o Cine Éden cultivava um público mais maduro e diversificado.

Estamos apresentando o cinema como um dos mais importantes meios de entretenimento e lazer da cidade, se não o principal, segundo algumas das opiniões que lemos. No entanto, o cinema não era uma unanimidade. É errado acreditar que praticamente cada habitante da cidade era fascinado por filmes, ou que frequentava cinemas constantemente. Para algumas pessoas, este poderia ser apenas mais uma diversão qualquer, sem nada de muito especial, como era o caso de Lídia de Santana. Para outros, no entanto, o cinema consistia em um desejo quase irrealizável.

Aguinaldo Rolim relata que, apesar da curiosidade infantil perante a tela de cinema, este privilégio estava aquém das condições econômicas de sua família, restando se contentar com aqueles breves instantes em que conseguia adentrar na sala. De acordo com ele, o cinema em Cajazeiras, apesar de desejado, não era uma diversão para todos os que se interessavam:

Veja o seguinte, é... meus pais não tinha uma condição boa pra gente pegar aquele dinheirinho, né? E começar, mas, mesmo assim, de vez em quando a gente assistia, principalmente alguns filmes no Cine Éden... no Cine Éden... mas foram poucos, muito poucos, por questões financeiras, o meu pai tinha onze filhos... Como é que eu ia, arrumar um dinheirinho pra ir... aí eu chegava, dava uma olhada ali, se aparecesse um colega, um negócio e tivesse um dinheirinho aí entrava pra assistir

⁶⁴ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

o filme, tinha que ser na metade do filme, porque o começo já tinha ido, não sabia nem o nome do filme, eu queria saber se eu estava lá assistindo, não, era? [...] o que eu quero dizer a você é que eram pessoas que tinham poder aquisitivo...eram pessoas que tinha emprego, quando não tinha emprego era um jovem que o pai tinha ótima condição, podia dar o dinheiro pra ir ao cinema, não era fácil, não [sic].⁶⁵

Os cinemas eram frequentados de acordo com as condições econômicas do público. Para aqueles que tinham nos filmes a sua principal fonte de diversão, nem sempre era possível assistir a todas as sessões que gostaria. Outros relatos que ouvimos, descrevem condições financeiras um pouco melhores, que permitiam maior liberdade nas idas ao cinema:

Eu não sei, mas eu acho que não era caro pra época, não. Não, eu acho que não era, não. Não tô lembrada do preço, não. Mas era um preço acessível, porque eu ia e ainda levava as minhas amigas, né? E parece que tinha carteira, carteira de estudante, tinha carteira de estudante na época... Aí... eu acho que era razoável o preço [sic].⁶⁶

Não, era acessível. O Cine Pax era mais barato do que... Do que o Éden e do que o Cine Apolo XI. O Cine Apollo XI e o Cine Éden, os dois tinham um preço mais ou menos equivalente, mas sempre... quem era estudante tinha uma meiazinha ali, tinha uma boquinha e só pagava a metade. Sempre aconteceu isso aqui em Cajazeiras [sic].⁶⁷

Notamos a partir dos relatos apresentados anteriormente, o que em um primeiro momento pode se assemelhar a uma contradição. Afinal, o ingresso para os cinemas na cidade, eram caros ou baratos? Não podemos esquecer, que esses relatos pertencem a pessoas com idades diferentes e que por isso, frequentaram ou deixaram de frequentar os cinemas em épocas distintas. José Antônio Albuquerque, por exemplo, constantemente faz referência às suas vivências nas décadas de 1950 e 1960. Josefa Lacerda, de acordo com sua idade (nascida em 1967), frequentou os cinemas durante os anos de 1980. Ambos foram assíduos nas sessões, porém, já trabalhavam na época. José Antônio de Albuquerque afirma que “vendia rapadura na feira de Cajazeiras pra ganhar dinheiro e ir

⁶⁵Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁶⁶ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁶⁷ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

pra o cinema”⁶⁸. Josefa Lacerda da Silva, além de pagar o próprio ingresso, conta que ainda sobrava dinheiro para convidar e pagar o bilhete de suas amigas. Aguinaldo, cuja infância se desenvolveu nos anos da década de 1960, demonstrou não ter condições de fazer o mesmo, sua família era numerosa, havia demandas mais urgentes que cinema. Não sabemos informar exatamente o preço dos ingressos, pois a memória dos nossos colaboradores não se ateve a esse detalhe, mas, de acordo com o relato de cada um, percebemos que cada família possuía condições econômicas diferentes, número de filhos e familiares para sustentar em quantidade maior ou menor. Havia também outras questões que poderiam variar conforme a época, como inflação, crises econômicas, alta ou baixa nos preços dos alimentos, roupas e utensílios domésticos básicos, que poderiam definir se o lazer da sala de cinema valia à pena economicamente. Esses fatores contribuem para que pessoas distintas julguem de forma distinta a acessibilidade ao cinema.

Aliadas às questões econômicas, havia barreiras comportamentais que se impunham entre o cinema e o público. Aldemir Barbosa conta que sua experiência com os cinemas em sua infância foi marcada pela não frequência. Em seu caso, menina moradora da zona rural, os canais formados pelas ruas do tecido urbano não eram rotas familiares, mas sim, um território vetado, proibido para uma menina da sua idade trafegar sozinha. Nesse caso, ela tinha que se contentar a esperar, enquanto suas irmãs mais velhas desfrutavam de uma liberdade bem maior para explorar a cidade.

A minha infância foi assim... meus pais eram agricultores, né? Minha infância foi assim, era praticamente como agricultora, trabalhando na roça... estudava, trabalhava pela manhã, estudava pela manhã (se corrigindo) ... e a tarde era na roça, né? [...] na minha época, criança num... podia sair assim, às vezes, assim, saía, às vezes saía pra um parque... sabe? Mas era com... na companhia da minha irmã mais velha... e tinha uma prima minha que morava próximo a gente, elas saíam, porque já eram moças e... os pais davam o direito delas sair, né? Mas a gente não tinha e também quando saía não queria tá com... crianças do lado delas, porque iam atrás de namorar, essas coisas, e aí tinha que ficar em casa. [sic].⁶⁹

Além das barreiras que segregavam o cinema daquelas pessoas que poderiam vir a fazer parte de seu público, havia o simples desinteresse, a indiferença em relação aos

⁶⁸ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁶⁹ Narrativa de Aldemir Oliveira Barbosa. Dona de casa. Entrevista realizada em março de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

filmes, a noção pragmática de que eram apenas filmes, atores e maquiagem, ou seja, nada de extraordinário. Como exemplo desse desinteresse temos Aguinaldo Rolim, que se durante sua primeira infância sentia fascínio perante uma tela luminosa, durante sua juventude já não ligava mais para aquela torrente de ilusões, de fantasias, romances e sentimentalismo flagrante. Preferia a objetividade jornalística de um documentário, um conteúdo que não despertava o gosto do grande público e conseqüentemente, nem o interesse dos donos de cinema.

Eu comecei... eu me interessei mais na aérea de cinema, em cinema, eu sempre gostei mais de documentários, eu sempre documentava tudo⁷⁰, aí não tive paixão, não, um filme de amor... E o vento levou, Casablanca, é... Os Girassóis da Rússia⁷¹, eu sempre gostei mais de documentário, documentário era mais difícil, eu comecei a assistir a partir dos anos setenta, dos anos setenta é que vieram, aí começaram as locações, não nos cinemas, mas assisti através de locadoras [sic].⁷²

Diferente dele, a maior parte do público encontrava grande prazer em deixar se iludir por todas aquelas tramas, que talvez no dia seguinte já tivessem esquecido, mas jamais poderiam esquecer que estiveram lá dentro, envoltos pela luz ilusionista do projetor. Se a paixão cinéfila não era unanimidade na cidade, ela está presente na memória, certamente, de muitos:

eu fui, eu fui um grande... como é que eu digo?... eu fui uma pessoa que participou ativamente, eu assisti muitos filmes, eu era... eu era não, eu continuo sendo vidrado no cinema, em filmes [...] eu passei no vestibular e... eu passei no vestibular para o segundo semestre... todos os dias eu assisti um filme em Cajazeiras...eu ia pro Éden, aí depois eu ia pro Apolo, aí depois eu ia pro Pax... aí já voltava, porque já chegava outro filme novo no Éden, aí assistia no Éden, aí chegava um filme novo no Apolo, aí já ia pra... então eu passei um mês, uns seis meses assim assistindo filme direto...porque eu adorava, né? eu adorava, então o cinema caracteriza muito essa minha... juventude [sic].⁷³

⁷⁰ Durante essa entrevista, Aguinaldo Rolim comenta sobre o seu próprio trabalho como documentarista do cotidiano da cidade de Cajazeiras. Ele fazia parte de um grupo que se denominava “superoitistas”, registrando em vídeo desde momentos corriqueiros até eventos de destaque na cidade. Afirma que foi uma das primeiras pessoas a possuir uma filmadora VHS em Cajazeiras.

⁷¹ Produções clássicas consideradas muito românticas pelo entrevistado, o que explica sua aversão a esse tipo de enredo.

⁷² Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁷³ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

Na década de cinquenta, mais precisamente entre cinquenta e cinco e sessenta... eu tinha uma verdadeira, aprendi, ou tinha, uma verdadeira paixão pelo cinema... o cinema foi assim, uma experiência muito boa na minha vida, sempre gostei de cinema e sempre foi uma paixão na minha vida, desde jovem. É tanto que eu me esforçava pra ganhar meu dinheiro pra ir, que eu gostava muito de cinema, pra não tá pedindo todo dia dinheiro pra meu pai, pra eu ir no cinema... no sábado, ele tinha um armazém aqui na feira, tinha um armazém aqui em Cajazeiras, aí eu pegava rapadura, botava em frente do armazém e eu tinha dinheiro suficiente pra... dinheiro suficiente pra assistir durante a semana todos os filmes que eu queria [sic].⁷⁴

Quando eu gostava muito do filme...Eu repetia, não tinha o que fazer em Cajazeiras, né? E eu gostava muito do cinema e gostava muito de sair de casa, também... Aí eu ia pra o cinema [sic].⁷⁵

Temos até o momento afirmado como as salas de cinema eram espaços onde a sociabilidade era inerente, de como as caminhadas e deslocamentos em busca de filmes, eram também uma busca por encontros e conversas, uma forma de se relacionar. No entanto, não podemos esquecer dos filmes. Muitos deles marcaram de modo perene a memória de muitos cajazeirenses, se tornando símbolos ou marcos de sua juventude. O que há de especial nos filmes, além, claro, do fascínio que uma boa história oferece desde a aurora do nosso ser? De acordo com Graeme Turner (1993), ao contrário do que muitas vezes o senso comum afirma sobre o cinema, ele não corresponde simplesmente a uma fuga da realidade. Como discutimos anteriormente, o cinema surge na Europa do final do século XIX como mais uma das atrações que buscava dar ao público uma sensação de realidade, de simular sensações. Portanto, o cinema não foge da realidade, antes, vai de encontro a ela, fazendo o público crer que se movimenta, que sente vertigens, quando na verdade se encontra parado em frente a uma tela. O cinema busca a verossimilhança com o real.

Neste sentido, Turner compara a experiência de ver um filme com a de sonhar. Na penumbra da sala, o público se deixa levar por um enredo, por imagens que tal como as imagens dos sonhos, não correspondem à realidade, mas que produzem sensações, deleites e angústias reais (TURNER, 1993, p. 110-111). Esse argumento explica o fascínio diante da tela. Através dela, é possível experimentar sonhos inalcançáveis na vida

⁷⁴ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em abril de 2018, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁷⁵ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

cotidiana. Imaginemos quantos não pensaram conquistar o mundo enquanto apenas se deixavam estar em uma poltrona de cinema por duas horas. A relação que o público estabelece com determinado filme pode ser forte o suficiente para que este não seja esquecido, e provoque sentimentos cálidos sempre que recordados. Algumas das pessoas que entrevistamos recordam de produções que até hoje compõem parte significativa de suas lembranças do passado:

Os musicais me marcaram muito... principalmente, é... quando aparecia Geraldo Martins e Nelson Gonçalves, quando era uma música inédita de Nelson Gonçalves que nunca chegou para as emissoras daqui, né? Passou uma vez aqui no cinema, num daqueles musicais que passava, Finos brasileiros, né? E que teve uma música de Nelson Gonçalves que fez muito sucesso no cinema. Me recordo muito disso. Ângela Maria também, a Paixão de Cristo, era um filme que revolucionou toda vida que passava, chamava muito a atenção pelo, pela dramaticidade do filme, né? Então isso, isso marcava muito a gente, como adolescente [sic].⁷⁶

Tinha aqueles filmes, é... aqueles filmes que chamavam mais a atenção e que a gente ficava à espera desse filme chegar em Cajazeiras, por exemplo, Dio como te amo, eu não... não esqueço desse filme, Ben-Hur é outro que eu não esqueço... Os Dez Mandamentos também é outro que eu não esqueço... os filmes de comediantes como Grande Otelo, Oscarito, Cantinflas... Zé trindade, e além dos filmes faroeste que... era semanalmente também tinha uma sessão espetacular então, marca [...] também era o Canal Cem, era... passava antes do filme começar... o Canal Cem era um documentário é... do futebol, passava jogo de futebol... não jogo todo, mas assim, os principais lances, aquela música (cantarola uma música) a isso não sai da memória nossa [sic].⁷⁷

Eu assisti A Lagoa azul e aquele da dança, que é bem famoso... Esse filme aí, quando foi no Cine Éden, no lançamento dele, tava lotado e eu assisti não sei quantas vezes e já muito tempo depois que o Cine Éden fechou, esses outros cinemas fecharam, ele passou, passaram esse filme também no teatro... bem umas duas vezes e eu assisti ele no teatro também... é, assisti várias vezes, esse filme quando ele passou no Cine Éden... ele foi muito assistido, ele e Lagoa azul... Eu assisti, eu mesmo assisti várias vezes [sic].⁷⁸

⁷⁶ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁷⁷ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁷⁸ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

Ben-Hur, Os Dez mandamentos, A Lagoa Azul, musicais diversos, clássicos da sétima arte ou filmes hoje esquecidos, todo esse conjunto de obras fizeram parte do imaginário de parte da população de Cajazeiras durante o período em que havia filmes em cartaz nos cinemas da cidade e mesmo depois disso. As fitas vistas na juventude ainda são recordadas com entusiasmo. Os filmes são revisitados quando surge uma nova oportunidade, seja através do VHS, do DVD, quando são transmitidos na televisão, ou até mesmo quando exibidos excepcionalmente no teatro local. Na verdade, muitos já revisitavam constantemente a mesma película quando ainda se encontrava em cartaz nos cinemas. Quando vistos de novo, não podemos dizer que é como a primeira vez, é uma experiência diferente. O destino dos personagens, o rumo da narrativa, até mesmos os ínfimos detalhes de cada cena são conhecidos desse público fiel, que frequentava as sessões como se frequentassem um culto. O público reage e interage com esses eventos conhecidos e familiares, tal como atores, acabam por encenar o filme, sempre interagindo com a exibição (TURNER, 1993, p. 99-100). Esses filmes fazem parte de seu público.

3.3. Do cinema para a rua, da rua para o cinema: as trajetórias do público por entre os portos de lazer da cidade

Sabemos que ir ao cinema não era uma atividade solitária. Não poderia ser assim, pois ao redor de cada expectador, havia outros expectadores por todos os lados, ao menos quando a sala de cinema se encontrava bem ocupada. Esse conjunto de pessoas que não necessariamente se conheciam, juntas, nem sempre em harmonia, mas em constante interação, compunha o público do filme exibido. Unido, esse público reage, interage e participa da projeção através de manifestações, sejam elas expansivas, como no caso das cadeiras quebradas, das vaias, gritos e xingamentos, seja através de manifestações mais contidas, como o conjunto de expressões faciais que surgem no rosto sem se perceber, e que se alternam conforme as peripécias apresentadas na tela. O triunfo do herói protagonista produz êxtase, o beijo do casal apaixonado, deleite, a concreta realização dos planos diabólicos do vilão, revolta. Desse modo, assistir uma fita em um cinema, por mais que o indivíduo tenha ido desacompanhado, que não tenha conversado ou cumprimentado ninguém durante toda a seção, corresponde a uma experiência coletiva.

Mas para além do conjunto de interações que compunham a própria experiência de assistir ao filme dentro de uma sala de cinema, muitas vezes os indivíduos buscavam formas de interação mais próximas, afetuosas, com pessoas com as quais gostaria de estar

perto, de conversar, rir e voltar acompanhado da sessão. Os cinemas da cidade de Cajazeiras eram ambientes perfeitos para encontros, sejam eles marcados de antemão ou ocasionais, pois eram espaços frequentados por muitas pessoas, um entretenimento recorrente, principalmente entre os mais jovens. José Antônio de Albuquerque relata que, apesar de seu costume de ir sempre sozinho ao cinema, lá acabava encontrando seus colegas do colégio e do futebol:

eu ia sozinho pro cinema, eu não... meu pai não gostava muito também dessas coisas de turma, de coleguinha, dessas coisas não, né? Muito embora ele admitisse alguns amigos estudar lá em casa, se divertir, brincar, comentar, não é? Jogar futebol, que eu gostava muito de jogar futebol [...] esse grupo, era um grupo muito reduzido e a gente sempre... coincidia de muitas vezes ir ao cinema juntos, né? Namoradinhas, paquerinhas, aquelas coisas que começava a surgir, o camarada com treze, catorze, quinze anos já começava naquela época a, já começava a ter umas paqueras e essas paqueras geralmente, o cinema era um ponto de encontro, né? [...] porque a cidade era muito pequena [sic].⁷⁹

Desse modo, percebemos que frequentar cinema era um dos ritos sociais mais significativos para parte da juventude na cidade. Era o local de referência para os encontros, um ambiente onde era muito provável se deparar com amigos, colegas e paqueras, pois era para onde muitos convergiam, era a principal atração da cidade. Nos cinemas, a interação social poderia ocorrer antes, durante e após as sessões, pois o ato de ir ao cinema não se encerrava, necessariamente, no tempo de duração da película, o qual o público permanecia no interior da sala, e nem se restringia, no espaço, ao prédio que abrigava a sala de projeção. O cinema escolhido pelo espectador, seja aquele que exibiria o filme tão esperado pela turma, ou aquele em que seria mais provável encontrar pessoas pertencentes ao seu círculo de amizades, estava inserido em uma rua da cidade, portanto, era preciso se deslocar até lá. Após a sessão, era o momento de realizar o trajeto de volta, que não consistia, precisamente, no mesmo trajeto da ida até o cinema. Essa trajetória eventualmente sofria desvios, outros caminhos eram traçados através das ruas. Após as sessões, era comum experienciar aquilo que estava em torno, as praças, as pessoas que circulavam, os locais onde se agrupavam para beber, tomar sorvete, lancha e conversar sossegado, agora que o filme acabou. Aguinaldo Rolim conta que,

⁷⁹Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

Nesse período que a turma ia pra o cinema... outros ficavam mais ali na praça João Pessoa... tinha bares ali, tínhamos talvez dois bares ali... além... as pessoas que estavam no cinema, que iam assistir o filme, quando terminava, ficavam circulando ali e iam pra um bar, ia namorar, era um ponto de encontro, né? Muitas meninas iam pra esse negócio com interesse, além do filme, do namoro, é onde começava aqueles namoros, né? Uma conversa aqui, uma conversa ali e nisso daí, nessa época, o surgimento de muitos namoros foram através desses cinemas, terminava o cinema, né?... uma hora e meia, quando era nove e meia ia se dar um giro, bater um papo, quem gosta de beber ia tomar uma, né? Outros iam conversar, e aí formava um ciclo, e nesse ciclo começavam os namoros, paixões, casamentos...

Quer dizer que a diversão não acabava quando o filme acabava, continuava?

Continuava, exatamente... e também você sabe, o cinema é uma forma de gerar brincadeira, ali tem o pipoqueiro, o vendedor de bombons, né? Tem o cara do roletezinho de cana, era uma variedade, tinha um vendedor aqui, outro vendedor ali, então começava aquele círculo de animação...de papo [sic].⁸⁰

Por isso era importante que os frequentadores de cinema se apresentassem como pedia a ocasião, ou seja, bem vestidos, perfumados e bem apessoados. Ainda de acordo com Aguinaldo Rolim, “ia tudo bonito, tudo... bem trajado, sempre aconteceu isso, principalmente pra namorar tinha que ir bonito, tinha que ir elegante, porque se não, o cabra não ia começar um namoro todo desmantelado”.⁸¹ A estética era uma preocupação importante, o modo como o indivíduo ia vestido aos cinemas revelava muito sobre ele. E poderia ser um fator decisivo, caso as intenções fossem além do entretenimento. José Antônio de Albuquerque diz que:

o que acontecia era o seguinte, havia mesmo essa expectativa, você não ia... você muitas vezes ia aventurar arranjar uma namorada...ver um namorado, né? Você não ia todo molambento, Né? Geralmente as meninas se ajeitavam, botavam um perfume, perfume francês, vestia uma roupa melhor pra ir pro cinema... logo, era uma vez por semana, muitas vezes, uma vez por semana, aos domingos, porque dava um público maior, geralmente no domingo, havia as sessões... então caprichava... depois do cinema, tinha a praça, né? [sic].⁸²

⁸⁰ Narrativa de Aguinaldo Rolim. Professor. Entrevista realizada em maio de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB

⁸¹ *Idem.*

⁸² Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em outubro de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

Não somente aqueles que ansiavam por um encontro romântico possuíam essa preocupação, mas sim, o público de modo geral, pois certamente estavam ali com a intenção de ver e ser vistos, observar quem estava em volta, ao mesmo tempo em que aguardavam a retribuição de seu gesto por parte dos outros olhares presentes no recinto (CAMARGO, 1986, p. 63). As idas aos cinemas eram cerimônias sociais importantes, havia a expectativa da diversão, mas também uma certa expectativa social, como se os cinemas fossem verdadeiras festas. Conforme nos relatou Aguinaldo Rolim, quando o filme terminava, as interações mantidas no interior da sala e nas imediações dos cinemas não se desmanchavam repentinamente. Elas tomavam lugar e eram aprofundadas em outros pontos da cidade. Por isso defendemos que os momentos de lazer e interação social mantidos após a sessão, também faziam parte da experiência do cinema. As emoções provocadas pela película não se distinguem, na memória de quem as recordam, dos risos e conversas que foram trocados com os amigos antes da sessão, e muito menos dos passeios noturnos entre sorveterias, bares e praças, traçados após os créditos finais.

A forma como cada um vivenciava aquilo que vinha após a sessão era diferente. Cada pessoa possuía suas peculiaridades, o que dependia muito do caráter individual, dos costumes, tradições familiares, compromissos, assim também como da época em que frequentaram cinemas. Lídia de Santana, por exemplo, conta que no final da década de 1950, “Ia todo mundo pra casa... era escuro, naquele tempo ninguém ficava na praça, ninguém era bagunceiro, né? E... naquele tempo não tinha essa bagunça de hoje, não”.⁸³ Ou seja, de acordo com sua vivência pessoal, a cidade em volta ainda não era tão bem explorada, havia maior comedimento, ao menos no que diz respeito a sua prática, pois lembramos o passado não como ele foi, mas como fomos, ou achamos que fomos no passado. O que é inegável é a expectativa social que pairava sobre cada ida ao cinema.

Mesmo quando os passeios após as sessões eram limitados para algumas pessoas, havia sempre a possibilidade de manter interações antes do início do filme. Mesmo que de forma rápida, essa interação já se mostrava suficiente para pôr em dia as novidades, as fofocas e os comentários típicos da vida juvenil. Albuquerque recorda que,

Sempre se encontrava com os amigos e bom, geralmente a gente pegava o beco, ia logo pra casa quando terminava, chegava antes, batia um papo, conversava, atualizava as fofocas da cidade, eram notícias que

⁸³ Narrativa de Lídia Pedro de Santana. Aposentada. Entrevista realizada em novembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

circulavam mais em torno do colégio, da nossa vivência, né? Estudantil [sic].⁸⁴

Era comum, na verdade, estar tão entretido com as conversas, brincadeiras e namoros durante esse primeiro momento do encontro, que muitas vezes se entrava no cinema apenas quando o filme já tinha começado. Reudesman Ferreira relata algo semelhante, quando recorda os seus encontros no cinema acompanhado de suas primeiras namoradas: “às vezes a gente se encontrava lá, eu me lembro que deixava pra entrar quando o filme já começava, tava começado... aquela história toda, é... coisa da juventude”.⁸⁵

A interação entre os gêneros opostos foi um dos aspectos do relacionamento humano que os cinemas ajudaram a promover em Cajazeiras. José Antônio de Albuquerque relata que em sua época de estudante, na década de 1950, havia uma separação muito nítida. Havia escolas apenas para meninos e outras apenas para meninas, o que implicava que a interação escolar, seja dentro da sala de aula, entre brincadeiras e cochichos discretos, seja na algazarra generalizada do intervalo, se mantinha restrita ao mesmo gênero.

Tinha o colégio das freiras, que só estudava as meninas e tinha o colégio diocesano que estudava meninos, eram separados, até a década de sessenta, quando eu saí do colégio diocesano, em sessenta e três, não tinha mulheres ainda, só depois, lá na frente. A mesma coisa aconteceu com o colégio Nossa senhora de Lourdes, que veio admitir o ingresso de homens bem na frente, também [sic].⁸⁶

Essa separação, típica do mundo escolar, era completamente desfeita nos espaços de lazer e convivência da cidade, entre eles, os cinemas e os locais para onde os jovens se deslocavam ao fim das sessões, como ainda afirma Albuquerque:

Ah, sim, sim, com certeza... principalmente com uma sorveteria que tinha aqui, uma sorveteria, a famosa sorveteria Trianon, que era o ponto de encontro da juventude de Cajazeiras... a Praça Presidente João Pessoa, aqui onde tinha o cinema⁸⁷, todo dia os meninos sentavam nos

⁸⁴ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁸⁵ Narrativa de Reudesman Lopes Ferreira. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁸⁶ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁸⁷ O entrevistado se refere ao Cine Éden, localizado nas imediações da praça João Pessoa.

bancos e as meninas pelas calçadas da avenida João pessoa e a paquera rolava no centro, né? [sic].⁸⁸

Os cinemas eram um desses ambientes que estimulavam o convívio entre jovens e adolescentes, inclusive, era um dos locais preferidos para os encontros amorosos frutos desse convívio. Não é difícil imaginar jovens casais de mãos dadas, sentados um ao lado do outro, trocando olhares e beijos apaixonados, protegidos pela penumbra da sala, enquanto se esqueciam do filme que corria na tela, pois o único romance que os interessava naquele momento era apenas o próprio. Reudesman Ferreira recorda sua experiência envolvendo garotas e salas de cinema, quando as produções épicas que tanto o agradavam, eram acompanhadas por namoradas, paqueras e meninas que fizeram de sua adolescência uma época agradável de recordar.

O bom do cinema, além do filme, é que você levava as namoradas... eram os pontos de encontro dos namoros... naquela época era assim... é... aí ou a gente ia primeiro e... guardava cadeira pra namorada, ou a namorada ia e guardava a nossa cadeira. [...] então cinema ele traduz esses pontos de encontro da nossa... da nossa época, do nosso momento de vida, é... com relação a paquera, com relação a... ao namoro, tá? Então marca muito, é uma coisa inesquecível... Por quê? porque marca nossa história de vida, marca a nossa história de pessoa, não é? [sic].⁸⁹

Algumas vezes, entretanto, o encontro poderia não ocorrer de modo tão idílico como era esperado. Ferreira recorda uma de suas desventuras.

Eu me lembro de uma cena comigo, que eu guardei a cadeira pra namorada... é... e aí... chegou um camarada bem... e aí tirou a cadeira de mim e sentou e acabou a história... e eu me levantei... não tinha como reclamar, porque... também não podia fazer aquilo, é... não podia guardar, a gente não podia guardar... a gente guardava, e eu e a... e a acompanhante, a gente assistiu em pé... nem sentado, porque não tinha como sentar, e ficava em pé, no final... no final por trás das cadeiras, ficavam as pessoas que não conseguiam entrar... não conseguiam sentar, chegar pra ter cadeira, então ficava assistindo em pé mesmo, o filme todinho, era um sofrimento danado e não tinha alternativa.⁹⁰

⁸⁸ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁸⁹ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁹⁰ *Idem*.

No entanto, para reduzir um pouco o ímpeto romântico dos jovens casais, a garota não estava completamente livre para acompanhar seu namoradinho ao cinema, pois muitas vezes esses encontros se davam entre adolescentes que não tinham atingido a maioridade, eram ainda crianças que viviam protegidas pelo amparo e olhar vigilante dos pais. Portanto, havia a figura peculiar do acompanhante, uma pessoa adulta, que se responsabilizava pela menina e a mantinha segura no passeio ou nos encontros, como ainda nos recorda Ferreira:

Tinha também os vigias, quando a gente ia pra uma festa, pra entrar acompanhado, porque naquela época era assim, você não ia pra uma festa só você, o casal não, a mãe, o pai, já determinava que a menina... a namorada fosse com alguém [sic].⁹¹

Nesses passeios, sejam eles feitos entre casais ou entre grupos de amigos, parte do público que saía da sala de projeção percorria caminhos pré-determinados ou feitos de improviso, traçando um percurso em que o cinema correspondia a um dos elos, uma das paradas, dos portos que a cidade oferecia. Uma das trajetórias mais frequentes era de casa até a missa, da missa até o cinema e do cinema até uma sorveteria, uma lanchonete, um clube dançante, dependia da preferência de cada um. É óbvio que essas trajetórias não eram obrigatórias, mas era um programa frequente, principalmente nas noites de domingo, circular entre os ambientes de lazer que a cidade oferecia. Portanto, situamos o cinema como uma atração intermediária, um dos pontos que formava uma constelação ampla, desenhada ao rés do chão pelas caminhadas de centenas de pessoas em seus momentos de lazer. Esses caminhos eram marcados pelo estímulo aos sentidos. Reudesman Ferreira recorda, por exemplo, que após uma boa sessão, seu refúgio favorito era uma lanchonete presente nas proximidades da praça João Pessoa, vizinha ao Cine Éden. Lá, na chamada “Merendinha do Seu Dirceu”, ele saboreava, ao lado de sua namorada, o que ele reconhece como o melhor bolo de leite já degustado por seu paladar. Ele conta que:

E aí tem um detalhe pós cinema... o detalhe pós cinema nosso aqui era, quando terminava o filme, a gente saía com as namoradas, com as paqueras... ia lá pra Merendinha de Seu Dirceu Marques Galvão [...] então a gente ia pra lá e tinha um doce, não... tinha um bolo de leite e uma vitamina de banana ou de abacate... era assim, era a época, era

⁹¹ Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

época... quando você sai pra tomar açaí, chocolate, não sei o que e tal, sorvete, não sei o quê, mas não, na nossa época era, saía do cinema direto lá pra Dirceu, pra Seu Dirceu de saudosa memória... e nós íamos lá, pegava uma fatia lá do bolo de leite que eu até hoje não tenho, eu nunca comi um bolo igual àquele de lá [sic].⁹²

Através desse relato percebemos que o que nosso colaborador chama de “detalhe pós-cinema”, compõe parte significativa de sua experiência de frequentar cinema. Era depois da sessão que a sociabilidade poderia ser exercida mais livremente. Nesse caso, o filme e o passeio noturno não são acontecimentos díspares, ambos são recordados como parte de um mesmo evento, e o sabor do bolo se confundia com o gosto de estar junto de quem se quer bem, de poder rir, conversar e se divertir ao lado de outrem.

O contato com o outro inspirava muitas das trajetórias que se faziam à noite, após as sessões. Uma das mais peculiares, segundo nos relata José Antônio de Albuquerque, era a trilha rumo ao prazer sexual comercializado por profissionais. Ele conta que era comum ouvir falar durante em sua adolescência de homens que inspirados pelas cenas mais quentes mostradas na película, seguiam rumo aos prostíbulos da cidade. Sobre a popularidade das sessões eróticas nos cinemas locais, ele afirma que,

O cinema ficava lotado, filas enormes pra assistir essas... esses filmes eróticos. E a muniça gostava, e quem gostava mais eram as meninas dos cabarés de Cajazeiras, né? Que quando os homens saíam dessas pornochanchadas, saíam todos excitados, tiravam direto pro cabaré (ambos riem). Com certeza, geralmente acontecia isso, apesar de ser muito tarde da noite, era depois de dez horas da noite, pra ver essas pornochanchadas, esses filmes eróticos [sic].⁹³

De forma semelhante ao desejo que era nutrido no pensamento dos adolescentes que não tinham sequer idade pra ver filmes eróticos, o que era mostrado na tela também despertava o desejo de homens adultos e ociosos, prontos a festejar a noite.

Iniciamos esta monografia descrevendo o tédio de uma turma de alunos ao assistir uma aula noturna, quando a noite que se espalhava para além das janelas prometia muito mais que as lições da aula. A promessa, muitas vezes, se fazia cumprir. Aqueles alunos se decidiam por sair mais cedo, exercendo, talvez, uma espécie de democracia involuntária. Tentamos reconstituir, fazendo uso da imaginação, que é uma ferramenta

⁹² Narrativa de Reudesman Ferreira Lopes. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em fevereiro de 2020, na sede do Museu do Futebol, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁹³ Narrativa de José Antônio de Albuquerque. Jornalista e professor aposentado. Entrevista realizada em agosto de 2019, na sede da rádio Auto Piranhas, na cidade de Cajazeiras-PB.

muitas vezes temida pelo historiador, o que foi relatado por uma daquelas alunas entediadas. Deixemos agora que a própria conte com suas palavras o que contamos mal com as nossas.

As visitas furtivas que ela, junto com suas amigas faziam aos filmes exibidos no Cine Éden, valiam o preço cobrado pela aula não assistida. No entanto, após perder a primeira sessão da noite, Josefa teria que se contentar em ir assistir, junto com suas amigas, a um dos filmes exibidos na sessão seguinte. Acontece que nessa sessão, geralmente, não eram exibidos os grandes sucessos de bilheteria, filmes fantásticos, grandes produções que marcavam época e se instalavam em definitivo na lembrança. A sessão das nove horas, segundo o que ela recorda, exibia o que ela descreve como filmes “censurados”:

Nós saíamos da... Do colégio e ia pra o cinema, que era o Cine Éden, que era a segunda sessão, que essa segunda sessão os filmes eram... Como era? Era filme... Censurado... Justamente... no Cine Éden apresentava muito esses filmes na sessão das nove, aí como, a gente já era adulto nessa época do Cine Éden...Porque quando eu participava do Cine éden, já era uma pessoa adulta, já estudava à noite também, tinha mais de vinte anos...Passando dos vinte... Aí eu ia pra o Cine Éden à noite ver esses filmes, censurados, mas era bom, participava [sic].⁹⁴

O tipo de filme exibido não era um problema para o grupo de amigas. O que importava, de fato, era estar dentro da sala de cinema, rir, conversar discretamente ou tomar partido da algazarra geral, quando ela acontecia. O importante era se libertar, por breves instantes, da rotina constante e árdua de trabalho e estudos, o que era o caso de Josefa Lacerda, que trabalhava durante o dia.

Nós chegávamos sempre assim, já depois da aula, né? Não ficava bem na frente do Cine Éden, não, ficava lá pra trás, mais recuado... Era eu, mais umas duas amigas que iam...Era normal... era normal, o cinema não ficava um cinema lotado, era um cinema com pouca gente, que ia assistir esses filmes, e nós ficava sempre lá atrás, mas só conversando, brincando, a gente não assistia nem o filme todo, só mais por curiosidade...Mas à noite só ia mais esse pessoal que saía da escola, pessoa que saíam da escola, assim como eu, dava uma passada no cinema, mas só por curiosidade, às vezes não chegava nem a assistir [sic].⁹⁵

⁹⁴ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁹⁵ *Idem*.

Essa era uma diversão comum, porém mais breve, contida. As sessões de cinema roubadas às aulas, correspondiam a uma breve fuga da rotina, não se estendiam muito ao longo da noite. Como afirma Luiz O. Lima Camargo (1986), o lazer consiste necessariamente em uma busca por aquilo que dá prazer e implica em uma libertação das obrigações e fadigas do trabalho (CAMARGO, 1986, p. 12-14). No caso de Josefa Lacerda, seu “detalhe pós-cinema” nos dias comuns da semana era limitado pela necessidade de acordar cedo para ir trabalhar.

A gente costumava ir mais em final de semana... Porque também nessa época, que eu comecei a participar desses cinemas, no Cine Éden, eu trabalhava, também, eu trabalhava durante o dia e estudava durante a noite... aí o final de semana ficava mais livre pra sair pro cinema [...] às vezes, às vezes, quando a gente saía... do cinema, ficava ali pela praça, porque na praça tinha os barzinhos, né? E tinha umas boates também... a gente ficava por ali, quando era final de semana, mas quando saía do colégio, que vinha pro cinema, era do cinema pra casa, porque na época eu também trabalhava... aí eu voltava, do cinema pra casa, não ficava na praça, não [sic].⁹⁶

Somente durante os finais de semana que ela tinha liberdade para se divertir à vontade ao lado de suas amigas. As noites dos finais de semana eram mais longas, não temiam se misturar com as horas da madrugada, não possuíam nenhuma ligação direta com os afazeres do dia seguinte, que não possuía afazeres. Josefa Lacerda nos conta que:

No final de semana a praça ali João Pessoa era conhecida. Era lotada... assim como é que se diz? Era o shopping de Cajazeiras hoje era a praça João Pessoa... na época. O pessoal, todo mundo saía da missa à noite, que tinha missa à noite lá na catedral...e descia pra praça, lá era o ponto de encontro de toda a juventude de Cajazeiras. Quem saía da missa ia pra lá, e aí quem saía do cinema também ia pra lá, quem não quisesse ir pra casa ficava por lá, porque lá, bem pertinho também do... do Cine Éden, tinha uma boate, chamava boate chapéu de couro...Tinha lá também, e quem não quisesse vir pra casa ficava por lá também até doze, uma hora da manhã, duas [...] todo final de semana eu ia...Sempre permanecia por lá, quando saía da missa também ia pra lá, todo final de semana eu ia pra missa, todo final de semana eu ia pra missa e da missa eu me encontrava com meus amigos lá na praça João Pessoa, ficava por lá, ou então ia lá pra essa boate. Cansei de ir pra lá mais as meninas [sic].⁹⁷

⁹⁶ Narrativa de Josefa Lacerda da Silva. Dona de casa. Entrevista realizada em dezembro de 2019, em sua residência, na cidade de Cajazeiras-PB.

⁹⁷ *Idem*.

Por meio dos relatos que citamos durante este capítulo, percebemos a importância que a praça João Pessoa exerceu para o lazer na cidade. A praça e as ruas e calçadas que a envolviam formavam um núcleo que atraía aqueles que circulavam em seu entorno, cumpriam a função primordial das ruas, que de acordo com o sociólogo Luiz O. Lima Camargo (1986), consistiam em fornecer um meio privilegiado para trocas e interações entre os cidadãos (CAMARGO, 1986, p. 62). Era através desse espaço que os transeuntes circulavam de uma atração para a outra, da missa para o cinema, do cinema ao barzinho, ao clube, à sorveteria, aos rumos mais distantes que a noite prometia. Ao redor da praça João Pessoa estavam situadas as atrações mais populares da cidade, incluindo o cinema mais frequentado, o Cine Éden, localizado no Edifício O.K. Após suas sessões, o Éden despejava seu público diretamente nesta praça, e uma vez estando ali, e uma vez que ela oferecia tantas oportunidades de lazer, era difícil não se deixar estar. Nos finais de semana, os transeuntes que circulavam entre cinemas, bares, lanchonetes, formavam uma corrente viva em busca de lazer, de estímulos e interações, e transformavam a cidade, principalmente a porção dela que rodeava os cinemas, em uma grande festa a céu aberto, uma festa cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda festa carrega em si o próprio fim. Um após o outro, os convidados vão se evadindo discretamente, provocando uma mudança a princípio insignificante, mas que aos poucos, conforme os ausentes se multiplicam, produz seu efeito. Os que restam percebem que seus movimentos ficam mais livres, que se deslocam com maior desenvoltura pelo espaço anteriormente abarrotado, que o olhar distingue menos pessoas em volta. Nesse momento, os que restam sabem que o ápice da festa acabou, que o prato, apesar de ainda saboroso, se acha frio. Logo mais a ausência continua a crescer, o vazio ganha cada vez mais espaço no recinto. Os últimos festivos, então, olham entre si, olham pro ambiente e para dentro de si mesmos, realizam uma última consulta e percebem que é o momento de ir embora, aceitam que a diversão agora pertence o domínio das lembranças. Resta aos anfitriões da festa limpar, organizar o ambiente e recolher os escombros de lazer espalhados pelo chão. A festa cotidiana que em Cajazeiras envolvia os cinemas, o seu público e a cidade em torno, chegou ao fim. Houve o dia em que não era mais possível sair de casa e se encontrar com os amigos nos cinemas locais. As pedras, alicerces e paredes que abrigavam o projetor e seu público, permaneceram erguidas no chão, mas dentro delas a película não mais percorreria a tela imóvel. Os cinemas em Cajazeiras não fecharam suas portas de um dia para o outro, subitamente. Como em um salão de festas, eles minguaram ao longo dos anos, padeceram de uma lenta agonia. As poltronas eram ocupadas a cada dia por menos pessoas, os cartazes estampando a publicidade de filmes cada vez mais obscuros, arrancavam das paredes a imagética dos grandes lançamentos, até que seus administradores perceberam que não era mais possível seguir em frente, pois o cinema não vive sem seu público, só restava fechar as portas e limpar os escombros.

A última sessão de cinema na cidade foi realizada em 27 de dezembro de 1990 e consistiu na exibição da desconhecida pornochanchada *Garotas do sexo livre*, filme que exemplifica o desespero de Eduardo Jorge César Guedes, o último proprietário e administrador do Cine Éden, para atrair a audiência. A exibição de filmes contendo cenas de sexo explícito era a cartada derradeira para manutenção de seu cinema em atividade, pois, de acordo com o antigo proprietário, quando não eram exibidas películas de teor erótico o público médio não costumava ser maior que cinco pessoas. Os cinemas que atuaram sob o domínio da diocese local, regidos por Dom Zacarias, encerraram as atividades em 1988, o maquinário foi inteiramente vendido, para que não restasse dúvidas

de que era o fim e para reaver ao menos um pouco do prejuízo dos últimos anos. Esse fim, melancólico para aquelas pessoas que se mantinham fieis aos cinemas, era previsto há muito tempo. A última sessão do Cine Éden não foi uma morte heroica, apenas o alento final de um moribundo que sofria há tempos.

Em 1984, a jornalista e socióloga Mariana Moreira publicou no jornal *A União* um artigo intitulado *Cinema em Cajazeiras: a crise ameaça uma tradição*. No texto, a autora expõe as causas e consequências dessa crise, realizando um levantamento das possíveis razões que explicassem da redução da presença do público nas salas de cinema da cidade. Para isso, foram realizadas entrevistas com os então administradores dos cinemas que ainda se encontravam em atividade na época, ou seja, Cine Éden, Cine Pax e Cine Apolo XI. Alguns frequentadores também foram ouvidos. Em todos os relatos colhidos, mesmo que as explicações e justificativas para o declínio dos cinemas não concordassem entre si, a tônica do discurso era a mesma, aquelas pessoas sentiam que a cidade estava, aos poucos, perdendo sua principal atração cultural. O artigo, escrito em tom apaixonado, defendia a presença e manutenção da atividade cinematográfica em Cajazeiras, argumentava a importância de manter viva a tradição de exibir filmes. O fator primordial para explicar o declínio dos cinemas na cidade, tanto na opinião da jornalista, quanto para os entrevistados, foi a presença cada vez maior dos televisores domésticos nos lares cajazeirenses. Selecionamos um trecho que exemplifica esse raciocínio:

“A gênese da crise enfrentada pelos cinemas em Cajazeiras reside, inicialmente, na concorrência, até certo ponto desleal, da televisão, que além de oferecer os filmes, ainda veicula uma gama de opções, como telejornais, as novelas, os seriados e outras atrações, com o agravante de se estar em casa, com todo o conforto, não tendo que se deslocar para os cinemas e ainda arcar com o preço do ingresso”.⁹⁸

É interessante pensar que um dos fatores propostos pela jornalista para explicar o desapego do público em relação aos cinemas seja justamente aquele que defendemos como o maior atrativo que os cinemas possuíam, isto é, o fato desses estimularem o deslocamento. Através dos relatos que lemos durante esta monografia, percebemos que ao lado do entretenimento, da diversão que os filmes poderiam legar ao seu público, o prazer de se deslocar por entre as ruas da cidade ao lado de alguém querido era o complemento ideal da experiência de ir ao cinema. Em alguns casos, na verdade, o prazer

⁹⁸ MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição... *Op. cit.*

de interagir, a camada social da frequência era a atração principal. A expectativa de encontros, de travar relações, em muitos casos era mais excitante que as aventuras vistas na tela. Talvez por isso os filmes antigos apresentassem os créditos no início da fita, pois era comum ignorar-se aqueles primeiros minutos em favor das conversas travadas entre amigos e namorados, como nos contaram as pessoas com quem conversamos sobre esse passado cinematográfico. Que triste seria a sessão, se após seu fim não existisse uma praça, uma lanchonete, um clube ou qualquer outro espaço que acolhesse aquelas pessoas, onde as conversas não seriam interrompidas.

Não tentamos aqui, menosprezar o gosto do público pelos filmes exibidos, ou tratar as sessões de cinema como meros acessórios. Tivemos a oportunidade de perceber que muitas produções ficaram marcadas na memória de nossos colaboradores de modo firme, indelével. Sabemos que os filmes estimulavam paixões, que captavam a curiosidade dos olhares ávidos que se acomodavam nas cadeiras dos cinemas. O que defendemos aqui é que o ato de frequentar uma sessão era estimulado pela expectativa social que havia no ambiente, era uma oportunidade para se encontrar com os amigos, para ver e ser visto, para se desfrutar da presença do outro com maior liberdade, longe da rigidez cobrada pelo trabalho ou pela escola. Entretenimento ou sociabilidade não se colocavam como uma escolha a ser feita por quem frequentava os cinemas, eram afluentes de um mesmo rio, uma estava presente na outra, pois o cinema consistia numa experiência coletiva.

FONTES

1. ENTREVISTAS

ALBUQUERQUE, F. D. G. Francisco Didier Guedes de Albuquerque: depoimento [jan. 2020]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2020. (20 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

ALBUQUERQUE, J. A. José Antônio de Albuquerque: depoimento [abr. 2018]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2018. (42 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

_____. José Antônio de Albuquerque: depoimento [out. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (29 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

BARBOSA, A. O. Aldemir Oliveira Barbosa: depoimento [mar. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (53 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

LOPES, R. F. Reudesman Ferreira Lopes: depoimento [fev. 2020]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2020. (51 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

ROLIM, A. Aginaldo Rolim: depoimento [mai. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (57 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SANTANA, L. P. Lídia Pedro de Santana: depoimento [nov. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (29 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SILVA, J. L. Josefa Lacerda da Silva: depoimento [dez. 2019]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2019. (31min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

_____. Josefa Lacerda da Silva: depoimento [fev. 2021]. Entrevistador: José Antônio da Silva Neto, 2021. (3 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

2. PERIÓDICOS

2.1 Jornais

Com o empresário do Cine-Teatro Eden. **Jornal Estado Novo**, Cajazeiras-PB, 1 de janeiro de 1941.

O proprietário do cinema moderno. **Jornal Rio do Peixe**, Cajazeiras-PB, 20 de maio de 1926.

ESTRELA, Rozenval. O cinema de Bechara. **Jornal Cajá hoje**, Cajazeiras, 22 de agosto de 2006.

MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição. **Jornal A União**. João Pessoa, 21 de outubro de 1984.

_____. Seu Otrape: um herói ameaçado pelo tempo. **Jornal A União**. João Pessoa, 8 de dezembro de 1984.

VILAR, Lúcio. O fim dos cinemas no interior. **Jornal Correio da Paraíba**. Cajazeiras, 25 de maio de 1997.

2.2. Revistas

TAVARES, Rosinha M. “Enquente” feminina. **Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, abril de 1927.

DORES, Maria das. Modernismo. **Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, janeiro de 1931.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 15, p. 145-155, abr.1997.

ARANHA, Gervásio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). *In:* Ó, Alarcon Agra do; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. *et. al.* **A Paraíba no Império e na República:** estudos de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 79-132.

AUN, Ana Carolina Passos. Sensibilidade e sociabilidade nas salas de cinema da cidade de Goiás (1909-1937). **Anais do XVIII Encontro Regional da ANPUH-MG**, Mariana, 2012. p. 1-10.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velho. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRESCIANI, Maria Stella. “As sete portas da cidade”. **Espaço e debates**, n. 34, p. 10-15, 1991.

CALISTO, Fernanda Pereira. **Cine Éden:** cinema e história em Cajazeiras (1970-1980). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2014. 74f.

CAMARGO, Luiz O. de. **O que é lazer.** 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CASTRO, Kellen Cristina Marçal de. **Cinema:** mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia – 1980 a 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. 145f.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. Signos de modernidade em falas que edificam uma cidade: Houston na década de 1970. *In:* LOBO, Isamar Gonçalves; CEBALLOS, Viviane Gomes de (Orgs). **Perspectivas plurais no espaço e tempo.** Cajazeiras: EDUFCEG/ Gráfica Real, 2018. p. 147-168.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa R. Introdução. *In: O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Regina Thompson. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 17-29.

FERRAZ, Talitha Gomes. Experiência de expectativa cinematográfica e ocupação urbana: a prática de sociabilidade no caso dos cinemas da Tijuca. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal, 2008. p. 1-15.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 3-13.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v. 1, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEITE, Fabiolla Stella Maris de Lemos Furtado. **Pessoas que lembram: lazeres nas memórias e histórias de moradores de Serra Branca-PB (1940-1970)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. 202 f.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: BACELLAR, Carlos; GRESPAN, Jorge; PINSKY, Carla Bassanezi. et al. Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras-PB: memórias, políticas públicas e educação patrimonial**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 146 f.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 93-101.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. 336 f.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande (1920-1945)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 378 f.

SOUSA, José Herilberto de. **As perdas ao longo do caminho: história e memória do cinema na cidade de Cajazeiras-PB (1905 a 1992)**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019. 91f.

SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade: desacertos de um consenso**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

THOMSON, Alistair; FRISH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre e memória e história: alguns aspectos interacionais. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 65-91.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

XAVIER, Ismail. **Sétima arte: um culto moderno**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

APÊNDICES

Apêndice A: Entrevista com José Antônio de Albuquerque (10/04/2018)

José Antônio Neto (pesquisador): Vou deixar ele aqui em cima só pra captar a voz do senhor...

José Antônio de Albuquerque (colaborador): Ok.

JAN: Então, eu queria saber primeiro qual foi a experiência pessoal do senhor com, com os cinemas, se o senhor na época costuma frequentar, se era uma atividade cultural que lhe agradava, como era, assim, a sua experiência pessoal em relação aos cinemas daqui?

JAA: Na década de cinquenta, mais precisamente entre cinquenta e cinco e sessenta... eu tinha uma verdadeira, aprendi, ou tinha, uma verdadeira paixão pelo cinema... eu vendia rapadura na feira de Cajazeiras pra ganhar dinheiro e ir pra o cinema.

JAN: Uhum.

JAA: Cine Cruzeiro... que tinha uma matinê no domingo e isso é o que marca mais da minha lembrança, eu era um aficionado por cinema... na, já na década de sessenta eu não perdia nenhum lançamento que era feito aqui por Carlos Paulino no Cine Éden, funcionava aqui na praça Presidente João Pessoa e o Cine Cruzeiro de Eutrópio funcionava na rua Doutor Coelho, eram os dois cinemas da cidade... e eu tinha muita vontade de assistir uns filme que eram pra maiores de dezoito anos, mas eu nunca conseguia, que eram feitos depois das dez horas da noite no Cine Cruzeiro...

JAN: Uhum.

JAA: Era onde eu morava próximo dali, mas nunca consegui... então o cinema foi assim, uma experiência muito boa na minha vida, sempre gostei de cinema, sempre quando viajo... nós perdemos nossos três, nossos três principais cinemas da cidade, quando eu viajava, quando eu viajo sempre eu procuro ir, procuro assistir o que tem de novidade no mercado cinematográfico, e sempre foi uma paixão na minha vida, desde jovem. Quando eu fui estudar em João pessoa... eu tive que me regar... porque... eu frequentava todos os cinemas de João Pessoa... os filmes estavam comigo, isso em mil novecentos e sessenta e quatro, em sessenta e seis, quando eu voltei, sessenta e cinco, sessenta e seis, quando eu fui estudar no Recife, aí foi que as coisas, né? Ficaram mais grandiosas, assim, em função do cinema... eu muitas vezes gazeava aula pra poder assistir...

JAN: Algum lançamento.

JAA: É, algum lançamento dos filmes... então essa é uma lembrança que eu tenho, muito forte na minha vida, como estudante, né? E lamentei profundamente que a cidade tenha perdido esses três cinemas, que é uma referência de Cajazeiras.

JAN: Até porque nessas cidades... tinha muito mais filmes, é... mais cinemas do que Cajazeiras, Recife, que o senhor falou...

JAA: Sim...

JAN: João pessoa...

JAA: Eu tinha um cadernozinho que eu tinha anotado todos os filmes que eu assisti na minha vida, eu até outro dia andei procurando esse caderno, pra ver se eu encontrava, não encontrei... mas é uma lembrança muito forte, era um negócio... extraordinário, né?

JAN: Quais eram os tipos, assim, de filmes que...?

JAA: Ah, eu assistia todo tipo de filme...

JAN: Todo tipo de filme?

JAA: É, gostava muito... de cinema, as chanchadas de Mazzaropi, gostava muito, né? E outros filmes...

JAN: Era mais nacional...

JAA: Musicais...

JAN: Ou internacional?

JAA: Tanto fazia, pra mim a melhor diversão na minha vida era ter dinheiro pra ir pro cinema. É tanto que eu me esforçava pra ganhar meu dinheiro pra ir, que eu gostava muito de cinema, pra tá pedindo todo dia dinheiro pra meu pai pra eu ir no cinema, no sábado, ele tinha um armazém aqui na feira, tinha um armazém aqui em Cajazeiras, aí eu pegava rapadura, botava em frente do armazém e eu tinha dinheiro suficiente pra... dinheiro suficiente pra assistir durante a semana todos os filmes que eu queria.

JAN: Desde qual idade o senhor começou?

JAA: Ah, com dez anos de idade.

JAN: Desde os dez até quando não tinha mais cinema aqui?

JAA: É, exatamente.

JAN: Exatamente... é... e quais eram os cinemas daqui?

JAA: Nós tínhamos aqui inicialmente o Cine Cruzeiro, que pertenceu a Eutrópio, né? Eu tenho uma lembrança muito forte...

JAN: Do Cine Cruzeiro, né?

JAA: Do Cine Cruzeiro na rua Doutor Coelho, depois o Cine Éden de Carlos Paulino, esses foram os dois primeiros cinemas da cidade, depois veio a diocese veio a diocese que abriu mais dois cinemas, o Cine Apolo XI, né? E... o Cine Pax, alguns funcionavam ali na Coronel Peba com Victor Jurema e o Cine Pax aqui na rua da Padre José Tomaz.

JAN: Uhum... aí... qual era, assim, tinha alguma diferença de um cinema pro outro, assim na programação dos filmes?

JAA: Sim, tinha, sim. Sempre teve, né? Porque, por exemplo, dos dois cinemas da diocese, Dom Zacarias era ele, era o próprio bispo que fazia a seleção, né?

JAN: Uhum.

JAA: Do que deveria ser rodado aqui, e ele não trazia muito filme de violência, né? Não trazia filmes que demonstrassem muito, né? Muito sexo...

JAN: Nudez, essas coisas...

JAA: Hein? Nudez, essas coisas... enquanto no cinema de Carlos Paulino e no de Eutrópio, o de Eutrópio tinha até uma sessão de adultos.

JAN: Especializada, né?

JAA: É, de dez horas da noite pra onze horas da noite, pros marmanjos, só era permitida a entrada de homens, né? Pra assistir esses filmes, essas, esses filmes eróticos.

JAN: Mas fazia muito sucesso, aqui?

JAA: Demais, era... fazia, não deixava de fazer, né? Sempre era uma novidade na cidade.

JAN: A... as chamadas pornochanchadas, né?

JAA: Pornochanchadas.

JAN: Que na época, assim, na década de oitenta fazia muito sucesso.

JAA: O pessoal gostava muito de filme romântico.

JAN: Romântico também, né?

JAA: É, gostava... lotava, tinha, no domingo mesmo havia três sessões, né? Uma matinal que, uma matinê, uma matinal que era pra galera nova, a gurizada, e à noite duas sessões no domingo, ambas eram lotadas, o povo não tinha outra diversão, não tinha televisão.

JAN: Pois é, não tinha televisão nesse tempo.

JAA: É, a diversão que tinha, o cinema, era a única.

JAN: A programação era todo dia, todo dia tinha filme, ou não?

JAA: Todo dia tinha filme.

JAN: Todo dia, né?

JAA: Mas às vezes repetia, dois ou três dias o mesmo filme.

JAN: Aí essa matinê que tinha, que era mais pra criança...

JAA: Dom Zacarias incentivava a garotada a gostar de cinema. Tinha uma missa das dez, na catedral de nossa senhora da piedade... aí depois da... depois da missa ele distribuía ingressos com a gurizada pra assistir a uma matinal que tinha no Cine Apolo XI... no Cine Éden também tinha, uma matinal, mas era paga.

JAN: Era paga, né?

JAA: Era, sim.

JAN: Mas essa do Cine Apolo era pra quem assistia a missa, né?

JAA: É, quem ia pra missa chegava lá, que era uma missa dedicada às crianças, ele dava ingresso, escolhia um filme, né? Assim, mais leve...

JAN: Mais leve, comédia, né?

JAA: Que contasse uma história, que contasse uma história interessante... é... apropriado pras crianças, né?

JAN: Aí quer dizer que esses cinemas da igreja, que eram o Cine Pax e o Apolo XI, que eram da igreja, né?

JAA: Sim.

JAN: Eles tinham essa visão, assim, mais conservadora em relação aos filmes, né?

JAA: Não era tanto, eu não diria conservador... Dom Zacarias ele tinha uma preocupação, ele não trazia filme de... que tivesse muita violência e nem sexo, o restante... rodava tudo.

JAN: Não tinha, não tinha...

JAA: Gostava muito de filmes, que... pudesse mostrar as grandes cidades do mundo, que ele gostava muito de viajar, ele dizia, como eu não posso viajar eu passo pelo menos os filmes que, mostram Roma, que falam da... Grécia, dos Estados Unidos, do Japão, da Europa como um todo...

JAN: Sim, sei.

JAA: Aí ele trazia esses filmes assim interessantes, porque ele dizia se transportar pra essas, pra essas cidades.

JAN: Assim, quer dizer que isso era tipo um documentário ou eram filmes de ficção?

JAA: Não, eram filmes mesmo.

JAN: Eram filmes de ficção, mas que se passavam nesses lugares...

JAA: É. Filme de guerra, ele gostava muito de exhibir em Cajazeiras, Dom Zacarias.

JAN: Sei.

JAA: Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, né? Sempre religiosos... sempre ele trazia pra aqui, contando a vida de um santo. Na semana santa ele trazia um filme que tratasse da Paixão de Cristo...

JAN: Uhum.

JAA: Ele tinha uma linha mais, né? Mais voltada pras coisas que não... não causasse tanto impacto na sociedade.

JAN: Nas pessoas, né?

JAA: Nas pessoas...

JAN: Era porque ele era da religião, né...?

JAA: É.

JAN: É compreensível... aí os cinemas em questão de preço, era acessível?

JAA: Não, era acessível. O Cine Pax era mais barato do que...

JAN: O Éden?

JAA: Do que o Éden e do que o Cine Apolo XI. O Cine Apolo XI e o Cine Éden, os dois tinham um preço mais ou menos equivalente, mas sempre... quem era estudante tinha uma meiazinha ali, tinha uma boquinha e só pagava a metade, é. Sempre aconteceu isso aqui em Cajazeiras.

JAN: Uhum... sempre dava muita gente?

JAA: Sempre! Tinha sessões que lotavam... eu já assisti filme em pé em Cajazeiras, sem ter lugar pra sentar, é... nas laterais das cadeiras, assim.

JAN: Assim, aí também tinha, não só os cinemas, mas tinha uns cineclubes também, não era? os...?

JAA: Sim, esses cineclubes funcionavam mais com aquelas pessoas que gostavam dessa... gostavam muito de filme.

JAN: Sim.

JAA: Essa parte do cineclubes funcionou mais no período que eu tava ausente de Cajazeiras...

JAN: Ah, sim.

JAA: Estudando. Mas sabia dos movimentos aqui, do pessoal que arranjava filme, né? Pra... passava o filme e depois havia um debate, inclusive convidavam pessoas que entendiam de cinema, aqui chegou a existir cursos de cinema aqui em Cajazeiras para os aficionados, pelos apaixonados por cinema, né? Principalmente os chamados filmes de arte, né?

JAN: Sim! Era exatamente isso que eu queria perguntar, se nesses... no cineclubes eles tinham essa visão...

JAA: Sim, sim, tinha uma preocupação de trazer...

JAN: Artistas...

JAA: Sim, não, os melhores, não... eles não traziam os artistas, eles procuravam trazer os diretores de renome internacional...

JAN: Uhum.

JAA: Diretores de cinema, né?

JAN: Sim...

JAA: Hitchcock e tantos outros, que traziam depois pra fazer uma análise de como era feito aquele filme e etc. né?

JAN: Quer dizer que não era só um entretenimento...?

JAA: Não, era estudo.

JAN: Estudo mesmo. Nos demais cinemas, nos tradicionais era mais...?

JAA: Não...

JAN: Era entretenimento.

JAA: Era entretenimento, no restante era mais...

JAN: Era mais...

JAA: Cineclube da cidade... geralmente, o colégio estadual foi um que teve esse movimento... colégio diocesano também teve um pouco depois esse movimento dos alunos se reunirem pra... pra debater sobre cinema.

JAN: Quantos, quantos cineclubes o senhor tem conhecimento?

JAA: Não, eu não tenho ideia de quantos, mas tinha mais de um.

JAN: Mais de um, né?

JAA: Mais de um.

JAN: Eles faziam essas reuniões...?

JAA: Reuniões... é, periódicas.

JAN: Assistia e debatia.

JAA: Depois procure, a universidade teve esse movimento aí também, na década de sessenta, setenta, tinha lá um cineclube, muito interessante. Depois você... eu acho que ainda tem gente remanescente na universidade...

JAN: Na UFCG, né?

JAA: Professor Gildemar...

JAN: Gildemar Pontes.

JAA: Possa te dar alguma... algumas informações.

JAN: Quer dizer que funcionou um cineclube na UFCG?

JAA: Eu acho até que funciona isso aí ainda, não sei se acabou, não.

JAN: Eu acho que acabou, não soube mais.

JAA: É.

JAN: Aí, assim, é... o senhor disse que ficou fora estudando, mas qual foi a época em que surgiu esse movimento de cineclubes?

JAA: Ah, na década de sessenta, setenta.

JAN: Sessenta, setenta, né?

JAA: É, no início de setenta.

JAN: Porque nesse período, como a gente sabe, foi a época da ditadura militar...

JAA: Sim.

JAN: E o cineclube, ele tinha essa preocupação de fazer refletir sobre política?

JAA: Com certeza, com certeza. O pessoal é mais, né? Mais à esquerda... um pouco mais à esquerda, né? Então tinha essa preocupação de trazer filmes que não... circulava na...

JAN: Sei.

JAA: No roteiro... e eles tinha acesso a esse tipo de filme e traziam pra cá pra rodar e geralmente não era nem trinta e cinco milímetros, era uma maquinazinha de dezesseis milímetros pra passar esses filmes, né?

JAN: Então... é interessante essa questão, tipo assim, da diferença do cinema pro cineclube, porque no cinema eles tinha mais essa questão...

JAA: Mas eles também se envolviam com esses filmes que traziam pra Cajazeiras, se reuniam quando era um filme interessante assim, o grupo ia, né? Depois discutia essas questões. Aqui havia, você sabe que quebra muito o filme, quebrava muito, tinha uma máquina, tanto a de Eutrópio que era uma máquina mais velha, como a de... a de, é... Carlos Paulino, eles quebravam, então pra emendar de novo eles toravam aquelas fitazinhas de cinema...

JAN: Uhum.

JAA: E isso aqui era uma coqueluche em Cajazeiras, muita... a garotada disputava, né?

JAN: Uhum.

JAA: Aquelas tirinhas de cinema, pra ver qual era o artista, qual foi a cena...

JAN: Sim, sim.

JAA: Era muito interessante isso aqui em Cajazeiras, tinha um grupo aqui, eu pelo menos colecionei muitas tiras de... pedaços de filme.

JAN: De filme, né?

JAA: É. Era muito comum isso aqui em Cajazeiras, ter isso aqui. Inclusive o pessoal arranjava uns projetorezinhos, projetava na parede, pra brincar, pra se divertir. Eu participei muito, fiz parte desse grupo que colecionava tiras de cinema.

JAN: Tiras, né?

JAA: Tiras dos filmes que quebravam, né?

JAN: Quer dizer que era comum esse negócio aí?

JAA: Era comum e gente conhecia o pessoal que passava filmes, eles já guardava e vendia e aquilo depois circulava no comercio entre os aficionados...

JAN: Sim.

JAA: Pelo cinema, principalmente a gurizada, os mais novos que gostavam muito dessas tiras de cinema. Tinha fotografia de Roy Rogers, né? Tem o de... Tarzan, tem o de...

JAN: Uhum... o senhor guarda até hoje, então?

JAA: Não.

JAN: Não?

JAA: Eu não... como eu dei fim a isso, não sabia a importância que isso tinha pro futuro, né?

JAN: Pois é... era mais uma coisa assim de brincadeira, né?

JAA: Era brincadeira, mas era bom porque era também uma forma de divertimento, sabe?

JAN: Sim. Quer dizer que tinha até um comércio em relação a isso?

JAA: Tinha um comércio, existia aqui em Cajazeiras esse comércio.

JAN: Só da tira?

JAA: Da tira mesmo, da tira de cinema. Tinha uma que eram mais valorizadas, porque tinha pego um pedaço de um artista famoso, né? De um filme interessante, de um filme famoso. Aí guardava isso, depois trocava, né? Vinha uma fitazinha com dez, quinze, né? Sequencias, né?

JAN: É... Aí então, sobre essa questão da política ainda, eles eram um grupo de intelectuais, não é? Que... assistiam filme, debatiam...

JAA: Era, mas não havia tanta essa questão, sabe? De... da discussão ideológica, propriamente dita.

JAN: Sim, era mais em relação...

JAA: Era mais a parte artística, também.

JAN: Sim, sim.

JAA: Podia estudar os diretores, de cinema, a participação de determinados atores, como eles tinham se comportado, era mais um estudo...

JAN: Artístico mesmo.

JAA: Artístico mesmo.

JAN: Sim... mas essa questão política existia também, ou não?

JAA: Deveria existir.

JAN: Deveria existir, né?

JAA: Deveria existir, eu nunca fiz parte de nenhum cineclube, porque nem tinha tempo, né? E o período mais efervescente eu passei oito anos estudando fora.

JAN: Ah, entendo... (pausa longa) deixa eu ver aqui... aí como era, assim, o panorama... intelectual de Cajazeiras nessa época, não só em relação a cinema, mas em relação a tudo, a pessoas que gostavam de novidades, aos universitários, a pessoas que liam, que gostavam de festivais, de cultura, como era, assim, esse aspecto da cidade, de maneira geral?

JAA: Olhe, Cajazeiras foi uma cidade que teve, num determinado período, oito jornais... revistas, inclusive a Flor de Liz...

JAN: Flor de Liz.

JAA: Que era por onde circulava as ideias dos intelectuais da cidade. A cada momento político existia um jornal numa ala... política, né? Dos partidos. Nós tivemos vários jornais na cidade, e era através dessas publicações que os intelectuais se manifestavam, não é? Quando foi na década de sessenta, aí foram inauguradas duas emissoras aqui em Cajazeiras, a Alto Piranhas e a Difusora Rádio Cajazeiras. Então os jornais, praticamente, eles desapareceram, os jornais escritos, passaram as ideias dos intelectuais da cidade, eram, eram divulgadas através de crônicas nas emissoras. Quem queria se manifestar, se manifestava através do rádio. E aqui e acolá saía uma revista, um jornal, né? De pessoas que queriam escrever sobre um determinado assunto. Movimentos culturais, depois nós tivemos aqui festivais de música, festivais de... poesia, festival de cinema, né? Também passavam determinados filmes. a própria faculdade de filosofia também tinha sua preocupação, a FAFIC, em trazer filmes interessantes, porque havia um... um pacto entre a faculdade e a diocese, que determinados filmes, durante alguns dias da semana, o dinheiro arrecadado seria para a manutenção da faculdade. Então eram escolhidos filmes e esse filme a gente rodava aqui em Cajazeiras e o dinheiro era pra manutenção da faculdade. Então, geralmente eram filmes mais, assim, né? Do cunho, do ponto de vista político, um filme de um grande romance, de um grande intelectual, né? Baseado em livros interessantes, então trazia pra se ver aqui em Cajazeiras.

JAN: Tinha essa questão, né? De... trazer diretores importantes, conhecidos?

JAA: Isso aconteceu muito durante... Cajazeiras teve uma semana de cultura, semana cultural.

JAN: Acontecia todo ano?

JAA: Acontecia todo ano, isso aconteceu por três ou quatro anos, inicialmente, porque era um apêndice da semana universitária, que a semana universitária, foi um movimento de muita efervescência na década de sessenta, na década de setenta, principalmente depois

da revolução, que se trazia, é... era um grupo, muito forte que tinha aqui em Cajazeiras, de universitários, que residiam fora e quando todo mundo retornava de férias, desse período de férias, era a semana universitária. Durante essa semana se trazia aquilo que era considerado de melhor em matéria de conferencistas, sobre diversos assuntos, vinham políticos, intelectuais, né? Professores de renome, professores, pra dar palestra sobre determinados assuntos, durante o período da semana universitária havia essa efervescência cultural aqui em Cajazeiras.

JAN: Então esses festivais de música, como eram, eram artistas daqui, de fora...?

JAA: Sim, de toda a região.

JAN: De toda a região?

JAA: O mais importante deles era realizado lá pela rádio Alto Piranhas, lá no Cine Apolo XI, os festivais de música, tinha um professor... Oliveira, que ele se encarregava de fazer essa movimentação, inclusive, comenta-se, eu não estava mais aqui, que Elba Ramalho, quando jovem, veio, se apresentou aqui e outras pessoas depois se tornaram nomes nacionais, né? Porque como Cajazeiras era uma cidade eminentemente voltada também pra essas questões, havia a divulgação e muitas pessoas de fora vinham se inscrever pra participar desses festivais de música aqui da cidade de Cajazeiras, que foram muito bons, né? E outra coisa também, os festivais de poesia tiveram uma importância muito grande, que descobriram muitos valores, muitos poetas, né? Enrustidos, que não queriam se apresentar, terminou se apresentando, recitando poesias.

JAN: Poetas daqui mesmo?

JAA: Da região também, das cidades vizinhas, né?

JAN: Sei... então, mas, fazia sucesso esses festivais?

JAA: Sim, muito sucesso, festival de música, sim. Era o que se comentava na cidade, é na cidade durante semanas e semanas, era... o que movimentava, né? Era o que movimentava na cidade. Era interessante.

JAN: Poesia também a mesma coisa, o pessoal...

JAA: A poesia era mais voltada, tinha... era muito interessante, mas foi um movimento que partiu do colégio estadual de Cajazeiras.

JAN: Esse festival de poesia?

JAA: De poesia... foram realizados mais pelo... pelo colégio, quando era do tempo do diocesano havia uma arcádia natural, uma arcádia... uma entidade que tinha inclusive um

jornal, a centelha, o nome desse jornal, que divulgava os artigos dos alunos, as poesias, os poetas, né? As coisas da vida cultural do colégio Salesiano Padre Rolim e as freiras, as dorotéias também faziam algum movimento, mas na área, no setor de música, que elas tinham aula de piano, aula de canto, então havia essa efervescência, né? Cultural aqui na cidade de Cajazeiras.

JAN: E... o que eu ia perguntar...? Os próprios alunos do colégio estadual, eles...?

JAA: Era quem movimentava.

JAN: Escreviam versos?

JAA: Era que tinha os núcleos acadêmicos, né? Os grêmios!

JAN: Os grêmios, os grêmios...

JAA: Os grêmios eram quem realizavam, inclusive, eu tenho umas poesias aqui em mãos, né? Desse período, inclusive fazia um jornalzinho pra publicar essas poesias e eu acho que eu tenho um acervo, eu tenho alguns desses jornais publicando poesias de Gutemberg Cardoso, do doutor Joab Sales, que é médico aqui em Cajazeiras e... havia um grupo aqui, que se preocupava com essa questão cultural da cidade e desenvolvia e gostava de realizar esses eventos relativos à parte poética da cidade, às pessoas que gostavam de poesia.

JAN: Eram então movimentos da juventude?

JAA: Da juventude, da juventude... dos jovens.

JAN: Quer dizer que muitas pessoas aqui da cidade...

JAA: Que na realidade os intelectuais daquela época eram poucos, né?

JAN: Sim.

JAA: As pessoas que se voltavam mais... os oradores, os grandes oradores daqui se descobria através do tribunal do júri. Geralmente eram os grandes advogados, né? doutor... doutor José Lins Guimarães, que era um grande... doutor Firmino Gaioso, então se pronunciavam nos tribunais do júri, faziam aqueles... aquelas defesas, aquelas acusações com um discurso muito bem fundamentado e o pessoal gostava, geralmente, no dia que havia júri popular aqui em Cajazeiras, a galeria do fórum ficava completamente lotada na época, né? Pro pessoal ouvir os grandes advogados da cidade de Cajazeiras.

JAN: E... e... o teatro da cidade, essa questão teatral?

JAA: A questão teatral foi mais a partir do governo de Wilson Braga que criou o teatro municipal, quando ele construiu aquilo... o teatro ICA, mas antes disso havia aqui uma efervescência de grupos, né? Principalmente o grupo Terra de Eliezer Filho, ele foi quem mais promoveu essa questão das artes cênicas aqui na cidade de Cajazeiras.

JAN: Como consistiam esses eventos?

JAA: Espetáculos! Espetáculos, eles mesmos escreviam, montavam e apresentavam, era o núcleo da, de... da rua Higino Tavares, aqui de Cajazeiras.

JAN: Os atores eram todos daqui?

JAA: Eram todos daqui, geralmente eram os habitantes dessa rua, da Higino Tavares.

JAN: Era uma coisa feita e produzida aqui mesmo, né?

JAA: Era feito e produzido aqui mesmo, escrito... e hoje, todo o pessoal que fazia parte desse grupo, né? Junto com Eliezer e outras pessoas aqui da cidade... é... esse grupo, né? Depois quando Ica voltou do Rio de Janeiro, que fez um curso de teatro lá, inicia-se um movimento, né? Então chegaram a produzir aqui peças de... autores gregos, né? Então foi um movimento, um momento de muita efervescência aqui na cidade e isso aí você deve ter naquele blog Cajazeiras de amor que tem toda uma história... é... tem toda uma história, uma história assim mais sequencial da vida teatral de Cajazeiras, principalmente depois que Ica chegou. Aí quando ela voltou do Rio de Janeiro, foi fazer um curso de teatro e voltando pra cá, ela deu um incremento muito grande nessa parte, inclusive ela era uma grande declamadora, declamadora de poesias, então era um encanto. Eram as pessoas que sobressaíam nessa época aqui em Cajazeiras, contavam nos dedos das mãos quantas pessoas eram, né? Poetas, Constantino Cartaxo que era também um recitador, declamador, poeta também como o pai, então eram as coisas assim da cidade.

JAN: Aí Ica, quando chegou aqui...?

JAA: Ela fez essa revolução.

JAN: Essa revolução, né?

JAA: Foi.

JAN: Por isso que o teatro...?

JAA: É, é o nome dela porque o nome dela é de uma representatividade ímpar na história cultural de Cajazeiras.

JAN: As peças dela, se situavam aonde, em que lugar ocorriam, assim?

JAA: No Cine Apolo XI.

JAN: Nos cinemas, né?

JAA: Nos cinemas, era no cinema, no Tênis Clube, eram os espaços que Cajazeiras tinha, quando não era no Cine Apolo XI, que era um bom auditório, se fazia no Cajazeiras Tênis clube... que tinha um palco para orquestra, né? E tinha as cadeiras, né? Para o dance, que era utilizado para a plateia, né?

JAN: Então ela produzia peças, ou representava...

JAA: Não, não...

JAN: Peças de outros?

JAA: Ela, ela produzia.

JAN: Produzia também, né?

JAA: Desconheço alguma peça escrita por ela, não sei se existe. Acho que não.

JAN: Assim, de autores... de autores, assim, famosos...

JAA: Ah, sim, famosos, com certeza... ela foi audaciosa nessa parte, né? Produziu peças importantíssimas aqui na cidade... e com sucesso, né?

JAN: De público?

JAA: De público, de tudo, o público lotava, lotava.

JAN: Quer dizer tinha esse espírito mesmo a cidade, de cultura de...?

JAA: De cultura.

JAN: De comparecer a eventos.

JAA: Sim, sim.

JAN: A própria população abraçava essa questão.

JAA: Perfeitamente.

JAN: Aí esse teatro, Ica, quando é que ele foi criado, assim?

JAA: Foi criado no governo de Wilson Braga, na década de sessenta.

JAN: Na década de sessenta, né?

JAA: É, de sessenta... setenta, né? Começo de setenta, por aí assim. Então... na década de setenta, tem muita, sim... o teatro Ica, com a chegada dele, apareceram outros núcleos, né? Outros grupos, começou a ter rivalidade, não é?

JAN: Rivalidades?

JAA: Até hoje existe assim umas rusgas, entre determinados grupos de teatro aqui de Cajazeiras, mas é bom que exista isso porque incentiva eles a fazerem as coisas cada vez melhor.

JAN: Cada vez melhor...

JAA: É.

JAN: Como, é... fale um pouco melhor sobre essa questão da... dessas rivalidades, surgiram a partir de quando, como é que se dá?

JAA: Na década de setenta, já.

JAN: Setenta, né?

JAA: Setenta... foram criados vários grupos... de teatro aqui em Cajazeiras.

JAN: Era uma competição, tipo, um querendo ser melhor...?

JAA: Um querendo ser melhor do que o outro, exatamente.

JAN: Ou...?

JAA: Questão de poder também, era questão de poder.

JAN: Não tem também a questão, assim, de diferença de pensamento, de...?

JAA: Pode até ter tido, também... pode ter existido, né? Uns abraçam determinada ideologia outros outras e assim a vida vai seguindo... como um teatro.

JAN: O teatro da vida.

JAA: É, um teatro da vida.

JAN: E... aquela questão sobre o atentado à bomba que teve aqui na cidade, contra o bispo, como foi essa... esse episódio?

JAA: Rapaz, olhe, inclusive aqui o jornal Gazeta do Alto Piranhas publicou, republicou uma matéria que foi produzida alguns anos atrás no Jornal do Comércio. Foi a maior e melhor reportagem, nesses... no Jornal do Comércio tem um trabalho mesmo de cunho científico, de jornalismo investigativo... muito interessante, que inclusive eu remeteria você pra isso, inclusive, no... bagaço aqui do Gazeta, você vai encontrar isso.

JAN: Matéria sobre esse acontecimento?

JAA: Tudo! E parece que são oito... seis reportagens.

JAN: Sobre o mesmo...?

JAA: Cadernos completos do Jornal do Comércio que nós reproduzimos aqui, contando a história do atentado à bomba, é muito interessante, muito interessante.

JAN: É, depois eu posso dar uma olhada aqui.

JAA: Pra se aprofundar, você tem aí um material vasto... muita coisa mesmo. Inclusive... pontos e contrapontos, né? Até esquerda, ainda se pronunciou sobre esse atentado aqui... um grupo do Recife que trabalhava aqui em Cajazeiras nessa época... o padre Francis Bros, que inclusive deve ter sido o autor do atentado, né? Era uma matéria vastíssima, eu acho que você, se você tem interesse nessa questão, você poderia se debruçar nessa reportagem, não tem mais quase o que se fazer... mais recentemente é que... aquele documento, que há muito tempo se procurava, um inquérito sobre a bomba, e ele foi descoberto recentemente e nós produzimos aqui uma... uma matéria do antigo editor do jornal, o jornalista Josival Pereira, que ele foi quem encontrou esse documento, né? Fez uma pesquisa, encontrou e nós... então tem uma ampla reportagem dele sobre o atentado à bomba contra o Apolo XI aqui em Cajazeiras.

JAN: Mas como se deu, assim, ela foi... foi implantada na cadeira lá do...?

JAA: Foi. O cidadão chegou com uma mochila nas costas, botou lá no local onde Zacarias sempre costumava...

JAN: Sentar.

JAA: Sentar, mas nesse dia ele não foi pra o cinema, a bomba explodiu e chegou a matar e a ferir muitas pessoas, e a felicidade é que essa bomba foi...

JAN: Depois da sessão, né?

JAA: Depois que acabou a sessão.

JAN: Era daquelas bombas em que... a relógio, que tinha um tempo?

JAA: Perfeitamente. Eu acho que ele perdeu o tempo, porque se não ia provocar um estrago maior, e o filme era um filme muito antigo, quebrou muito, aí né? Aí nesse quebra-quebra, ao invés do filme durar uma hora e trinta, durou uma hora e quinze, tá entendendo? Aquilo que eu falei, aqueles pedaços que são cortados, pra emendar, pra o filme terminar.

JAN: Tinha essa questão muito, assim, da sessão ser interrompida por quebra da fita?

JAA: Sim, demais. Acontecia demais... quando o filme era mais novo, não acontecia nada, quando o equipamento era velho, aí era que quebrava mesmo, aí a vaia comia no centro... (riso)

JAN: O pessoal gritava, né?

JAA: Ah, era uma zorra total.

JAN: Uma zorra total... (riso) aí tinha que ajeitar lá na hora?

JAA: É, lá na hora tinha uma máquina própria pra emendar.

JAN: Pra emendar, né?

JAA: É, era um material plástico, né? Deve ser no calor, né?

JAN: Sim... aí esse atentado ele pode ter sido motivado por alguma questão política?

JAA: Com certeza, não tenha dúvida. Ou pela esquerda ou pela direita.

JAN: Mas...?

JAA: Havia uma distensão já, né? Pra... arrefecer a presença dos militares no governo ou foi uma... um cara da esquerda, né? Que foi lá pra fazer um atentado, um movimento... pra atingir pessoas que eram contra o movimento, ou foi um cara da direita que quis provocar para que o movimento continuasse.

JAN: Entendo.

JAA: De um lado ou de outro.

JAN: Mas, quer dizer então...?

JAA: O problema é que não se descobriu o porquê desse atentado e nem a pessoa que colocou.

JAN: Sei... quer dizer que não é questão, depois de tantos anos não é uma questão...?

JAA: Esclarecida... difícil.

JAN: Os esforços da polícia na época...?

JAA: Grandes! Ah...

JAN: Foram grandes?

JAA: Cajazeiras viveu uma verdadeira revolução, era só descendo helicóptero aqui no centro da cidade, aqui, trazendo pessoas das forças armadas, do exército, da polícia...

JAN: Foi em que ano, isso?

JAA: Prenderam muita gente em Cajazeiras... setenta e dois, acho foi setenta e dois, por aí...

JAN: Setenta e dois, né?

JAA: Ou foi setenta e três, não recordo bem a data, mas as datas estão todas aí, com muita precisão, nesse trabalho que eu falei.

JAN: Quer dizer então que é evidente essa conotação política e tal?

JAA: É, é.

JAN: Já no contexto do golpe, né?

JAA: Do golpe... já estava havendo uma distensão do movimento.

JAN: E como foi essa questão da decadência do... do cinema, do teatro?

JAA: A chegada da televisão.

JAN: É o que define, né?

JAA: É, é praticamente isso. A falta de frequentadores, a não modernização dos cinemas... sabe? Hoje você vai pra um cinema com ar-condicionado, com carteiras confortáveis, contribuiu, né?

JAN: O pessoal não tinha mais interesse, né?

JAA: Foram aparecendo outras formas de...

JAN: Entretenimento.

JAA: De entretenimento, né? Eu acho que a televisão foi a principal delas.

JAN: Como foi que a televisão, assim, chegou na cidade pra ficar, assim?

JAA: Na década de setenta.

JAN: Setenta, né?

JAA: Na década de setenta, nos anos finais. Instalou uma antena lá no Serrote do Quati pra trazer a imagem do Ceará pra Cajazeiras, as primeiras imagens que chegaram aqui foram do Ceará.

JAN: Uhum... preto e branco ainda?

JAA: Era, preto e branco... preto e branco.

JAN: Aí, mas ainda demorou pro pessoal poder conseguir ou...?

JAA: Não, as coisas foram evoluindo, né? Com pouco tempo o sinal começou a melhorar, né? Já era interesse das empresas da Paraíba, em trazer o sinal pra cá, através do Pico do Jabre, que é ponto mais alto da Paraíba...

JAN: Da Paraíba, né?

JAA: É. E aí foi se expandindo, né?

JAN: E aos poucos foi só...

JAA: É.

JAN: Eu li o TCC de uma menina, que ela já escreveu sobre cinema, mais precisamente sobre o Cine Éden... ela relata que... com a chegada da televisão, o pessoal, né? O pessoal diminuiu a frequência, de frequentar o cinema, aí o que salvou, assim, foi a questão dos

filmes mais eróticos, né? A pornochanchada e tal... que o pessoal, eles começaram a exhibir mais esses filmes, né?

JAA: Apelando, né?

JAN: Apelando... (ambos riem) aí foi dando certo, mas chegou uma época que...

JAA: É... degradingolou, né?... eu acho que Cajazeiras comportaria uma sala de cinema.

JAN: Hoje em dia, né?

JAA: Comporta, não tenho nem dúvida.

JAN: Tem um pessoal dizendo que queriam instalar um lá no shopping, mas nunca...

JAA: É, não prosperou.

JAN: E faz tempo que eu escuto isso.

JAA: É, quem entende de cinema disse aqui que comportava, mas o pessoal não acreditou... mas acho que vão lançar ainda, uma pequena sala, duzentos lugares, trezentos lugares, eu acho que comportaria aqui, pegando os lançamentos nacionais, com uma boa publicidade, acho que... coisa que a Netflix não rode.

JAN: A Netflix, né? (riso)

JAA: É.

JAN: É que faz muito sucesso hoje, Netflix e tal...

JAA: É, sim.

JAN: Pra você baixar um filme na internet é muito fácil.

JAA: Na internet...

JAN: De graça, assim, até as vídeo locadoras estão...

JAA: Você tem que agregar alguma coisa ao cinema, né? Ter um restaurante, ter uma lanchonete muito boa, um negócio de diversão pra criança, os mais jovens, tem que ser um complexo como tem nos shoppings hoje, né?

JAN: Sim... não pode ser só o cinema pelo cinema, que só... atrai as pessoas, né?

JAA: É, tem que ter um atrativo, né?

JAN: Na época, tinha isso aqui em Cajazeiras?

JAA: Não, tinha não, era só o cinema mesmo, não tinha outra coisa. E o circo, né? Cajazeiras era uma cidade onde andava os melhores circos do Brasil, sempre foi... os circos fizeram sucesso aqui em Cajazeiras.

JAN: Aí então, pra terminar a entrevista, o senhor acha que o cinema funcionou como um processo de socialização das pessoas, as pessoas saírem na rua...?

JAA: Perfeitamente, porque... de qualquer maneira, a pessoa que vai assistir a um filme, ele sai com algo mais, né? Geralmente as pessoas, era mais a juventude, no outro dia estava se discutindo, lá no intervalo do colégio diocesano, no Nossa Senhora de Lourdes, que um dos principais colégios, o colégio estadual de Cajazeiras, os estudantes discutiam sobre o filme, né? Assistiram? Cena tal, cena tal... quer dizer... havia uma preocupação também, uma ampliação, não ficava só resumido ao divertimento de uma pessoa em determinado momento no cinema de Cajazeiras... isso geralmente quando era um bom filme repercutia no dia seguinte nas rodas, nas conversas, na hora do almoço, na hora da janta, na hora do recreio, né? Entre as famílias, entre os colegas.

JAN: Então promovia essa sociabilidade, né?

JAA: Com certeza, sem dúvida, o cinema promovia... aqui era muito comum se convidar a namorada pra ir assistir um filme, né? Tem que ter a anuência do pai, o pai queria saber como era o filme, essas coisas todas, né? Mas deu certo, foi um momento importante na vida cultural aqui da cidade.

JAN: Certo. Acho que é isso (riso)

JAA: Pronto, estou às ordens.

JAN: Está às ordens (riso), muito obrigado, o senhor.

JAA: Um abraço, aí.

JAN: Um abraço.

Apêndice B: Entrevista com Aldemir Oliveira Barbosa (22/03/2019)

José Antônio Neto (pesquisador): Então tá gravando... como é o nome completo da senhora...?

Aldemir Oliveira Barbosa (colaboradora): Aldemir... Oliveira Barbosa

JAN: Aldemir Oliveira Barbosa, né...?

AOB: É.

JAN: E... como foi a... a sua infância, como foi, assim, os seus primeiros anos?

AOB: É... a minha infância foi assim... meus pais eram agricultores, né? minha infância foi assim, era praticamente como agricultora, né? trabalhando na roça, né?... estudava, né? trabalhava pela manhã, estudava pela manhã... e a tarde era na roça, né?

JAN: Era na roça.

AOB: Era na roça.

JAN: Quer dizer que vocês começaram no sítio?

AOB: No sítio, meus pais moravam no sítio.

JAN: É porque tem gente, assim, que mora na cidade, mas tem uma roça.

AOB: Isso, mas a gente morava no sítio mesmo.

JAN: Era só no sítio?

AOB: Era só no sítio.

JAN: A senhora estudou até que época?

AOB: Eu estudei... fiz até a terceira série.

JAN: Terceira série, né?

AOB: Terceira série...

JAN: Do ensino fundamental.

AOB: É... de primeiro chamava, é... a... primário, né? era primário, né?

JAN: Uhum.

AOB: Terceira série, primário...

JAN: Aí como eram as condições de vida nessa época...era?

AOB: Ah... era difícil, nera?... as condições de vida, né? porque... a gente só melhorava mesmo de vida quando chegava no final do ano que meu pai colhia aquele algodão, né? que ele vendia... aí era que melhorava as condições de vida.

JAN: Trabalhava na colheita do algodão, né?

AOB: É, na colheita do algodão... né?... aí tinha assim, tinha o patrão, né? que fornecia o dinheiro no final de semana... né? mas era aquele total limitado, né?... aí quando chegava no final do ano que colhia aquele algodão todinho, que prendia, aí o que meu pai saldava, né? pagava o patrão... e o que saldava era pras despesas, né? aí dava pra viver, né?

JAN: A colheita da época quer dizer que era o algodão, né?

AOB: Era o algodão... era, o algodão... meu pai era o homem que mais produzia no sítio que a gente morava.

JAN: Uhum.

AOB: Era muito algodão.

JAN: Era uma fazenda?

AOB: Era uma fazenda, né?... aí... tinha o patrão, né?... mas... tinha o fornecimento, né? do... do dinheiro, né?... aí, como eu falei pra você, chegava no final de ano, aí... acertava tudo, não é?

JAN: Uhum... aí você também trabalhava da colheita do algodão...

AOB: Sim.

JAN: Ou eram outras roças, assim, pro...?

AOB: Não, era primeiro, era na roça pra o legume, né? Aí ali ... junto com o legume... né? Aí quando começava o algodão a produzir, que... fazia a colheita do... legume, aí começava a colheita do algodão.

JAN: Até quanto tempo vocês trabalharam na roça?

AOB: É, bem, eu fiquei na roça, trabalhei na roça até os meus dezessete anos... né?... até os meus dezessete anos... trabalhando na roça... aí daí, quando eu completei dezessete anos aí saí pra, viajei pra... pra Recife, né?... trabalhar, cuidar de três estudantes... aí pronto, não trabalhei mais na agricultura... pois é... e meu pai continuou na agricultura... minha mãe, até... até nuns anos... noventa e pouco, por aí, né?... que eles ficaram na agricultura, aí depois saíram, né? lá da fazenda e vieram morar na rua.

JAN: A cidade de origem de vocês, é?

AOB: A cidade de origem de mais pais era... era... Carnaúba, era Carnaúba no município de Pombal... Carnaúba no município de Pombal.

JAN: Era um sítio de Pombal?

AOB: Era um sítio... que foi o primeiro, a primeira fazenda que eles moraram, né? porque a gente nessa época aí... a gente era... criança, né? porque, eu... quando eu cheguei aqui, eu, no sítio que a gente morava aqui em Cajazeiras, no município de Cajazeiras, eu tinha três anos de idade.

JAN: Você se lembra de alguma coisa, de quando morava lá, em Pombal?

AOB: Não, não, não, não lembro não, que eu era muito pequena, né?

JAN: Sim, três anos...

AOB: Quando eu cheguei aqui foi com três anos, aí eu não lembro.

JAN: Quer dizer, você nasceu lá, mas de lá você...

AOB: É.

JAN: Toda a sua lembrança é já daqui?

AOB: É, já daqui... minha lembrança é já daqui mesmo, né?... de Cajazeiras.

JAN: Por que os seus pais resolveram mudar de Pombal até Cajazeiras?

AOB: É... porque não tava dando mais certo lá, né? aí encontraram essa fazenda aqui pro lado de Cajazeiras e aí vieram morar aqui... pois é.

JAN: Por que não tava dando certo, lá?

AOB: É, eu não sei, eles nunca falavam assim pra gente, né?... porque as condições não davam mais, né? pra viver lá, aí vieram morar aqui em Cajazeiras... que era, que era ele, é cunhado dele, era tudo, moravam tudo perto, na mesma fazenda, sabe?... em

Cajazeiras... mas eles são do Sítio Carnaúba... é, sempre foram agricultor, né? minha mãe e... aí... eu já nasci no Sítio Tigre, né? O Sítio Tigre já é outro sítio no município de Pombal.

JAN: Aí... essa fazenda é próxima daqui, de onde vocês moram hoje?

AOB: Ela é bem próxima, aqui, bem próxima da UFCG.

JAN: Por aqui, né?

AOB: É, pertinho.

JAN: Das populares?

AOB: É... ali no Sítio Picada.

JAN: Ah, eu conheço

AOB: É.

JAN: É por ali, né?

AOB: É, eu morava ali, passei minha infância ali.

JAN: Como era, então quais eram as lembranças que você tinha, assim, que você mais gosta da sua infância, era... a escola, era brincar?...

AOB: A escola, a escola... brincar, né? que a gente, assim, estudava, trabalhava, mas tinha um tempo pra brincar também, não é?

JAN: Uhum.

AOB: Pois é.

JAN: Brincava de que?

AOB: É, brincava de boneca, de todo tipo de brincadeira, era brincadeira de roda, de... essas brincadeiras que existiam, né? que as crianças brincavam, que hoje não existe mais.

JAN: Era brincadeira de criança mesmo, ne?

AOB: É, de criança mesmo.

JAN: Porque naquele tampo não tinha nem internet, nem televisão pra passar o tempo, né?

AOB: É, não tinha televisão, nem internet... existia o rádio de pilha, né?... o rádio de pilha que existia...

JAN: Vocês costumavam ouvir, o rádio?

AOB: É, ouvia, mas, é, assim, era mais meus pais, né? porque a gente era criança e não dava muito valor pra essas coisas, não, né?

JAN: Mas você sempre lembra de ter um rádio ligado? (riso)

AOB: É... sempre tinha um rádio ligado (ri) pois é...

JAN: Aí escutava o quê, era notícia, era música?

AOB: Notícia, música, tudo, né? tinha o... chamava o... forró do varandão, eu acho que até hoje é assim ainda, né? tinha isso aí, tudo meu pai assistia, né?... chegava o horário, que era o horário que ele chegava da roça, né?... aí tomava banho, né? E ficava perto do rádio pra assistir (ri).

JAN: Era o costume dele, né?

AOB: E quando dava sete horas era A Voz do Brasil pra eles assistir... pois é... e ali a gente não podia fazer ... pra brincar (ri).

JAN: Afastado, né?

AOB: É, afastado, né?... era assim.

JAN: Aí... isso era uma espécie de lazer, depois do trabalho?

AOB: É, depois do trabalho.

JAN: Tinha esse lazer do rádio.

AOB: Pois é... mas foi muito bom, era muito bom a minha infância, foi muito bom mesmo... trabalhava, né? mas é porque... era assim mesmo, né? não tinha conhecimento, hoje não que criança não pode mais trabalhar, né?... mas é assim.

JAN: E aí quando é que você foi pra Recife?

AOB: É... vieram atrás, né? vieram falar com os meus pais, era justamente o filho do patrão de meu pai, né? e uns filhos que iam fazer vestibular... na faculdade em Recife, né?... pela primeira vez, né? aí... precisava de uma pessoa pra morar com eles, cuidar

deles, né?... os meus pais, eles não queriam deixar, né? aí, mas terminaram aceitando, aí eu fui.

JAN: Mas você queria muito ir pra Recife, ou...?

AOB: É, queria, né? queria e não queria, queria assim, porque eu não conhecia nada, né? vivia praticamente só em sítio, não é? aí não conhecia cidade grande e tinha medo, né? de sair de perto dos meus pais... de chegar em uma cidade grande... é, mas... deu certo.

JAN: Mas, tinha também, o que te atraía pra lá, era a novidade de conhecer uma cidade diferente...?

AOB: Era, era...

JAN: Ou era, assim, oportunidade de emprego?

AOB: Não, não era nem tanto, era uma oportunidade de emprego, de ganhar alguma coisa e a curiosidade de... conhecer a cidade grande também, né?

JAN: Chegando lá, foi como?

AOB: Chegando lá foi bom, né? acostumei. Os primeiros dias foram difíceis, né? Mas, é... eu me acostumei, me acostumei... me acostumei e... pronto.

JAN: A cidade era toda movimentada...?

AOB: Era... movimentado, né? as praias, né? que o que eu gostava mais eram as praias, né? gostava muito... muito... é, me acostumei, né?... quando eu fiz meus dezoito anos já tava lá em Recife, completei dezoito anos, né... aí acostumei, aí com o tempo, é... num... ouve uns problemas aí e não deu certo, os meninos foram morar com a avó em Boa Viagem... aí eu voltei... vim pra casa, mas só que eu já tinha muito conhecimento lá, não é?... aí retornei pra lá... os pais, justamente o pai dos meninos que eu cuidava deles foi quem me deu a passagem... aí já tinha conhecimento, quando cheguei lá arrumei emprego de novo... pois é... aí fiquei lá até meus vinte... vinte anos, vinte e um anos, por aí... aí vim embora, de vez, aí não voltei mais não... vim me embora... aí continuei no sítio, né? fiquei morando com os meus pais, meus pais ainda moravam no sítio... né?... aí... depois conheci o pai dos meus filhos, né? dos meus filhos mais velhos, aí saí de dentro de casa.

JAN: Aí a senhora se casou mesmo, assim, com...?

AOB: Não, não era, assim, casado mesmo em papel, sabe?

JAN: Sim, sim.

AOB: Pois é... aí continuei morando no sítio, né? Só que em outro sítio que era dos mesmos patrões, num sabe? aí depois meu irmão comprou essa casa aqui... aí vim morar aqui... e até hoje (ri) pois é.

JAN: Aí... a senhora voltou de Recife e voltou, digamos, pro sítio, mas continuou na luta do sítio, trabalhando ou não?

AOB: Não, não... eu já não trabalhava mais na agricultura, não, cuidava só da... da casa mesmo, sabe?... pois é... cuidava só de casa mesmo.

JAN: Era o quê, era ajudando sua mãe?

AOB: Era, ajudando, minha mãe... e ela era quem ainda ia pra roça ajudar meu pai, ela ainda ia, mas a gente ficava em casa e tomava de conta da casa.

JAN: Você tem quantos irmãos, assim?

AOB: É, nós éramos dez... dez irmãos.

JAN: Uhum... você era o quê, a mais caçula, a mais... uma das mais velhas...?

AOB: Não, eu era já mais encostada aos mais velhos, sabe? a minha irmã caçula já faleceu.

JAN: Uhum.

AOB: Pois é... mas era, era... foi bom, a minha... muito bom, até hoje eu tenho lembrança... sabe?... lembrança boa do sítio, né?... e, é assim, é como se fosse um filme na minha cabeça.

JAN: E lá de Recife, o que a senhora guarda mais, assim, de lembrança?

AOB: É, guardo muitas lembranças boas também... minha vida lá também foi muito boa, sabe?... muito boa mesmo, eu... assim, eu me divertia lá, né? me divertia bastante, fiz muita amizade lá, né?... e... terminei voltando pra cá e me acostumei, né?

JAN: Mas a senhora queria continuar lá, ou... se a senhora pudesse, a senhora continuava lá em Recife?

AOB: Ah, era, se eu fosse jovem ainda, eu... eu voltaria pra lá.

JAN: Lá é bem melhor do que em Cajazeiras, a senhora acha?

AOB: É, eu achava, né? bem melhor.

JAN: Aí, tipo... a senhora disse que gostava muito de se divertir lá, quais eram, assim, os meios de diversão de vocês?

AOB: Ah, era festa... a gente gostava muito de sair pra uma churrascaria que tinha música ao vivo, né? forró, que eu gostava muito de forró... era uma dançarina fina mesmo (ri) aí gostava muito, né? dessas coisas, né?... e era assim, nunca fui de... de beber, não usava ficar bebendo, sabe? era... bebia, assim, quando saia pra se divertir, tomava um copo, dois, de cerveja e pronto.

JAN: Era mais uma forma de sair e se divertir com os amigos, mesmo, né?

AOB: É, só sair e se divertir com os amigos, mesmo, né?... mas era bom demais.

JAN: Aí quando a senhora chegou aqui em Cajazeiras, que digamos, estabeleceu a vida aqui, a senhora estava com que idade, já?

AOB: Já estava, é... com vinte pra vinte e um já, sabe?... aí pronto, me estabeleci por aqui e não voltei mais não... é aquela coisa, né? aí fui morar com alguém, fui, veio os filhos, né?... não tive mais como me divertir, nada disso mais (ri)... pois é.

JAN: Foi nessa casa aqui mesmo?

AOB: É, nessa casa aqui mesmo... é, tá com trinta e um anos que eu moro aqui.

JAN: Foi... a senhora lembra em que época foi isso, assim... anos oitenta, noventa?

AOB: Eu mudei pra cá?

JAN: Sim, sim.

AOB: Foi, é... eu lembro, eu acho que foi no ano de... oitenta e... eu acho que foi em oitenta e seis, oitenta e cinco pra oitenta e seis, né? que eu mudei pra cá.

JAN: De uma vez por todas?

AOB: É, de uma vez por todas... é, uma vez por todas.

JAN: Como era Cajazeiras dessa época?

AOB: É... Cajazeiras, assim... quando eu... eu me mudei pra cá, assim, Cajazeiras não tinha mais os divertimentos, né? que existia, que tinha, né?... já era diferente, já as coisas, né?

JAN: Aí a senhora sentiu essa falta, né? por que em Recife era mais animado e aqui já não...

AOB: Era... era, aqui já não tinha porque, assim... tinha os forrós nos sítios, né? que era no Jardineira... capoeira, né? que existia os forrós assim em época junina, né?... e a gente, era os únicos cantos onde a gente saía pra se divertir, né? Era nos forrós... pronto, além disso mais nada, né? Não saia pra outro... pra outra coisa, né?

JAN: Era... era a vida de casa mesmo, né? Do trabalho...

AOB: Era, de casa mesmo, do trabalho... pois é...

JAN: E esses forrós eles aconteciam em quê, nos sítios que vocês já moravam antes?

AOB: É... próximo dos sítios que a gente morava, né?... próximo aos sítios, só que assim, distante, né?... ficava um pouco distante, mas só que a gente, é... era, a vontade era tão grande de se divertir... que ia pra esses forrós a pé... né? Ia a pé pra os forrós.

JAN: Por que, não tinha muito transporte?

AOB: É, era difícil o transporte, às vezes tinha ônibus pra ir... as pessoas, só que, às vezes não tinha, né? E quando acontecia de ter, só ia levar e não...

JAN: Deixar de volta.

AOB: É, não ia deixar de volta, aí... no outro dia, o dia amanhecia, o forró terminava e vinha todo mundo a pé, a turma, né?

JAN: Uhum

AOB: Todo mundo junto.

JAN: Mas ninguém reclamava, né?

AOB: Ninguém reclamava... era só contando as novidades, o que passava, né? Pois é... era bom demais... os forrós de antigamente... hoje num... num existe mais essas coisas, né? Que o mundo tá... cheio de coisa ruim, né?

JAN: O que a senhora mais gostava de ir nesses forrós, era o quê?

AOB: Era... só pra dançar mesmo, né? Só pra dançar, se divertir mesmo.

JAN: Conversar, né?

AOB: Conversar... encontrar os amigos, né?

JAN: Tinha amizades, assim, que você só via na hora do... dessas festas?

AOB: Era... era... era amizade que a gente só via na hora do... quando acontecia os forrós mesmo.

JAN: Aí aproveitava esse tempo pra...

AOB: É.

JAN: Contar as novidades, conversar...

AOB: Contar as novidades, conversar...

JAN: E... em relação aos cinemas, é... você frequentava os daqui de Cajazeiras?

AOB: Os cinemas aqui de Cajazeiras eu cheguei a frequentar... mas eu já, assim, na idade de dezoito anos... né? Por aí assim, é, quando eu vivia por aqui, né? Mas assim, na minha adolescência já existia os cinemas aqui em Cajazeiras, né?... mas só que era aquela coisa meus pais não... não deixavam, a gente não podia sair, né? Saía a minha irmã mais velha que tinha a liberdade de sair, sabe? Que era, a gente era adolescente, eu com as minhas outras duas irmãs, né? Era sempre perto deles, né? Aí nunca tinha um... o prazer de sair assim pra o cinema.

JAN: Por que você acha que eles não deixavam, por que, o quê que...?

AOB: Porque era assim mesmo, né?... Era assim mesmo, né? Os filhos tinham que obedecer os pais, né?... aí a gente... tinha que se conformar.

JAN: E nem reclamava de nada?

AOB: Nem reclamava de nada, nem se reclamava de nada, porque se... num ia, pronto, era uma palavra só.

JAN: A palavra dele era a lei, né?

AOB: Era a lei, né?... era assim.

JAN: Mas, assim, eles achavam, eles diziam o quê que não podia ir, porque era...?

AOB: Porque era criança, né?... e na minha época, criança num... num podia sair assim, às vezes, assim, saía, às vezes saía pra um parque... sabe? Mas era com... na companhia da minha irmã mais velha... e tinha uma prima minha que morava próximo a gente, elas

saiam, porque já eram moças, né?... e... os pais davam o direito delas sair, né? Mas a gente não tinha, né? E também quando saía não queria tá com... crianças do lado delas, porque iam atrás de namorar, essas coisas, né? E aí tinha que ficar em casa.

JAN: Quer dizer que... é... a senhora, tinha mais ou menos quantos anos, assim, que o seu pai não deixava?

AOB: Era de... uns onze a treze anos... de doze à treze anos de idade.

JAN: Mas... depois eles começaram a deixar, ou não?

AOB: Não, a gente, assim, a gente só veio ter a liberdade mesmo de sair? Quando, depois que saímos pra fora, né? Que voltamos, né?... aí a gente já tinha essa liberdade de sair, mas ainda era difícil, sabe?... ainda era difícil... é, a gente tinha medo deles... de desobedecer a ordem deles, né? A gente ficava, tinha aquele medo, né? De acontecer alguma coisa, mas era muito difícil, era preciso pedir muito pra eles, pra gente sair, e quando deixavam... meu pai não era tanto... sabe? Meu pai era de menos, né? Mas minha mãe, não... ela sempre foi severa mesmo, sabe?... severa mesmo com a gente.

JAN: E... quando... você falou que chegou aos dezoito, na cidade...

AOB: Uhum.

JAN: Nessa época, até os dezoito, até sair pra Recife, a senhora não frequentou muito não?

AOB: Não, não frequentei não... aí depois que a gente já tinha ido pra cidade grande, né? Já tivemos mais a liberdade de sair... mas assim, eu participei muito pouco de cinema aqui em Cajazeiras, sabe?... muito pouco mesmo.

JAN: Lá em Recife, você participou?

AOB: Lá em Recife, não, de cinema mesmo eu nunca participei não... eu tinha medo, assim, não era muito assim de sair pra muito canto não, eu tinha medo, sabe?... pois é, eu tinha medo.

JAN: É porque você saía mais com os amigos, né? Aí...

AOB: É.

JAN: Aí eles mesmo não iam muito pra cinema, ia mais pra outros...

AOB: Isso, isso... era mais pra outros locais.

JAN: Outras festas...

AOB: Como eu falei pra você, era negócio de churrascaria, né? Um barzinho, boate, essas coisas... praia, né?

JAN: Era a diversão preferida de vocês.

AOB: A diversão preferida era essa.

JAN: E... mas do cinema, você lembra a vez que você frequentou... uma vez ou outra?

AOB: Lembro, eu lembro... lembro... eu lembro que eu... as primeiras vezes que eu frequentei os cinemas daqui eu lembro que foi com uns primos meus... eles vieram pedir pro meu pai, né? Deixaram, liberaram, né? Aí eu assisti.

JAN: Só podia ir se fosse acompanhado?

AOB: Acompanhado, é acompanhado... mas, é... assim, o que eu participei mesmo foi só um, que foi o Cine Pax, sabe? Que eram três cinemas, tinha o... era o Cine Pax, o Cine Éden e o Apolo XI, né?... mas as vezes que eu participei foi só no Cine Pax... mas os outros eu nunca frequentei não.

JAN: Nunca nem foi?

AOB: Nunca nem fui, né?

JAN: Aí como foi... esse dia que a senhora saiu com os primos... a senhora lembra desse episódio... pode contar um pouco como foi?

AOB: Não, eu lembro que, assim, a última vez que eu participei... é, foi um filme que a gente foi assistir de sexo, era até com Lucélia Santos... e foi muito bom o filme, né? Mas, assim, é... os outros eu não lembro, eu não tenho lembrança dos outros filmes que eu assisti, não... pois é.

JAN: Essa primeira vez que você foi com os seus primos... você não lembra do filme, né?

AOB: Não... os primeiros eu não lembro, não... lembro do último que eu fui, que foi a primeira vez que eu fui pra um cinema aqui em Cajazeiras... aí pronto, aí foi passando o tempo, né?... eu já não saía mais... aí com o tempo acabou os cinemas aqui, né?... é uma coisa que faz muita falta aqui em Cajazeiras, que era bom demais, sabe?... era bom demais... chegava, assim, é... final de ano, né? Aí meus pais eles saiam com a gente... os que eram pequenos, sabe?... os grandes não, porque eles sabiam se virar... aí eles saiam com a gente em final de ano pra assistir à missa, né? Assistir à missa... aí quando saía da

missa, a missa terminava aí ele ia com a gente para o centro, sabe? O centro era cheio de coisa pra vender, sabe? Na época de natal e ano novo... aí ele comprava e aquelas compras, aquelas feiras que a gente queria, sabe? Aí voltava com a gente pra casa... e os outros, mais velhos, ficavam, né? Iam procurar uma casa de... de dança, era cinema, né?... e ficavam na cidade eles traziam a gente pra casa.

JAN: A senhora gostava, assim, de dar essas voltas na cidade?

AOB: Gostava... gostava... mas só que era ali, colado com eles, né?

JAN: O que é que tinha de novidade, assim, pra ver, pra acompanhar?

JAN: Menino, tinha tanta coisa... sabe? Tinha aquela praça, eu acho que você conhece aquela praça Coração de Jesus... pronto, aquilo ali em época de Natal... era lotado aquilo ali de banca, sabe? Tudo que você quisesse pra comprar, você encontrava... era difícil... era tudo, era a noite mesmo... assim, na época de natal e ano novo, né? A praça João Pessoa, aquilo ali era o movimento maior do mundo, sabe?... era muito, assim, tinha muito divertimento aqui em Cajazeiras.

JAN: Tinha o quê, por exemplo?

AOB: Hum?

JAN: Tinha o que, assim... por exemplo?

AOB: Assim, o divertimento, assim, porque existia os cinemas, né? Existia as... as casas de dança, né? Os clubes... tinha, por exemplo, tinha uma casa chamada casa noturna, que isso daí eu nem cheguei a...

JAN: Frequentar.

AOB: A frequentar... essas coisas aí... que era muito bom, né? Terminava a missa, terminava... aí cada um escolhia o canto pra ir se divertir, né?

JAN: Mas tinha atração pra tudo que quisesse?

AOB: Tinha atração pra tudo que quisesse... porque tinha, olhe, existia o... era o Clube primeiro de maio, né? Era o Tennis Clube que ainda existe, o Tennis Clube... e tinha... o jovem clube, sabe? Que era um clubezinho que tinha lá na praça, no final da praça João Pessoa e sempre tinha... mesmo depois que acabaram com os outros clubes... e os cinemas em Cajazeiras, aí esse clube ainda ficou existindo, aí chamava o jovem clube... aí tinha as atrações dele dia de domingo, sabe? Aí lotava, sabe?... ali era jovem... era todo tipo de idade, sabe? Não tinha idade não, todo mundo se divertia junto.

JAN: O movimento maior aqui na cidade era... final de semana ou se quisesse tinha a semana todinha?

AOB: Não, era mais final de semana, sabe?... final de semana... pois é... assim, no... cinema mesmo, na semana existia, né? As sessões pras pessoas, assim, assistir... quem tinha dinheiro ia assistir, né? Mas era, as coisas melhores mesmo eram no final de semana, né?... pois é... aí botavam aqueles cartazes na... nas cidades, né? O... o filme que ia passar no final de semana, né? Aí as pessoas iam pra cidade, ficavam, aí iam ver aqueles cartazes ali na cidade, né? Que era pra saber o filme que ia passar...

JAN: Uhum.

AOB: No sábado ou no domingo, né?

JAN: Os dias de movimento maior eram nos finais de semana...?

AOB: Eram, nos finais de semana... pois é.

JAN: E... feriado, assim, natal, ano novo...?

AOB: Ah, era bom demais...

JAN: Era... quando tinha mais movimento.

AOB: Mais movimento... mais movimento, mesmo.

JAN: Se for comparar, essa época, assim, com hoje em dia... antes era mais agitado?

AOB: É... era... era... era mais agitado, sabe?

JAN: Então, quando foi que começou assim, a cidade a perder essas atrações, a...?

AOB: Olha, é... eu não tenho, assim aquela lembrança de quando foi a época que começou a perder essas coisas aí, sabe?... eu não tenho essa lembrança aí, mas eu não sei nem porque foi que acabaram essas coisas aqui, sabe?

JAN: Mas foi aos poucos... é... ou foi de uma vez?

AOB: É... foi aos poucos, né? Foi se acabando aos poucos, né? Mas eu não tenho lembrança assim dessa época, que... acabou isso aí... agora assim eu acho que foi mais, essas coisas acabou mais, porque um dos cinemas aqui em Cajazeiras, foi... ouve uma explosão... foi, é... no Apolo XI... no Apolo XI... aí as pessoas falavam, eu não sei, nessa época eu era adolescente ainda... quando aconteceu isso, sabe?... é... o... diretor desse cinema era um bispo, sabe? Aí as pessoas falavam que tinham colocado essa bomba lá

pra matar o... bispo, né? Colocaram debaixo da cadeira do bispo e... foi logo depois que aconteceu isso, aí com um tempo aí começaram a acabar com os cinemas... agora também eu que que foi por... desleixo também, dos governos, também, né? Num ligaram pra mais nada, né?... pois é... mas era muito bom... com essa explosão que ouve, até hoje ainda existe gente com sequelas, né?

JAN: Alguém chegou a morrer, dessa explosão?

AOB: Chegou... é, falavam, né? Eu mesmo não cheguei a ver não, mas falavam que teve um policial e ele foi torado ao meio, sabe? Assim, porque quando essa bomba explodiu, a maioria das pessoas já tinha terminado o cinema, mas a maioria das pessoas já tinham saído de dentro, só algumas pessoas que ficaram, né? Aí foi quando ouve a explosão... aí ficaram, uns morreu, outros ficaram gravemente feridos, né?... aí foi a partir disso daí que começaram a acabar com os cinemas.

JAN: Ficou aquela sensação de... de medo?

AOB: Eu acho que sim, né? Porque... é... eu lembro também, que depois que ouve isso... ainda existia os cinemas quando tinha acontecido isso que eu vou te falar agora... é... Luiz Gonzaga veio dar um show aqui em Cajazeiras... sabe? Porque sempre viam essas atrações de fora aqui pra Cajazeiras, né? Aí Luiz Gonzaga veio fazer um show em praça pública aqui em Cajazeiras, né? Aí ouve um problema lá na rede elétrica, né? Aí começou a... pipocando lá os fios... meu irmão mais velho tava nessa noite, lá... nesse evento... aí as pessoas se apavoraram, né? Fazia pouco tempo que tinha acontecido isso, as pessoas se apavoraram, foi uma correria maior do mundo, né? Aí as pessoas derrubavam as outras, passava por cima... né? Um estrago mesmo, né? e... depois que caíram na real que não era uma bomba, né? Acharam que era outra bomba que tinham soltado, né? Mas não era, eram os fios que estavam pipocando... pois é (ri).

JAN: E Luiz Gonzaga, correu também ou não?

AOB: Não, não, ficou lá no canto dele... ficou lá no canto dele, ele... pois é... aí meu irmão chegou em casa contava isso, a gente ria tanto... com o que aconteceu lá na hora com as pessoas apavoradas, né? Pois é... só que não era bomba não, era só... o pavor mesmo, o problema era lá na rede elétrica.

JAN: Aí quando isso acontecia com vocês de os mais novos não ir, mas gostavam de ouvir as histórias dos mais velhos, né? Que...?

AOB: Era, era... gostava de ouvir as histórias... e assim, por ser um sítio perto, também às vezes se acontecesse alguma coisa aqui na cidade, e fosse alto, sabe? Do sítio a gente escutava, como essa explosão mesmo, do sítio a gente escutou... né? Pois é... aí quando tinha festa nos clubes, em algum canto, a gente ouvia tudinho do sítio, que era perto da cidade, né?

JAN: Passava a noite ouvindo a música?

AOB: Era... era.

JAN: Se bem que até hoje lá em casa isso acontece também, que a minha casa é bem mais afastada, assim, que eu moro no sítio também, mas quando tem uma festa muito grande a gente escuta (ri).

AOB: Escuta, né?

JAN: Passa a noite escutando.

AOB: Pois é.

JAN: Minha mãe é que acha ruim, não acha bom, né?

AOB: Uhum...

JAN: Ela diz, rapaz, aquele forró a noite todinha, eu não preguei o olho (os dois riem).

AOB: Aí, é... como eu falo assim, às vezes eu falo pra minhas filhas, né? Que eu, hoje, todo mundo tem uma vida boa, né? Hoje tudo é dentro de casa, né? Lá na casa dos meus pais mesmo... é, a gente, tudo que fosse fazer, por exemplo, se fosse pra fazer um arroz, tinha de ir pra o pilão, sabe? Pisar ali, ia pra o pilão... se fosse pra... pra fazer um cuscuz, tinha de ir pra um moinho, pra moer, o milho, né? Pra fazer aquela massa, pra fazer o cuscuz, não é? E... a gente fazia tudo isso, né? Era em pilão, em moinho, era em tudo, sabe? Fazia todo tipo de serviço, né?... além da roça, né? De tudo isso, a gente tinha que fazer... carregava água na cabeça, né? Nas latas, na cabeça, é... quando não era uma lata era uma cabaça, né? A cabaça lá que tava em cima, enxia de água e botava na cabeça... quando acontecia de passar uma cerca, botava a vasilha na cabeça, a lata ou a cabaça caía no chão (ri) e chegava em casa com essas coisas quebradas, era uma surra que levava, né? Tudo isso... é...

JAN: Mas a senhora, mesmo com essas dificuldades não tem lembrança ruim não, né?

AOB: Tenho não, eu não tenho não.

JAN: Porque era assim mesmo, né? Não tinha o que...

AOB: Era, porque era assim mesmo, pois é...

JAN: E nem pensava em outras coisas.

AOB: É... pois é, nem pensava em outras coisas, assim, é, existia aquela inocência, também... é, eu falo assim pra você, eu quando tinha dezoito anos era praticamente inocente, para muitas coisas, sabe? Porque, assim, os pais da gente eles não conversavam, né? Eles não conversavam com a gente as coisas, né? Não explicava, então a gente era inocente mesmo, sabe? Pois é... eu mesmo com dezoito anos, eu num... muita coisa que eu era inocente mesmo.

JAN: Foi aprendendo conforme a vida foi passando, né?

AOB: Então... era muito... era bom, eu gostava, assim, por uma parte era bom, essa época aí, não sabe? E por outra parte, eu não sei, eu acho que o mundo moderno de hoje, né? Talvez seja bom e na mesma hora não é, né? Pois é... mas eu achava muito bom, sim. A pessoa se acostuma, sabe que é assim, que tem que ser assim, né? Pois é, aquela obediência aos pais, né? Tem que obedecer aos pais.

JAN: Aí o que a senhora acha, assim, que... esse mundo moderno que a senhora acabou de falar... o que a senhora acha que tem de bom e que também tem de ruim nele... qual é a parte boa e a parte ruim, que a senhora percebe?

AOB: Ah, a parte ruim é... as maldades, né? Demais, as crueldades que tá existindo nesse mundo, né?... e, sei lá, as jovens de hoje, tudo com jovens, criança mesmo, sendo mãe de outra criança, e... não escolhe as pessoas que vão viver, né? É aquele desmantelo só, bota os inocentes no mundo pra sofrer né? E é aquele desmantelo só, que vem a droga, né? Tudo, né? Uma extruição só no mundo.

JAN: Antes não tinha essas coisas, não, né?

AOB: Não, a gente não ouvia nem falar, né? Não ouvia nem falar nessas de coisas de drogas, se existia era lá pro Rio de Janeiro e difícil ainda essas coisas, né? Mas não existia isso, não, a gente andava sossegado, não é? Poise é... a gente mesmo morava no sítio, por exemplo, se precisasse comprar um gás, porque não existia energia no sítio, aí comprava o querosene, chamava o querosene, pra usar nas lamparinas, né?... e quando acontecia de acabar, às vezes a gente vinha do sítio para as populares, né? Pra comprar, porque não existia aquele medo de andar sozinha, né? Porque não tinha essas maldades que tem hoje no mundo, né? Pois é.

JAN: Não tinha esse medo que tem hoje de andar assombrado, né?

AOB: De andar assombrado, né?... eu não tenho coragem, não, de andar sozinha mais hoje, não.

JAN: Isso aí, ó, eu sei como é, porque... da questão do querosene, porque minha avó, que é lá do sítio, até dois mil e oito ela viveu sem energia também.

AOB: Uhum.

JAN: Era na base da lamparina e do querosene, também.

AOB: É, lamparina e querosene.

JAN: Era um garrafão de querosene, pra encher a lamparina...

AOB: Isso, era.

JAN: Até dois mil e oito era desse jeito as condições...

AOB: Uhum.

JAN: Aí, assim, energia, chegou pra vocês quando?

AOB: É... eu mesmo, a gente quando saímos do sítio, meu saiu do sítio, ainda não existia energia no sítio que ele morava, né? Existia não... existia, na mesma fazenda, mas só que em outro sítio mais distante, sabe? Que era na central mesmo, na fazenda, que era Boa Vista, sabe? Que era uma fazenda muito grande, de um patrão só, sabe? Era enorme, sabe? Era muito grande... aí existia energia só na central mesmo que era... o foco mesmo da fazenda, sabe? Que era quando os filhos do patrão vinham, né? Passar, assim, festa, aí tinha energia, né? Mas nas casas mesmo, nas residências dos moradores não existia, não.

JAN: No sítio não tinha, não?

AOB: Não, tinha não.

JAN: E aqui em Cajazeiras, a senhora lembra, como era a iluminação aqui, era... já era iluminação elétrica?

AOB: Era... era elétrica.

JAN: Porque teve um tempo também em que a cidade ela era... era iluminada a gás, né? Os lampiões, assim, há muito tempo atrás.

AOB: Era... minha mãe, meu pai, essas histórias aí, são histórias que já são com eles, porque eles... né? Eles sempre falavam pra mim, pra gente, contavam pros filhos... que Cajazeiras, contavam as casas que tinha, né? Eles cansavam de contar isso aí pra gente... contavam as casas que tinha, agora existia muito pé de cajá, sabe? Era pé de cajá, essas coisas assim... água era difícil também, né? Eles sempre falavam isso daí pra gente... aí tinha um... aí dizem que as pessoas usavam mais a água de um açude que tem, hoje acabaram que tudo é loteamento, né? Existia um açude que chamava açude de... ainda me lembro me lembro desse açude, eu conhecia, eu quando adolescente, andava muito com

minha mãe para aqueles lados de lá, e eu conheci esse açude... é, depois da Vitória Bezerra, já do outro lado da cidade, hoje já acabou, que é tudo loteamento, não existe mais açude, aí as pessoas usavam água desse açude, né?... minha mãe falava que era muito diferente, sabe?

JAN: E Cajazeiras na época de seus pais era mais assim...?

AOB: É.

JAN: Era bem menor, né?

AOB: Bem menor... aí tem essa, pronto, as populares, quando essas casas foi construídas, eu era moleque, né? Ainda... eu era moleca... eu lembro quando meus pais moravam no sítio, aí onde existe as casas populares hoje... era só mata, mata bruta mesmo, sabe? Aí a gente ia pro sítio, era só uma vereda dentro da mata pra chegar lá no... sítio, né?... aí tinha esse terreno que hoje é a... a universidade, era dos patrões de meu pai, também, esse terreno, foi que venderam, a primeira terra que eles venderam, sabe? E... pra construir essa universidade.

JAN: A senhora chegou a acompanhar essa construção?

AOB: Cheguei a acompanhar e... eu lembro até do dia da inauguração... né?

JAN: Você era adolescente?

AOB: Não, não era mais adolescente, sabe? Mas só que ainda morava no sítio, com os meus pais, sabe? E...

JAN: Mas já tinha voltado de Recife (tosse)?

AOB: Não, nessa época...

JAN: Não tinha nem ido.

AOB: Não tinha ido ainda não... aí eu lembro até do dia da inauguração, né? Meus pais... (tosse) eu tinha ido pra o sítio, lá na Boa Vista, que era a central mesmo da fazenda... aí quando eu fui com meu irmão pequenininho, era pequeno, aí quando eu voltei já tava escuro, aí quando cheguei meu pai mais a minha mãe já não tava em casa, né? E eles estavam na inauguração... aí fiquei do lado de fora esperando até a hora deles chegar.

JAN: Como foi essa inauguração, tinha muita gente?

AOB: É, tinha muita gente, era muito festejo, né? E a gente lá do sítio, sentado na calçada e escutava tudinho, ouvia os fogos, a zoadá, o barulho, tudo... pois é.

JAN: Quer dizer que quando vocês ouviam algo na cidade já sabia que tava acontecendo alguma coisa?

AOB: Era, principalmente aí, né? Na universidade, que ficava mais próximo ainda, né? Mais próximo.

JAN: Aí ficava naquela curiosidade de saber o que era, de ir ver?

AOB: É... ficava naquela curiosidade, né? Mas só que... quando eu cheguei em casa já tava escuro... aí fui ouvir mais, fui esperar meus pais chegar em casa... do lado de fora... Vocês tinham o hábito de todo final de semana ir pra missa... em tá indo pra cidade? Não, às vezes saía pra missa com minha mãe, né? Com minha mãe, com meu pai, né? Quando... tinha época também, quando Frei Damião... frequentava as cidades, andava de cidade em cidade, ele sempre vinha pra Cajazeiras e meus pais nunca deixavam de ir com a gente, sabe? Eles sempre iam com a gente pra... pras missões, pra missa, né? Pois é... eu acho assim, que no meu tempo de, de adolescente, eu frequentei muito a igreja, né? As missas, né? Com eles, que andavam muito com eles, né? Eles levavam a gente.

JAN: Aí vocês sempre estavam vindo pra cidade, fazer alguma coisa?

AOB: É, principalmente, assim, dia de sábado, né? No sábado aí meu pai tinha que vir pra cidade... meu pai, minha mãe, aí tinha que vi um de nós também, né? Com eles, né? Que ficava grudado na cola deles, que era pra trazer a gente, que era pra comprar qualquer novidade pra gente na cidade, não é? Pois é... aí sempre tinha de vir com eles.

JAN: Mas eles gostavam de ir?

AOB: Gostavam...

JAN: Rolava briga pra saber quem ia?

AOB: É, às vezes rolava briga (ri) entre as irmãs, cada uma que queria vir, né?... era assim, mas...

JAN: Aí quais eram as novidades que eles compravam, que vocês queriam?

AOB: Era uma besteira mesmo, boneca, essas coisas assim, né? Que a gente focava mais ali em boneca, essas coisas... pois é... pra brincar... pois é, e... hoje eu... sinto muita falta de meu pai, num sabe? Ele... ele, as coisas que a gente passou juntos, né? Era um pai presente, e... eu sinto muita falta dele hoje, era um pai que gostava muito, assim, de contar história pra gente, sabe? Gostava muito de contar história pra gente... às vezes quando a gente sentia falta, dizia, pai, conta uma história pra gente... ficava todo mundo deitado nas ruas redinhas, né? E ele lá no cantinho dele, aí quando ele tava com coragem ele dizia,

vou contar história pra vocês... né? Aí quando ele não tava com coragem, aí ele dizia, ah, minha filha, o seu pai hoje tá cansado... vamo contar história hoje não... aí se conformava... pois é, mas era bom... aí, quando construíram essas populares... aí construíram esse grupo aí, que hoje chamam o Cecília, né? É, foi a primeira escola que a gente estudamos... na cidade mesmo, sabe? Que de primeiro ainda existia assim, nós estudamos no sítio, né? Tinha a escola no sítio, aí fizemos a... chamava a... como é, meu deus... a alfabetização, né? Tinha a alfabetização... aí quando a gente terminou isso daí no sítio, aí foi o tempo quando já tinham construído esse, era um grupo, né? Construíram o grupo, aí a gente veio estudar... né? Foi o primeiro grupo que eu estudei, eu com minhas irmãs, aí fizemos aí e quando viemos estudar nesse grupo aí foi a cartilha de abc que fizemos, né? Aí daí, quando terminamos aí, viemos estudar no Diocesano, que hoje é a FAFIC, né? Aí estudamos lá, fizemos a... o primeiro, o segundo, aí quando a gente passamos no final de ano pra terceira série, aí meu pai não pode mais com nós, porque pagava, não sabe?... já pagava nessa época.

JAN: Não tinha educação pública, não, assim...?

AOB: Tinha, tinha, sim, mas era mais difícil, não é que nem hoje, não, né? Aí a única escola melhor, tinha, assim, no... eu acho que já existia o estadual... era, existia o estadual, aí o Dom Moisés, mas só que não tinha o que a gente ia fazer, né? Aí meu pai teve que botar a gente no diocesano, chamava o diocesano, hoje é a FAFIC, né? Aí ele... aí pronto, ele não pode mais, porque a despesa a despesa era muito grande, além de pagar a mensalidade, ele tinha de equipar a gente de farda, de livro e tudo, né? Porque era eu, minhas duas irmãs, era... as mais novas... e aí já tinha meus irmãos mais velhos, também que estudaram lá no Diocesano... e a minha irmã mais velha estudava no Estadual, né? E aí pronto, e nós saímos, né? Meu pai não pôde mais... aí só que nessa época, assim, os pais, os filhos saíam duma escola, os pais não se interessavam em procurar, né?... procurar outra escola, pra botar os filhos, né? E... aí pronto, ficamos sem estudar... eu, minha irmã, minhas duas irmãs mais novas... porque não teve aquele, os pais não tinham aquele interesse de ir atrás de uma escola, o negócio era roça, né? Pra trabalhar na roça, né? Aí ficamos, aí depois minhas irmãs saíram pra fora, já voltaram a estudar, né?... e... eu, eu fiquei sem estudar... mas hoje eu sinto falta disso aí... sinto falta mesmo... por isso que eu digo às minhas, né? Que, ave Maria, foi a felicidade maior do mundo Dalua (nome do seu filho) chegar na universidade, que era o meu sonho de ver meus filhos todinhos na faculdade... já que eu não tive também esse... esse gosto, que também entrar na faculdade era uma coisa muito difícil, né?... é, era muito difícil, mas... o meu sonho era ver os meus filhos todinhos na faculdade... pois é, tem essa aqui que eu ainda vivo pelejando com ela pra fazer mais uma vez o Enem, pra ver se ela... consegue... Pois é... (tosse) pois é, e tem mais alguma pergunta pra fazer? (ri).

JAN: Deixa eu ver aqui... se a senhora lembrar de mais alguma coisa, assim, relacionado a você ir ao cinema, coisa assim... pode falar (ri).

AOB: (ri) É... sobre o cinema é que nem eu falei pra você, eu não fui assim de frequentar muito, né? pois é... aí tinha, sobre o cinema tinha o matinê, de... tinha um cinema que tinha matinê pra criança, né? Mas a gente não tinha a oportunidade de ir, né? Os pais da gente não ia com a gente e na adolescência, né? Era na época de criança, né? Os pais que tinham o dinheiro iam com os filhos, né? Que tinha sessões de matinê, só pra crianças, né? Que era no... Apolo XI, né? Mas aí tinha o... tinha um cinema que era o Cine Éden... era, passava muito, assim, filme pornô... eu ouvia muito falar que passava esse tipo de filme aí... aí a galera gostava, muitos gostavam de assistir essas coisas, né?

JAN: Aí tinha curiosidade, assim, da sua parte em assistir alguns filmes assim?

AOB: Não, tinha não... não tinha curiosidade não, pra assistir não... tinha não, mesmo que tivesse, também, jamais meus pais iam aceitar, que eles também sabiam que existia (ri) esses cinemas, né?

JAN: Mas o pessoal tratava mais, assim, como se fosse um escândalo, assim, uma coisa muito...?

AOB: É, nessa época, na minha época... pra, qualquer coisinha era um, né? Um escândalo, né? Pois é...

JAN: Aí quando... chamava muito a atenção do povo, do pessoal, é?

AOB: Uhum... é, chamava muita atenção... muita gente ignorava, né?... ignorava... mas nem por isso o povo deixava de assistir, não, né?... pois é.

JAN: Aí, a... a última vez que a senhora lembra, que foi pra o cinema com os seus primos... como foi esse dia, você sabe contar, assim... o que tem na sua lembrança desse dia?

AOB: Não, assim, é... eu fui com eles, porque eles não moravam aqui, sabe? Aqui em Cajazeiras, eles moravam em São Paulo, aí eles vieram, né? Aí eles vieram e eles frequentavam a casa do meu pai, né? Aí foi, falaram com meus pais pra, pra... eu ir com eles, né? Aí... não, mas pro cinema não dá certo, não... não sei o que... não, não, tio, não tem problema não, a gente vem deixar ela em casa, não vai acontecer nada, né?... aí deixaram nós ir... mas aí é aquela coisa, como eu te falei, né? Que... eu ainda com dezoito anos era inocente de muita coisa, aí ali quando eu tava assistindo, o filme, eu me senti envergonhada, né? Assim, por tá ali com aqueles, por mais que fosse família, mas eu me senti envergonhada... ficava com vergonha de ver aquele filme ali que tava passando, não é? E eu num... como é?... eu num... assim, a gente não tinha conhecimento dessas coisas, né? Aí achava uma coisa muito pesada, né? Mas só que assistia satisfeita, né? Mas só que ficava envergonhada, ficava com vergonha, né?

JAN: Mas também você foi, tudo homem, né? Pior ainda...

AOB: É...

JAN: Aí quem estava assistindo, como era a reação do pessoal?

AOB: Ah, aí ficava, quando passasse uma cena, né? Aí gritava no cinema, né? Fazia aquela gritaria no cinema, sabe? Era assim.

JAN: Era muito... sempre era lotada, a sessão?

AOB: Era, sempre era lotada... sempre era lotada... porque esses cinemas mesmo aqui em Cajazeiras, saía muito dinheiro, não sabe? Era lotado o cinema... era... às vezes eu penso assim, ah, como era bom se voltasse, aí ia ter... qual é o divertimento que tem aqui nessa cidade, né?

JAN: É pouco, né?

AOB: É muito pouco mesmo... muito pouco mesmo.

JAN: Aí o cinema era um dos principais, né?

AOB: É, o cinema foi um dos principais, né? E os clubes também, né? Os clubes também... principalmente o Primeiro de Maio que é... até a jovem guarda veio uma vez pra o primeiro de maio, vinha muita coisa de fora, as atrações de fora... muito bom... aí hoje não tem nada disso... só existe a shoperia, é... churrascaria, né? O balneário, esses lugares pra se divertir.

JAN: Mas não chega nem perto...

AOB: Não chega nem perto, né?

JAN: Do sucesso que teve.

AOB: Do sucesso que tinha, né?

JAN: Quando a senhora voltou de Recife já tava... as coisas já tavam...?

AOB: É, num tava mais, não era mais como era antes.

JAN: Tinha cinema, mas...

AOB: É, tinha cinema, mas não era mais como era, sabe? Era diferente, pois é.

JAN: Será que era por causa da televisão também?

AOB: Eu não sei... talvez fosse, né? Por isso aí também... pois é... acho que era isso, também... pois é... mas era... era bom, era bom demais... pois é...

JAN: Pois é, acho que vamo encerrar por hoje, né?

AOB: Vamos encerrar (ri)

JAN: Deixa eu pausar aqui a gravação...

Apêndice C: Entrevista com Aguinaldo Batista Rolim (28/05/ 2019)

José Antônio Neto (pesquisador): Boa tarde, é... Aguinaldo.

Aguinaldo Batista Rolim (colaborador): Boa trade.

JAN: Eu queria que você contasse um pouco, pra mim, como foi a experiência pessoal do senhor com os cinemas aqui da cidade de Cajazeiras, se o senhor frequentou, como o senhor frequentou, como foi que o senhor vivenciando aqui na cidade, o senhor vivenciou essa questão do cinema?

ABR: Veja o seguinte, é... meus pais não tinha uma condição boa pra gente pegar aquele dinheirinho, né? E começar, mas, mesmo assim, de vez em quando a gente assistia, principalmente alguns filmes no Cine Éden... no Cine Éden... mas foram poucos, muito poucos, depois eu comecei a me interessar mais pelo Super oito, que a gente chamava, é... esqueci o nomezinho, mas eram os superoitistas, então a gente começou a, eu comecei a me interessar através de... pessoas como Paliomar Rolim, é... Beto Montenegro, Ubiratã de Assis, é... um... quantas pessoas tem, a história do cineclubes Vladimir Carvalho, aí eu me empolguei, não participei desse cineclubes, mas ficava na observação do... E na época, comecei, me interessei mais, fiquei apaixonado pelo Super oito, porque através do Super oito eu comecei a gravar algumas coisas, câmeras de outros amigos... E... Nisso eu comecei a minha paixão pelo cinema foi mais nesse sentido.

JAN: Quer dizer que a gente pode afirmar que o senhor foi mais um... um, cineasta, uma espécie de pessoa que filma, do que quem...

ABR: Exatamente.

JAN: Como público, como expectador?

ABR: Do que como expectador, é tanto que depois eu fui o primeiro cara a comprar uma filmadora, é... VHS em Cajazeiras... Eu, pelo que me consta... Isso já em oitenta e cinco, eu cheguei a ver uma filmadora, uma filmadora chamada onze, vinte e três, né? Um vídeo cassete onze, vinte e três, depois comprei uma filmadora no mesmo sistema, que era o sistema VHS e eu sempre fui apaixonado, é tanto que depois, quando eu comecei a ver que o super oito estava caindo em desuso, aí estava chegando no Brasil, isso nos anos oitenta, começaram a chegar...só que comprar uma filmadora... oitenta e seis, sabe daqui pra São Paulo (trecho inaudível) comprei essa filmadora, era uma filmadora, a gente chamava a famosa, pé de cabra... no estilo da super oito, e... depois disso daí, comecei o trabalho de adquirir outras filmadoras, tudo isso daí que a gente criou um projeto chamado... Projeto resgate, onde a gente até hoje, a gente conseguiu filmagens do ano, além das filmagens que eu já tinha adquirido em super oito, né? Depois eu consegui

adquirir as filmagens em VHS... que hoje não existe mais, hoje está tudo no sistema digital, né?

JAN: Uhum.

ABR: Aí adquiri essa filmadora, e a gente relembra gravações feitas no carnaval, nas memórias da cidade de oitenta e seis, eu guardo todo esse material ainda hoje, esse projeto tá guardado, é... em um museu aí, chamado museu da imagem, que é o MINCA, MINCA, museu da imagem e da memória, ou seja, está todo esse material que você acabou de ver nessa lojinha, vai pegar esse material, vai usar um site, e através desse site, que é uma forma de você ver, porque ninguém deixa mais pegar um DVD pra ir pra... Pra ir pra uma sala ou ir pra um espaço de exibição, não, hoje o cara quer aplicar, como é que se diz? Colocar um aplicativo no seu celular ou num tablet...

JAN: Porque fica bem mais prático, né?

ABR: Bem mais prático... não há outra saída não... já se tentou fazer edições, trabalhar com, através de HDs, através MPs, CDs, mas não funciona, a gente tenta, que o público vá até um espaço pra ver esse material, mas... o público é muito pequeno, aí só há uma saída, é conseguir padrinhos culturais, que paguem essas despesas com internet, com redes sociais, com...

JAN: Uhum.

ABR: Pra gente ver se consegue fazer isso.

JAN: Então o senhor acha que a forma do público, principalmente o mais jovem, ter acesso a esse material, que o senhor produziu, que o senhor tem, seria tornar ele digital, né?

ABR: Digital, porque eu tentei... hoje nós temos em torno de três mil... de três mil ou mais fitas, fitas VHS, essas fitas a gente já tentou, a nossa produção hoje é de sessenta fitas, sessenta fitas... depois dessas sessenta fitas a gente viu que... a edição era muito cara, você pra pagar um editor, pra fazer um vídeo, uma filmagem de uma hora, ele vai querer cento e vinte reais, pra você ver, aí depois vem a capa, depois vem o CD, vem a gravação... aí quando você passa a trabalhar o CD... e se você for vender esse CD, você pode até vender, mas você vende o primeiro, o restante as pessoas copiam, não querem comprar esse material, eles preferem, é... a cópia é muito barata, a cópia é um real...

JAN: Uhum.

ABR: Agora o trabalho pra você chegar na primeira cópia...

JAN: É muito difícil, né?

ABR: É em torno de trezentos a quatrocentos reais.

JAN: Uhum... Entendo. Mas, nessa época, o senhor filmava o quê, o que gostava de retratar?

ABR: A gente filmava tudo... de enterro de anjo... enterro de anjo, à... figuras folclóricas, as figuras folclóricas, das figuras folclóricas, os personagens da nossa história... figuras importantes, é, fatos, é porque também, eu sempre fui apaixonado, como eu sou formado em letras, eu sempre fui apaixonado por literatura, né? Nessa literatura eu aproveitei pra ver um pouco da história, e juntei as duas coisas, um pouco da literatura com um pouco da história, aí isso aí, por exemplo, nós gravamos entrevista com as figuras que, que, com figuras que praticamente, os pesquisadores, os pesquisadores que tiveram, nós gravamos entrevista com eles, e essas entrevistas estão todas aí, estão guardadas, né? Só que a gente vai tentar ver se reproduz esse material.

JAN: Essas pessoas são aqui da cidade?

ABR: São, a gente entrevistou o historiador Deusdedit Leitão...

JAN: Uhum.

ABR: Nós trabalhamos, é... o professor Antônio de Sousa, nós pegamos figuras importantes, pegamos, por exemplo, Sabino da barbona, que era o primeiro comunista da cidade, a gente tem imagens em áudio e em vídeo também, né?

JAN: Uhum.

ABR: E fora outras figuras, apesar desses que já faleceram, que tem, mas nós pegamos, por exemplo, João Rolim da Cunha, nós pegamos aí o professor José Antônio de Albuquerque, que tem muita coisa gravada, também, pegamos, além do professor José Antônio de Albuquerque, pegamos também o Chagas Amaro, que é hoje considerado um dos historiadores da cidade, né? Um dos que mais vem atuando, temos alguma coisa também de... Cartaxo, que é outro que está despontando como, como... como um dos memorialistas da cidade.

JAN: Sim, sim... e o senhor era, assim... filmava sozinho ou tinha um grupo de amigos que trabalhavam em conjunto, digamos assim, eram quantas pessoas?

ABR: As filmagens eram feitas com muitas pessoas, eu era apenas o condutor... eu fazia o script, que era, vamos entrevistas Sabino da barbona, Sabino comunista, eu preparava toda a entrevista... passava pra um irmão meu que... faz jornalismo, hoje, mas na época não fazia, ou então a gente pegava pessoas como Lúcio Villar, é... além de Lúcio, outros personagens de... de emissoras de rádio, a gente sempre pegava uma ou outra pessoa, pra não ficar repetindo aquela mesma pessoa e fazia com que aquelas entrevistas fossem uma

gravação ao vivo, uma gravação bem feita, né? É, a nível de depois você pegar aquela... aquele trabalho que foi gravado e editar-se pra uma... edição em vídeo...

JAN: Uhum.

ABR: Uma edição em vídeo... quer dizer, era um grupo e esse grupo era formado por, por mim, por meu irmão que é José Rolim Batista, o meu irmão que é Alexandre Rolim e por mais pessoas, era uma equipe de quatro pessoas...

JAN: Uhum.

ABR: Quatro pessoas pra você trabalhar, porque... porque além dos quatro eu ficava orientando, por que eu ficava orientando? Porque eu tenho conhecimento, eu sei quem era a pessoa, né? Pronto, como é que a pessoa trabalhava... quando você pega um cara jovem de... vinte e um, vinte e dois anos, ele não conhece, ele não tá afim daquela, daquele personagem, tinha que perguntar, conversar, decidir o que poderia responder aquelas, no preâmbulo da coisa, é... legal, eu gostava de fazer, embora hoje... eu não faça mais (ri) porque é cansativo...

JAN: Uhum.

ABR: É muito cansativo.

JAN: De onde veio, assim, de onde brotou ou surgiu no senhor essa intenção, essa vontade de registrar a memória, a história da cidade?

ABR: Olhe, jovem, adolescente lá com os meus dez anos eu aprendi, meu pai tinha... as casas eram meia parede, né?

JAN: Uhum.

ABR: E ele pegava aquele material, já faz documentos... colocava em cima, não tinha guarda-roupa na época e ele colocava em cima, e eu começava, eu via meu pai guardar esses negócios em cima, quando ele fugia, ele não deixava que ninguém pegasse naquele material, mas quando ele fugia, que não tava em casa eu ia olhar... aí comecei a olhar, descobri... é... que ele... de uma forma ... e ele registrou, e pediu que esse Nogueirinha, registrasse ruas, inclusive tem essa rua, Rua Doutor Coelho e é de João Mendes, relíquias da cidade... quando eu vi isso daí eu fiquei apaixonado, aí foi quando começou a minha paixão pela fotografia, porque... a fotografia ajuda muito a ter uma noção de como a cidade era, como era o comportamento daquelas pessoas, o vestu... vestuário, vestuário, né? Não é vestuário...

JAN: Vestuário...

ABR: O vestuário é a roupa...

JAN: Sim, sim.

ABR: Mas o vestuário é o ato do vestir.

JAN: Sim, sim.

ABR: Então eu comecei a ver isso, e depois, meu pai já, depois, meu pai começou a melhorar um pouco de vida, aí comprou um guarda-roupa, um guarda-roupa que tinha, tinha duas gavetinhas que ele tirava aquele material escolhido, ainda hoje, meu pai faleceu o ano passado... em duas partes, muita coisa guardada, até revistas minhas, coisas que eu fazia, ele pegava e escondia, minha, não, é? (ri)

JAN: Uhum.

ABR: Escondia... ele não deixava escapar nada pra não guardar, então foi essa paixão que ele tinha que me fez... pra você ver, eu tenho onze irmãos, foram doze irmãos, mas hoje eu tenho onze irmãos, os meus irmãos não estão nem aí pra, pra esse tipo de perspectiva, eu acho que fui o único... a querer guardar e como ele, guardar... ele já sabia, se entregar pra Aguinaldo, morreu... isso aí tá guardado, já era, né?

JAN: Uhum.

ABR: Ele já sabia dessas histórias... fotografias com a família, vídeos, documentos... eu guardo tudo, lá em casa não tem essa história de... esconder as coisas, não. Meu problema hoje relacionado à memória é isso, as coisas acontecem, você joga num celular, assim, olha uma coisa, olha outra, se o celular depois for embora você perdeu todo esse material.

JAN: Uhum.

ABR: A coisa tem que ser gravada, se tá num celular você tem que passar pra um HD, um DVD, um Pen Drive, pra no caso de destruição desse material... esteja guardado em outro arquivo, entende? Eu conheci um cara que guardava as coisas de três formas, hoje, por exemplo, que eu guardo, eu não jogo as fitas fora, me dizem, não, cara, isso é coisa do século passado... não senhor, eu sei lá se a tecnologia não vai ter uma segunda, e de repente isso daqui vai ter um novo segmento, um novo trabalho, então eu sempre guardo de três formas, gosto de guardar, é uma forma de preservar.

JAN: Pois é... então, o senhor começou dizendo que frequentou pouco os cinemas...

ABR: Exatamente.

JAN: Por questões finan...

ABR: Por questões financeiras, o meu pai tinha onze filhos...

JAN: Aham.

ABR: Como é que eu ia, arrumar um dinheirinho pra ir... aí eu chegava, dava uma olhada ali, se aparecesse um colega, um negócio e tivesse um dinheirinho aí entrava pra assistir o filme, tinha que ser na metade do filme, porque o começo já tinha ido, não sabia nem o nome do filme, eu queria saber se eu estava lá assistindo, nera? Né?

JAN: O senhor pode contar algumas vezes que lembra de ter entrado, de ter frequentado...

ABR: Sim.

JAN: Dizer como foi a experiência?

ABR: Ah, é bom, porque você entre, você vê aquela tela grande, é diferente, eu olho pra televisão... uma tela grande sempre me apaixonou, é por isso que depois, mesmo através do super oito, não, o super oito você tinha um controle no aparelho, como essa aqui, eu ampliava e via uma super imagem, é diferente da televisão... é porque a gente já entrava, quando a gente entrava, muitas vezes (riso) o filme já tinha começado, né? Então não dava nem pra observar, mas é um vapt vupt, era vapt vupt, entrava e olhava, mas pelo menos a satisfação de tá ali, e aquilo, além, aqui também nessa minha rua tinha um cinema aqui, o Cine Cruzeiro já funcionava em cinquenta e quatro e ele funcionou até uns cinco anos, até sessenta, que começou a chegar o Cine Pax, aqui, em sessenta e dois chegou o Cine Pax, o Cine Apollo se eu não me engano foi em sessenta e nove, já o Cine Édén é de mil novecentos e trinta e cinco, depois que foi inaugurado o Cine O.K. então tem um período aqui... não, não, tinha três cinemas, né? O Cine Édén, o Cine Pax e o Cine Apolo, né? De mil novecentos e trinta e cinco até sessenta e nove tinha três cinemas na cidade, mas antes disso teve o Cine Apollo, Apolo não, o Cine Cruzeiro, que funcionou nessa rua e logo nessa casa aqui daqui a cem metros, era o Seu, a gente chamava, Eutrópio, Eutrópio Sobreira, mas o nome dele é Otrópe, Ô Seu Otrópe, tem um filmezinho aí?... a gente pelejava pra entrar no cinema, mas como ele era meu vizinho e minha mãe, não vá, que tem filmes aí que não é pra você assistir não, são filmes de sexo, filmes que não dava pra assistir, né?

JAN: Isso o senhor criança?

ABR: Era, com... deixe me ver, assim... ah, era cinquenta e cinco eu tava com quatro anos, quatro ou cinco anos.

JAN: Aí você ficava com aquela ideia de, tipo, assistir o filme...?

ABR: Ah, eu, às vezes, se eu não me engano, lembro de ter visto, entrando rápido, lembro de ter visto toda a tela, ele olhando lá que teve um problema, eu me lembro de ter visto,

mas isso daí em cinquenta e nova, em cinquenta e nove eu devia estar com uns oito anos, aí me lembro de ter visto, mas, o que eu me lembro que onde eu cheguei a assistir foi no Cine Éden, porque depois não houve problema porque vinha uns filmes, no Cine Éden, não, no Cine... Pax, por volta de sessenta e depois no Apolo XI.

JAN: Mas durante a juventude o senhor não chegou a... frequentar, não?

ABR: Não... assim, frequentar até frequenta, mas é muito pouco.

JAN: Muito pouco, né?

ABR: Muito pouco... até porque, você veja, eu comecei, eu me interessei mais na aérea de cinema, em cinema, eu sempre gostei mais de documentários, eu sempre documentava tudo, aí não tive paixão, não, um filme de amor, ...E o vento levou, Casablanca, é... Os Girassóis da Rússia, eu sempre gostei mais de documentário, documentário era mais difícil, eu comecei a assistir a partir dos anos setenta, dos anos setenta é que vieram, aí começaram as locações, não nos cinemas, mas assisti através de locadoras.

JAN: De VHS?

ABR: VHS... aí nos anos setenta, setenta e pouco você pegava, nós chegamos a comprar, a ir à Fortaleza, uma vez um amigo nosso chegou a comprar fitas, tinha dinheiro, comprava fitas e a gente assistia, mas na área de documentários, documentos interessantes, que depois, né? É... nos anos setenta... começaram a... a ter uma nova reprodução aí, vieram filmes como Prestes, alguns romances, alguns do Machado de Assis transformados em documentos...

JAN: Uhum.

ABR: Como aquele que fala sobre... um romance dele que fala sobre a loucura, só que agora eu não estou lembrado.

JAN: Sobre a loucura?

ABR: A loucura.

JAN: É o Alienista.

ABR: O Alienista... surgiram vários documentários sobre... Vinícius de Moraes, uma série de documentos, mas isso já nos anos oitenta.

JAN: Quer dizer que, o cinema de ficção, ele não era muito do seu interesse...

ABR: Não.

JAN: Por isso o senhor nem frequentava?

ABR: Geralmente... eram filmes românticos, a maioria era filmes românticos e eu não me interessava, agora se eu soubesse que estava passando um documentário, mas era difícil a exibição de documentário, até porque as pessoas nem gostavam de documentário, a paixão mesmo por essa área aí veio a partir, tudo começou a surgir nos anos setenta, setenta e cinco, é quando o vídeo cassete começa a entrar no Brasil.

JAN: Uhum.

JAN: Se eu não me engano a partir de setenta e dois veio disparar em São Paulo e surgiram vários vídeo clubes, através da... até através de consórcios você poderia adquirir uma forma de conseguir aquela fita, através de consórcios, né?

JAN: É... na infância do senhor, quando o senhor era criança, que você estava me falando que seus pais tinham um certo cuidado em você assistir o filme, porque tinha filmes sobre sexo, enfim... tinha alguma espécie de fascínio pelo que era considerado proibido, tipo, o fato de ser proibido, de não deixarem... lhe estimulava a você querer mais e ver aquilo?

ABR: Não, rapaz, porque, porque... minha família sempre foi uma família muito, muito... tranquila, é tanto que... é... meu pai foi um cara muito seguro, sempre transmitia os bons ensinamentos, né? Pra gente, embora ele tenha feito apenas o segundo ano do colegial, a formação dele era... muito boa, né? Eu também tinha duas tias que eram freiras e... muito cuidado, né? Então meu pai tinha duas irmãs, que uma era freira salesiana e a outra era freira... carmelita.

JAN: Uhum.

ABR: Então, apesar de serem freiras, não é elas conversavam com a gente... orientava, né? Com um certo cuidado, mas nesse aspecto aí, né?

JAN: De cinquenta, sessenta?

ABR: É, eu nasci em cinquenta e um, né?... em sessenta eu tava com nove anos, então pra mim não havia essa coisa de... não havia esse problema, como é que a gente chama hoje de... como é? Igualdade de gênero, de formação, é isso, não é isso, essa divulgação, a coisa funcionava mais, era mais simples, não tem essa coisa de apelar tanto, hoje tem... uma turma aí com essas propagandas que saem nas casas comerciais, como é...?

JAN: O senhor fala da discriminação?

ABR: Da discriminação, não vejo tanto esse problema de discriminação, é uma coisa mais tranquila, não tinha isso não.

JAN: Uhum.

ABR: Mas era mais simples, nesse tempo a gente podia chamar um cabra de neguinho, feinho, não tinha isso, hoje se você chamar de neguinho já tem que responder.

JAN: Sim, entendo... é... sobre essa questão do cinema não ser... de o senhor não ter condições financeiras, o cinema na época era muito caro, para os padrões da época?

ABR: O cinema, cinema... apesar de ser um grande elemento, né? E muito bom, é claro que o cara que assiste a bons filmes, além de levar... leva também ao conhecimento, à formação, sabe que tem, né? Tem isso.

JAN: Sim, sim.

ABR: Mas como diversão, era caro, não era tão barato, é tanto que quando veio tornar-se barato, foi quando chega a televisão, quando chega as redes sociais, as locadoras, aí o cinema, o cinema que custava... cem reais, né? Não, vamos dizer, vamos pensar aí num filme numa taxa de trinta reais, passou a ser cinco reais, cinco e pouco, foi uma queda muito grande, por isso, ouve essa queda por quê? Porque chegaram as locadoras, né? As redes sociais, uma forma de você ver o filme de outra maneira, mas que no meu entender era muito caro, você vê que eu saí daqui pra estudar em João Pessoa... em João Pessoa, e um amigo meu me chamou pra assistir Love Story, anos setenta, em fui à João Pessoa assistir esse filme, Love Story, uma história... não dava pra mim (riso) ver Love Story... é romântico, mas eu não gosto de coisas assim, não achei graça desse Love Story, não, apesar (riso) do shakespeariano está lá, mas eu não achei legal, eu realmente sempre tive paixão por...

JAN: Documentário.

ABR: Documentário.

JAN: Na época desse Love Story também tava, saiu O Poderoso Chefão.

ABR: O Poderoso Chefão, né? Mas depois eu vim assistir já em VHS...

JAN: Tempos depois.

ABR: Exatamente.

JAN: Quer dizer que aqui em Cajazeiras, cinema não era pra todo mundo?

ABR: Não, não, porque era caro... no começo, né? No começo era caro. Você vê, por que que os cinemas daqui, nos períodos de seca, né? Na seca de trinta e dois... se eu não me

engano, em cinquenta e oito, teve outros períodos, se eu não me engano, as casas, os cinemas fecharam.

JAN: Uhum.

ABR: Fechavam mesmo, porque como é que o cara ia pra o cinema sem ter o dinheiro pra... no período ruim... a gente chama de período de seca, né?

JAN: Sim.

ABR: Não tinha condições, em cinquenta e oito eu me lembro, eu tava com sete anos, os cinemas, começando já com o Cine Éden, ah, não tinha como trabalhar, aí depois foi que ressurgiu através, se eu não me engano, do doutor Gineto, que depois retomou, assim, que o cinema teve uma quantidade, uma sociedade que não visasse lucro, pra poder gerir o cinema, porque o dinheiro não dava mais pra...

JAN: Quer dizer que esse público de cinema, quem era que frequentava, era o pessoal mais, digamos, que tinha mais condição?

ABR: Eu penso que era... não era, totalmente, havia um pouco de jovens, mas havia pessoas mais adultas, pessoas mais normais, agora o que eu quero dizer a você é que eram pessoas que tinham poder aquisitivo...

JAN: Uhum.

ABR: Eram pessoas que tinha emprego, quando não tinha emprego era um jovem que o pai tinha ótima condição, podia dar o dinheiro pra ir ao cinema, não era fácil, não.

JAN: Quer dizer que mesmo que a pessoa não tivesse tanto poder aquisitivo, mas quisesse ir ao cinema, então tinha que fazer um esforço, não ia folgado assim, não?

ABR: Não, não, porque não era barato, o cinema, porque não era barato, tornou-se barato depois que... começaram a só exibir, o Cine Éden, nos anos é... setenta, não sei se é setenta e seis, nessa faixa, quando foi organizado por um senhor chamado Eduardo Jorge, eu me lembro, quando começou a explorar ou filmes de sexo ou pornochanchadas, aí era barato e dava muita gente pra poder compensar os custos, né?

JAN: Uhum.

ABR: No começo, um bom filme era caro.

JAN: E... assim, o senhor já não gostava tanto de frequentar os cinemas por conta de ser filme de ficção, não era muito o gosto do senhor...

ABR: Era, porque eu não me interessava muito, logo a gente... eu muitos, você sabe, muitas obras de ficção, muitas obras de documentários foram escritas em livros, então eu lia o livro e achava bom ter aquele livro, pra depois ver aquele livro transformado em documento.

JAN: Uhum.

ABR: Até porque apareceria... inclusive uma forma de você ter uma nova visão, de autor e depois a visão do cineasta que trabalhou aquele documento, né?

JAN: Que já é outra visão.

ABR: Outra visão.

JAN: Uma releitura.

ABR: Uma releitura. Mas é bom porque você vê os dois lados, às vezes você até gosta e vê outra coisa que não gosta, é comum. É como... é como Drummond de Andrade que tinha aquele poema E Agora José...

JAN: Uhum.

ABR: Quando ele ouviu por outra pessoa, não sei se foi eu não gostei, difícil eu não gostar da interpretação.

JAN: Mas, assim, os jovens da sua idade, na época, diferente do senhor, eles gostavam, eles sentiam essa certa ansiedade de frequentar ou...?

ABR: A ansiedade é grande, porque talvez essa dificuldade minha, eu sempre gostei de documento... documento, revista, eu me interessava em pegar esse material e dá uma olhada e fazer um registro de alguma coisa, mas a turma jovem adorava, aí eu não posso negar, não, porque eles gostavam demais, porque era um divertimento muito bom, muito gostoso, você vê que o próprio bispo de Cajazeiras, Dom Zacarias Rolim de Moura, pela diocese, criou dois cinemas, então como é que um bispo é apaixonado por cinema, ele ia buscar os filmes dele em Recife, em Recife, se eu não me engano deve ter trabalhado em alguma coisa em Recife, eu não sei bem e ele começou essa paixão dele pelo cinema... tem que ter, mas no caso a paixão pelo cinema também seria por bons documentos, né? Bons filmes.

JAN: Que também é cinema, né?

ABR: Também é cinema... o cinema é bom de todo jeito, né? Eu acho bom assim, quando satisfaz o que eu quero, né? Quando me agrada naquilo que eu gosto, né?

JAN: Assim, a gente pode dizer que nessa época aí, deles, o cinema fazia sucesso em a população em geral, né?

ABR: Repita aí, por favor.

JAN: Sim... (riso) não, não tem problema... eu tava perguntando o seguinte, se a gente pode afirmar se, quando houveram cinemas na cidade, se eles realmente fizeram sucesso, de público.

ABR: Claro, claro... sempre tinha gente lá pra assistir... na cidade não tinha nada, as condições eram assim mesmo, a gente saber que tinha sábado, né? E o domingo, né? Só sábado e o domingo pra assistir seu filme, final de semana não era tanto, mas sábado e as matinais, que chamavam, no domingo, então a gente, em função de que era uma cidade... de talvez trinta mil habitantes, tinha quer ter alguém, né? Pra... assistir.

JAN: É... a cidade faltava outras atrações, outras... cidade assim pequena, né?

ABR: Não tinha, nessa época, o próprio Cine ou os parques, os parques que chegavam que ficavam ali na... perto da matriz ali... por ali na Coronel Matos... mas a turma era bom... ia observar pra você ter uma visão do parque, né? Mas o cinema, não, o cinema é gosto, né? Você se divertia melhor, até porque no cinema você tem uma forma de ver as coisas, de aprender mais alguma coisa, o cinema tinha essa vantagem, de fornecer informação, não há como dizer que o cinema não passa conhecimento... fornece, fornece, fornece informação.

JAN: Aí o senhor acredita, as pessoas, quem gostava de frequentar, gostava, por exemplo, de assistir só o filme ou tinha outros interesses por trás, digamos assim, de se divertir além do filme, tipo, pra sair, pra ver amigos, pra conversar, você acha que o cinema também permitia essa... outros tipos de diversão?

ABR: Não, é porque nesse período que a turma ia pra o cinema... outros ficavam mais ali na praça João Pessoa... tinha bares ali, tínhamos talvez dois bares ali... além... as pessoas que estavam no cinema, que iam assistir o filme, quando terminava, ficavam circulando ali e iam pra um bar, ia namorar, era um ponto de encontro, né? Muitas meninas iam pra esse negócio com interesse, além do filme, do namoro, é onde começava aqueles namoros, né? Uma conversa aqui, uma conversa ali e nisso daí, nessa época, o surgimento de muitos namoros foram através desses cinemas, terminava o cinema, né?... uma hora e meia, quando era nove e meia ia se dar um giro, bater um papo, quem gosta de beber ia tomar uma, né? Outros iam conversar, e aí formava um ciclo, e nesse ciclo começavam os namoros, paixões, casamentos...

JAN: Tudo por conta do filme (riso)

ABR: Tudo por conta do filme, né? Por conta do filme.

JAN: Quer dizer que a diversão não acabava quando o filme acabava, continuava?

ABR: Continuava, exatamente... e também você sabe, o cinema é uma forma de gerar brincadeira, ali tem o pipoqueiro, o vendedor de bombons, né? Tem o cara do roletezinho de cana, era uma variedade, tinha um vendedor aqui, outro vendedor ali, então começava aquele círculo de animação...

JAN: Uhum.

ABR: De papo.

JAN: Mas, tipo, ir pra o cinema era como ir pra uma festa, as pessoas se arrumavam...?

ABR: Ia todo bonitinho, hoje, não, pra ir pro cinema vai de bermuda, com uma camisa, ia tudo bonito, tudo... bem trajado, sempre aconteceu isso, isso aí era...

JAN: Era quase como se fosse uma cerimônia social.

ABR: Uma cerimônia social, exatamente.

JAN: Ia lá pra ver gente... falar com gente...

ABR: Ver gente, namorar, principalmente pra namorar tinha que ir bonito, tinha que ir elegante, porque se não, o cabra ir começar um namoro todo desmantelado, todo desmantelado...

JAN: E pra se apresentar também.

ABR: Exatamente, tava ali pra bater um papo.

JAN: Uma pergunta, agora, você acha que esses filmes, que foram mais populares durante a reta final dos cinemas aqui, que foram as pornochanchadas, os filmes de sexo, você acha que eles causaram algum tipo de impacto, de escândalo na cidade, como foi essa fase, o senhor lembra de alguma coisa?

ABR: Não... não vejo muito nesse aspecto, porque quando começaram a chegar esses filmes aí, foi no período que começaram a chegar as fitas, né? As fitas...

JAN: Coincidiu, né?

ABR: Coincidiu... o cara que ia pra lá, ia porque não tinha vídeo cassete, né? Aqui na cidade, é... se eu não me engano foi em oitenta e quatro, se eu não me engano já tinha... já tinha o começo de umas lojas de vídeo, não era aqui, a locadora, mas em João Pessoa

e Fortaleza já tinha locadoras lá, tranquilamente... então, nesse período aí, não, era a falta da fita, se o cara não tivesse acesso à fita, né?

JAN: Então como... o senhor acha que o que fez com que o cinema deixasse de ser interessante, que ele chegasse ao ponto de que não fosse mais... que não valesse mais à pena pra os donos de cinema manter ele aberto, por que o público não se interessou mais, o que o senhor acha que fez isso?

ABR: O que fez isso foi exatamente o seguinte... a tela grande é inconfundível, é fantástica a tela grande, mas o que aconteceu é que chegaram o quê? Chegou a televisão, com a televisão, veio o quê? As novelas, veio os seriados, não é isso? E nesse período aí vieram, quando você tem a televisão em casa pra assistir a novela gratuitamente... você também rinha as locadoras pra assistir os filmes que quisesse, com um valor mínimo de dois reais, três reais, muito mais barato do que a locação do cinema... então todos esses fatores fizeram com que todos os cinemas, praticamente os cinemas se acabassem na cidade, né? É tanto que a própria diocese disse, não, vendeu os dois cinemas... vendeu os dois cinemas, a diocese percebeu que não havia como, não havia, é... como pagar aquelas despesas, porque você sabe, pra montar um cinema você tem que pagar o filme que vem de fora e o filme que vem de fora é caro, principalmente que vem do Recife... tem alguns direitos lá que eu não me lembro, que era uma forma de pagar... aí você tem o projetor, que botava pra projetar, tem que ter o... o menino, o cara que trabalha lá...

JAN: O rapaz que faz o trabalho no projetor, né?

ABR: E também tem o cara que fica na porta, né? Como é que que chama?... não me lembro o nome, mas, sim... tem prédios que seriam alugados, né? Não dava pra pagar a locação desse prédio, o projetor, as despesas com o projetor, e o quê mais? O próprio filme que chega, é dinheiro! Pra ter duas pessoas, duas três assistindo.

JAN: Aquele edifício O.K. era alugado, nera?

ABR: Não, o Edifício O.K. foi um edifício que foi vendido, foi vendido, mas o... Cine Édén teve que comprar, ou você pagava aluguel ou você comprava... os filmes que era... mas aqui, nesse Cine Cruzeiro... o Cine Cruzeiro, que era, chamam de Eutrópio, Seu Otrópe pagava a locação, o...

JAN: O ponto.

ABR: O ponto, o ponto, né? A diocese não pagava porque tinha os prédios, os prédios eram dela, né? Então o Cine Apolo e o Pax tinha os prédios, mas as pessoas que iam trabalhar, como é que ia ser? A própria diocese não só vendeu o cinema, não só vendeu o cinema, como vendeu a emissora de rádio, porque a emissora estava dando mais prejuízo do que lucro.

JAN: Não estava compensando.

ABR: Não estava compensando, não.

JAN: Mas então, o cinema, como o senhor falou, funcionava como essa forma que o senhor falou pra sair, conversar, namorar... quando eles, quando acabou o cinema, qual a forma de diversão substituiu essa socialização das pessoas?

ABR: É, o que vai substituir, o que substituiu um pouco disso aí são os clubes, que surgiu alguns clubes, clube primeiro de maio, que era muito bom, o Cajazeiras tênis clube e o... o Cine, o jovem clube... na época o que chamava a atenção nas festas é que depois vieram os carros, vieram, Cajazeiras chegou a ter um festejo junino com trinta dias, porque você ter uma festa com trinta dias de folia pra brincar, né?

JAN: Uhum... o mês todo.

ABR: O mês todo, foi exatamente nesse período aí, nos anos oitenta, oitenta e... oitenta e seis, oitenta e sete, nessa faixa aí, começaram a... se trabalhar, de ver todo esse aspecto de clubes sociais né? Aí surgiu o Campestre clube, no começo era um estouro, fantástico... hoje está uma tristeza, ele está sendo revitalizado agora, mas quando surgiu era muito bom, era ótimo.

JAN: O senhor chegou a filmar, a gravar alguma coisa nos cinemas, conversar com algum dono de cinema, ou com alguém que frequentou, nas gravações do senhor?

ABR: Cheguei a gravar com Eduardo Jorge que foi um dos últimos, Eduardo Jorge, é tanto que a gente chegou a filmar a parte de fora, a gente não filmou dentro, no Cine Éden, no Primeiro de Maio, eu filmava o Apolo e conversamos com um dos donos do cinema, que foi Eduardo Jorge de Cesar Guedes, entrevistas com ele, conversamos primeiro... mais com os outros anteriores, uns tinham ido embora e outros já tinham falecido, tinham falecido, né? Porque o cine Éden começou com José de Oliveira dos Santos, faleceu se eu não me engano nos anos cinquenta... depois passou pra doutor Gineto... uma sociedade, doutor Gineto parece que faleceu nos anos sessenta... e... nos anos sessenta, depois passou pra Carlos Paulino, nos anos setenta mais ou menos, depois pra... que teve, basicamente, quatro ou cinco pessoas como proprietários, né? Porque é difícil, eu vi o último, porque os outros já tinham falecido.

JAN: Sim, sim... a gente pode dizer, é... quando foi o cinema mais popular da cidade, o que mais chamava a atenção do público, o que mais...?

ABR: O Cine Éden.

JAN: O Éden, né?

ABR: O Cine Édén era o que chamava atenção no período antes de acabar, que passava bons filmes e sequencias muito boas.

JAN: Então o diferencial dele era a qualidade dos filmes, né?

ABR: Sim, a qualidade dos filmes, embora os outros também, o Apolo tinha boa qualidade, mas o Cine Apollo passava pela... censura do bispo, o bispo só pegava os filmes que ele queria, tanto no Apollo como no Pax, já no Cine Édén não, Eduardo Jorge dava uma nova visão, né? Não tinha preocupação de ética ou coisa parecida.

JAN: Quer dizer que nesses cinemas administrados pelo bispo...

ABR: Tinha uma sequência, ele mesmo que separava esses filmes, ele mesmo ia buscar, não mandava ninguém ir buscar, Eduardo Jorge tinha uma visão nova, era mais jovem, tinha uma visão diferente, ele queria saber o que tava fazendo sucesso, né? E aquela preocupação em ser um filme especial, né?

JAN: Quer dizer que esses filmes que passavam nos cinemas da Igreja, eles tinham um caráter, assim, educativo?

ABR: Educativo! É, educativo, tinha que ser educativo, não tinha como não ser, né? Já os outros que não eram educativos tinha a diversão, a brincadeira, a gozação, não é isso, né? Ele ia jamais passar pra nós um filme dos trapalhões, ele não passava nem, de forma alguma, né? No Cine Édén você tinha filmes como os trapalhões, da Xuxa, passava tudo (riso).

JAN: Ele estava mais interessado no que atrai o público.

ABR: No que atrai o público.

JAN: Foi bom... acho que podemos parar por aqui, foi muito... gostei muito... só uma última pergunta, só, já que a gente está aqui... o cinema na cidade era, podemos dizer, uma coisa considerada moderna, né?

ABR: É.

JAN: Porque, assim, a gente vê tantas imagens, né? Passando na tela, você vê coisas do Brasil, fora do Brasil, coisa que ninguém nem imaginava, além do cinema, em Cajazeiras, quais outros tipos de coisas, de novidades, eram, a população considerava como moderna, como inovadora, além do cinema?

ABR: A cidade sempre teve uma paixão pela radiodifusão, né? Isso, fora o cinema, que eu me lembro mesmo, você vê que a cidade começou o primeiro sistema de... autofalantes na praça João Pessoa, próprio, que era o sistema de difusão rádio difusora Cajazeiras, se

estende... não era emissora de rádio, depois veio a voz do sertão, depois veio a IPR, que ainda hoje existe e outra que eu esqueci o nome, mas tinha a voz do sertão e a Rio do Peixe... e depois, em sessenta e quatro, em sessenta e quatro chega a difusora rádio Cajazeiras, emissora de rádio e isso aí foi... foi fantástico, né? Começou a vir redatores, começou a vir locutores, a vir pessoas, foi criado, nesse período foram criados grandes shows, é... com... pessoas do rádio, como Aragão Júnior, como José Gonçalves Moreira, que ainda hoje é vivo, né? Se eu não me engano o nome é Pedro... Pedro... eram pessoas interessadas em trabalhar os auditórios da cidade... aí com dois anos depois, em sessenta e seis vem a rádio Auto Piranhas, né? E depois dessa rádio, tinha outras rádios, mas essas duas primeiras, em sessenta... tinha um... um ambiente, a forma de trabalhar o rádio era fantástica, é tanto que dessa cidade saiu muita gente pra ir trabalhar em Fortaleza, São Paulo, em Recife, nesse sentido, foi o que eu notei de bom, de tecnologia, de ver algo, depois, como você falou, veio o cinema, o cinema sempre foi... em sessenta, é porque se eu não me engano foi em... o cinema já veio se acabar um pouco mais na frente, nos anos, acho que foi, eu tinha até notado aqui... deixa eu ver aqui, eu acabei esquecendo, né?

JAN: Uhum... eu ouvi dizer, eu já li, não sei se é a data correta...

ABR: Hum.

JAN: Que o Cine Édén fechou em noventa e dois, eu não sei se corresponde.

ABR: Em noventa e dois, né? Acho que foi isso mesmo.

JAN: Foi o que eu li, em noventa e dois.

ABR: Eu anotei aqui, é porque a gente anota as coisas e esquece, né?

JAN: É.

ABR: Mas, mas, é...

JAN: Deixa eu fazer só mais um questão que eu lembrei agora...

ABR: Só um minuto, olha aqui, eu vou só lhe informar...

JAN: Sim.

ABR: O fim dos cinemas no interior, o Cine Édén, com quatrocentos e cinquenta lugares...

JAN: Sim.

ABR: Foi fundado... se eu não me engano o Cine Édén foi fundado em mil novecentos e trinta e seis ou trinta e oito, aí veio o Apollo XI com trezentos e oitenta lugares, fundado em mil novecentos e sessenta e nove.

JAN: Uhum.

ABR: Mil novecentos e sessenta e nove... depois veio o Pax, com duzentos e cinquenta, fundado em mil novecentos e sessenta e dois, olhe, o Cine Apolo desabou em mil novecentos e noventa e dois, você falou em noventa e dois, mas quem desabou...

JAN: Foi o Apolo, né?

ABR: Quem acabou foi o Apolo...

JAN: Sim.

ABR: E depois houve o desmoronamento, provavelmente, do Apolo, já o Cine Édén ele demorou mais um pouco.

JAN: Sim, sim.

ABR: Eu sei que a partir de... fechamento dos cinemas, Apolo e Pax... fechamento dos cinemas, Apollo e Pax em oitenta e oito...

JAN: Uhum.

ABR: Depois que vieram aí é que o Cine Édén fechou, então praticamente foi nisso daí, noventa e dois... foi quando caiu o Apolo XI...

JAN: Uhum.

ABR: Né? Quando caiu o Apolo XI aí veio o Édén...

JAN: O fechamento, né?

ABR: O fechamento, o fechamento... depois desabou, em noventa e dois, então desaba o Cine Apolo e também desaparece o Cine Édén, hoje está transformado em supermercado.

JAN: Sim.

ABR: O prédio está lá...

JAN: O prédio só foi...

ABR: Só foi modificado, agora é o Supermercado Araújo.

JAN: Sim, é isso mesmo... então, a questão que eu queria te fazer pra gente terminar a entrevista agora de verdade é... de que modo repercutiu aquele atentado que teve contra o bispo?

ABR: Foi terrível, né? Porque, tanto que aquele trabalho hoje é um filme, não sei se você assistiu aí o filme, o bispo gostava muito de cinema e o pensamento aí, que ninguém sabe o que está por trás dos bastidores, né? O certo é que foi colocada lá a bombazinha debaixo da cadeira e a intenção era matar o bispo mesmo, não havia saída, não. Não há como dizer que era a ditadura da época ou o que é que estava acontecendo, mas por sorte, o bispo naquele dia saiu mais cedo, porque ele saiu pra ir pra Recife, exatamente atrás de filmes, né? Claro, ter algum encontro religioso lá, que inclusive, os bispos se reúnem com alguma finalidade, mas é claro, nesse dia ele viajou e viajou mais cedo e a cadeira ficou vazia.

JAN: Uhum.

ABR: Mas se ele permanece lá, é tanto que morreu duas pessoas, o que hoje é tem um filme, se você quiser ver, ele até me consultou se eu tinha fotos do bispo, aí tem foto do bispo assistindo dentro do próprio Apolo XI e tem o bispo falando, fazendo, porque o Cine Apolo é muito bonito, muito grande, muito elegante, uns seiscentos e tantos lugares, é tanto que a festa de formatura do colégio Nossa Senhora de Lourdes de oitenta e sete, que eu filmei, eu e um amigo meu na época filmou, oitenta e sete... tava o bispo lá, o prefeito e ele faz um discurso muito bonito, você ainda vê o espaço cinema internamente... fora, não, mas internamente.

JAN: Sim, sim... gerou alguma espécie de medo na população em ir pro cinema agora, já que tinha acontecido algo desse tipo?

ABR: Não, não, porque os outros cinemas começaram a funcionar normal, né? O que passou foi a se ter mais cuidado, aí começou a ter uma vigilância, olhar o que estava acontecendo no cinema, pra depois olhar se as cadeiras estavam, se não tinha alguma bolsa por trás, algum equipamento lá pro cara trabalhar... realmente no começo ouve, o que a gente chama, um auêzinho...

JAN: Sim.

ABR: Mas depois voltou ao normal.

JAN: Eles viram que aquele era um caso isolado, então...

ABR: Um caso isolado... não achei muito... se o bispo tivesse morrido ali tinham fechado até o cinema, com a morte do bispo, mas à princípio, não.

JAN: Pois é... Aguinaldo, me desculpa (riso) muito obrigado, pela entrevista.

ABR: Desculpa aí as informações, tem hora que trunca...

Apêndice D: Entrevista com José Antônio de Albuquerque (01/10/2019)

José Antônio Neto (pesquisador): Está gravando... eu vou posicionar aqui pra captar melhor a voz do senhor.

José Antônio de Albuquerque (colaborador): Ok.

JAN: Então, José Antônio, na entrevista anterior, o senhor falava sobre a paixão que o senhor tinha desde cedo, né? Pela questão do cinema...

JAA: Uhum.

JAN: Que vendia rapadura na feira pra conseguir aqueles trocadozinhos...

JAA: Pra assistir um filmezinho.

JAN: Pra ir pro cinema, né? Eu queria saber como era pra o senhor, vivenciar essa experiência do cinema em tão pouca idade, como era naquela idade, na infância, é... tomar contato com aquelas imagens em movimento, que até aquela época era uma coisa inédita, né? Ver imagens, assim, ter contato com filmes, o senhor tem recordação de como era na infância?

JAA: O que acontece na realidade é o seguinte, era, qual a... qual a diversão que tinha a cidade de Cajazeiras?

JAN: Uhum.

JAA: Na década de sessenta, setenta mesmo, final da década de cinquenta, que é quando eu comecei a ter conhecimento das coisas, ter a razão, né?... não havia outra forma de diversão...

JAN: Uhum.

JAA: A não ser cinema... e o circo quando chegava à cidade, né? O circo também me atraiu muito e dentro dessa dimensão de... atração, de... cultural, uma coisa que me fascinava muito e ainda hoje me fascina eram as bandas de música.

JAN: Sim.

JAA: Eu saía, como ainda hoje saio, atrás de uma banda de música, não é?

JAN: Uhum.

JAA: Eu sou louco por banda de música... e era o cinema, então, todo sábado, impreterivelmente, era muito difícil eu não ir ao cinema e no domingo também... como eu te falei já numa entrevista anterior, eu pra não perturbar muito o meu pai, porque eu gostava muito de cinema, eu, às vezes durante a semana eu ia, quando chegava alguma novidade e geralmente o cinema era o seguinte, vinha uma fita e passava três, quatro dias seguidos aquela mesma fita... aquele mesmo filme, então era isso que atraía... a própria escola, no ambiente da escola, havia aquele filme, assisti, né?

JAN: Uhum.

JAA: Então isso, ia, a propaganda de boca a boca do filme, ia fazendo com que as outras pessoas que não tinham ido ao cinema, também se envolvesse com isso, né? Então era essa a atração, foi isso que...

JAN: Uhum.

JAA: Me motivou, que me fez com que eu fosse sempre levado a gostar... de cinema.

JAN: Uhum... aí quando o senhor era criança, o senhor frequentava o cinema com quem?

JAA: Ah, sozinho...

JAN: Sozinho?

JAA: Sozinho.

JAN: Sempre sozinho?

JAA: Sempre sozinho, meu pai não gostava quando eu ia, não me lembro, nunca fui com meu pai no cinema e muito menos minha mãe... minha mãe nunca... nunca vi minha mãe no cinema, agora... nós da família, todos nós, inclusive eu tive uma irmã, Aparecida...

JAN: Uhum.

JAA: Que, junto com outra irmã que, assistiram o filme lá da bomba, do Cine Apolo, ela estava no cinema.

JAN: Naquele momento, né?

JAA: Naquele momento... elas já tinham saído, quando elas chegaram em casa, aqui, na... nós morávamos aqui na rua Sebastião Bandeira de Melo, quando elas abriram a porta de casa, ouviram o estrondo da bomba, né?... aí elas estavam vindo do cinema, lá do Cine Apolo XI... então todos nós, irmãos, inclusive, eu quase que me prejudico quando fui morar em Recife, porque, essa paixão pelo cinema, muitas vezes eu deixava de...

JAN: Uhum.

JAA: De estudar, de assumir um compromisso pra ir ver um filme, eu era apaixonado por cinema, ainda sou.

JAN: Uhum... somos dois, então (riso)... falando, é, continuando a falar sobre a infância... porque, assim, na infância a gente faz de tudo, mas os filmes, eles mexeram com sua imaginação a ponto de serem incorporados, por exemplo, nas brincadeiras, nas relações que vocês tinham com os colegas, tipo, de brincar de imitar uma cena, imitar um diálogo, esse tipo de coisa?

JAA: Isso era muito comum naquela época, né?

JAN: E é?

JAA: Principalmente os filmes de faroeste americano, né?

JAN: Uhum.

JAA: De brincar no grupo...

JAN: Sim.

JAA: No grupo escolar onde a gente estudava, do bandido e do mocinho, aquelas coisas, eu sempre... aquelas fitas cinematográficas nos levavam a essa imaginação, né?

JAN: Uhum.

JAA: A essas brincadeiras, a esses outros tipos de divertimentos, então o cinema, assim, era uma espécie de extensão daquilo que a gente, na infância fazia por aqui, pelas peraltices das ruas de Cajazeiras, né?

JAN: Era uma forma de imitar o cinema, também.

JAA: Perfeitamente, perfeitamente... perfeitamente.

JAN: Legal... e... o senhor até tocou nesse ponto, de os comentários dos colegas, na... própria escola...

JAA: Sim.

JAN: Que suscitava aquele interesse em assistir o filme, então quer dizer que, por exemplo, essa curiosidade em torno do cinema, vinha muito em torno do que os colegas comentavam...

JAA: Também.

JAN: Da convivência entre vocês?

JAA: Também. Muitas vezes os professores também indicavam, os professores falavam, é... tava passando um filme interessante, né? A vida de Cristo, né? Sobre Roma, né? Então isso despertava, despertava interesse, então foi... havia essa propaganda boca a boca, né? Que não tinha outra forma de ser a não ser essa, a publicidade, né? E um cartaz que tinha na praça João pessoa indicando os filmes que iam passar no Cine Éden, né?

JAN: Uhum.

JAA: E ainda hoje têm fotografias desses cartazes, fotografias históricas, né? E o próprio letreiro que se encontrava na frente do cinema, era muito comum isso aqui em Cajazeiras.

JAN: Você passava de frente, ele já tava lá?

JAA: Já tava lá na tabuleta, com, indicando qual era o filme. E outra coisa, quando a gente ia a um filme, geralmente passava o trailer do filme seguinte, do filme que ia passar na próxima semana, aí fazia aquele alarde, era a propaganda, eita, era comentário da semana, vai passar tal filme... aí havia sempre os comentários, né? Sobre aquele filme que ia passar, é... no Cine Pax, no Cine Apolo XI, no Cine Cruzeiro Eutrópio, né?

JAN: Gerava muita expectativa pra próxima semana, né?

JAA: Sim, claro, claro, era casa cheia, principalmente as matinês lá do Cine Éden, do Cine... Cruzeiro e do Cine Éden... a gurizada ia mesmo, a meninada era uma gritaria infeliz, não tinha quem aguentasse.

JAN: Uhum.

JAA: Era uns bate, bate nas cadeiras com a mão, o assovio comia no miolo no centro, né? Era um negócio bem... era a diversão e a vaia comia no miolo no miolo do centro quando acontecia qualquer coisa diferente... é, as coisas dos velhos tempos do oeste americano.

JAN: Exatamente (riso), era uma coisa que eu ia perguntar ao senhor agora, que o senhor acabou tocando, por coincidência, nesse ponto, se... é... vocês brincavam de filmes, digamos assim...?

JAA: Sim!

JAN: Mas dentro do espaço do cinema, quer dizer, que vocês também levavam a brincadeira pra lá?

JAA: Sim, sim, perfeitamente, perfeitamente... é... havia a torcida do bandido, a torcida do mocinho, né?

JAN: Uhum.

JAA: Um bate papo, vai pegar, vai pegar!... batia palmas (bate palmas), era um negócio interessante, né? A gente vivenciava a própria, hoje não, você fica naquela expectativa, naquele murmúrio... mas na nossa época aqui, não, a gurizada, né? tomava (imita o barulho das crianças) gritava no cinema, era... pro mocinho matar o bandido, pegar o bandido, essas coisas todas, né?

JAN: Se envolvia mesmo, né?

JAA: Se envolvia... se envolvia, sim. Claro, havia o envolvimento da plateia com... com a tela, com a passagem do filme, né?

JAN: Vocês, enquanto criança, chegaram a imaginar, assim, que talvez aquilo fosse verdade, ou misturava realidade com ficção?

JAA: Não, geralmente... não me recordo desse ponto, mas a gente sabia que aquilo ali era uma história...

JAN: Sim, sim.

JAA: Uma ficção, não é verdade?

JAN: É, o senhor falou que os seu pais, é... não tinha muito interesse em frequentar, né? Mas eles...?

JAA: Eram muito liberais.

JAN: Muito liberais, né? Não tinha nenhum tipo de proibição quanto a...?

JAA: Não, não, até porque, dois cinemas que tinha aqui eram da diocese e quem escolhia os filmes era o próprio Dom Zacarias Rolim de Moura, não é?

JAN: Uhum.

JAA: É... e não havia essa preocupação com a censura, com filmes pornográficos... havia uma sessão no Cine Cruzeiro, de meia noite, que ele passava lá filmes de esculhambação,

de sexo, mas isso era a meia noite, a gente nem sonhava em passar nem na calçada do cinema quando tinha esses filmes, né?

JAN: Uhum.

JAA: A galera participava mesmo, a gente só via o comentário e o burburinho no outro dia, que tinha cenas de sexo explícito, naquela época era... uma verdadeira... dava um verdadeiro burburinho na cidade, né?

JAN: O senhor ainda era criança quando esse tipo de filme passava?

JAA: Sim, sim... jovem, muito jovem, adolescente... passava esses filmes, mas era pra dezoito anos, terminantemente proibido, até a polícia ficava na porta para proibir... tinha uns furões, mas era muito difícil, muito difícil.

JAN: Aí, é... o senhor, pelos comentários, pelo burburinho que causava, rolava aquela curiosidade...?

JAA: Sim! Aí é que havia mais curiosidade, porque o camarada ia contar como era, ei, conta aí pra gente, os colegas que já tinham dezoito anos, que assistiam o filme, né? Entendeu?

JAN: E (riso) o comentário da turma era isso?

JAA: Era, era.

JAN: É... não só sobre a infância, sobre a juventude, a vida adulta, assim, teve algum episódio, dentro do cinema, é... alguma sessão especial que você lembra até hoje, que aconteceu alguma coisa, algum caso engraçado, interessante, que marcou?

JAA: Sim, havia, porque, olhe, os musicais... os musicais me marcaram muito... principalmente, é... quando aparecia Geraldo Marins e Nelson Gonçalves, quando era uma música inédita de Nelson Gonçalves que nunca chegou pras emissoras daqui que, né? Passou uma vez aqui no cinema, num daqueles musicais que passava, Finos brasileiros, né? E que teve uma música de Nelson Gonçalves que fez muito sucesso no cinema, né? E depois nós tentamos aqui encontrar esse disco pra passar nas emissoras de rádio e não conseguimos, não é? Me lembro muito disso, né? Ângela Maria também, a Paixão de Cristo, era um filme que revolucionou toda vida que passava, chamava muito a atenção pelo, pela dramaticidade do filme, né? Então isso, isso marcava muito a gente, né? Como adolescente, né?

JAN: Na adolescência, é, o senhor tinha uma turma com quem costumava sempre frequentar sessões ou é, continuava indo sozinho?

JAA: Não, eu ia sozinho pro cinema, eu não... meu pai não gostava muito também dessas coisas de turma, de coleguinha, dessas coisas não, né? Muito embora ele admitisse alguns amigos estudar lá em casa, se divertir, brincar, comentar, não é? Jogar futebol, que eu gostava muito de jogar futebol, turma do colégio Salesiano Padre Rolim, colégio Diocesano, Salesiano e depois Diocesano padre Rolim, então essas coisas (tosse) esse grupo, era um grupo muito reduzido e a gente sempre... coincidia de muitas vezes ir ao cinema juntos, né? Namoradinhas, paquerinhas, aquelas coisas que começava a surgir, o camarada com treze, catorze, quinze anos já começava naquela época a, já começava a ter umas paqueras e essas paqueras geralmente, o cinema era um ponto de encontro, né?

JAN: Uhum.

JAA: Aquelas coisas que aconteciam na adolescência mesmo.

JAN: Mas assim, mesmo o senhor indo só, estando lá, acabava estando com um amigo, ou namorada?

JAA: Sim, porque a cidade era muito pequena.

JAN: Sim.

JAA: Sempre se encontrava com os amigos e bom, geralmente a gente pegava o beco, ia logo pra casa quando terminava, chegava antes, batia um papo, conversava, atualizava as fofocas da cidade, eram notícias que circulavam mais em torno do colégio, da nossa vivência, né? Estudantil.

JAN: Coisas de vocês mesmos, né? Do dia a dia.

JAA: É, papo... das meninas, coisas da garotada.

JAN: A turma que o senhor andava era mais meninos ou meninas, também?

JAA: Não, eram mistos, né?

JAN: Mistos.

JAA: Mas eram muito mais meninos.

JAN: Uhum... os colegas de turma, né?

JAA: Sim. Porque naquela época naquela época não se estudava homem com mulher.

JAN: Não, né?

JAA: Não, tinha o colégio das freiras, que só estudava as meninas e tinha o colégio Diocesano que estudava meninos, eram separados, até a década de sessenta, quando eu saí do colégio Diocesano, em sessenta e três, não tinha mulheres ainda, só depois, lá na frente. A mesma coisa aconteceu com o colégio Nossa senhora de Lourdes, que veio admitir o ingresso de homens bem na frente, também.

JAN: Mas, bem recentemente.

JAA: Mas bem recentemente, é.

JAN: Então já que...

JAA: Amizade era mais com os meninos.

JAN: Sim, sim.

JAA: Amizade... e aquela namoradazinha, aquelas coisas, que raramente aparecia, nos grupos, né?

JAN: Sim, sim... mas então, é... se durante o convívio estudantil havia essa separação entre o gênero masculino...

JAA: Não, havia não... havia não...

JAN: Mas na escola, como o senhor falou.

JAA: Havia na escola.

JAN: Sim, nesses ambientes assim...

JAA: Havia na escola... a gente antes de ir pra escola, antes de ir pro colégio, que o colégio Diocesano ficava no alto de uma colina e o colégio Nossa Senhora de Lourdes era no centro, a turma do colégio Diocesano, é... só subia o morro na rapa, faltando quatro minutos pro portão fechar, na carreira, pra ficar paquerando as meninas que iam entrar no... havia um desfile de garotas, né? Bonitas, a gente ficava sentado na calçada só paquerando as meninas...

JAN: Uhum.

JAA: Então havia uma verdadeira atração garotas do colégio...

JAN: Sim.

JAA: Nossa Senhora de Lourdes, os alunos todos fardados, grande parte ficava ali, que tinha suas paqueras, tinha seus namorados, aproveitava pra ver a namorada logo de manhã.

JAN: Sim, sim.

JAA: E ali atualizava o papo, piscava o olho, aquelas, aquelas coisas assim... e elas passavam, céleres para a escola.

JAN: Então essa separação só existia do muro da escola pra dentro?

JAA: É, pra dentro, é.

JAN: Esses ambientes de convivência...

JAA: Não, não...

JAN: Eram pontos de encontro mesmo, né?

JAN: Ah, sim, sim, com certeza... principalmente com uma sorveteria que tinha aqui, uma sorveteria, a famosa sorveteria Trianon, que era o ponto de encontro da juventude de Cajazeiras... a praça presidente João Pessoa, aqui onde tinha o cinema, todo dia os meninos sentavam nos bancos e as meninas pelas calçadas da avenida João pessoa e a paquera rolava no centro, né?

JAN: O cinema era um... era um dos principais pontos de encontro da cidade?

JAA: Pronto, era, muitas vezes a gente ficava dentro do cinema, não ia nem assistir o filme...

JAN: Uhum.

JAA: Ficava ali só pra ver as garotas, bater um papo e atualizar, né? Atualizar com o que acontece na cidade.

JAN: É... a sessão, ela se prou... ela começava quando e terminava em que horário?

JAA: Geralmente sete, sete e meia, terminava às nove e meia, nunca passava de duas horas, uma hora e pouco, né?

JAN: Não tinha essa coisa de emendar dois filmes, não, era...?

JAA: Não, não, era só um filme...

JAN: Uhum.

JAA: Só um filme... passava o trailer, né?

JAN: Uhum.

JAA: Depois, às vezes quebrava muito a fita, aí demorava, né? Quando a sessão ficava, mas quando o filme era mais velho que quebrava e aí tinha que parar, a vaia comia no centro, né? A garotada fumava, era proibido fumar porque prejudicava a sessão, a fumaça... tampava a visão. É, era aquela confusão (ri), então essas coisinhas assim me traz recordações.

JAN: Uhum... é, uma coisa que eu ia perguntar, que tem muita relação com o que o senhor tá falando, é que, é... nessa época, o cinema, você acha que a maioria das pessoas, a graça, a diversão maior que tinha...

JAA: Era a única.

JAN: Era o filme mesmo ou era essas relações?

JAA: Não, havia o filme e havia as relações, mas o interesse, muitas vezes era no cinema.

JAN: No filme em si, né?

JAA: Mas havia a oportunidade de novos relacionamentos, né? Novas amizades, de ampliar as amizades, de se encontrar fora do ambiente de trabalho, fora do ambiente de escola, né? Pra bater um papo mais descontraído, né?

JAN: Uhum... quer dizer que o filme era o que motivava...

JAA: Que motivava.

JAN: Mas não era só o filme, também.

JAA: Não... acho que a motivação maior era o filme, porque você não ia pagar pra assistir uma peça, muitas vezes só pra... ver namorado, né? Podia até acontecer isso.

JAN: Uhum.

JAA: Então, ir pro cinema só pra se encontrar com namorado.

JAN: Quer dizer, quando o senhor fala, é... no cinema, nessa época, a pessoa...

JAA: Era o tcham.

JAN: Era (riso)

JAA: Era o centro de atrações de divertimento da cidade... fora disso era o circo, quando chegava, o circo fez sucesso aqui durante muitos anos, casa cheia, lotada, né?... o cinema, o circo era... também o circo a gente só ia uma vez, no mesmo dia se fosse tava a mesma, aí ficava na poeira do circo, na penumbra, na paquera.

JAN: Sim, sim... então, é... o comportamento do público dentro da sessão era sempre caótico como o senhor falou?

JAA: Não, nem sempre. Era mais nas matinês porque eram mais meninos, né?

JAN: Menino.

JAA: Meninos e meninas, rapazotes, não é? Mas geralmente à noite havia mais um... mas aqui e acolá ainda comia uma vaia no centro... senta, rapaz, chega atrasado aí, prejudica, senta logo aí bicho do mato (imita os gritos e vaias).

JAN: (riso) Por que já era um público mais adulto, né?

JAA: Era, sim... era, era... predominantemente masculino.

JAN: Sim, sim.

JAA: O público, sempre foi, não é? Obviamente, eu me recordo disso, havia muitas, né? Mas havia um público predominantemente masculino.

JAN: Uhum.

JAA: Sábado à noite era... domingo, tinha cinema de manhã, à tarde, à noite, mas era o centro de diversão que a cidade tinha.

JAN: Tinha regras de comportamento pra mulheres frequentar, tipo assim?

JAA: Não, não, não, tinha não, não havia essa rigidez não.

JAN: Uhum... Eu falo assim, por parte da família, de não querer, se tinha esse cuidado.

JAA: Não, eu acho que não... os pais sabiam quais eram os filmes que prestavam.

JAN: Por que o senhor acha que não tinha, é... eram bem mais homens do que mulheres?

JAA: Porque sempre foi.

JAN: Sempre foi assim, né? Sempre foi um costume?

JAA: É.

JAN: É... o cinema, ele era uma diversão que fazia parte do cotidiano da cidade, né? Só que existia aquilo de que, ah, vou ali, vou me apresentar ao público, vou me arrumar, vou todo preparado...?

JAA: Olhe, o que acontecia era o seguinte, havia mesmo essa expectativa, você não ia... você muitas vezes ia aventurar arranjar uma namorada...

JAN: Sim.

JAA: Ver um namorado, né? Você não ia todo molambento...

JAN: Sim.

JAA: Né? Geralmente as meninas se ajeitavam, botavam um perfume, né?

JAN: Uhum.

JAA: Perfume francês, vestia uma roupa melhor pra ir pro cinema... logo, era uma vez por semana, muitas vezes, uma vez por semana, aos domingos, porque dava um público maior, geralmente no domingo, havia as sessões, então caprichava... depois do cinema, tinha a praça, né? Desfile, os paqueras, e a praça João Pessoa, não é? Era o centro, era o centro de... divertimento da cidade.

JAN: Um centro de convivência entre os jovens.

JAA: Convivência, é... sorveteria, tinha uns bares, passeio.

JAN: Quer dizer que quando o cinema acabava, a diversão não acabava?

JAA: Não, principalmente a primeira sessão, quando acabava o pessoal ia... as meninas preferiam a primeira sessão, depois ficavam ali na paquera, sentava num daqueles bares que tinha em Cajazeiras, sorveteria pra tomar um sorvete, um refrigerante, né?

JAN: O senhor, costumava ficar após, ou...?

JAA: Não, raramente.

JAN: Raramente, né?

JAA: Raramente... só com um grupo de futebol que a gente ficava ali pra discutir a pelada do domingo, né?

JAN: Uhum.

JAA: Perdeu, roubou, essas coisas que acontece depois do futebol, né?

JAN: Mas alguns colegas mais velhos do senhor, chegavam a ficar?

JAA: Não, ficavam sim... ficavam.

JAN: Até porque, a Praça João Pessoa ficava do lado do Cine Éden, né?

JAA: Perfeitamente.

JAN: Uma coisa estava relacionada com a outra, né?

JAA: Exatamente.

JAN: O Edifício O.K também tinha outras coisas...

JAA: Era, era, o Edifício O.K era um centro também de... pequeno clube... jovem clube foi muito frequentado aqui pela juventude de Cajazeiras, o próprio nome já tá dizendo, pela juventude da cidade, era o cinema, depois era hora de começar o baile.

JAN: No próprio Edifício O.K.

JAA: No próprio Edifício O.K.

JAN: Uhum... é... outra pergunta, como o senhor percebeu, e a geração do senhor também, as pessoas que viveram na mesma época do senhor, que frequentaram os cinemas na mesma época, como vocês perceberam, é... o cinema de Cajazeiras, digamos, morrendo aos poucos, porque com o tempo as sessões começaram...?

JAA: Quando o cinema de Cajazeiras morreu eu não estava mais aqui.

JAN: Não estava mais, é?

JAA: Já estava no Recife estudando.

JAN: Uhum.

JAA: Seis anos fora, praticamente, mas foi uma pena muito grande, quem resistiu ainda foi Dom Zacarias, né?... Zacarias resistiu, né? Foi a resistência... até porque ele adorava cinema, dom Zacarias...

JAN: Sim.

JAA: Era aficionado... era, lá ele mesmo ia pro Recife, fazia a seleção de seis meses de cinema...

JAN: Uhum.

JAA: Pro cinema dele aqui... isso ajudou muito, porque, o cinema era uma forma de você viajar, não é? De você viajar... ver Paris...

JAN: Uhum.

JAA: Ver Nova York, não é? Ver Lisboa...

JAN: Uhum... Uhum.

JAA: Ver outras cidades europeias, né? Era uma forma de você viajar e pra cidades brasileiras também, São Paulo...

JAN: Sim.

JAA: Os filmes eram sempre rodados, Copacabana... em São Paulo na Avenida São João, então a gente conhecia, não é? Através do cinema a gente conhecia outras cidades.

JAN: Sim, com certeza.

JAA: Era uma forma da gente viajar...

JAN: Uhum.

JAA: Eu gostava muito do cinema, porque exatamente eu fui sempre apaixonado em conhecer as coisas, viajar, não é? Uma das minhas paixões é... viajar, e o cinema me faz viajar, ainda hoje eu gosto de cinema, muito...

JAN: Sim.

JAA: Muito, eu gosto muito... eu assisto quase todos os dias um filme.

JAN: Uhum.

JAA: Quase todos os dias.

JAN: O cinema é muito...

JAA: Claro, claro, você aprende muito com o cinema, uma boa fita...

JAN: Sim.

JAA: Um bom filme, você... tira lições muito úteis, pra vida, pro crescimento, de relacionamento, de reflexão...

JAN: Uhum, sim, com certeza.

JAA: Eu assisto, é raro o dia em que eu não...

JAN: Uhum... havia a sensação, naquela época, quando o cinema tava... embora o senhor não estivesse aqui, é... tava fora, né? Mas o senhor sabe se, é... existia a sensação de que o cinema aqui em Cajazeiras poderia acabar a qualquer momento?

JAA: Não, porque o que aconteceu é o seguinte, quando o cinema foi morrendo, a televisão foi chegando.

JAN: Uhum.

JAA: Certo?

JAN: Sim.

JAA: Foi como o que aconteceu com os jornais, Cajazeiras tinha vários jornais escritos... quando os jornais foram se acabando, a rádio veio chegando.

JAN: Uhum.

JAA: Tá certo?... depois foi as emissoras de rádio, não é? Então as emissoras de rádio foram da década de sessenta (telefone toca) foi o período da morte dos periódicos escritos de Cajazeiras, que tinha cinco ou seis periódicos... uma coisa substituiu a outra, quer dizer, não deu pra sentir a falta, né? Com tanta...

JAN: Com tanta...

JAA: Com tanta ênfase.

JAN: Sim, porque logo em seguida...

JAA: Veio um substituto... Boa tarde (cumprimento em resposta a alguém que entrava no recinto).

JAN: É... agora uma última pergunta pra gente terminar, é... a partir de determinado momento, nos cinemas de Cajazeiras, eles começaram a mostrar mais, é... as famosas pornochanchadas, que eram os filmes de sexo e tal, que era até uma forma de tentar, é... juntar o maior público possível...

JAA: Pra manter a...

JAN: Funcionando.

JAA: Pra manter funcionando... então eles tinham essa criatividade, né? De fazer umas pornochanchadas, alguns filmes eróticos, né? Carlos Paulino passava menos, mas o Eutrópio era craque em... encher, porque enchia mesmo o cinema, ficava lotado, filas enormes pra assistir essas... esses filmes eróticos.

JAN: Uhum.

JAA: E a mundiça gostava, e quem gostava mais eram as meninas dos cabarés de Cajazeiras, né? Que quando os homens saíam dessas pornochanchadas, saíam todos excitados, tiravam direto pro cabaré (ambos riem).

JAN: Eles lucravam com isso?

JAA: Elas lucravam também.

JAN: Não tinha pensado nesse ponto, não (riso).

JAA: Com certeza, geralmente acontecia isso, apesar de ser muito tarde da noite, era depois de dez horas da noite, pra ver essas pornochanchadas, esses filmes eróticos, a mundiça, quando terminava lá...

JAN: O filme.

JAA: Ia direto do cabaré, um era pertinho aqui atrás do cinema, o outro era mais distante, mas a turma ia pros cabarés.

JAN: A sessão terminava às dez, né?

JAA: Ah, terminava dez e meia, esses filmes geralmente eram curtos, né?... é... sessenta, setenta, oitenta, no máximo noventa minutos.

JAN: Mas gerava algum tipo de... escândalo, assim, na opinião pública?

JAA: Não, nada.

JAN: Ninguém se escandalizava?

JAA: O máximo que poderia existir era um buchicho ou outro, entre as beatas da cidade, só... nada mais do que isso, nem a Igreja também se incomodava com isso.

JAN: Uhum.

JAA: O pessoal da Igreja... sempre teve uma participação efervescente aqui na cidade, ela... nunca ouve comentários, contrários...

JAN: Sim.

JAA: A esses filmes eróticos na cidade.

JAN: Os cinemas da igreja que foram o Pax e o Apolo XI, eles não passavam esse tipo de filme...

JAA: Absolutamente, não.

JAN: Mas...

JAA: Não, não, não...

JAN: Não se metiam.

JAA: Não se metiam.

JAN: Nessa outra linha.

JAA: Não... cinematográfica.

JAN: E os homens, assim, faziam a festa.

JAA: Claro, claro.

JAN: Não eram acostumados a ver coisas desse tipo, passando.

JAA: É, é verdade... hoje...

JAN: Já não tem nem mais graça (riso).

JAA: Há vários canais aí, canais fechados de televisão, tem aí inúmeros, né?

JAN: Uhum... José Antônio, é isso, terminamos a entrevista...

JAA: Tá bom.

JAN: Essa foi mais rapidinha do que a outra...

JAA: É, tá bom.

Apêndice E: Entrevista com Lídia Pedro de Santana (09 de novembro de 2019)

Lídia Pedro de Santana (colaboradora): A gente sem pagar (ri)... porque ele trabalhava lá na energia, era ele quem controlava...

José Antônio Neto (pesquisador): Assim é bom...

LPS: Pois é...

JAN: (riso do entrevistador) Dona Lídia... a senhora lembra das primeiras vezes em que foi ao cinema?

LPS: Se eu lembro a primeira vez?

JAN: Não a primeira de todas, mas... quando começou...

LPS: Ah, eu fui poucas vezes.

JAN: Uhum.

LPS: Eu só fui umas três vezes.

JAN: Uhum.

LPS: Eu tinha quinze anos, não tinha muita noção da coisa, né?

JAN: Hum...

LPS: Aí minha amiga disse, vamos pra o cinema, amiga, hoje, comigo... ela namorava com um rapaz que controlava a energia do cinema.

JAN: Uhum.

LPS: Que nesse tempo aqui não tinha energia, era a energia de Paulo Afonso... era energia de um motor que tinha lá na Praça João Pessoa, pertinho do Cine... então a gente, eu ia com ela... quando era, assim, de vez em quando a luz apagava, acendia, e ficava com aquele filme embaçado...

JAN: Uhum.

LPS: Sem querer sair direito (ri) e a gente ficava ali, às vezes, muitas vezes apagava e a gente ficava no escuro... aí de repente eles ia lá e controlavam e a gente começava de

novo a assistir... aí quando eram dez horas, pronto, a gente tava liberado pra ir embora porque não tinha energia, a energia apagava de dez horas.

JAN: Isso era problema no gerador de energia?

LPS: No gerador de energia daqui, que era um motor que tinha aqui, não era de Paulo Afonso, não...

JAN: Uhum.

LPS: Aí aconteceu com as três vezes que eu fui, acontecia desse jeito... tava tudo bem, a gente entrava no Cine Éden, aí quando começava a assistir a luz apagava (ri) a luz era tão fraca que não aguentava muito tempo (ri).

JAN: Uhum

LPS: Apagava e a gente ficava ali aguardando a volta da energia... então, o rapaz que era o controlista da energia, era namorado dessa amiga minha, né?

JAN: Uhum.

LPS: Aí quando eram dez horas ele fechava, apagava as luzes e ia embora, era pouco tempo.

JAN: Dava tempo terminar o filme?

LPS: Às vezes nem dava.

JAN: Dava, não?

LPS: Às vezes nem dava.

JAN: Porque a luz apaga, aí tinha que começar tudo de novo...

LPS: Tinha que começar tudo de novo.

JAN: Aí chegava uma hora que...

LPS: Não dava tempo, não, muitas vezes quando a gente entrava na porta a energia já faltava. A gente ficava muito tempo ali sentado nas cadeiras, esperando que a energia chegasse, quando a energia chegava já tava bem pertinho de terminar o... o cinema, né? A peça lá... aí a gente já ia embora... mas é que tem mais gente que sabe muito mais do que eu, é porque você não conhece, nem... é porque agora, também, teve um cinema aqui, que era o Apolo, né? Apolo XI.

JAN: Apollo XI.

LPS: Tu já fez entrevista sobre o Apolo?

JAN: Eu, as entrevistas que eu faço, assim, é mais geral... sobre todos os cinemas.

LPS: Sim, de modo geral.

JAN: É.

LPS: Que tinha seu Geraldo, aqui, que trabalhava no Apolo.

JAN: Hum...

LPS: Ele tocava na banda de música... no Apolo XI, quando ouve aquele...

JAN: Acidente.

LPS: Acidente.

JAN: Com a bomba, né?

LPS: Mas ele morreu agora, à pouco tempo... ele tem muita coisa sobre o cinema... mas eu não tenho outra pessoa, assim, que eu possa lhe indicar...

JAN: Ele era da onde, esse homem?

LPS: Seu Geraldo era daqui. Ele tocava na banda de música Santa Cecília.

JAN: Aqui do sítio?

LPS: Sim... aí sabe quem... deixa eu ver se tem outra pessoa aqui que você possa perguntar alguma coisa... não tem, porque em cinquenta e oito, eu tinha quinze anos, foi quando eu ia pra o cinema, eu tinha quinze anos.

JAN: Aí a senhora só foi durante essa época da adolescência?

LPS: Só fui durante essa época da adolescência.

JAN: Depois...

LPS: Não, depois não fui mais, aí eu tinha um amigo, que morava vizinho lá em casa e ele gostava, toda noite ele ia pra o cinema, mas essa pessoa não mora mais aqui.

JAN: Uhum.

LPS: Aí eu perguntava a ele, e o cinema, foi bom? (ri) e ele, pergunte a Carlos Paulino (ri)

JAN: Carlos Paulino era o dono do Cine Éden, né?

LPS: É... do Cine Éden

JAN: Uhum... aí... a senhora chegou a frequentar alguma matinê, que era...?

LPS: Não.

JAN: Não, né?

LPS: Matinê, não... (tosse) eu vou ver se eu localizo alguém... que possa lhe dar uma entrevista, vou ver...

JAN: Uhum.

LPS: Se eu achar uma pessoa dessa época ou mais antiga, que tem muita gente aí que gostava do cinema e ia matinê, ia tudo... mas muitas já morreram, né? Muita gente morreu, não assistiu mais... tem outros que nem decoram alguma coisa que assistiu, né? E o que eu sei é isso aí.

JAN: A senhora lembra de algum filme que tenha assistido?

LPS: Não, lembro não.

JAN: Nem de...

LPS: Na adolescência, que é uma coisa que a gente não tem interesse, quer ver só os personagens, né?... Mas aí a gente nem tem interesse, assim, de... gravar.

JAN: De decorar, né?

LPS: Ninguém sabe se no futuro alguém ia precisar disso, né? Quem imaginava?

JAN: Mas naquela época era tipo o que, era uma diversão daquele momento, né?

LPS: Era... era como se fosse um circo (ri) era uma coisa assim... aí a gente não tinha muito interesse, assim, queria ver os personagens lá, quando saía dali tanto fazia...

JAN: (riso).

LPS: Né?... pois é... aí essa amiga minha, ela assistiu muito cinema, mas não, eu acho que ela não existe mais, eu não vi mais falar no nome dela, da família dela... agora esse cara, que eu falei, que era que controlava a energia, esse cara devia saber muita coisa, mas já morreu.

JAN: Uhum.

LPS: Todos dois... era quem controlava a energia... agora eu não sei... se, quem ainda pode falar alguma coisa é aquela filha de Pedro Flor que morava ali pertinho... por sinal ela mora aonde era, o... a fonte de energia, ela morava por ali...

JAN: Uhum.

LPS: Ela morava na época...

JAN: O cinema que a senhora foi, era o Cine Éden ou era outro?

LPS: Era o Éden.

JAN: Era o Éden, só o Éden, né?

LPS: Teve o Cine Cruzeiro aqui, mas eu nunca fui, não.

JAN: Uhum.

LPS: O Cine Cruzeiro funcionou muito pouco na minha época... que era na Doutor Coelho.

JAN: Sim... eu ouvi falar de lá.

LPS: Já falaram?

JAN: Sim.

LPS: Pois é.

JAN: Como era lá dentro da sala de cinema, como era, como era o espaço dela?

LPS: O espaço lá não era tão grande, não.

JAN: Uhum.

LPS: Era assim... a gente entrava aqui...

JAN: Hum.

LPS: Entrava aqui, aí tinha aquele monte de cadeiras, né? Pra gente sentar, e eu sempre ficava mais próximo à porta, né?

JAN: Sim.

LPS: Porque naquele tempo era difícil ventilador, né?... aí ficava mais quente.

JAN: Era abafado?

LPS: Era, era abafado também, era pouca a energia, porque não tinha energia, né? Aí ficava ali aquelas filas de cadeiras e a gente acompanhando ali.

JAN: Assim, em média, tinha lugar pra quantas pessoas?

LPS: Tinha lugar pra muita gente... muita gente... dava pra acumular um bocado de gente, não era muito pequenininho, não. Mas era mais ou menos como daqui pra ali, a largura, assim, como essa aqui... dava pra pegar umas trinta pessoas.

JAN: Uhum... esse era o Cine Éden, né?

LPS: É... no Cine Éden.

JAN: Em que época foi que a senhora, mais ou menos, frequentou esse cinema?

LPS: Eu tinha quinze anos, foi em cinquenta e oito.

JAN: Lá no...

LPS: No ano de mil novecentos e cinquenta e oito.

JAN: Todos foram nessa época?

LPS: Todas foram nessa época... eu trabalhava no hospital na época.

JAN: Uhum.

LPS: Aí tinha essa amiga que era enfermeira da maternidade, aí me chamava pra ir e eu ia com ela, então a gente tinha esse intervalo, quando a energia apagava ... vai faltar energia, vai faltar energia... e a gente tinha que ir pra casa (ri)

JAN: Queria ir pra casa, quando acabava a sessão?

LPS: Era, quando acabava a sessão.

JAN: Não tinha essa de, ah, acabou aqui eu vou pra uma praça, vou sair...?

LPS: Não, tinha não, era pra ir direto... direto... naquele tempo os pais eram mais rígidos, né? Ia lhe perguntar onde você tava, pra onde você foi...

JAN: Uhum.

LPS: Né? Eu sei que era muito divertido, na época.

JAN: Uhum.

LPS: A gente ficava ali na calçada do cinema até chegar a hora de entrar, né? Aí quando chegava a hora, começava e os filmes eram ruins, não eram bons não (ri) tinha deles que era meio embaçado (ri)

JAN: Era só... era preto e branco ou já tinha colorido?

LPS: Não, tinha hora que ficava uma tela rosa, assim, com... o preto e branco, né?

JAN: Uhum.

LPS: Era assim, não era colorido, não... em cinquenta e oito! Em cinquenta e oito não tinha nem televisão colorida (ri).

JAN: Como não tinha televisão, nessa época, quer dizer, tinha, mas era pouco, né?

LPS: Quem tinha, quem possuía uma televisão naquela época... eu acho que não tinha não... tu já leu, quando foi que a televisão foi descoberta?

JAN: Eu, sim, mas... em Cajazeiras demorou mais pra chegar, não foi?

LPS: Foi... chegou, mas...

JAN: Na época que a senhora falou, em cinquenta e oito eram poucos que tinham.

LPS: Eu acho que não tinha, não... tinha ninguém com televisão, não.

JAN: Nem rico, nem pobre?

LPS: Não... olhe, eu tinha quinze anos, eu estou com setenta e seis.

JAN: Uhum.

LPS: Né? É muito tempo.

JAN: (riso)

LPS: Pois é...

JAN: E por que a senhora acha que só foi essas três vezes, num...?

LPS: Eu não fui mais vezes...

JAN: Hum...

LPS: Porque eu fui morar em Boqueirão... e procurei logo casar, me casei com dezesseis anos, não é?

JAN: Uhum.

LPS: Aí eu morava só mais meu pai e me achava muito só, aí eu digo, vou... aí o primeiro que apareceu foi o que eu me casei com ele.

JAN: (riso)

LPS: Aí foi pesado... foi pesado, mas, graças à deus eu superei... pois é... nessa época não tinha cinema...

JAN: Tinha não?

LPS: Tinha só um prédio antigo, que o povo chamava o cinema velho, mas, mas lá ninguém nunca assistiu nada lá, não... e ainda hoje, por sinal, ainda hoje tem esse prédio.

JAN: Mas é por que ele deixou de funcionar nessa época?

LPS: Foi, deixou de funcionar, ele funcionou na fundação, quando terminaram de construir e fizeram esse prédio lá.

JAN: Uhum.

LPS: Aí o pessoal chamava o cinema velho.

JAN: Uhum.

LPS: Tinha os construtores, os engenheiros, que construiu o açude, fizeram esse cinema.

JAN: Aí, Dona Lídia, por exemplo, na época em que não tinha televisão, ninguém era acostumado a passar, assistindo nada, os personagens, uma história, então...

LPS: Só rádio.

JAN: Só rádio, né?

LPS: É, só rádio... só rádio, aí o rádio que pegava aqui, não tinha rádio...

JAN: Uhum.

LPS: Se lembra que aqui, foi de cinquenta e pouco pra cá... aí a gente assistia a novela... e isso era coisa pouca, era um radinho, botava em cima de uma mesa e ficava assistindo a novela, na sociedade da Bahia, na rádio de Pernambuco, na... era sociedade da Bahia, radio de Pernambuco... e parece que uma de Fortaleza... aí ali tinha hora que chiava, ninguém entendia nada.

JAN: Uhum.

LPS: Era, era uma coisa ruim... aí tinha hora que a gente deixava, ah, não vou mais assistir isso, não...

JAN: Uhum.

LPS: Quando era no outro dia, tava aquela ansiedade pra ouvir a novela (ri).

JAN: A novela era só no rádio, né?

LPS: Era programa de rádio.

JAN: Aí vocês se envolviam com aquela história...?

LPS: É, Jornal nacional, sempre existiu jornal, reportagem, essas coisas, aí a gente ficava assistindo rádio de fora, porque aqui não tinha...

JAN: Uhum.

LPS: Aqui não tinha, não.

JAN: Era uma forma de ficar sabendo das coisas do mundo, né? De notícias, né?

LPS: Pois é... e... pra gente aqui, só tinha, eu conheci aqui só, meu pai era do DENOX, e telefone... tinha um senhor aqui, ali onde hoje é o cartório de Ju... tinha um velho ali que era quem recebia as cartas, era o mensageiro de carta e telefone, o telefone... daquele que é um gancho desse tamanho (ri) tu lembra, tu já viu?

JAN: Eu já vi, eu já vi.

LPS: Pois pronto, quando ele recebia uma ligação, de qualquer repartição, ele ligava pro escritório do DENOX que tinha lá em Boqueirão...

JAN: Uhum.

LPS: E aí foi essa, aí.

JAN: E como foi ver, por exemplo, as histórias que vocês viam, por exemplo, no rádio... assim, como foi ver com gente de... com imagens?

LPS: Aí foi passando, né? Aí às vezes acontecia uma coisa assim... que era raramente, antigamente não era como hoje, né? Que hoje tá muito bagunçado... ah, aquele negócio, aquela história que a gente ouviu no rádio, era assim... o que a gente ouviu no rádio.

JAN: Uhum

LPS: É.

JAN: Mas vocês acreditavam em tudo que ouviam que ouviam no rádio?

LPS: Hein?

JAN: Vocês acreditavam em tudo que escutava no rádio?

LPS: Não, acreditava em tudo não.

JAN: (riso)

LPS: Que sempre eles acrescentam um pouquinho, né?

JAN: Uhum... aí o preço, do... da entrada, do ingresso para o cinema, era acessível?

LPS: A gente não pagava, era cortesia.

JAN: Ah...

LPS: Que o pessoal que trabalhava na energia era o namorado da minha amiga...

JAN: Sim, sim.

LPS: Da minha colega, ele dava, ele recebia a entrada e ele que chamava a gente pra ir assistir, né? E a gente entrava de graça.

JAN: Mas a senhora acha que era caro, ou não?

LPS: Não... eu não tenho noção do preço, quanto era, mas a gente entrava com a cortesia dela, dada pelo pessoal da energia.

JAN: Mas ia todo tipo de gente pra sala, ou não?

LPS: Hein?

JAN: Ia todo tipo de gente, assim, pra sala?

LPS: Não, ia só gente, assim, organizado...

JAN: Ah...

LPS: Bagunceiro, não.

JAN: Uhum.

LPS: Não ia, não... logo o menino que trabalhava na energia, ficava assim, próximo da gente como se fosse um... vigia, uma segurança, né?

JAN: Sim.

LPS: Pois é.

JAN: Ia comportado, ia...

LPS: É, todo mundo bem-comportado.

JAN: Ia como se fosse pra... como posso dizer, assim... ia arrumado, como era?

LPS: Era, assim, arrumadinho, sem ser... bagunçado, nem mal trajado, não ia... todo mundo, naquele tempo não tinha ventilador, o pessoal ia, tu já ouviu falar em leque, num já?

JAN: Já, sim.

LPS: (ri) Pra ir pro cinema tinha que levar o leque.

JAN: Ah, quer dizer que tinha que usar leque?

LPS: Era, por causa do calor? (ri)

JAN: Aí quando essa luz, ela apagava, as pessoas ficavam como, assim...?

LPS: Não, ia todo mundo pra casa... era escuro, naquele tempo ninguém ficava na praça, ninguém era bagunceiro, né? E... naquele tempo não tinha essa bagunça de hoje, não.

JAN: Aí...

LPS: Quando dizia assim, faltou energia, na hora da energia apagar, aí a gente já ia...

JAN: Uhum.

LPS: Se comovendo pra ir pra casa.

JAN: Não era perigoso ir no escuro, não?

LPS: Não... o menino ia deixar a gente lá no hospital.

JAN: Sim.

LPS: O namorado da minha amiga que trabalhava na energia, né? Ele era funcionário da prefeitura... ele ia deixar a gente lá, não deixava a gente ir só, não. As coisas eram muito controladas naquele tempo.

JAN: Uhum.

LPS: Controlado, organizados, não tinha bagunça... não tinha desordem de nada, não... era muito bom.

JAN: Mas você acha que alguém ficava, quando acabava, quando acabava o cinema, ninguém ficava pelas praças, por algum lugar?

LPS: Não, ficava não. E toda vida existiu praça João Pessoa, né?... uma das mais antigas de Cajazeiras... pois é.

JAN: Aí a senhora trabalhou com quinze anos no hospital, como foi esse trabalho, como foi que a senhora conseguiu ele?

LPS: Eu trabalhava de copeira, naquele tempo tinha uma função no hospital de copeira.

JAN: Hum...

LPS: Eu dava assistência para os médicos.

JAN: Sim.

LPS: Era café, era água, era assim, minha função era só essa.

JAN: Quem deu esse emprego à senhora?

LPS: Foi as freiras.

JAN: Uhum

LPS: As freiras do Carmelita que tomavam de conta do hospital... essas que é do Carmelo, hoje...

JAN: Uhum.

LPS: Tinha, Irmã Mercedes, Irmã Ávida e Madre Socorro... e Madre Socorro é que era a Madre geral, e Madre ... foi elas quem me deram esse emprego, que eu estudava com elas.

JAN: Uhum.

LPS: Eu tinha treze anos, estudei com elas no prédio São Vicente, ali onde chama o prédio do bispo, sabe onde é, né?

JAN: Sei, sei.

LPS: Eu estudei ali, aí quando eu tava com quinze anos... eu fui lá, era elas quem trabalhavam no hospital, tomavam conta da direção do hospital, aí elas me chamaram pra trabalhar na copeira, chamava copeira... na sala dos médicos... aí eu ia atender, né? Era pra pedir café, água, arrumava, deixava tudo organizado.

JAN: Aí a senhora gostava?

LPS: Gostava... muito bom... logo naquele tempo, a gente, eles respeitavam muito a gente, tinha muito respeito, era, eu ainda me lembro dos médicos, doutor Deodato Cartaxo, doutor Waldemar Pires, doutor Eptácio, foi logo quando doutor Eptácio se formou... e doutor Sabino... doutor Chico Guimarães, irmão de doutor Sabino, doutor Júlio Bandeira de Mello...

JAN: Só nome conhecido, né?

LPS: Só nome conhecido... esses médicos todinhos eram de lá, todos trabalhavam lá, na minha época era só essa, doutor Epitácio... foi logo quando ele terminou.

JAN: Esse hospital ainda existe, hoje?

LPS: Existe.

JAN: É o regional, né?

LPS: É, só que foi todo reformado, na minha época... era muito diferente, eu lembro de tudo, mas...

JAN: Ele era menorzinho?

LPS: Hein?

JAN: Ele era menor?

LPS: Era, era menor, não era primeiro andar, não. Ele era só térreo.

JAN: Uhum.

LPS: E tinha a recepção, no meio era o centro cirúrgico, aí tinha uns apartamentozinhos e o refeitório e a cozinha lá pra dentro... tinha o isolamento... o isolamento que tinha para aquelas pessoas que tinha uma doença...

JAN: Contagiosa, né?

LPS: Era, pra evitar o contato com o outro... eu lembro de tudo, tu sabe? Porque eu cresci lá (ri).

JAN: A senhora ganhava bem nesse trabalho?

LPS: Bem direitinho mesmo.

JAN: Uhum.

LPS: Logo, toda a vida eu fui uma pessoa de muita iniciativa, assim, de observar as coisas, sempre fui observadora... então eu via o que era necessário, olhe, em cada copo do médico eu botava um pedacinho de esparadrapo com as iniciais do dono do copo.

JAN: Do dono do copo, né? Pra saber...

LPS: Pra saber quem era.

JAN: Uhum.

LPS: Era desse jeito.

JAN: Aí era iniciativa sua mesmo, fazer isso?

LPS: É... agora, não, agora é tudo bagunçado lá... não sei nem se eles tomam café ainda (ri) pois é, os médicos...

JAN: As condições de vida em Cajazeiras nessa época, como era, assim?

LPS: Era melhor do que hoje, quer dizer, hoje tá umas condições melhor, porque tem esse plano do governo, né? Como é? Salário... dos estudantes, como é? Bolsa família!

JAN: Sim, sim.

LPS: Não é a Bolsa família?

JAN: É.

LPS: A bolsa família, a bolsa escola, naquele tempo não tinha...

JAN: Uhum.

LPS: Era tudo dependente dos pais... mas os pais naquele tempo, eles se interessavam em arranjar um emprego... na firma Galdino Pires, pra dá de conta da família, né? Que era a firma que mais trabalhava aqui, era a maior que tinha, era a Galdino Pires.

JAN: Uhum.

LPS: Que ainda é resto da firma Galdino Pires... então... todo mundo queria trabalhar, uns trabalhavam de chapeado, outros carregando saco de algodão, outros aqueles sacos de algodão na cabeça, pra sobreviver.

JAN: Uhum.

LPS: Outros saíam com uma junta de boi, eu andei em carro, andei em carro de boi.

JAN: Uhum.

LPS: Morando na Alagoinha por causa da firma Galdino Pires... eu morando na Alagoinha, pra vir estudar, sabe aonde? No Milanês.

JAN: Uhum.

LPS: E eu vinha num carro, numa junta de bois... e a junta de bois era da firma Galdino Pires e... andava com essa junta de bois, era um morenãõ que a gente chamava Chico de Sousa, muito responsável... uma junta de bois, eu queria que tu visse os bois que levava as carroças...

JAN: E era?

LPS: E a gente encima... vinha estudar aí no João Milanês.

JAN: Demorava quanto tempo pra chegar (ri)

LPS: Hein?

JAN: Demorava quanto, pra chegar?

LPS: Uma meia hora, só. De lá pra cá, Alagoinha é ali, né?

JAN: Uhum.

LPS: Alagoinha é... aí a gente vinha mais ele lá pra... ele vinha pra firma Galdino Pires, que era naquela outra rua e ele deixava a gente no colégio. Eu pequenininha... sete anos, sei anos, sei lá... mas era muito bom, mas na época nem todo mundo queria... um trabalho digno, assim, muitas lavavam roupa de ganho, pra sobreviver, né?

JAN: Uhum.

LPS: E assim a gente levava a vida... eu e muitas... muito bom.

JAN: Quer dizer, a senhora quando ganhou esse emprego, foi aos quinze anos, né?

LPS: Foi.

JAN: Quer dizer, era muito nova ainda.

LPS: Muito nova.

JAN: A senhora passou a ser independente ou dependia da ajuda dos pais, ainda?

LPS: Não, o que eu ganhava lá dava pra minha manutenção.

JAN: Uhum.

LPS: Pra tudo.

JAN: Sim.

LPS: Eu fazia refeição lá, né? Eu não gastava nada, meus pais mandavam aquele feirão, meu pai era do DENOX e eu ficava lá interna no hospital, almoçava, jantava e dormia lá.

JAN: Uhum... aí... quer dizer que a senhora era de Boqueirão aí veio pra Cajazeiras estudar...?

LPS: Era.

JAN: Trabalhava...

LPS: Meu pai trabalhava na firma Galdino Pires, aí arranhou esse emprego no DENOX.

JAN: Aí passou pra lá...?

LPS: Aí passou pra Boqueirão.

JAN: Ele chegou a participar da construção do açude?

LPS: Na construção do açude o meu avô foi um dos...

JAN: Sim.

LPS: Foi quem abriu o trilho dessa estrada, do Santo Antônio pra chegar em Boqueirão foi o meu avô... que fez o trilho da estrada, né? Pra ir pra Boqueirão... aí depois meu pai veio morar com a firma Galdino Pires e se afastou de lá, meu avô... morava aí na Doutor Coelho, então quando o meu pai arranhou esse emprego, já foi no ano de... cinquenta e três...

JAN: Uhum.

LPS: Quando ele arranhou o emprego no DENOX, aí ele foi morar em Boqueirão.

JAN: Sim.

LPS: Aí passei uns tempos aqui, estudando lá no... prédio do bispo e consegui trabalhar no hospital... aí deixei o emprego no hospital, fui pra Boqueirão, aí arrumei Raimundo e me casei.

JAN: Uhum.

LPS: E fiquei mendigando (ri) pois é.

JAN: Só pra fechar, Dona Lúcia, uma última pergunta sobre essa questão do cinema e tal... a senhora achava, acha, que os cinemas, eles, é... o interesse das pessoas irem... muitas vezes era mais pra, tipo, como ponto de encontro?

LPS: Não, era pra se divertir, era um divertimento, muitas pessoas não tinham ponto de encontro, tinham, sim...

JAN: Pra ver um amigo...

LPS: É.

JAN: Namorada, uma coisa assim.

LPS: É, muitos, alguns tinham...

JAN: Sim.

LPS: Mas alguns não tinham.

JAN: Uhum.

LPS: Era só a curiosidade de ver o cinema.

JAN: O filme mesmo, né?

LPS: O filme mesmo... era assim... ah, hoje eu vou pra o cinema, hoje eu vou assistir um filme, às vezes podia ser um filme bom...

JAN: Uhum.

LPS: Não tinha essa exigência de dizer, ah, o filme é bom... ia porque ia mesmo, tava disponível o tempo... podia ser qualquer um.

JAN: Era uma novidade.

LPS: É, pois é.

JAN: O importante era, por exemplo, a senhora a sempre com essa amiga, né?

LPS: É... ia sempre com essa amiga.

JAN: Era uma forma de, sei lá, sair com ela pra se divertir, também.

LPS: Era, a gente não tinha pra onde ir, não, o divertimento era o cinema mesmo.

JAN: Era o lazer...

LPS: Era, o lazer que a gente tinha na semana, um dia na semana.

JAN: No final da semana, né?

LPS: No final de semana... às vezes até na sexta-feira.

JAN: Uhum.

LPS: A gente ia... pois é, o interesse da gente era esse, não era nem de namoro... alguns podia ser que fosse atrás de namoro, mas a maioria... era pessoa mais idosa, né?

JAN: Uhum.

LPS: Que não tinha o que fazer, às vezes não tinha nem marido e tinha que se divertir um pouquinho, né? Aí ia pra o cinema, o lazer era o cinema, não tinha outra coisa (ambos riem) pois é.

JAN: Quer dizer que ia gente de tudo que é, de todas as idades, assim?

LPS: De todas as idades... é, que o cinema ele recebe todas as idades, né?

JAN: Sim, sim.

LPS: Ele não escolhe... sim, porque tinha uns que eram impróprios, né?... eu não assisti, nenhum que fosse impróprio, não. Aí tinha assim, ah, hoje é impróprio pra tal idade.

JAN: Uhum.

LPS: Aí eu não lembro se... eu nunca vi, não.

JAN: Mas não causava não, um escândalo na cidade, não?

LPS: Não...

JAN: Não, ninguém falava mal?

LPS: Não, não... era muito tranquilo.

JAN: Esses que eram considerados impróprios, quem é que iam assistir, mais?

LPS: Só o pessoal mais adulto, né? Porque é impróprio pra idade tal, né? Aí ninguém ia... naquele tempo a obediência era diferente, né? Hoje, você vê, pode dizer assim, eu tenho vinte e cinco anos, quer dizer, trinta pra poder bagunçar... naquele tempo não era assim, não... na entrada... (ri).

JAN: Precisava apresentar algum documento pra entrar, pra mostrar a idade?

LPS: Não... não... naquele tempo eu não tinha nem identidade

JAN: (riso)

LPS: Tinha não... nera nascido que nem hoje com documento, não. A primeira identidade que eu tirei, parece que eu já era casada, já tinha um monte de filho.

JAN: Não tinha essa preocupação não, né? Porque hoje assim que o menino começa a andar já recebe a identidade.

LPS: Assim que o menino nasce já tem CPF e identidade.

JAN: É, é verdade.

LPS: Não, é?

JAN: É, é...

LPS: Pois é... pois é, Netinho, o que eu tenho pra te dizer é isso daí.

JAN: Tá bom, Dona Lídia.

LPS: Não sei se agradou (ri).

JAN: Ajudou muito, ajudou muito.

LPS: Pois é...

Apêndice F: Entrevista com Josefa Lacerda da Silva (19/12/2019)

José Antônio Neto (pesquisador): Funcionando... vamos lá... tia Jucileide, eu queria começar, te perguntando como foi... por que tu foi morar em Cajazeiras?

Josefa Lacerda da Silva (colaboradora): Sim... eu morava no sítio, né? Aí eu vim estudar aqui em Cajazeiras, aí na época eu vim morar com a minha madrinha... que era prima do meu pai, era lá nas Capoeiras, mas como, quando eu cheguei em Cajazeiras, que eu era beradeira, que nem diz o ditado mesmo, né? Eu tinha medo de sair de casa, ficava só nas calçadas, aí depois eu fui conhecendo umas amigas... aí de lá, a gente descia pra praça à noite, aí... com essas amigades, eu descobri o cinema, aí, dia de domingo eu ia pra missa mais as meninas... lá na Catedral, porque era, o padre de lá, ele dava umas senhas, uns bilhetinhos...

JAN: Uhum.

JLS: Pra os jovens que participava da missa, pra depois... assistir o filme... pra depois da missa, assistir o filme... aí eu ia, quase todos os domingos eu ia mais essas amigas minhas que moravam lá, próximo a mestre Carlos... foi assim que eu descobri o cinema em Cajazeiras.

JAN: Mas o que te fez sair do sítio pra Cajazeiras, era... foi estudo, era porque as condições de vida era mais... eram melhores aqui?

JLS: Netinho, na época, era pra estudar mesmo, eu vim mais pra estudar...

JAN: Uhum.

JLS: Que lá no sítio a gente fazia só até o... a quarta série, né?

JAN: Uhum.

JLS: Aí foi essa minha madrinha, pediu a papai pra gente vir, pra mim vir... morar na casa dela, aí eu vim, mas nem deu muito certo...

JAN: Por quê?

JLS: Porque ela era encrenqueira e eu também (ambos riem)

JAN: E era?

JLS: Então eu morei pouco tempo lá, e fui morar na casa de Juraci, que é minha tia, aí lá eu morei mais ou menos uns doze a treze anos... pra estudar, aí comecei a estudar e trabalhar lá também quando eu comecei a vir morar mais Juraci. Eu... meu primeiro

emprego foi lá em Isaura Roberto... trabalhei sete anos lá em Isaura Roberto, ajudando na boutique e quem... quem arrumou esse emprego pra mim foi Joana Bezerra, que é prima de mamãe... foi assim que eu vim pra rua.

JAN: Tu veio com qual idade?

JLS: Netinho, eu não sei exatamente a idade, não, mas eu tinha, eu acho que era uns quinze a dezesseis anos quando eu vim morar na rua.

JAN: Adolescente, né?

JLS: É, era... que eu vim também pra mim... que eu ia me crismar, tava indo participar da crisma, que nessa época, essa minha prima que eu vim morar mais ela, é minha madrinha hoje, madrinha de crisma...

JAN: Uhum.

JLS: Aí eu vim pra estudar, pra participar da crisma...

JAN: E ficou até agora?

JLS: E fiquei até agora.

JAN: Desde quando tu veio essa primeira vez, na adolescência, tu vol... chegou a voltar pra morar...?

JLS: Não.

JAN: Ou ficou definitivo, até hoje?

JLS: Não, fiquei em definitivo, até hoje... até hoje moro aqui.

JAN: Uhum... uhum.

JLS: Só vou pro sítio agora pra passear.

JAN: (riso do entrevistador) pois é... é... então, é... tu lembra da tua primeira vez, que tu foi ao cinema, nesse dia em especial, como foi...?

JLS: Netinho, eu não lembro exatamente, não, como foi, não, eu só sei que eu fui pra missa nesse dia, mas umas amigas minhas que já eram da rua de Juraci, aonde eu morava, na... Aprísio Bezerra...

JAN: Uhum.

JLS: Aí lá fui pro cinema mais as meninas, primeiro fomos pra missa, fomos pro cinema... foi bom, porque eu nunca tinha conhecido o cinema, nunca tinha ido no cinema e... só não sei qual era o filme, mas não, faz tempo, já, faz mais de trinta anos, a cabeça não decorou essas coisas, não, mas foi bom, foi uma descoberta pra mim...

JAN: Sim, sim.

JLS: Do sítio, vir morar na rua e da rua, como eu te disse, eu era pequena na época, não sabia andar em Cajazeiras ainda... e tinha medo de sair de casa... aí foi a convivência com essas amigas, que eu descobri o cinema e comecei a ir pra cinema, ir pra festa... foi desse jeito.

JAN: Elas tinham tua idade, também?

JLS: Eram da minha idade... ou mais novas, mas eu acho que era da minha idade, mas como já morava na rua, já conhecia muita coisa, mas eu não conhecia não, como eu vinha do sítio pra cidade, comecei a descobrir as coisas quando eu cheguei na cidade.

JAN: Elas te aprestaram a cidade...?

JLS: Foi, foi... Apresentaram a cidade, o cinema também, né? A igreja, que eu também...

JAN: Sim.

JLS: Não ia, que eu não sabia sair de casa sozinha, aí eu ia pra igreja mais elas e da igreja nós ia pra o cinema, depois da missa, no domingo.

JAN: Pra uma pessoa que morava no sítio, que tinha aquele cotidiano de roça, de mato... Chegar aqui é como se fosse uma descoberta, né?

JLS: Foi uma descoberta grande, é tanto que... eu tinha medo até de sair de casa... (riso) ...quando eu cheguei aqui.

JAN: E depois foi se adaptando, né?

JLS: Depois fui me adaptando à cidade, conhecendo gente nova, né? Gente diferente, né? Aí comecei a estudar também, eu outros colégios, eu vim, o primeiro colégio que eu estudei, foi... Foi no Carmelo... No Carmelo foi pro Dom Moisés, do Dom Moisés fui pra o comercial, do comercial fui pro Nossa Senhora de Lourdes... Eu comecei a fazer o pedagógico, também, ainda fiz dois anos e meio de pedagógico e desisti... Aí pronto, encerrei a carreira.

JAN: Essas colegas, assim, de... de classe, de escola, elas também iam, assim, pra esses passeios, pra cinema, pra festa, contigo?

JLS: Iam, elas sempre iam, mas, eu... Tinha uma amiga minha que estudava no comercial, essa gostava muito de ir pra cinema comigo, que era lá no Cine Édén, à noite, era Zilda...

JAN: Uhum.

JLS: Ela era casada na época, aí nós estudava à noite, aí nós saía da... Do colégio e ia pra o cinema, que era o Cine Édén, que era a segunda sessão, que essa segunda sessão os filmes eram... como era? Era filme... censurado...

JAN: Sei como é...

JLS: Sabe qual é?

JAN: Filmes eróticos, não era?

JLS: Justamente... no Cine Édén apresentava muito esses filmes na sessão das nove, aí como, a gente já era adulto nessa época do Cine Édén...

JAN: Uhum.

JLS: Porque quando eu participava do Cine éden, já era uma pessoa adulta, já estudava á noite também, tinha mais de vinte anos.

JAN: Tava ali na casa, passando dos vinte, né?

JLS: Passando dos vinte... aí eu ia pra o Cine Édén à noite ver esses filmes, censurados, mas era bom, participava.

JAN: Como era tá lá dentro e ver esse tipo de cena com todo mundo lá... era...?

JLS: Assim, nós... Chegava, nós, sempre assim, já depois da aula, né? Não ficava bem na frente do Cine Édén, não, ficava lá pra trás, mas recuado... Era eu, mas umas duas amigas que iam.

JAN: Sim.

JLS: Era normal... era normal, o cinema não ficava um cinema lotado, era um cinema com pouca gente, que ia assistir esses filmes, e nós ficava sempre lá atrás, mas só conversando, brincando, a gente não assistia nem o filme todo, só mais por curiosidade.

JAN: Uhum.

JLS: E depois ia se embora.

JAN: Era porque, é como se fosse uma coisa normal...

JLS: Era normal!

JAN: Sabia que tinha esses filmes, aí...

JLS: Sabia que tinha esses filmes e queria assistir.

JAN: Era o que fazia sucesso, na época, né?

JLS: Justamente, já hoje não faz mais.

JAN: Nem tem mais cinema...

JLS: Nem tem mais, também... mas era bom na época de cinema aqui, era assim, era uma diversão a mais, né?

JAN: Uhum.

JLS: Eu ia pra o Apolo XI, eu ainda assisti filme aqui no Cine Pax.

JAN: Sim.

JLS: Não, era filme, assim, normal pra idade.

JAN: Sim.

JLS: E assistia no Cine Éden, já no Cine Éden, os filmes lá eram mais censurados.

JAN: Eram mais censurados, né?

JLS: É, eram...

JAN: Mas tinha, é, essa sessão que era censurado, mas existia uma sessão anterior...?

JLS: Tinha, tinha, tinha...

JAN: Que era pra um público mais geral, assim.

JLS: Tinha, tinha...

JAN: Teve?

JLS: Tinha.

JAN: Você chegou a frequentar alguma dessas sessões?

JLS: Assistia, assistia, assisti muitos filmes bons, desses mais cedo. Na noite, raramente a gente ia pra o cinema à noite.

JAN: Uhum.

JLS: Eu ia mais, mais cedo, porque os filmes eram melhores esses mais cedo.

JAN: Sim, sim.

JLS: Esses filmes da segunda sessão eram mais esses filmes aí... como é que se diz?... censurados, eram os censurados, mas cedo eu ia também.

JAN: Sim... esses filmes censurados, que você fala, eles... quem é que ia mais, era mais homem, era mulher ou era igual?

JLS: Assim, Netinho, eu não prestava muita atenção, não, mas tinha mais homem do que mulher.

JAN: Uhum.

JLS: Mas à noite só ia mais esse pessoal que saía da escola, pessoa que saíam da escola, assim como eu, dava uma passada no cinema, mas só por curiosidade, às vezes não chegava nem a assistir.

JAN: Sim.

JLS: Mas quando a gente chegava lá via que tinha mais rapaz, mais homem pra assistir o filme.

JAN: Eles muito interessados no filme (ri).

JLS: Certamente (ambos riem).

JAN: É... por exemplo, uma moça, de vinte anos que nem tu tinha na época, assistindo um filmes desses, não ficava, como posso dizer...?

JLS: Constrangida?

JAN: Constrangida, e não tinha um preconceito em cima dela também não? Tipo... hoje a gente vê que uma menina sai com um short curto na rua... tem um olhar diferente, né? Tipo...

JLS: É...

JAN: Nessa época, não tinha essa cultura, uma coisa parecida, não, com quem, com uma mulher que ia pra esses lugares, pra filme erótico ou então pra festa mesmo, que gostava de sair, não tinha...?

JLS: Netinho, tu sabe que antigamente não tinha essas coisas?

JAN: Tinha, não?

JLS: Não... antigamente não tinha essas coisas, não. Eu assistia filme com as meninas, como eu te disse, esses filmes censurados... era normal, ninguém via, pouco via algum rapaz assobiando, mas lá no cinema mesmo quando passava as cenas, sabe, do filme?

JAN: Sim.

JLS: Mas fora, quando você saía do cinema, normal, tudo de boa, ninguém comentava nada nem dizia nada com ninguém, hoje é que o povo tem essa besteira, mas antigamente não tinha isso, não.

JAN: E é, né?

JLS: Porque eu me lembro, no meu tempo...

JAN: Tinha um respeito maior pelas mulheres, né?

JLS: Tinha... não existia esse negócio, não. Esse preconceito de homem e mulher não assistir filme...

JAN: Sim, sim.

JLS: Pornô... porque é mulher, na minha época não, não existia isso não, eu assisti normal, todo mundo assistia normal e tinha até os colegas da gente que saía da sala de aula, os rapazes mesmo que saíam todo mundo junto.

JAN: Uhum.

JLS: E ia assistir o cinema, existia esses filmes, não acontecia nada.

JAN: Uhum.

JLS: E vinha se embora de boa.

JAN: (ri) Não tinha besteira nenhuma, né?

JLS: Não... basta...

JAN: Tu costumava ir mais, é... durante a semana, o decorrer da semana, ou no final de semana?

JLS: Não, a gente costumava ir mais em final de semana.

JAN: Sim.

JLS: Porque também nessa época, que eu comecei a participar desses cinemas, no Cine Éden, eu trabalhava, também, eu trabalhava durante o dia e estudava durante a noite... aí o final de semana ficava mais livre pra sair pro cinema.

JAN: Uhum.

JLS: Era dessa forma.

JAN: Os filmes, eles era... assim, chamavam mais atenção no final de semana... era geralmente quando tinha estreia, tinha aquele filme que chamava atenção... ou era... não fazia diferença?

JLS: Assim, Netinho, tinha filme, tinha final de semana que os cartazes melhor, antigamente eles colocavam os cartazes, assim...

JAN: Sim.

JLS: Sabe? Quando tinha lançamento de filme...

JAN: Eles colocavam onde esses cartazes, de frente ao cinema?

JLS: De frente! De frente, assim, lá fora na calçada.

JAN: Quem passava, via, né?

JLS: Quem passava, via, e tinha lá o nome dos filmes pra você assistir, mas, assim, de cartaz mesmo, não botava esses filmes, assim, pornô, não, era mais filme assim, como, é... eu assisti várias vezes no Cine Éden, como era o nome do filme... eu comentei até com Gabriele hoje... A lagoa azul...

JAN: Lagoa azul...

JLS: Eu assisti A Lagoa azul e aquele da dança, que é bem famoso...

JAN: Sei qual é, sei qual é.

JLS: Aquele da dança, que esse filme é bem...

JAN: Não, sei, é com um ator...

JLS: É bem assistido, bem assistido.

JAN: É.

JLS: Que esse ator ele morreu de câncer...

JAN: Foi, foi... sei quem é.

JLS: Esse filme aí, quando foi no Cine Éden, no lançamento dele, tava lotado e eu assisti não sei quantas vezes e já muito tempo depois que o Cine Éden fechou, esses outros cinemas fechou, ele passou, passaram esse filme também no teatro... bem umas duas vezes e eu assisti ele no teatro também.

JAN: Uhum.

JLS: Passou lá no telão do teatro, depois que o Cine Éden fechou, com muito tempo, eu assisti esse filme novamente no teatro.

JAN: Uhum.

JLS: Era esse filme na dança, como é o nome dele, Netinho?... esqueci...

JAN: Dirty Dancing, alguma coisa assim, né?

JLS: É, por aí.

JAN: Mais ou menos isso.

JLS: É, assisti várias vezes, esse filme quando ele passou no Cine Éden... ele foi muito assistido, ele e Lagoa azul.

JAN: Sim.

JLS: Eu assisti, eu mesmo assisti várias vezes.

JAN: Tinha, rolava um comentário na cidade sobre aquele filme... que tá fazendo sucesso, pelo boca à boca, a pessoa ficava sabendo dos filmes também?

JLS: Ficava sabendo, quando a gente assistia um filme, dizia, comentava com os amigos, né? Eu assisti tal filme, esse filme é bom, vamos assistir novamente, quando eu assistia

que gostava, vizinho a Juraci tinha duas meninas, duas amigas minhas, eu sempre pagava o cinema pra elas ir assistir comigo, porque eu não gostava de ir só.

JAN: Uhum.

JLS: Era, era Nalbi e Gorete, levava muito elas pra o cinema, lá, as duas, nessa época eu trabalhava aí eu ia pra o cinema e levava elas duas, esses dias que eu levava elas, era no domingo à tarde, de tardezinha, primeira sessão, levei Nalbinha e levei Gorete pra ir no cinema mais eu.

JAN: É... ia fazer uma pergunta agora, mas passou do sentido... mas depois eu acho aqui... mas como era dentro da sala, era... era lotado, tinha muita gente, dependendo do horário da sessão?

JLS: Assim, Netinho, tinha... tinha, assim, final de semana quando tinha filme bom, como eu já te disse, quando tinha lançamento de filme, até que ficava lotado o cinema, viu, era lotado, lotado.

JAN: Uhum.

JLS: Mas assim, quando... já, quando o filme já era muito repetido...

JAN: Uhum.

JLS: Meia lotação...

JAN: Sim, sim.

JLS: Sabe? Não era muito lotado não.

JAN: Repetia muito os filmes, ou não?

JLS: Às vezes repetia.

JAN: Uhum.

JLS: Quando o filme era bom, que o cinema ficava lotado, aí repetia novamente, primeira sessão, segunda sessão, final de semana...

JAN: Uhum.

JLS: Esses filmes, assim, por isso que eu assistia várias vezes.

JAN: Sim, sim.

JLS: Quando eu gostava muito do filme.

JAN: (riso).

JLS: Eu repetia, não tinha o que fazer em Cajazeiras, né? E eu gostava muito do cinema e gostava muito de sair de casa, também...

JAN: Sim, sim.

JLS: Aí eu ia pra o cinema.

JAN: O ingresso, era bem acessível, ou não, ou era caro, pra época?

JLS: Netinho, eu não sei, mas eu acho que não era caro pra época, não. Não, eu acho que não era, não.

JAN: Não, né?

JLS: Não tô lembrada do preço, não. Mas era um preço acessível, porque eu ia e ainda levava as minhas amigas, né?

JAN: Ah, é. Não podia ser muito caro, não.

JLS: Não podia ser muito caro, não...

JAN: Pois é.

JLS: E parece que tinha carteira, carteira de estudante, tinha carteira de estudante na época..

JAN: Sim, sim.

JLS: Aí... eu acho que era razoável o preço.

JAN: Acessível, então.

JLS: É, acessível.

JAN: Você acha que, é... tu saía mais com amigo de trabalho ou da escola, à noite?

JLS: Não, eu saía mais com os amigos da escola... era, porque lá em Isaura só trabalhava eu e outra menina e essa menina, que eu trabalhava mais ela, era uma menina que ela criava e geralmente não saía, então eu saía mais com os amigos da escola.

JAN: Sim... com... os filmes, quando eles faziam muito sucesso, tinha um astro, uma estrela, aquela atriz que, é... as pessoas ficavam comentando, que achava bonito, que... tinha essa relação, ou não?

JLS: Pois é... quando eu lembro, quando passou lagoa azul, né? O ator da Lagoa azul até hoje ele é muito bonito, é Leonardo DiCaprio?

JAN: Não, não (riso). É outro.

JLS: Como é o nome dele?

JAN: Eu não sei...

JLS: Eu esqueci... mas ele era muito comentado, que ele era...

JAN: Que ele era loirinho, tinha o cabelo cacheado.

JLS: Tinha o cabelo cacheado... e ela também, era uma loirinha dos olhos azuis.

JAN: Sim, sim.

JLS: É que agora eu tô esquecida do nome deles, mas eles fizeram sucesso na época do cinema... comentavam muito sobre eles... mas não é esse que eu disse o nome, não, né? Meu deus do céu... esqueci.

JAN: Eu não sei não, como é o nome dele, não.

JLS: Depois tu procura saber.

JAN: Uhum... mas Leonardo DiCaprio é mais novo, mais... não é dessa época, não.

JLS: É do Titanic, né?

JAN: É, Leonardo é do Titanic.

JLS: Do Titanic (ri)... é do Titanic... eu não sei o nome dele, não, mas... ele fez sucesso na época.

JAN: Mainha é quem conta pra mim, que ela... é uma história que ela sempre conta...

JLS: Quem?

JAN: Mainha... que ela ia pra o cinema com tu, acho que era A lagoa azul e tinha aquele negócio de que foram com as calças do mesmo jeito (ambos riem) como foi esse negócio aí?

JLS: Netinho, eu não estou lembrada, não, mas sabe por que a gente vestia a calça do mesmo jeito?

JAN: Am?

JLS: Era que antigamente, comprava um tecido, né? Morava no sítio e comprava um tecido, comprava tecido pra fazer roupa pra todo mundo. aí ficava todo mundo com a calça do mesmo jeito, da mesma cor, do mesmo tecido, pra aproveitar (riso)
Meu Deus do céu...

JAN: Não tinha esse negócio, não, de diferente, não, de moda...?

JLS: Não, não tinha nada... às vezes era o mesmo sapato, só mudava de cor, a gente sofreu na época, viu... mas era as condições, ó, a gente comprava, papai ia pra rua, comprava o tecido e mandava fazer roupa pra todo mundo, tudo da mesma cor, tudo do mesmo modelo, só mudava de tamanho.

JAN: Uhum.

JLS: E do mesmo jeito eram os calçados, ele foi pra rua, comprou três tamancos pra nós três, o mesmo modelo, só mudava a cor... (riso) Sei que era um vermelho, um verde, não sei se o outro era rosa, tua mãe já falou desse negócio?

JAN: Não, falou não...

JLS: A gente tinha três tamancos, só não sei de quem eram as cores, só sei que era três tamancos igual, que papai comprou pra nós três.

JAN: Tia Jucileide, tinha, os cines que... organizados pela igreja, né? O Pax e o Apolo XI, né?

JLS: É.

JAN: Eles tinham, é... a questão que tu falou, dava ingresso pra quem ia à missa, né?

JLS: Era.

JAN: Isso era pra quê, era pras matinês?

JLS: Era pras matinês, era pras matinês... era depois da missa, é... que a gente, era pra incentivar ir pra igreja, né? Aí quem participasse da missa do domingo, se quisesse ir pra o cinema, o padre dava o bilhete pra você ir pra o cinema.

JAN: Uhum.

JLS: Eu acho que era mais pra incentivar os jovens a participar...

JAN: Sim.

JLS: Pra incentivar a missa, a igreja era lotada, o cinema ficava lotado, também, só de jovem, só da molecada dessa minha idade, na época.

JAN: Você acha que o interesse, que grande parte do interesse era em virtude do ingresso, pra ir pra missa?

JLS: Eu acho que sim... pra participar do cinema, porque lá passava os filmes bonzinho, também.

JAN: Sim, sim.

JLS: Assim, da época... e parece que tinha até filme dos trapalhões, era filme assim, na época, que passava lá, nesse cinema.

JAN: Essa matinê era cedo, né?

JLS: Era depois da missa, nove horas da manhã.

JAN: Ah, nove horas da manhã, né? Porque a missa...

JLS: A missa da manhã, a missa matinal, e depois a sessão de cinema...

JAN: Uhum.

JLS: Que a gente participava.

JAN: Isso era o quê, no domingo?

JLS: No domingo, era no domingo, no final de semana.

JAN: O Éden, o Éden, não, o Apolo XI e o Pax, eles funcionavam durante a semana também?

JLS: Netinho eu não tenho bem certeza, não, mas funcionava...

JAN: Uhum.

JLS: Cobrava ingresso, eu lembro disso, do Cine Pax, aqui, que cobrava ingresso pra assistir também, eu assisti muito aqui, também. Era pertinho, também.

JAN: Uhum.

JLS: Esse daqui perto é o quê?

JAN: É o Pax?

JLS: Cine Pax!

JAN: É, né?

JLS: Cine Pax... e lá eu só ia mais quando eu ia pra missa, que ganhava o ingresso do padre...

JAN: Uhum.

JLS: Na época.

JAN: Quer dizer, mas se eles funcionavam durante a semana, onde tinha gente mesmo era no final de semana, por conta da missa também, né?

JLS: É, lá, pelo menos lá, onde eu participava, que eu ia pra missa a gente ganhava o...

JAN: O ticket, o ingresso.

JLS: O ticketzinho do padre, pra participar...

JAN: Sim.

JLS: Lá, pra ir pra o cinema.

JAN: Era o Pax ou era o Apollo XI?

JLS: Era o lá... perto da igreja catedral, que era na catedral que a gente ia à missa.

JAN: Sim, sim.

JLS: Porque lá o cinema era bem pertinho da catedral, tu sabe, né?

JAN: Uhum... qual que era lá perto?

JLS: É o Apolo... é o Apolo XI, que esse aqui era o Pax, né?

JAN: Sim.

JLS: Lá era o Apollo XI.

JAN: O Apollo XI era aquele que era o prédio do bispo, que é perto do Dom Moisés também?

JLS: Não, ali era o Cine Pax.

JAN: Sim, sim.

JLS: Aqui era o Cine Pax.

JAN: Esse do prédio do bispo, né?

JLS: Sim, não é esse que é o Cine Pax?

JAN: É, é.

JLS: E o Apolo XI era o que é perto da catedral, depois da catedral, naquela rua lá...

JAN: Sim, sim, naquela...

JLS: Naquela avenida lá.

JAN: Sim, naquela avenida.

JLS: Que sai lá no sinal...

JAN: Sim.

JLS: Pronto, era lá que eu assistia quando eu ia pra missa.

JAN: Isso foi durante a adolescência, quando chegou aqui, não é?

JLS: É, quando eu cheguei aqui.

JAN: Aí depois, na idade já adulta...

JLS: Já adulta...

JAN: Na juventude, foi no Cine Éden?

JLS: Era no Cine Éden, porque era final de semana, já com os amigos, né?

JAN: Uhum.

JLS: E lá, não, lá foi logo quando eu cheguei, que descobri o cinema...

JAN: Sim.

JLS: Quando ia pra missa com as amigas, assim da minha idade... e lá nós ia pra o cinema, pra missa e depois pra o cinema.

JAN: Até porque, é... pelo que tu fala, o Cine Pax e o... Apolo XI eles tinham mais um público infantil, né?

JLS: Tinha, tinha.

JAN: Pelos filmes, né?

JLS: Pelos filmes...

JAN: O Pax, o Éden, já era uma coisa mais...

JLS: Era.

JAN: Mais adulto.

JLS: Era, já mais adulto, pelo menos eu comecei a assistir filme lá eu era adulta, já, quando eu era mais velha.

JAN: Sim, sim.

JLS: E vi, e via também que o público, assim, que participava já era, assim, da minha idade também era até de mais idade.

JAN: Sim.

JLS: Mas não, já no Apolo XI e Cine Pax era mais juventude, era um filme mais leve.

JAN: Sim, sim.

JLS: Mais leve mesmo, não era censurado, porque lá no Cine Éden, não, o filme lá, tinha filme lá que era censurado. Você pra participar tinha que levar...

JAN: Mostrar documento?

JLS: Mostrar documento.

JAN: Provando a idade? Era acima dos dezoito, no caso?

JLS: Era, acima dos dezoito anos, a partir dos dezoito.

JAN: Uhum... deixa eu ver aqui... é... a gente sabe que, por exemplo, o Cine Éden ele ficava num edifício na época, que era chamado o Edifício Ok, né? Que além de cinema tinha também um clube que funcionava lá, né? É, depois da sessão, depois do filme, o pessoal geralmente gostava de ficar por lá, ou então pela própria praça mesmo, conversando, enfim, ou era... ou não, acabava a sessão e ia pra casa, como era?

JLS: Às vezes, às vezes, Netinho, quando a gente saía... do cinema, ficava ali pela praça, porque na praça tinha os barzinhos, né? E tinha umas boates também... a gente ficava por ali, quando era final de semana, mas quando saía do colégio, que vinha pro cinema, era do cinema pra casa, porque na época eu também trabalhava.

JAN: Sim.

JLS: Aí eu voltava, do cinema pra casa, não ficava na praça, não.

JAN: Durante a semana, isso?

JLS: Durante a semana, durante a semana, já no final de semana a praça ali de João Pessoa era conhecida.

JAN: Uhum.

JLS: Era lotada... assim como é que se diz? Era o shopping de Cajazeiras hoje era a praça João Pessoa... na época... o pessoal, todo mundo saía da missa à noite, que tinha missa à noite lá na catedral...

JAN: Uhum.

JLS: E descia pra praça, lá era o ponto de encontro de toda a juventude de Cajazeiras.

JAN: Uhum.

JLS: Quem saía da missa ia pra lá, e aí quem saía do cinema também ia pra lá, quem não quisesse ir pra casa ficava por lá, porque lá, bem pertinho também do... do Cine Éden, tinha uma boate, chamava boate chapéu de couro.

JAN: (riso)

JLS: Tinha lá também, e quem não quisesse vir pra casa ficava por lá também até doze, uma hora da manhã, duas...

JAN: Uhum... a cidade, era tranquila?

JLS: Tranquila demais, segura, você só andava a pé, não existia carro, existia assim, você só de carro, só de moto, não existia nada nessa época, você ficava à vontade na rua, você andava sozinho, se fosse preciso.

JAN: Uhum.

JLS: E hoje, não, você não tem mais condições de andar só.

JAN: Na própria praça João Pessoa, já fica com medo, né?

JLS: Já fica com medo.

JAN: De atravessar sozinho.

JLS: De atravessar sozinho, e era tranquilo, a praça João Pessoa era tranquila, Netinho, parecia uma festa, eu queria que você visse, era lotado.

JAN: No final de semana era como se fosse, era um carnaval, todo final de semana.

JLS: Justamente! Justamente, gente demais, demais, lá tinha, além de barzinho, lá, tinha essa boate como eu já te disse e tinha ali onde era a Macic hoje...

JAN: Sim, aquela pizzaria.

JLS: Onde era a pizzaria, tinha tipo uns jogos, aqueles jogos que o pessoal participava, era fliperama, era fliperama aqueles jogos que rodam assim?

JAN: Acho que é.

JLS: Tinha esses jogos lá, era lotado lá, a praça João Pessoa pra essas coisas.

JAN: A juventude era toda...

JLS: Toda lá, toda lá... era bom demais.

JAN: (riso) E hoje não tem, né?

JLS: Não, hoje não tem não, você desce na praça João Pessoa, é duas, três pessoas sentadas assim naqueles banquinhos que tem, no mais tardar, dez, onze horas da noite

não tem mais ninguém, foi todo mundo embora... e antigamente, não, era lotado e a gente descia a pé e voltava a pé, não tinha preguiça de andar a pé e não tinha moto, que hoje é todo mundo só de moto, era todo mundo a pé.

JAN: Você mesmo chegou a ir muito nesses barzinhos, nesses fliperamas?

JLS: Todo final de semana eu ia.

JAN: Quando acabava a sessão e era final de semana, sempre permanecia por lá, né?

JLS: Sempre permanecia por lá, quando saía da missa também ia pra lá, todo final de semana eu ia pra missa.

JAN: Uhum.

JLS: Todo final de semana eu ia pra missa e da missa eu me encontrava com meus amigos lá na praça João Pessoa, ficava por lá, ou então ia lá pra essa boate.

JAN: Uhum.

JLS: Cansei de ir pra lá mas as meninas.

JAN: Final de semana era sempre isso, ou cinema, ou missa...

JLS: Cinema, missa...

JAN: E a praça João Pessoa.

JLS: E a praça João Pessoa. Era a diversão. Era bom.

JAN: Você lembra quando acabou, assim, de uma vez os cinemas, aqui na cidade?

JLS: Netinho, assim, eu não tenho muita lembrança, não, logo quando acabou... eu acho que eu já era casada.

JAN: Uhum.

JLS: E quando casa já fica mais em casa, já fica mais por ali... eu não lembro, não, mas... lembro, não, da época que acabou eu não lembro, não. Mas quando acabou nessa época eu já era casada mesmo.

JAN: Mas foi se acabando aos poucos, também, né? Foi assim, foi... pelo o que eu leio, as pessoas começaram a ir cada vez menos, né?

JLS: Cada vez menos...

JAN: Aí foi se acabando, se acabando... e acabou de uma vez.

JLS: Acabou de uma vez... e outra coisa também, eu acho que começou esse negócio de... de alugar.

JAN: Fita?

JLS: Fita!

JAN: Vídeo, né? Também.

JLS: Vídeo, alugar vídeo e também começou esse negócio de todo mundo comprando DVD...

JAN: Uhum.

JLS: Em casa.

JAN: Uhum.

JLS: Eu acho que por isso que o cinema caiu, mas aqui era pra ter outro cinema em Cajazeiras.

JAN: É... a questão da televisão, será que colaborou também, ou a senhora acha que não?

JLS: Eu acho que sim, Netinho, televisão, esse negócio de DVD, esse negócio de locadora, que antigamente, quando passava o cinema aqui, não tinha locadora e nem tinha DVD, eu vim comprar DVD praticamente um dia desses.

JAN: Uhum.

JLS: Porque não tinha também, foi há poucos anos.

JAN: Quando a senhora frequentava os cinemas, seja na adolescência, seja na idade adulta, já tinha televisão?

JLS: Já, já tinha televisão.

JAN: Na casa de onde você ficou, tinha também?

JLS: Tinha, só não tinha negócio de DVD, não. Não, não tinha DVD, não, mas tinha televisão. Mas...

JAN: Você gostava de assistir filme, novela?

JLS: Eu assistia mais novela, filme mesmo eu só gostava mais de assistir no cinema.

JAN: Sim.

JLS: Até hoje eu não gosto de ligar televisão e assistir filme, não. Se tivesse um cinema eu acho que até me atraia pra eu assistir, né?

JAN: Uhum.

JLS: Mas pra ligar DVD pra assistir filme, eu acho que eu nunca fiz isso, gosto não.

JAN: Por que a senhora acha que, é... o cinema, o ambiente do cinema, tá lá naquele espaço, ao lado de pessoas, ele é mais especial, ele chama mais atenção pra assistir o filme, ele trás mais interesse?

JLS: Eu acho assim, Netinho, porque... pra você... pra você ir ao cinema, você... quando chega no cinema você vê coisas novas, pessoas novas, diferentes, já sai de casa, já desopila, já tira o estresse...

JAN: Uhum.

JLS: Já passa numa sorveteria, já toma um sorvete...

JAN: Uhum.

JLS: Não é bem diferente de você em casa...

JAN: Sim, sim.

JLS: Você tá em casa, liga uma televisão e vai assistir um filme...

JAN: Uhum.

JLS: Aí em casa você tem um celular, é no filme e no celular, não, quando você sai de casa você toma um banho, você se arruma, você se perfuma e vai pro cinema, lá você conhece gente nova... até um amigo do se lado você leva, já fica conversando um papo diferente com ele...

JAN: Uhum.

JLS: Do que em casa, você ligar um DVD e assistir um filme sozinho.

JAN: Uhum (riso).

JLS: Eu não tenho cabeça pra isso, não.

JAN: Quer dizer que não era só assistir o filme pelo filme, era sair...

JLS: Sair, se divertir, desopilar, tirar o estresse, né? E conhecer gente nova.

JAN: Andar pela cidade, né?

JLS: Andar pela cidade também, tudo isso leva você a ir pro cinema.

JAN: Contatos...

JLS: É, era diferente.

JAN: Uma pergunta agora (riso) é, você chegou a ir em alguma sessão de cinema com padrinho, por exemplo, ou vocês não se conheciam nessa época?

JLS: Não, a gente não se conheceu nessa época, não. Eu conheci Geramildo na época, da época... da semana universitária.

JAN: Uhum.

JLS: Já foi totalmente diferente.

JAN: Mas a semana universitária, eu já li alguma coisa sobre, era um encontro, de cultura também, né?

JLS: Era.

JAN: Exibia filme, aí tinha peça de teatro, né? Tinha essas coisas...

JLS: Era... era, que era lá na praça das oiticicas, né?

JAN: É.

JLS: Era lá na praça das oiticicas... era bom também, acabou em Cajazeiras, também, a semana universitária.

JAN: Tinha todo ano, esse evento?

JLS: Parece que tinha todo ano, Netinho. Não tô bem lembrada, não, mas eu acho que tinha todo ano. Dava muita gente, era lotado ali na praça das oiticicas. Eu conheci Geramildo lá.

JAN: Uhum... mas a senhora já chegou a levar algum paquera, alguma pessoa assim pra assistir filme ou era só, sempre na amizade?

JLS: Não, era com as amigas mesmo que eu ia pra o cinema... não era com namorado, não... com as amigas e meus amigos também... logo nessa época eu era mais nova.

JAN: Uhum.

JLS: Não tinha muito interesse em namorado, não.

JAN: Sim (riso).

JLS: A parte do namorado já veio depois (ambos riem).

JAN: Quando acaba o cinema, como você acha que a juventude ficou, assim, sem um lazer, sem ter aquela diversão, como... você acha que a juventude sentiu falta desse, desse lazer que existia antes?

JLS: Eu acho que sentiu, né? Netinho, porque... era tão bom quando a gente participava do... cinema, que descia lá pra praça João Pessoa, pra passear, se divertir com os amigos e depois ir a uma sessão de cinema, depois vir pra casa, e hoje não tem mais isso, né?

JAN: Uhum.

JLS: É tanto que tem gente aqui de Cajazeiras que hoje sai de Cajazeiras e vai pra Juazeiro assistir filme no cinema, quando tem um filme bom pra ser lançado.

JAN: Isso.

JLS: Não é?

JAN: É.

JLS: Quer dizer que o cinema faz falta em Cajazeiras, até hoje faz.

JAN: Sim, sim.

JLS: Se tivesse cinema hoje até eu ia assistir uma sessão.

JAN: Com certeza, né?

JLS: Com certeza...

JAN: Chamar a família e ir, né?

JLS: Com a família, com o marido, com os filhos, né?

JAN: É.

JLS: É bom demais.

JAN: Tia Jucileide, é isso, se a senhora quiser falar alguma coisa a mais, alguma...

JLS: Não, eu acho, Netinho, que eu falei... (ambos riem).

JAN: Um bocado.

JLS: Um bocado, espero que dê pra você aproveitar alguma coisa...

JAN: Dá demais, com certeza.

JLS: Pro seu TCC.

JAN: Foi uma das melhores entrevistas que eu já gravei (riso).

JLS: Foi? Pois pronto, foi justamente o... (gravação interrompida).

Apêndice G: Entrevista com Francisco Didier Guedes de Albuquerque (30/01/2020)

José Antônio Neto (pesquisador): Ó, tá gravando agora... tá beleza? (riso).

Francisco Didier Guedes Albuquerque (colaborador): Certo.

JAN: O senhor tava dizendo que... não gostava muito de ir ao Cine Pax?

FDGA: Era, um pouco.

JAN: Mas por quê? O que tinha lá de... que não era tão bom?

FDGA: Porque cortava muito.

JAN: A fita?

FDGA: Era... o que mais cortava era o Cine Pax... O Pax era...

JAN: Mas como era, vocês estavam lá, no meio do filme, assistindo?

FDGA: Era direto, no começo, logo.

JAN: Logo no começo?

FDGA: Aí acendia a luz, o pessoal atirava sandália...

JAN: (riso).

FDGA: Sandália, sei lá como era...

JAN: O pessoal não gostava não, quando a fita parava.

FDGA: Era que era direto, o Cine Pax era meio bagunçado.

JAN: Era bagunçado por conta disso.

FDGA: Era... que cortava direto. Agora o Apolo XI era bom demais, tinha primeiro andar, as cadeiras eram de madeira... lá embaixo era do mesmo jeito, também. Era bom todo.

JAN: Era mais confortável, assim, o Apolo XI?

FDGA: Não, todos os dois era igual, não, era cadeira... o Cine Éden também era de madeira... uma vez o ventilador de teto do Cine Éden caiu lá, uma asa...

JAN: (riso).

FDGA: Mas não ouve nada com ninguém.

JAN: O senhor estava presente nesse momento?

FDGA: Tava.

JAN: (riso) Não machucou ninguém?

FDGA: Não, ela caiu assim no meio.

JAN: E o povo, se assustou, ficou com medo, como foi?

FDGA: Ligaram os ventiladores todinhos, antes de começar o cinema, né? Caiu um, do jeito da catedral, aqueles antigos.

JAN: Sim, sim.

FDGA: Não, tem? São quatro, eram bom todo, aqueles ventiladores de teto.

JAN: Era confortável dentro dos cinemas, ou não? Era...?

FDGA: Não, era cadeira de madeira... aí lá no centro ainda tem aquelas... lá no Melo, lá, hoje é o Melo... o ar, né? Não tem o Melo, ali?

JAN: Sei.

FDGA: Então, era pra ali. Ali era cheio de... de porta a porta, até o final era a tela... aí tinha um palco, pra apresentar alguma coisa e... pra apresentar aquele programa que ele tinha, bom todo também. Tinha um cinema especial lá, também... aí tinha umas caixas de som, pra fazer suspense, quando era um filme de terror, aquele filme lá... do menino lá, até tem uma foto, eu lá no...

JAN: Não era o Exorcista, não?

O senhor tem a foto guardada aí, ou...? (o filho do colaborador, presente no momento, interpela o pai).

FDGA: Não, que eu tirei... eu tava no desfile, vinha até a praça, o desfile... era aqui na praça João Pessoa, eu tenho a foto.

Aí pega só o cinema, no caso, eu acho?

FDGA: Não, a placa...

Ah, a placa que tinha o nome do filme.

JAN: O letreiro, que chamava?

Depois, se o senhor encontrar, o senhor mostra pra Zé Neto (seu filho se refere a mim).

FDGA: Pois é...

Pra ele colocar em algum canto.

JAN: Todo filme tinha o letreiro, lá anunciando?

FDGA: Não, a pessoa botava lá na esquina...

JAN: Sim.

FDGA: Na rodoviária velha... o título do filme. No Apolo XI também botava, também. Que era o Cine, o Pax também botava... lá passava muito os trapalhões.

JAN: No Pax?

FDGA: No Apolo também.

JAN: Sim, sim.

FDGA: Todo lançamento começava no Cine Édén, no Cine Pax, lá era filme... Paixão de Cristo, era...

JAN: Mas eles passavam outros, né?

FDGA: É... Paixão de Cristo, às vezes assistia à missa nove horas pra ganhar ingresso lá no Apolo.

JAN: Era lotado então, quem assistia a missa ganhava o ingresso.

FDGA: Uhum... era, e depois...

JAN: O senhor chegou a ir a alguma missa dessas para ganhar o ingresso, ou não?

FDGA: Fui, morava lá na... solteiro, naquele tempo... até quando fechou, mas aí eu já era casado, já. Quando começou a dizer que ia fechar. Aí era Eduardo Jorge.

JAN: O dono do Cine Édén, né?

FDGA: É.

JAN: Era bom, na época dele?

FDGA: Eduardo Jorge de Cesar Guedes, o nome dele, irmão de José Alessandro, que tem um programa na Alto Piranhas... era o dono, do Cine Édén. Ele tinha a... e o Cine Édén.

JAN: Qual era o cinema que o senhor mais gostava de ir, era o Cine Édén?

FDGA: Não, era o Cine Édén.

JAN: O Cine Édén?

FDGA: O Cine Édén... filme dos trapalhões às vezes vinha até aqui perto da lotérica da praça João pessoa, a fila... pra assistir Os Trapalhões, que era gente demais... lançamento dos trapalhões, todo filme dos trapalhões.

JAN: Fazia sucesso, né? Chamava a atenção das pessoas... você lembra de outro filme, que chamou a atenção das pessoas, do público?

FDGA: Esse que tem aqui no tablet, que passava lá... esse aqui do celular (pausa longa, o entrevistado levantou-se para procurar a foto contida em seu celular) olha aqui o nome, dos trapalhões, tem tudinho aqui, que passava.

Mostra pra ele aqui... tá tudo aqui, os trapalhões? (o filho do colaborador intervém novamente).

FDGA: Os que estão aí, estão.

Esse aqui são os quarenta... os quarenta ladrões... esse aqui é o quê?

FDGA: Ali babá e os quarenta...

Os quarenta ladrões.

JAN: Ladrões (riso).

FDGA: Os trapalhões... o lançamento... agora isso daqui... não tem o nome do filme, esse daí?

Não... aqui deve ser quando passava na televisão, aí botava, episódio um, episódio dois...

FDGA: É que não tá aqui, o nome... o Cine Édén... era o Cine Apolo XI, era melhor, que tinha o primeiro andar...

JAN: Uhum.

FDGA: E era mais... o espaço era melhor...

JAN: Cabiam mais pessoas lá, ou não?

FDGA: Cabiam... do que o Cine Édén... era mais espaçoso, assim... o filme aqui era mais apertado... era mais alto que o Pax, você chegava lá... onde passava o filme... era lá, tem a janela lá, do mesmo jeito... ali tinha a entrada do melo, quando tava chovendo, aí botava os cartazes... assim, do lançamento dos filmes que iam passar... aí tinha um guarda, o nome dele era batata, o porteiro, lá... bem antigo... no Cine Édén nunca ouve... me disseram... eu com um medo danado, só entrava quem tinha dezoito anos.

Mas pai já tinha dezoito anos, quando foi?

FDGA: Não...

JAN: Tinha quantos anos?

FDGA: A primeira vez, acho que foi com dezessete e pouco.

JAN: Tava perto (riso).

FDGA: Foi pouco antes de eu completar os dezoito.

JAN: Como foi que o senhor conseguiu entrar, a primeira vez?

FDGA: Conseguia entrar, porque tinha o juizado de menor lá...

JAN: Ficava lá pra ver.

FDGA: Ficava olhando assim, se... aí pedia e ficava olhando a carteira, a carteira de estudante.

JAN: Aí se não tivesse dezoito anos ele botava pra fora?

FDGA: Ele era danado, né? De botar pra fora.

JAN: Mas nunca aconteceu, não, com o senhor de ir pra fora?

FDGA: Não, só com medo, na primeira vez.

JAN: Aí depois se acostumou?

FDGA: Foi... ficava com um medo danado, ficava com o coração...

JAN: O senhor, é... ia com quem pra o cinema, ia sozinho, com os amigos?

FDGA: Não, ia só.

JAN: Sozinho mesmo?

FDGA: Era, tinha a namorada, mas ela morava em Ipaumirim, ele vinha aqui aí voltava pra cidade, né?

JAN: Ela morava fora e o senhor aqui?

FDGA: Era, eu morava vizinho lá.

JAN: Ah, mas ela estudava com o senhor?

FDGA: Não.

JAN: Aí o senhor conheceu ela aonde?

FDGA: Eu vendia picolé, aqueles picolés naquelas carroças... foi, eu vendia, começou ali, vendendo picolé... pra pegar, escolher o picolé e... antes de começar. Eram cinco anos, que eu namorei com ela.

JAN: O senhor ia pra o cinema com ela?

FDGA: Só fui pro Apolo XI.

JAN: Vocês assistiram o quê, algum filme que vocês assistiram juntos, o senhor lembra?

FDGA: Claro que me... faroeste... é, teve... assistiu... lá no Apolo XI.

JAN: Aí quando o senhor chegava no cinema, não aparecia os amigos não, os conhecidos do senhor, não, pra conversar, não, pra...?

FDGA: Não, ia mais só.

JAN: O senhor é natural daqui de Cajazeiras mesmo?

FDGA: Nasci no Iguatu.

JAN: Iguatu? Ah... verdade... aí como é que o senhor veio parar aqui em Cajazeiras, lá do Iguatu veio pra cá?

FDGA: Em sessenta e um, eu era pequeno.

JAN: Uhum.

FDGA: Lá em Jatobá, a serra que vai pra Teixeira, vizinho à capela. A gente morou lá numas três casas... vizinho a capela, lá... São Pedro, antigamente... lá no Jatobá.

Aí veio pra cá, pra Cajazeiras por causa de vô, foi, por causa do trabalho? (pergunta feita pelo seu filho).

FDGA: Era que o meu pai era do DENOCS, aí transferiram lá pra Sousa, que era pra ser transferido, aí ele escolheu Cajazeiras, ele trabalhou cavando poço... ele operava, tinha uma pessoa na máquina, eram três pessoas... era pai, não estou lembrado o outro.

JAN: Mas os pais do senhor, não achavam ruim não, é... que você fosse pra o cinema, não?

FDGA: Não, não tem...

JAN: Pra onde ir?

FDGA: Uma diversão, mas tinha cinema aqui, tinha o... o Jovem Clube, o Jovem Clube era... onde tá fechado ali, perto, acima do Melo... o Tênis Clube era cheio de frescura... tinha muito pouco, ali, por isso que hoje está fechado... tinha muita frescura também, não podia entrar todo mundo, o Campestre, também.

JAN: Quer dizer que fora os cinemas, a outra diversão que tinha era esses clubes também, pra...?

FDGA: Primeiro de Maio e Jovem Clube... tinha aqui onde era, vizinho à Netline, aqui. Era a Chapéu de Couro, uma boate. Depois onde hoje é... a sede do Atlético é uma boate também... era a antiga Pernambucana, na esquina aí era Dantinho do som. Ali era meio bagunçado, de vez em quando tinha briga lá.

JAN: Era? Aí como acontecia essas brigas, acontecia por quê?

FDGA: Era muito de menor, aí naquele tempo tinha o juizado de menor... o juizado de menor...

JAN: O senhor chegou com qual idade, aqui?

FDGA: Foi com dezoito anos... setenta e três, ou, dezoito anos, doze anos...

JAN: Estava pra completar doze anos?

FDGA: Cheguei aqui no dia ... de outubro de setenta e três...

JAN: Uhum... (entrevista interrompida).

Apêndice H: Entrevista realizada com Reudesman Lopes Ferreira (13/02/2020)

José Antônio Neto (pesquisador): Então professor Reudesman... (barulho de cadeira sendo arrastada) nossa entrevista o tema é sobre o cinema, só que antes de saber, de querer, de eu querer saber sobre cinema eu queria saber um pouco sobre você... é... você é natural daqui da cidade, enfim, como, como foi sua infância aqui em Cajazeiras?

Reudesman Ferreira Lopes (colaborador): Ok... quer gravar, não?

JAN: Tá gravando já.

RFL: Ah, já está gravando? Bom.

JAN: Já.

RFL: É... eu sou de Cajazeiras, sou cajazeirense, eu sou filho do profe... do funcionário público... é... meu pai já é falecido, Hosmílio Lopes Ferreira, meu pai é... meu pai é piranhense, de São José de Piranhas e sou filho da professora Maria Nazaré Lopes Ferreira, minha mãe é de Cajazeiras... é... foi professora... mestra... é... e a história de vida dela é, é extremamente bonita, inclusive eu, eu escrevi algo sobre isso...

JAN: Uhum.

RFL: É... minha infância foi muito rica, eu digo pra você que... na minha, a nossa geração, é... eu sou de mil novecentos e cinquenta e cinco...

JAN: Uhum.

RFL: É... a nossa geração ela ainda gozou dos privilégios da... de uma infância sadia do ponto de vista de brincadeiras, de jogos, de amizades, de entretenimento... é... coisas que hoje nós não vemos mais nas nossas crianças, então as infâncias de hoje, é... elas são muito atreladas... ao celular, ao Zap...

JAN: Uhum.

RFL: Então as crianças hoje quase que já nascem com...

JAN: Sim.

RFL: Com um celular dado pelos pais...

JAN: Uhum.

RFL: Até para amenizar... é... os problemas que as crianças...

JAN: Sim, com certeza.

RFL: Né?... podem causar.

JAN: Dar uma sossegada na criança...

RFL: Então minha infância foi rica, brinquei de bola, joguei muita bola... é... brinquei muito de carrinhos...naquela época... lembro que nós, quando chovia nós fazíamos, as ruas não eram ainda todas elas, é... a paralelepípedos, né?

JAN: Sim, sim.

RFL: Eram ruas, é... sem... ruas normais do ponto de vista de paralelepípedo e asfalto, asfalto nem falava, a gente nem conhecia o que era asfalto.

JAN: Uhum.

RFL: E a gente brincava muito de, quando chovia, de fazer açudes e aquela coisa toda de criança, de jovem, de criança...

JAN: Uhum.

RFL: Então minha... juve... minha crian... minha infância... a primeira infância que eu chamo, fui lá na praça do espinho.

JAN: Sim.

RFL: Tanto assim que eu tô escrevendo... essas memórias... não é? Eu tô querendo colocar isso em um livro... então essa infância ela foi muito rica e lá nós tínhamos onde hoje é a quadra do colégio... é... do colégio Dom Moisés Coelho, ali era um campo de futebol nosso.

JAN: Uhum.

RFL: Um camozinho de pelada, como a gente chamava...

JAN: Sim, sim.

RFL: Então todos os meninos daquela... daquela, é...

JAN: Entorno, vizinhança, né?

RFL: Daquele entorno ali da praça do espinho, todo mundo ia pra lá depois de três, três horas da tarde pra bater pelada...

JAN: Uhum.

RFL: Então isso era... é... isso era um negócio legal. E ali tinha muita coisa ali no entorno... a Praça de espinho ela favorecia muito a nós brincarmos, não é?

JAN: Uhum.

RFL: Porque ela teve um período só de espinho, mas depois tiraram os espinhos e botaram rosas, flores...

JAN: Uhum.

RFL: É... outras vegetações lá, outras, outros tipos de coisas lá de... plantas.

JAN: Uhum.

RFL: Então a gente brincou muito ali, certo? Então eu quero dizer que foi muito rica... então nós brincamos muito... depois veio a época da... a época... é... da juventude propriamente dita, né?

JAN: Sim, sim.

RFL: Aí, é... eu estudei... é... eu estudei no Dona Carmelita... eu sou da... eu sou da turma de sessenta e seis de Dona Carmelita...

JAN: Uhum.

RFL: E nossa aula, e nossa sala era embaixo da... embaixo da escada do colégio comercial, hoje colégio municipal, colégio é... estadual, né?

JAN: Uhum.

RFL: Bom... é... depois fui pro Diocesano, estudei no Diocesano, fiz o primeiro e o segundo ano ginasial, depois o terceiro e o quarto ano ginasial no colégio Dioce... Nossa... colégio estadual, aí fiz o clássico... primeiro, segundo e terceiro clássico...

JAN: Uhum.

RFL: Porque eu ia fazer vestibular para a área três... bom, naquela época era a área três, área um, área dois e área três... é... fiz vestibular... é... fiz vestibular primeiro pra economia, porque eu queria fazer educação física mas na época eu não tinha condições

financeiras de pagar, porque naquela época só tinha, é... educação física na... no Instituto Paraibano de Educação, hoje UNIP, Universidade... é... bom, e aí depois eu fiz vestibular pra educação física e... é... fiz uma vida toda... galgada encima da educação física.

JAN: Sim.

RFL: E aí sou uma pessoa muito querida na cidade, também, é... eu gosto de me relacionar com as pessoas... não é?... me favorece muito esse aspecto do relacionamento humano, que é muito forte, é muito bom.

JAN: Sim.

RFL: Isso é uma das minhas virtudes, é ser amigo de todos... é... e gozar... é... da amizade de todos os segmentos de Cajazeiras, da classe política, da classe cultural, empresarial... é... o pessoal lá do meio artístico, do meio futebolista, é... na imprensa né? Que eu também tenho uma história na imprensa... então assim, eu sou muito realizado... eu digo pra você...

JAN: Sim.

RFL: Que eu sou muito realizado com toda essa minha trajetória de vida.

JAN: Uhum.

RFL: Não é? E hoje já aposentado da universidade, eu estou me dedicando a trabalhar pela cidade, isso é, organizando o museu do futebol de Cajazeiras, que é meu sonho...

JAN: Uhum.

RFL: E que eu faço voluntariamente... não é? E... doando todo meu acervo, inclusive, mas eu acho que Cajazeiras precisa, tem que ter, é... tida como a terra da cultura, tem que ter o seu museu.

JAN: Com certeza.

RFL: Então a minha história é mais ou menos essa daí... que eu agora tô... eu quero dizer pra você que estou contando em livro...

JAN: Sim.

RFL: Eu fiz um... eu já escrevi, inclusive, agora vou procurar recursos, alguém que me ajude pra fazer, editar, a minha... a minha autobiografia profissional.

JAN: Sim.

RFL: Eu contei a minha história de quarenta anos de magistério...

JAN: Uhum.

RFL: Então tá tudo num livro... eu acho eu acho que vai... é, servir pras pessoas que virão por aí a fora.

JAN: Certeza... é... como, é que o cinema, ou melhor, os cinemas da cidade eles se inserem nessa sua trajetória de infância e de juventude?

RFL: Ah, o cinema pra mim, é... eu me emociono, inclusive, em falar, quando eu falo no cinema, porque... nós não tínhamos lazer... na cidade, assim, de... grandes festas e tal... então nós não podíamos ir... nem, não só pela idade, porque naquela época só entrava em festas acima de dezoito anos...

JAN: Uhum.

RFL: E tinha lá o que nós chamávamos de fiscal de menor.

JAN: Sim.

RFL: Tanto lá como nos cinemas, por exemplo, o filme quando o filme era proibido até dezoito anos... então, por exemplo, a gente tinha dez... doze anos a gente nem ia lá na porta porque sabia que não entrava. Era muito forte essa questão dos... é... daquelas pessoas que faziam a fiscalização dos menores, os fiscais de menores como a gente chamava na época... me lembro de um, Seu Zezé, Seu Zezé era forte nisso...

JAN: Uhum (riso).

RFL: Bom, mas... Cajazeiras teve, eu, eu... eu fui, eu fui um grande... como é que eu digo?... eu fui uma pessoa que participou ativamente... como... como... assistente, não é? Eu eu não tenho aqui a palavra, mas eu, eu assisti muitos filmes, eu era... eu era... eu era, não, eu continuo sendo vidrado no cinema, em filmes...

JAN: Sim.

RFL: Hoje, infelizmente, Cajazeiras não possui uma sala de cinema, mas nós temos, por exemplo, a Netflix, nós temos a Sky, né? é... a gente compra um DVD, é... e a gente compra os filmes, né?

JAN: Uhum.

RFL: Pra assistir em Blu-ray, hoje...

JAN: Aham.

RFL: Que é a coqueluche... bom, mas o fato é... que, o bom do cinema, além do filme é que você levava as namoradas.

JAN: Aham (riso).

RFL: Eram os pontos de encontro dos namoros... naquela época era assim... é... aí ou a gente ia primeiro e... guardava cadeira pra namorada, ou a namorada ia e guardava a nossa cadeira... mas o cinema ele tem um ponto assim... fundamental na trajetória cultural de Cajazeiras, eu entendo isso, porque... cinema é arte...

JAN: Sim.

RFL: Cinema pra mim é a grande arte...

JAN: Aham.

RFL: É... eu sou vidrado, inclusive, eu continuo vendo documentários, assim, espetacular... é... vi agora, é... toda uma história de vida Kirk Douglas que morreu aos cento e três anos de idade, que foi um dos grandes artistas...

JAN: Um dos grandes atores, né?

RFL: Um dos grandes atores dos filmes faroeste, na época predominava...

JAN: Aham.

RFL: Então naquela época nós temos aqui é... o Cine Éden aqui na Praça João Pessoa, é... marca muito essa história do Cine Éden, por quê...? porque era o cinema mais central...

JAN: Sim.

RFL: E acho até que foi o primeiro cinema de Cajazeiras se a memória não me falha do ponto de vista de... de organização, de estrutura, o cinema era muito bonito... muito grande assim pra, pra... Cajazeiras.

JAN: Aham.

RFL: Mas alguns filmes... é... lotava... tinha duas, três seções... interessante é que nos domingos tem a sessão matinê...

JAN: Aham.

RFL: Ou matinal, não é?, depois tem a sessão de dezoito horas e dezoito e trinta e depois de vinte e trinta, era muito bonito isso, você entrava na fila pra comprar ingresso, entrava na fila para entrar no cinema, principalmente quando tinha aqueles filmes... é... aqueles filmes que chamavam mais a atenção e que a gente ficava à espera do cinema, à espera desse filme chegar em Cajazeiras, por exemplo, Dio Come ti Amo, eu não... não esqueço desse filme, Ben-Hur é outro que eu não escuto, que eu não esqueço... Os Dez Mandamentos também é outro que eu não esqueço... e tinha os filmes, as pornochanchadas...

JAN: Sim.

RFL: Os filmes de comediantes como Grande Otelo, Oscarito, Cantinflas, deixa eu ver mais... Grande Otelo, Oscarito, Cantinflas, Zé Trindade... Zé trindade, quem era mais...?

JAN: Mazzaropi, também.

RFL: Mazzaropi... Mazzaropi... olha era uma... era espetacular isso, espetacular isso... e além dos filmes faroeste que... que era semanalmente, também tinha uma sessão espetacular então, marca, depois veio o Apolo XI, depois veio o Cine Pax e nós tínhamos aqui o Cine Cruzeiro que era lá... na... rua Doutor Coelho, na Doutor Coelho, Cine Cruzeiro... e, eu me lembro aqui, eu não sei como era o nome, como é que se dava o nome, mas eu assisti, eu... eu me lembro, eu tenho essa... eu tenho essa imagem em mim guardada, que foi lá na Camilo de Holanda... tinha numa casa e essa casa era um cinema...

JAN: Uhum.

RFL: Passava filmes lá...

JAN: Uhum.

RFL: Não é?, eu não sei se era de Eutrópio, mas eu acho que era de Eutrópio... é... e lá passava muitos filmes lá, a gente ia, sentava no chão, sentado no chão assistindo o filme lá... a tela era um lençol... me lembro disso, essa imagem ela é nítida em mim, eu guardo essa imagem sempre... quando fala em cinema... então o cinema, é... em Cajazeiras foi muito forte... é... foi muito forte do ponto de vista de participação da população, da comunidade e assim... e eu acho que... que essas raízes culturais que a cidade tem, ela demanda muito, ela vem muito lá do cinema, né?, os jovens naquela época muito inteligentes, Cajazeiras sempre foi uma cidade com gente muito inteligente... com certeza pegaram aquilo ali e transformaram em teatro e vai por aí a fora, mas eu acho que é bem... inclusive, qualquer dia desses eu vou perguntar a Ubiratan, o nosso secretário de cultura, Ubira... qual foi o... qual foi a importância do cinema para, é... o meio artístico, o teatro de Cajazeiras, porque eu acho que tem alguma coisa, então o cinema ele foi muito forte, eu vivi muito essa época...

JAN: Uhum.

RFL: Eu passei no vestibular... e... eu passei no vestibular para o segundo semestre... todos os dias eu assisti um filme em Cajazeiras.

JAN: Uhum.

RFL: Eu ia pro Édén, aí depois eu ia pro Apolo, aí depois eu ia pro Pax... aí já voltava, porque já chegava outro filme novo no Édén, aí assistia no Édén, aí chegava um filme novo no Apolo, aí já ia pra... então eu passei um mês, uns seis meses assim assistindo filme direto...

JAN: Sim.

RFL: Porque eu adorava, né?, eu adorava, então o cinema caracteriza muito essa minha... juventude... não é?, é... eu acho que a minha não, a de muitos cajazeirenses com certeza, se você se você tiver uma oportunidade de ouvir mais pessoas, elas vão contar mais ou menos isso que eu estou lhe contando, narrando isso aqui que eu estou narrando, é... as experiências também, tem algumas coisas marca muito... era, que marcou muito também era o canal cem, o canal cem, era, passava antes do filme começar...

JAN: Sim.

RFL: O canal cem era um documentário... é... do futebol, passava jogo de futebol...

JAN: Uhum.

RFL: Não o jogo todo, mas assim, os principais lances, aquela música (cantarola uma música) a isso não sai da memória nossa...

JAN: Aham.

RFL: Principalmente nós que gostamos de futebol, então, é... cinema é isso, traduz isso, e assim, algumas pessoas que marcaram a época do cinema, é... o mudinho que ficava lá na bilheteria recebendo os ingressos... é... não me recordo quem vendia os ingressos, né? Não me recordo... mas tinha é... é... Carlos Paulino, Manoel Paulo, né?... essas pessoas que a gente tem... na memória, é... quando a gente lembra do Cine Édén, né? Então quando a gente lembra do Cine Édén, então, é muito marcante pra mim... é... a... o cinema em Cajazeiras.

JAN: O senhor tinha alguma preferência por algum desses cinemas, o Édén, o Apolo XI, até o Cine Pax... tem um que você... sabia que ia... ia gostar do filme?

RFL: Olha... era... o Cine Édén era mais... é... o que eu vou dizer?... era mais nosso, mais popular.

JAN: Aham.

RFL: O ...o Apolo, quando veio, o Apolo tinha uma, inclusive no primeiro andar, umas cadeiras que você assistia lá em cima... eu assisti... mas depois fecharam isso.

JAN: Uhum.

RFL: Quer dizer, você assistia no primeiro andar, lá embaixo as cenas, a tela lá, aí também me chamava atenção, mas assim eu gostava muito do... do Cine Édén porque foi lá que eu comecei a ver o que era um filme, a entender o que era um, filme... a entender a função do cinema pra nós, pessoas, pra nós, comunidade... então pra mim o Édén, é... inesquecível... é inesquecível o Édén... é... mas também o... o Pax era muito bonito, o Pax era muito grande, quando você entrava, você tinha uma visão espetacular...

JAN: Uhum.

RFL: Não é? Bem aconchegado... não tinha as poltronas confortáveis, mas, as cadeiras eram boas, você assistia o filme tranquilamente... bem sentado... é... muito, muito bom... muito bom.

É... o senhor falou sobre a questão de que... assim, gosta muito do cinema não só pelo filme, é claro que o filme marcava, mas também tinha essa questão de ver pessoas, né? De lavar as namoradas (riso), como foi essa questão, assim, pra o senhor de... com quem o senhor ia ao cinema... era com amigos, era com namoradas, como era essa parte social...

RFL: Não...

JAN: Do cinema?

RFL: Noventa por cento era com namorada, noventa... eu acho que noventa e cinco por cento com namorada.

JAN: Aham.

RFL: Com as namoradas, com as meninas, né? Da época... que a gente, é... namorava... hoje, não diz namoro, hoje diz ficar...

JAN: Ficar, né?

RFL: Mas não era ficar, era namoro mesmo, era... namoro, era paquera...

JAN: Sim.

RFL: Paquera... é... então a gente sempre ia com esse pessoal, porque, é... assim, não, tinha também os vigias, quando a gente ia pra uma festa, pra entrar acompanhado, porque naquela época era assim, você não ia pra uma festa só você, o casal não, a mãe, o pai, já determinava que a menina... a namorada fosse com alguém...

JAN: Sim, sim.

RFL: Como um vigia, não é como hoje, que você vai, chega no outro dia, passa dois dias fora... não é como hoje, né? Então... é... esse aspecto é bem interessante, e até no cinema, algumas vezes também já levava... é... tinha uma pessoa que já ia com aquela outra, com a namorada, com a paquera, seja lá...

JAN: Aham.

RFL: Né? É... então cinema ele traduz esses pontos de encontro da nossa... da nossa época, do nosso momento de vida, é... com relação a paquera, com relação a... ao namoro, tá?... então... marca muito, é uma coisa inesquecível... por quê?... porque marca nossa história de vida, marca a nossa história de pessoa, não é? É... e a gente, eu sempre falo isso para os meus filhos, para meus netos... meus filhos, meus netos ainda estão em fase de crescimento...

JAN: Uhum.

RFL: Mas a gente sempre conversa com isso, e às vezes a gente senta com a família, assim, pra gente lembrar...

JAN: Sim, sim.

RFL: Né? Ou rememorar esses momentos que a gente, que a gente teve no cinema, então isso é importante... em João Pessoa também eu assisti muito filme...

JAN: Uhum.

RFL: Muito filme em João Pessoa... é... no Cine Municipal, que é o central, que eu assistia muito... eu, eu... lá tinha o Rex também mas eu... não ia, eu fui muito no Municipal e no Plaza, no Plaza também... eu fui no Municipal no Plaza, mas eu acho que eu ia mais no Plaza... agora tô me lembrando... então eu ia no Municipal e no Plaza, tinha muito conforto, as cadeiras... porque já era um cinema lá na capital... mas... também, eu levei daqui essa minha... esse meu gosto, esse meu amor pelo cinema... pelos filmes.

JAN: Havia diferenças muito marcantes entre os cinemas de lá e os daqui?...

RFL: Muito... é o conforto, era o conforto, né?, o tamanho e o conforto... né?, o tamanho e o conforto... e outra diferença... lá você entrava, os filmes já começavam, se você chegasse duas horas... o filme já tava começando aí você ficava, não saía, assistia o restante que você não assistiu no início, então isso era diferente, uma diferença... a outra diferença era a questão do luxo, era muito luxuoso, assim, era ar condicionado na época e tudo... em Cajazeiras, não, era... era ventiladores, mas lá não, lá era todo... até quando entrei na... a primeira vez que entrei... tudo escuro... o filme já tinha começado e eu e minha esposa, Erineusa, a gente... vish, que coisa diferente e tal... então, aí tinha o lanterninha pra lhe levar lá no local... então isso, é... era a diferença que tinha entre lá e aqui, que tinha entre lá e aqui.

JAN: É... às vezes eu escuto muito... muitas histórias... do pessoal contando que às vezes a fita quebrava no cinema e gerava aquela algazarra... como era isso, como era, assim, quando isso acontecia?

RFL: Quebrava... quebrava... aí à luz acendia... quando quebrava era logo uma vaia... aqueles assoviozinhos e tal e tal... e era uma vaia, aí a luz acendia... aí voltava e todo mundo batia palma... era um negócio interessante... mas tinha outro dado também, interessante, que era quando o filme, às vezes... não prestava, as pessoas não gostavam, as pessoas quando levantavam... terminou o filme... quando dizia, fim, ainda tava escuro, as pessoas levantavam e batiam as cadeiras... é... a parte da cadeira... batia na costa da cadeira... é... porque o cinema tinha a cadeira era móvel, você abria e fechava... e aí o pessoal pegava e batia aí todo mundo batia, era uma bateadeira danada lá dentro do cinema quando não gostava do filme e às vezes quando gostava todo mundo a aplaudia no final e tal e tal... é um detalhe importante.

JAN: E o senhor lá dentro, tomava parte disso... gritava... enfim, como era?

RFL: Ah, gritava, gritava... gritei, muito gritei muito, é... quando o filme era bom eu aplaudia demais, mas nunca fui de bagunçar, eu sempre achei que... eu... sempre fui muito quietinho nesse quesito de bagunçar, agora... pra aplaudir eu aplaudi demais, aplaudi muitos filmes, Dio Come ti Amo, eu não esqueço esse filme, Ben-Hur, eu não esqueço, os Dez Mandamentos eu não esqueço esse filme, é... eu acho que tem mais alguns filmes assim que me marcou muito, mas não tô lembrando aqui, mas teve filmes muito bons, teve uns filmes, é... muito... bons naquela época era a Sophia Loren... era Kirk Douglas... esse pessoal todo aí da geração...

JAN: As grandes lendas de Hollywood, né?

RFL: As grandes lendas de Hollywood... eram as grandes lendas de Hollywood... aí era cada filme espetacular, fantástico, então eu guardo muito na memória, porque... eu não tô lembrando agora... nomes de filmes, mais nomes de filmes que eu assisti e que eu... que me marcou...

JAN: O senhor chegou assistir ...E o Vento Levou?

RFL: Ah, ... E o Vento Levou... assisti ... E o Vento Levou... eu assisti ... E o Vento Levou, um filmaço... é... sim, tinha também, agora eu estou me lembrando, você falou em ... E o Vento Levou, tinha uns filmes de grandes projeções, aqueles que de moravam muito... duas horas, três horas de filme, aí, é... muitas vezes só tinha uma sessão... no cinema, por quê?... porque o filme terminava muito tarde... muito extenso... e aí tem um detalhe pós cinema... o detalhe pós cinema nosso aqui era, quando terminava o filme, a gente saía com as namoradas, com as paqueras... ia lá pra Merendinha de Seu Dirceu Marques Galvão.... é... que é aqui aonde é... na... vizinho a... à porta central... do mercado central aqui na... né...?

JAN: Sim, sim, próximo à Praça João Pessoa.

RFL: Na Praça João Pessoa, vizinho, eu acho, onde tem aquele negócio ali do menino que vende... que é celular, essas coisas... a Merendinha era ali, então a gente ia pra lá e tinha um doce, não... tinha um bolo de leite e uma vitamina de banana ou de abacate... era assim, era a época, era época... quando você sai pra tomar açaí, chocolate, não sei o quê e tal, sorvete, não sei o quê, mas não, na nossa época era, saía do cinema direto lá pra Dirceu, pra Seu Dirceu de saudosa memória... e nós íamos lá, pegava uma fatia lá do bolo de leite que eu até hoje não tenho, eu nunca comi um bolo igual àquele de lá.

JAN: Isso era de praxe, né?

RFL: De praxe, era de praxe... lá em João Pessoa, a gente saía, tinha uma lanchonete por perto, eu me lembro o nome ainda, era Fã Super Lanche, quando terminava o filme eu ia mais... a gente tomava um suco de maçã ou suco de uva, não é? A gente intercalava, às vezes um suco de maçã, às vezes um suco de uva... com um bolo... um bolo fofo... um bolo fofo, é, coisas que... a gente guarda e...

JAN: Aquela coisa, você vai assistir um filme, mas também quer se distrair, sair de casa...

RFL: Quer, quer... além de você ir para o cinema... né?... é...

JAN: Ver o filme em si, né?

RFL: Além de ver o filme em si, é... tudo... você ainda tem essa questão de... do lazer... de sair de casa, de levar alguém de ir com alguém... é... e depois a gente conversava sobre o filme, o que você achou e tal e tal... então, é... a gente fazia, assim, um comentário do filme... eu gostava muito de comentar o filme... e de contar os filmes... também... às vezes a gente sentava, tinha muitas pessoas... na minha época, que não tinha condições de ir pro cinema... e aí o que é que a gente fazia... a gente sentava lá na Praça do Espinho e... e eu era o contador dessas histórias, eu ia contar o filme e tal... era legal só.

JAN: O senhor gostava muito de contar?

RFL: Eu gostava muito de contar... eu gostava muito de narrar o filme, eu gostava muito de contar o filme... e a gente ficava lá a noite, rapaz, era... todo mundo sentado, eu sentado no banco e o pessoal sentado em meu redor, no chão, na calçada lá da Praça do Espinho e eu contando filme e tal, e todo mundo assim vidrado, ninguém batia nem... a pestana...

JAN: Aham... isso foi durante a infância, a adolescência?

RFL: Durante a infância, a adolescência... infância, adolescência... assisti muito filme de... crianças, né? Assisti... é... passou muitos filmes, assim, de crianças, assim... eu sempre gostava de assistir.

JAN: O senhor chegou a frequentar matinê?... que tem aquela história do bispo que distribuía...

RFL: Ah, assisti muito matinê... assistir muito matinê... e eu acho que assisti muito matinê de graça, é... às vezes sorteava nas escolas... né?... pra levar mais pessoas, assim... eu acho... eu acho que eu tenho alguma coisa sobre isso em fotografias... eu acho que eu tenho matinê... e eu tenho um dado eu tenho dado interessante, que, é... o Cine Éden, bem, além do cinema... além do filme, ele serviu na época para os festivais... para os domingos alegres de Cajazeiras, que tinha... é... que tinham uns festivais, tinha programas de rádio lá no... cinema, porque o cinema acomodava mais pessoas, que tinha um palco muito bonito, muito grande, muito vistoso... e todo mundo que tava na plateia dava pra ver... eu me lembro disso, desse detalhe, eu acho que eu tenho fotografias disso.

JAN: É... quando o senhor... retrata, me fala desses filmes clássicos, desses grandes astros e dessas grandes estrelas, o senhor tava nessa fase da adolescência, né, como foi...ver aqueles filmes espetaculares, que, a gente não tinha televisão na época, não tava acostumado a ter aquela quantidade de informações, como era ver aquilo tudo acontecendo nos filmes, aqueles filmes épicos?... enfim...

RFL: Ah, era uma... epopeia pra nós... era uma epopeia pra nós, de conhecimento... porque, é... porque assim... vou começar por Ben-Hur... ou Os Dez Mandamentos... a gente tem a história da Bíblia, a contada pelos padres... nas missas, nas homilias... mas você vendo aquilo ali... você começa a... a caracterizar... a fazer uma comparação entre o que a Igreja fala e o que acontece no cinema... no filme, eu era muito disso... eu era muito de pegar a história que me contaram... que me contavam, para a história que eu via lá no cinema, eu era muito disso... tá certo?... então... é... isso... trazia pra nós um marco, assim, de... é... de conhecimento espetacular, fantástico, porque você fazia uma... um confronto... um confronto entre o que foi falado e o que você viu... isso é importante... é... você falou... O Morro dos Ventos Uivantes... é isso, ou foi...?

JAN: Não, acho que eu falei ... E o Vento Levou, na verdade.

RFL: Não, ...E o Vento Levou, também teve O Morro dos Ventos Uivantes... é, outro clássico, eu assisti... e tive a oportunidade, inclusive, teve alguns filmes... que na época a gente assistia o filme e lia o livro... não é? Pra... pra um trabalho nas escolas... pra trabalho nas escolas, eu... eu acho que eu vi alguns livros... eu li alguns livros e participei de alguns, e vi alguns filmes, é... pra que a gente pudesse fazer comparativos... não é? Em narrações, em dissertações... eu acho que foi por aí, eu acho que foi por aí, eu acho que foi principalmente no colégio estadual, eu acho... colégio diocesano, também, nós tivemos um professor muito bom, professor Arlindo, de português lá no colégio... diocesano... e ele sempre nos cutucava nesse sentido... estimulava... demais.

JAN: É... a geração... é... do seus pais, os pais do senhor... mas detidamente, também gostavam, tinham essa empolgação pelo cinema, ou era uma coisa que ficava restrita mais à juventude?

RFL: Não... papai... papai não tinha isso, não usava isso, já minha mãe, a minha mãe sim, não era... tão... não era tão de cinema, mas como professora ela... e como uma pessoa que tem uma mente espetacular, sempre teve... ela sempre incentivava para que a gente fosse pro cinema, tal... eu acho que lá de casa eu fui o único que me apaixonei pelo cinema... não me lembro dos meninos, dos outros meninos irem tanto pra filme, mas eu não, eu ia religiosamente... para o filmes... semanalmente aí era uma certeza... era certeza participar, certeza ir pro cinema.

JAN: Aí o senhor levava a companheira e sempre se encontrava lá ou... ou às vezes chegavam juntos, como era como é esse trajeto?

RFL: Ou se encontrava lá, ou chegava junto, às vezes... com Erineusa não, já foi... a gente já tava namorando há muito tempo... já noivos, não é?... aí eu ia pegar em casa... em João Pessoa do mesmo jeito e tal... mas às vezes eu... coisas de jovens às vezes a gente se encontrava lá, eu me lembro que deixava pra entrar quando o filme já começava, tava começado... aquela história toda, é... coisa da juventude (risos de ambos).

JAN: É... sim, o senhor lembra de causos, de acontecimentos que marcaram o senhor, é... histórias engraçadas que aconteceram dentro do cinema, que o senhor... que o senhor consegue relatar?... algum acontecimento, assim... é... por exemplo, quando senhor tá em família, que recorda junto... acontecimentos, assim, desse tipo...

RFL: Tem... eu acho que tem...

JAN: Se o senhor puder contar...

RFL: É, tem... tem, é... (pausa longa) uma vez eu entrei num cinema e não tinha lugar para sentar...era um filme daqueles... e aí eu me sentei no chão, na passarela... na parte central, a gente chamava de passarela porque tinha cadeiras do lado esquerdo, do lado direito e o meio pra você transitar... eu me lembro que eu sentei lá e aí... veio, não sei

quem foi... uma pessoa aí... um dos proprietários... uma das pessoas do cinema... não pode tá aqui... aí eu disse, olhe... eu vou assistir aqui, porque... eu gosto, eu quero ver o cinema e tal... aí ele olhou pra mim e disse, já que você quer ficar aqui... então você vai ficar aqui e eu fiquei sentado assistindo o filme no chão, sentado... é... esse é um a... um acontecimento legal... outros também era... a dificuldade, às vezes, quando filme é bom, pra você adquiriu o ingresso... era um sofrimento danado, você tinha que chegar duas horas antes pra entrar fila, a mesma coisa era a sessão... a sessão das seis e meia, à noite, que era a sessão que todo mundo gostava de ir pra chegar em casa mais cedo... né?... pra ver, naquela época, qual era... tinha um programa da Globo que era muito amada por todo mundo... que era um cara, um apresentador já falecido muito bom e todo mundo queria ver, eu esqueci o nome dele... aí todo mundo queria ir pra sessão de seis e meio, então era super lotado... então você tinha que chegar cedo pra pegar cadeira, também tinha esse detalhe... né?, pra pegar a cadeira... às vezes também, você, quando... quando tinha, nesses filmes de muita gente, você às vezes, eu me lembro de uma cena comigo, que eu guardei a cadeira pra namorada... é... e aí... chegou um camarada bem... e aí tirou a cadeira de mim e sentou e acabou a história... e eu me levantei... não tinha como reclamar, porque... também não podia fazer aquilo, é... não podia guardar, a gente não podia guardar... a gente guardava, e eu e a... e a acompanhante, a gente assistiu em pé... nem sentado, porque não tinha como sentar, e ficava em pé, no final... no final por trás das cadeiras, ficavam as pessoas que não conseguiam entrar... não conseguiam sentar, chegar pra ter cadeira, então ficava assistindo em pé mesmo, o filme todinho, era um sofrimento danado e não tinha alternativa... é... então essa, assim, e outra coisa a gente queria assistir um filme que era proibido... para nossa faixa de idade, não, é? É... e aí quem entrasse... o... Zezé ia buscar lá dentro... chegava lá e tirava, bora... você não pode assistir o filme não... eu vi essa cena várias vezes, depois que eu completei minha maior idade, aí eu vi várias vezes... indo lá e pegando o pessoal e tal e tal... e às vezes uma vaia, um negócio assim, mas... então são dados, assim, é... interessantes... interessantes... mas eu, uma coisa que, que... eu não me recorde de quebrar, tantas, tantas... fitas, no... no Apolo XI, eu não me recorde disso... não me recorde disso... nem no Pax, eu, é... no Cine Éden quebrava, mas às vezes o filme era velho, como a gente dizia, ó, o filme é velho... e tal e tal... mas assim, eu assisti quase todos os filmes de Mazzaropi... eu assisti quase todos os filmes de Zé Trindade, eu assisti quase todos os filmes de Grande Otelo, na época os grandes comediantes, na época, assim, bem interessante.

JAN: O que marcou muito, depois, foram Os Trapalhões, né? O senhor chegou a assistir?

RFL: Ah, assisti Os Trapalhões, assisti... Os Trapalhões, Xuxa... mas já nessa... mas aí eu já tava, como é que eu digo?... é ... já bem por dentro do cinema e tal... mas assim, assisti, Os Trapalhões a gente não perdia, era casa cheia, ia toda a meninada, era uma festa danada... né? Eu me lembro uma vez que aconteceu a sessão das crianças... era, era... eu acho que era Os Trapalhões o filme, só pra até... pra ninguém não ir, pra não atrapalhar e tal, aquela história toda, tá entendendo?... eu acho que foi do Cine Éden... eu acho que foi no Cine Éden, no Cine Éden, acho que foi no Cine Éden... é... também como... eram ambos da diocese, é... o Cine Apolo XI e o Pax, eles... eles, na semana santa tinha uma

sessão, tinha uma... uma programação alusiva a... aos filmes cristãos e tal, e eu adorava esses filmes, porque são filmes épicos... sempre que eu sou apaixonado por filme épico, eu sou um dos apaixonados... é... esses filmes épicos eu não perco um, inclusive tenho lá em casa... vários filmes, guardados... eu tenho Ben-Hur, eu tenho Os Dez Mandamentos... eu tenho... O Rei dos Reis... que é outro filmaço... Rei dos Reis... deixa eu ver o que eu tenho mais... eu tenho Dio Come ti Amo... é...

JAN: Tudo isso em DVD?

RFL: Tudo em DVD... eu tenho lá, eu acho... tenho uma boa coletânea... eu acho que tenho uma boa coletânea, às vezes eu dou a algum amigo e tal... tem um filme que comentei muito com Chagas Amaro, comentou muito comigo, eu não sei se eu dei esse filme pra Chagas ver... é... um faroeste... um clássico... um clássico do faroeste, esqueci aqui o nome, mas é um clássico do faroeste... ele disse, tu têm esse filme?... eu disse, tenho... eu tenho cunhado que ele tem mais de seis mil filmes... mais de seis mil filmes... ele coleciona DVD... filmes, tudo o que você imaginar... ele tem...sim é um acervo, assim, fantástico... fantástico... aí, às vezes, ele compra aí ele duplica, aí vai e me dá, olha esse aqui, duplicou, tal...

JAN: É... uma questão... quando o senhor fala sobre filmes, é... proibidos pra determinada idade, mas que de certa forma chamava atenção... da garotada, daqueles meninos que tão chegando na fase da adolescência, mas ainda não pode entrar, o que o senhor acha que tinha nesses filmes que... chamava, é... a atenção do senhor, de garotos da geração do senhor, o que tinha que fascinava, era o fato de ser proibido mesmo, da curiosidade de não poder ver?

RFL: Noventa por cento era da curiosidade por ser proibido... a gente queria ver o que tinha no filme o que é que produzia que a gente não podia ver... então a gente sempre se perguntava, o que é que tem, não... naquele tempo se usava muito, é... o filme é imoral... pronto... é imoral, isso daqui é imoral... quer dizer, ele vai contra a... moral, das pessoas, né?... Aí a gente até uma vez eu falei... o que é que tem, se o filme é imoral por que é que faz?... não, mas pra outras pessoas... fazer isso assim às vezes eu perguntava até aos meus professores... olha... o filme tá proibido até os dezoito anos e aí... o que que tem esse filme?... não, tem algumas cenas, algumas coisas que não... que não é pra você ver... eles falavam assim... é, sempre falava isso, olha... tem algumas coisas que... não é pra... as crianças, os jovens, adolescentes verem, então vocês vão ver isso no futuro... bem, vamo ver... então isso é que levava a gente a perguntar, às vezes a querer entrar no filme, querer ir assistir o filme... ah, um filme que marcou muito, O Pagador de Promessas... é brasileiro... um filmaço... também muito bem produzido, eu tava me lembrando agora dos filmes nacionais... aí eu me lembrei do Pagador de Promessas... sim... outro filme que nos encantava bastante, era os filmes de Lampião... a história na época que contava muito e tal... então a gente queria saber mais e aí passava os filmes e tal... tinha muito filme proibido... por causa de algumas cenas que... né? Naquela época e tal... mas outros, não, outros até dez anos, até doze anos e tal, essa história toda.

JAN: Eles tinham muito essa preocupação, né? Com a censura?

RFL: Muito... muito, é... essa época foi muito forte a censura muito forte... muito forte, e outro detalhe que eu lhe falei, inclusive, quando a gente começou a conversar aqui e sobre... essa história de proibir... é... nós tínhamos na época, hoje não temos mais isso... nós tínhamos os fiscais de menores... então assim, você ver festa, como a gente vê hoje, cheio de criança... você vai pra festa... qualquer o local... você vai lá, a hora que for, de madrugada... aí tá lá as crianças lá e tal... não entrava na época nossa não, tinha fiscal de menor em todas as portarias... muito forte, muito forte essa questão dos fiscais de menores, Cajazeiras tinha muitos fiscais de menores, mas eu me lembro muito um, era Zezé... Zezé marcou mais porque ele ficava na porta do cinema e aí... Zezé tá lá, não entra ninguém... que não tivesse a idade compatível com... com a entrada.

JAN: Com certeza, é... mas no fundo, vocês sabiam do que o filme se tratava e por isso queria assistir... porque a gente sabe, tratava muitas vezes de sexo, enfim, dessas coisas que chamam a atenção de adolescentes, então vocês sabiam que se tratavam... desse teor do filme?

RFL: A gente... a gente queria ter... deixa eu ver se eu encontro a palavra correta para dizer... a gente queria ver... o que é que tinha demais... pronto, a palavra essa... o que é que tem demais que a gente não pode assistir... então ficava essa expectativa pra nós... o que é que tem de mais que a gente não pode assistir, não é?, é... mas a época eu... eu acho... que não tinha muito filme pornô... eu acho que não tinha muito filme pornô, não... eu acho que não tinha filme pornô... podia ter pode ter cenas de sexo, tal, nos lá e tal, mas não era a essência, como tem... exatamente, não é como é hoje, é vulgar isso, é vulgar... tornou-se vulgar, não é?, Você quando pega num celular desses, diz assim, filme de sexo, aí tá lá, quer dizer... tudo bem, cada tempo, cada pensamento... mas eu, pelo menos, não comungo com essa... não comungo com isso não, eu acho que... tinha que ter uma linha de critério.

JAN: Sim... aí quando o senhor finalmente pode assistir esse tipo de filme...

RFL: Aí a gente já tava com a mente formada... já tinha uma concepção das coisas... não nos abalava... por exemplo, eu assisti vários, mas... é... às vezes não tinha nada demais no filme, mas linguajar... às vezes até mesmo uma própria cena, que não tinha muitas cenas assim que... no meu entender pudesse propiciar pra que um filme daquele fosse proibido, mas... é... a censura era realmente quem dizia sobre isso, mas eu assisti vários depois, claro... após alcançar a maioridade... assisti muitos, que era proibido e a gente dizia, olhe... não tem nada, mas era o nosso, a nossa visão, não é?... a gente não sabe a visão do próximo... isso é que caracteriza a... a censura.

JAN: O senhor nunca conseguiu, é... escapar nenhuma vez pra assistir algum filme proibido quando era menor?

RFL: Não, nunca... não entrava de jeito nenhum... nós não entrávamos, eu tô dizendo pra você... e você pode fazer isso pras pessoas... é... eu tenho quase absoluta certeza eu, eu tenho quase certeza... que não passava ninguém, não... não passava ninguém, não... passava ninguém, principalmente Zezé tando na porta... Zezé na portaria... não entrava ninguém lá pra... pra ver, é... pra assistir filme, não... com ele, não.

JAN: É... por volta do final dos anos setenta, anos oitenta aqui em Cajazeiras, ficou muito marcado a questão, e no Brasil também de modo geral, a questão da... da pornochanchada, que era a... mistura de comédia, com cinema erótico... aí... durante muito tempo foi o que fez muito sucesso de público... no final dos anos oitenta quando já tava lá naquela fase de... quase fechamento dos cinemas, esses filmes eram bem aceitos pela sociedade daqui de Cajazeiras, ou eles causavam... polêmica, como era essa... essa questão?

RFL: Eu acho que era muito rejeitado... eu entendo que era muito rejeitado... eu vou tirar por mim, eu nunca assisti um filme desse... e não vou assistir... não tô dizendo com isso... que... não tô censurado as pessoas, cada um tem um pensar... cada um tem uma ideia de vida, cada um... faz aquilo que lhe é conveniente... eu, Reudesman Lopes Ferreira, professor... não gosto disso, eu acho que não com meu, com minha educação que eu tive, não vai com o meu pensar... não vai com a minha família... e entendo que não traz nada pra mim... eu entendo, certo?... posso tá errado... mas quero continuar errado, não é?, porque eu nunca assisti, não vou assistir... tá?, é tanto que você, por exemplo, eu tenho uma Sky, a Sky tem, é... vinte canais, dez canais com vários, vários canais... não vou nominar todos, dizer quantos tem, não... mas tem muitos... todos os filmes de sexo... mas se você for lá em casa todos eles são vetados... bloqueados, pra ninguém... ninguém... então, é... acho que não leva a nada, é a minha, é o meu pensar, o meu pensar, porque... às vezes você vai ver... pra ver o que é... só tem sexo... não tem nada... nada... então, eu acho que é... é contra a minha reputação... eu acho que é contra o meu ser... e eu acho, é o meu pensar... se alguém acha que tá, que eu estou errado... pode me perdoar... paciência.

JAN: É... última questão, assim pra gente se caminhar pro final... é... o cinema, como o senhor falou, foi uma paixão muito forte na juventude, enfim, é... mas durante a maturidade quando a vida profissional do senhor... começou enquanto professor... o cinema ainda foi uma diversão presente... ocasional... como foi?

RFL: Infelizmente, não... eu vou dizer por que... porque nós, os filmes, os cinemas fecharam em Cajazeiras... como eu vim embora pra Cajazeiras, terminei meu curso em João Pessoa, vim pra cá... então eu não... eu não tive mais essa oportunidade... de assistir filme no cinema... mas como eu lhe relatei, eu continuo assistindo filmes em casa, na minha casa... e outra, tem uma coisa que me esqueci de dizer, eu adoro assistir um filme dez vezes... cinquenta vezes...

JAN: Eu também gosto, quando eu gosto de um filme...

RFL: Por quê?... não sei se isso se passa pra você... mas toda, toda vez que você assistir o filme... você tem algo que você não percebeu.

JAN: Sim, uma visão nova, né?

RFL: Uma visão nova... tem um filme que eu tô assistindo, assisti agora a terceira vez... Recados do Coração... é... um negócio assim, na Netflix, sobre uma... sobre uma... veterinária... que é casada, que é muito rica, casada com camarada muito rico de uma... dono de várias empresas em Nova York...

JAN: Sim.

RFL: E ele chega um dia pra ela e diz assim, olhe, eu não lhe amo mais... e... não, e ela, antes de dizer isso... e ela compra umas passagens, porque eles vão completar anos de casamento... para uma lua de mel... e ele, quando ela vai dizer isso... aí depois que ela disse isso, ele diz, olha eu não lhe amo mais... eu acho que eu vou seguir minha vida, vou embora... e aí ele vai embora...

JAN: Sim.

RFL: E aí ele vai e tal... aí eles ficam amigos, porque eles têm um filho, eles têm um filho... e ela, como ela já tinha marcado isso, ela viaja... ela vai pra África...

JAN: Sim, sim.

RFL: Só que ela não era veterinária prática, ela era uma veterinária formada... e lá ela encontra um camarada lá e se apaixona pelo camarada e esse filme ele é lindo, rapaz... do ponto de vista de... é... de lição de vida, de amor de... de pensar, eu acho, eu achei, eu assisti umas quatro vezes, não é?, e eu assisti ele a primeira vez, agora nas férias... na férias, na Netflix aí aqui eu já assisti duas vezes, já... e toda vida que você assiste um filme, o mesmo filme, você... você tem algo que, às vezes, você deixa passar... por quê?... porque quando você vai pro filme, você vai... é... muito preso, eu não sei como é... você vai muito vidrado, né? e às vezes você não colhe... todos os frutos que o livro, que o filme pode te dar...

JAN: Os detalhes, principalmente... muito centrado na história principal...

RFL: Ó, Ben-Hur eu assisti várias vezes, e têm o Ben-Hur e tem outro Ben-Hur agora que chegou... eu fiz um paralelo dos dois, o outro é uma produção fantástica, esse também tem boa produção, mas o outro é...

JAN: Incomparável, não é?

RFL: Incomparável, é incomparável... é, esqueci de lhe dizer um dos grandes atores que eu sou apaixonado... era apaixonado... Charlton Heston... Sou apaixonado por ele...

JAN: Um ator de grandes épicos, não é? Os Dez Mandamentos, o próprio Ben-Hur...

RFL: Fantástico, fantástico, Ben-Hur... tem outro filme dele rapaz... Moisés... Moisés é outro filmaço... essas super produções assim eu... tenho tudo... eu tenho tudo.

JAN: Marcaram época, né?

RFL: Marcaram época... marcaram época e assim que eu posso, eu coloco lá... eu não deixo morrer isso, não... eu não deixo morrer isso aí não... meu filho também, embora jovem, trinta e poucos anos, mas já é pai de família e tal... mas também é outro apaixonado por filme... então isso vem... vem de época, vem de momentos... né?, Então, eu sou apaixonado por cinema... infelizmente nós não temos aqui... eu até tava falando, quando eu tive agora em João Pessoa, eu disse, eu quero ver um filme lá, mas não fui... eu quero ir a um filme, mas não fui... mas... tendo oportunidade, eu quero assistir, eu quero ir novamente a um cinema de verdade, pra não ficar só na telinha estreita.

JAN: É uma experiência boa, é experiência boa, é bom assistir filme em casa, mas na telona grande, né?

RFL: E ainda mais hoje com as super produções 3D, né? Essas coisas todas né? É fantástico isso aí, é fantástico... também gosto muito de documentários bons... e gosto muito de filmes, assim, de drama, de... policiais bons, tá entendendo?... é... eu acho que... é um momento de lazer, mas é também um momento de você... conhecer outras coisas...

JAN: Gerar conhecimento.

RFL: É, fundamental.

JAN: Cinema também é conhecimento, né?

RFL: O cinema é só conhecimento.

JAN: Com certeza... eu vou desligar aqui...

Apêndice I: Entrevista com Josefa Lacerda da Silva (13/02/2021)

José Antônio Neto (pesquisador): Então, você me falava que gostava muito de ir aos cinemas, principalmente nos finais de semana, porque é quando tinha mais tempo livre, não tinha trabalho no dia seguinte, né? Poderia passar mais tempo... só que você também costumava frequentar durante as semanas, antes, é... depois das aulas, às vezes, você me disse que matava aula pra assistir o cinema... eu queria que você recordasse um pouco desse, desses momentos, como eles eram, como eram essas aulas que vocês, é... saíam pra assistir filme ou assistia depois que a aula terminava, quando a aula terminava cedo... conta um pouquinho como era, como era esse momento de assistir cinema durante a semana, assistir cinema à noite, por favor.

Josefa Lacerda da Silva (colaboradora): Sim, Netinho, como eu te falei, na época quando tinha cinema aqui, tinha o Cine Édén, que era na Praça João Pessoa, era o que passava assim os melhores filmes, os filmes de lançamento era mais lá... eu sempre gostava de ir assistir, eu ia na semana e como eu estudava à noite lá no comercial, tirava uma turma, sempre comparecia uma turma pra ir pra o cinema, eu sempre ia pra o cinema no final de semana, sábado... no domingo eu ia também às sessões que passavam, quando passava filme bom, e tinha um filme que ele passou por muito tempo, é... Top Gun se eu não me engano, parece que era Top Gun, que nessa época, nessa época ele passou várias vezes nos cinemas, não sei quantas sessões, ele foi o filme do momento, que na época que eu estudava no comercial, a nossa turma, que era uma turma concluinte, nessa época teve o chamegão e colocou o nome da barraca, nos colocamos uma barraca pra vender, pra vender cerveja, essas coisas pra arrecadar dinheiro pra gente fazer um passeio... aí o filme foi tão de sucesso, que nós colocamos o nome da nossa barraca de Top Gun, eu acho que você já ouviu falar desse filme... mas também, Netinho, tinha o Apolo XI ali, que era... o cinema do padre, né? Que geralmente quem assistia a missa no domingo, quando terminava a missa, a missa começava no domingo de oito horas, chamava as matinais... matinais, aí quando terminava a missa sempre havia uma distribuição de ingressos, que era pra os jovens ir assistir a sessão de cinema, aí sempre eu gostava de ir pra missa mais as meninas que moravam lá na rua de Juraci, era Nalbinha, era Gorete, pra nós ir assistir a missa e depois da missa a gente ia pra sessão de cinema, que o padre dava os ingressos, esses ingressos aí eram gratuitos pra juventude que assistia a missa e depois... pra incentivar, né? Pra incentivar a ir pra missa e depois da missa o cinema, era nos domingos, isso era nos domingos pela manhã.

JAN: E durante os dias de semana, você chegava a ir uma vez por semana, durante a própria semana e não só no fim de semana? É... eu lembro que tu falou que vocês acabavam cabulando a aula, né? Desligando o interruptor pra deixar a sala no escuro e vocês saírem mais cedo pra ir pro cinema... era desse jeito mesmo?

JLS: Netinho, era desse jeito mesmo, o pior era que eu apagava a luz, sabia? Quando o professor chegava a luz já estava apagada e nós já estava lá fora, que era pra ir pro cinema

pra assistir os filmes que tava passando no momento, juntava eu e uma turma, era bom demais.

JAN: Então, então acho que é isso, é... agradeço a colaboração e... acredito que seja... seja o suficiente pra terminar a monografia. Muito obrigado.